

TÁRCIO VANCIM DE AZEVEDO

REINALDO ARENAS E HEBERTO PADILLA: memórias dissidentes à
Revolução Cubana no ocaso do Socialismo Soviético

FRANCA

2014

Tárcio Vancim de Azevedo

**REINALDO ARENAS E HEBERTO PADILLA: memórias dissidentes à
Revolução Cubana no ocaso do Socialismo Soviético**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História e Cultura Política do Departamento de História – Câmpus de Franca – da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Sorrilha Pinheiro

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Câmpus de Franca

Mestrado

2014

Azevedo, Tércio Vancim de
Reinaldo Arenas e Heberto Padilla : memórias dissidentes à
Revolução Cubana no ocaso do Socialismo Soviético / Tércio
Vancim de Azevedo. – Franca : [s.n.], 2014
200 f.

Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual
Paulista. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.
Orientador: Marcos Sorrilha Pinheiro

1. Cuba – História – Revolução – 1959 – Narrativas pessoais .
2. Autoritarismo. 3. Memória autobiográfica. I. Título.

CDD – 972.91064

Agradecimentos

Dedico este primeiro e mais longo parágrafo a meu amigo e orientador Prof. Dr. Marcos Sorrilha Pinheiro, pois foi ele que tornou possível a realização desta pesquisa. Sua inexplicável confiança de que eu daria conta de chegar a algum lugar em meio às minhas confusas primeiras ideias esboçadas na fase de elaboração do projeto foram o suporte que precisava para manter-me seguro mesmo diante dos percalços. Seus apontamentos ajustaram o texto e indicaram atalhos, fazendo que sua capacidade de síntese balanceasse minha enorme dificuldade em ser sucinto. Agradeço-o, também, por ser este grande proseador com quem tive a honra de dialogar em tantas ocasiões. À sua família, à sua esposa Claudinha e aos filhos (ao Nico e ao filhote que chega logo logo), deixo todo meu afeto.

A meus baguás amigos Ribeirão-Pretanos, pois foi junto deles que comecei a aguçar meu gosto por estudar História e a interessar-me por política. Lá atrás, na Feira de Ciências de 1997, no começo do nosso Ensino Médio, dedicamo-nos como adolescentes curiosos a pensar nos malefícios das ditaduras para a História da América Latina e, ali, aprendemos o valor da fraternidade e da democracia para convivermos em tantas comemorações. Estarmos distantes é apenas um outro modo de estarmos juntos, e vocês também estão aqui comigo neste meu trabalho.

A todos que moraram no apê da Deputado Lacerda Franco, em especial ao Digão, ao Cássio e ao Áureo. Fizemos dali o cafofo mais lúdico e aconchegante da cidade.

A meus amigos de graduação, estes irmãos que Sampa me deu, Fernando Seliprandy, Renato Prelorentzou, Guilherme de Paula Costa Santos, João Paulo Marão e este querido novo agregado Fábio de Souza. Devo-lhes grande parte de minha formação intelectual, mas muito mais importante do que isto, a agradável companhia de vocês vem sempre para agraciar e deixar confortável a aridez da concretude paulistana. Agradeço ao Fernando e ao Renato, outra vez, pelas indicações bibliográficas.

À trupe do vinil, pelas festas, pela cantoria e pela dança desajeitada que arejaram os momentos corridos do dia a dia.

A todos os meus amigos professores da Fundação Bradesco, com quem divido uma sala de professores onde a solidariedade nos abraça e contribui para que nosso dever de

educar seja realizado com maior coesão e leveza. A todos aqueles que são ou já foram meus alunos, por serem um dos significados mais bonitos de minha existência.

A minha querida amiga Renata Perche Menezes, esta pessoa doce e sensível que sabe melhor que ninguém apreciar o samba do Paulinho da Viola. Agradeço-a por ter me ajudado a escrever o Abstract desta Dissertação e por ser amiga de toda hora.

A meu amigo Rodolfo Moi de Oliveira, pessoa que me ajudou em inúmeras situações distintas a pensar esta pesquisa. Agradeço-o por ser esta pessoa indispensável, interlocutor para todos os assuntos. *The answer, my friend, is blowin' in the wind.*

A meu irmão Túlio, com quem aprendi a amar na diferença, ou melhor, com quem aprendi a amar nossas diferenças. A minha cunhada Gislaine, a Gi, a parte mais sensata e terna da família. A meus sobrinhos, Lucas e Diego, estas luzes que irradiam felicidade para nós. A minha mãe Helena, minha primeira pessoa, com quem aprendi o poder do abraço. A meu pai Nelson, minha maior inspiração. Com ele aprendi a gostar de livros e dele herdei a curiosidade em desbravar o mundo.

A Mariane Graciano, pelo tempo sublime passado juntos e por tudo o que há de vir. Querer estar contigo é uma das poucas certezas que carrego na vida.

Resumo:

Os intelectuais cubanos Reinaldo Arenas e Heberto Padilla engajaram-se na defesa da Revolução Cubana em 1959, mas a desilusão com o autoritarismo do governo revolucionário de Fidel Castro fez com que ambos gradualmente abandonassem o apoio ao regime até se tornarem dissidentes. Exilados em 1980, escreveram seus relatos autobiográficos como denúncia contra a violência revolucionária e como manifesto pela redemocratização cubana. Neste sentido, as obras analisadas *Antes que Anochezca* de Arenas e *La Mala Memoria* de Padilla oferecem pistas para se pensar sobre a existência de uma crítica de esquerda ao Castrismo neste contexto marcado pelo ocaso do socialismo soviético.

Palavras-Chave:

Revolução Cubana, Revolta, memória, intelectuais, esquerda, dissidência, política, Castrismo.

Abstract:

The Cuban intellectuals Reinaldo Arenas and Hebert Padilla engaged in the Cuban Revolution defense in 1959, however, disillusioned with the authoritarianism of the revolutionary government established by Fidel Castro, both of them gradually abandoned the support to the regime, becoming dissidents. Exiled in 1980, they wrote their autobiographical narratives as a way to denounce the violence used by the revolutionaries and as a manifesto for the redemocratization of Cuba. In this sense, the works analysed, *Antes que Anochezca* by Arenas and *La Mala Memoria* by Padilla, provide clues to reflect upon the existence of a left-wing critique to Castroism in a context marked by the sunset of the Soviet socialism.

Keywords:

Cuban Revolution, Insurgency, memory, intellectuals, left-wing politics, dissidence, politics, Castroism.

SUMÁRIO

1. Introdução – Aporte teórico-metodológico para uma leitura comparada entre as autobiografias de Arenas e Padilla.....	1
2. Capítulo 1 – Arenas, a memória rebelde	23
1.1 - Arenas em seu tempo	30
1.2 - A formação de literato	43
1.3 - A liberdade sexual contra a ditadura ou Sobre como a homossexualidade teria incomodado o regime	52
1.4 - O Anti-Castrismo de Arenas: a anti-história e o anticomunismo autobiografados	63
1.5 - Nem de esquerda, nem de direita	84
1.6 - À guisa de conclusão	87
3. Capítulo 2 - <i>La Mala Memoria</i> de Heberto Padilla: memória cifrada	89
2.1 As rememorações de Padilla acerca de Fidel Castro antes de 1959	96
2.2 O ingresso de Padilla na Revolução	114
2.2.1 <i>Heberto Padilla a caminho de Cuba</i>	114
2.2.2 <i>Dissensos no governo revolucionário: as críticas de Marinello, Franqui e Mora</i>	118
2.3 A passagem de Padilla pela URSS: de revolucionário desiludido a <i>Homem Revoltado</i>	130
2.3.1 <i>Heberto Padilla na União Soviética: das contradições entre o degelo da era Krushev e a censura, as (in)apropriadas comparações entre a História da Revolução Russa e a História da Revolução Cubana</i>	130
2.3.2 <i>Outros modelos: os exemplos da socialdemocracia nórdica e do governo de Ben Bella na Argélia</i>	136
2.3.3 <i>Padilla lê Camus: a formação do poeta cubano revoltado</i>	140
2.4 Escritor revoltado: das contendas literárias ao encarceramento	149
2.4.1 <i>Um pouco burocrata, um pouco escritor</i>	149
2.4.2 <i>Conflito aberto: a crítica literária de Padilla a <i>Pasión de Urbino</i> ...</i>	153
2.4.3 <i>Segunda etapa de uma mesma contenda: <i>Fuera del juego</i></i>	161
2.4.4 <i>Entre 1968 e 1971: Padilla vigiado</i>	164
2.5 O encarceramento e a autoconfissão de Heberto Padilla	168
2.5.1 <i>Lembranças dos interrogatórios e da tortura</i>	168

2.5.2 <i>Padilla encena seu espetáculo de autoconfissão</i>	173
2.6 A reclusão, o monólogo e a partida	183
2.7 Atando as pontas: conclusões sobre o anti-dogmatismo de Heberto Padilla	178
3. Conclusão: O que há de (dis)semelhante nas memórias dissidentes de Reinaldo Arenas e Heberto Padilla?	187
4. Bibliografia	195

Introdução – Aporte teórico-metodológico para uma leitura comparada entre as autobiografias de Arenas e Padilla

“(...) para formular corretamente os problemas, para até mesmo fazer uma ideia deles, uma primeira condição teve que ser cumprida: observar, analisar a paisagem de hoje”¹.

Dado o uso recorrente, algumas proposições teórico-metodológicas formuladas em especial pela 1ª geração da Revista dos Annales são usadas na atualidade como uma espécie de caixa de axiomas, à qual o historiador recorre para fundamentar e legitimar sua escrita. É de fato possível afirmar que algumas das teses anti-positivistas elaboradas e divulgadas por Bloch e Febvre a partir da passagem dos anos 1920 aos anos 1930 estão incorporadas ao linguajar da historiografia de agora. A convicção da escola metódica de Langlois e Seignobos de que é possível executar um estudo absolutamente objetivo toda vez que a documentação manejada pelo historiador estiver submetida a um rígido escopo metodológico caiu em desuso, substituída pela afirmação de que traços de subjetividade inevitavelmente aparecem em toda e qualquer pesquisa, sendo que a descrença na construção de verdades absolutas deslocou as aspirações do pesquisador pela busca das verdades possíveis dentro de cada processo investigativo². Como desenvolvimento destas ideias, Bloch elaborou a ideia de História regressiva no ano de 1941 em meio ao cárcere nazista, já que para o autor desta *Apologia da História*, as problemáticas sugeridas pelos historiadores ou o modo de inquirir o passado estão inevitavelmente vinculados a questões de seu tempo: o historiador posiciona-se da perspectiva do presente (ou do passado recente) para observar o passado. A citação que inicia este texto serve ao intuito de inserir este trabalho entre as discussões atuais acerca do socialismo cubano como modo de refletir sobre o papel do intelectual na atuação política.

A atualidade de uma História que persegue uma compreensão ampliada do socialismo cubano não decorre exclusivamente da permanência do Castrismo no poder do país, mas também pela importância que os rumos do regime continuam tendo na reformulação das culturas políticas latino-americanas, em especial entre aqueles grupos cujo discurso e práxis

¹ BLOCH, Marc Leopold Benjamin. *Apologia da história, ou, O ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2001 – pg. 67.

² As divergências entre a Escola Metódica e a Revista dos Annales são analisadas em DOSSE, François. *A História em Migalhas*. São Paulo: Edusc, 2003.

sejam pautados por paradigmas socioeconômicos alternativos ao capitalismo e que aliem a defesa por uma melhor distribuição de renda com democracia. Florestan Fernandes notara que os choques sísmicos gerados a partir da Revolução de 1959 se fizeram sentir por todo o continente americano desde o seu triunfo, mobilizando de um lado o estreitamento dos laços de colaboração entre a política oficial dos Estados Unidos e as camadas dominantes conservadoras nos países ibero-americanos e de outro lado implicou em revisões estratégicas dentre os grupos de esquerda e na disseminação de movimentos guerrilheiros em vários pontos da América ao sul do Rio Grande. Ao abalar “o equilíbrio do sistema transnacional de poder nas Américas”³, a Revolução alterava os ânimos dos sujeitos de ação política mais engajada, pois o medo tornara-se um espectro a rondar o imaginário dos contrarrevolucionários, empurrando-os a uma posição defensiva, enquanto a esperança de que novas Cubas irromperiam encorajava “opções inconformistas diante da mudança social de cunho especificamente revolucionário”⁴. Como se pode perceber, ainda em seus primórdios o Castrismo deixava de ser um fenômeno circunscrito aos limites territoriais do arquipélago de Cuba para ganhar dimensões continentais. Esta amplitude macrorregional não se perdeu com o passar dos anos, contudo o debate sobre os (des)caminhos do governo dos irmãos Castro, despido das exaltações características de outrora, parece encontrar mais vozes de esquerda⁵ dispostas a veicular críticas pontuais às manifestações autoritárias⁶ do regime que teimam em aparecer. Para estas vozes, o envelhecimento dos líderes revolucionários traz consigo o envelhecimento do regime, restando após a degenerescência dos ideais originários um autoritarismo que trata como inimigos àqueles que descreem da infalibilidade do chefe, estratégia que tem até aqui se mostrado eficiente para minimizar a importância da crítica direcionada ao governo. Este cenário de hoje, menos afeito às clivagens dicotômicas, tem também implicado numa ampliação das possíveis abordagens da História da Revolução Cubana pela pesquisa acadêmica brasileira.

Dentre as indagações postas de modo mais recorrente na atualidade, são significativos os trabalhos que intentam explicitar as razões para a crescente concentração de poderes nas

³ FERNANDES, Florestan. *Da guerrilha ao socialismo: a revolução cubana*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979 – pg. 4.

⁴ Idem, pg. 5.

⁵ O jornalista Eugênio Bucci e o filósofo Vladimir Safatle, dois nomes ligados à esquerda brasileira, produziram artigos com avaliação negativa sobre o atual estado do socialismo cubano. SAFATLE, Vladimir. *E Cuba?* Folha de São Paulo, São Paulo, p-A2, 08 fev. 2011 e BUCCI, Eugênio. *O fundamentalismo do Estado cubano*. O Estado de São Paulo, São Paulo, 21 abr. 2011.

⁶ As recorrentes negativas do governo cubano à concessão de visto para a blogueira Yoani Sanchez e a detenção do dissidente Guillermo Farinas são exemplos de medidas autoritárias que continuam sendo tomadas.

mãos de Fidel Castro entre as décadas de 1960 e 1970, para a edificação de um aparato de censura à liberdade de expressão e para a ausência de eleições livres. Para delinear um quadro panorâmico das variadas respostas a estas questões, foram selecionados três estudos que atendem aos critérios de serem publicações recentes, escritas por autores do Cone Sul e pelas diferentes conclusões erigidas para as perguntas supracitadas. Para Luis Fernando Ayerbe, os percalços enfrentados na superação do estágio socialista⁷ da Revolução rumo à sua plenitude comunista⁸ devem-se à política imperialista estadunidense que, desde os primeiros anos revolucionários, atuam com o intuito de prejudicar o desenvolvimento do socialismo cubano, seja através do embargo econômico, seja através do apoio tácito aos planos de derrubada do governo de Fidel Castro⁹. Portanto, o aspecto vigilante adotado pelo regime é uma reação às adversidades impostas pelo poderoso inimigo do Norte. Seguindo o raciocínio do autor, como num jogo de lances e contra-lances, o governo cubano compreende que existe uma interminada guerra ideológica entre capitalistas *versus* comunistas e que a exposição do homem simples de Cuba às ideias liberais enfraqueceria o apoio popular às causas revolucionárias. Numa hierarquia de valores, o desrespeito à soberania nacional cubana deveria ser mais condenável perante a comunidade internacional do que quaisquer manifestações de autoritarismo no país, já que os incertos excessos são consequentes dos receios de um ataque inimigo. Neste sentido, o culpado pela censura ou inexistência de eleições no arquipélago é o imperialismo estadunidense e suas iniciativas para desestabilizar o Castrismo; é este fator exógeno o que descaracterizaria o espírito libertário do socialismo cubano em sua gênese¹⁰.

Em direção oposta, a politóloga argentina Cláudia Hilb parte por uma explicação do processo de concentração de poder dentro de Cuba que privilegia os fatores endógenos deste movimento. Para ela,

(...) o processo de igualação das condições foi baseado fundamentalmente na capacidade do Estado de se apropriar e

⁷ De acordo com o vocabulário marxista, o socialismo é um estágio transitório entre o capitalismo e o comunismo, no qual as medidas para a igualação das condições materiais dos indivíduos são tomadas com base em uma estrutura hierarquizada de poder, conhecida como ditadura do proletariado.

⁸ Etapa final da revolução, na qual a inexistência de propriedade privada e de classes sociais seria sucedida pela extinção do Estado e pelo complementar advento de uma soberania popular democrática

⁹ Além dos atentados contra a pessoa de Fidel Castro, nos quais sempre pairam dúvidas sobre o envolvimento logístico da CIA e dos governos estadunidenses, vale lembrar que em abril de 1961 um grupo de exilados cubanos de Miami tentaria invadir o arquipélago de Cuba, tendo contado previamente com treinamento da CIA para o sucesso da empreitada. Este episódio é conhecido como a Batalha de Girón ou Invasão da Baía dos Porcos.

¹⁰ AYERBE, Luis Fernando. *A Revolução Cubana*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

dirigir todos os recursos cada vez mais. A capacidade da qual deu mostras o governo de levar adiante a sua política de concentração da economia nas mãos do Estado e do poder político nas mãos de um núcleo reduzido de pessoas – que passaram a responder cada vez mais à liderança inequívoca de Fidel Castro – encontrou sua base na conjunção entre a euforia da derrota da ditadura de Batista, o caráter claramente redistributivo da política dos primeiros tempos da Revolução e também, de maneira inequívoca, na vontade de poder de Castro¹¹.

No cerne de sua explicação, a ideia de que a centralidade atribuída ao Estado na distribuição de riquezas, apesar de sua nobre intenção de promover a igualdade social, redundaria na concentração de poderes nas mãos dos agentes deste Estado. Em segundo lugar, Hilb acusa a megalomania pessoal de Fidel Castro que, aproveitando-se de seu carisma junto ao povo nos primeiros anos da Revolução, passou a dirigir o governo com mãos de ferro. Em uma análise próxima à de Hilb, o historiador Daniel Aarão Reis atenta para o fato de que há uma estreita conexão entre o triunfo da tendência militarista, encabeçada por Fidel Castro, dentro do processo revolucionário e a construção de um regime autoritário em Cuba. De acordo com o autor,

(...) por mais que as guerrilhas de caráter popular estimulem o exercício de um certo participacionismo político, sobretudo nas áreas libertadas, ou em certos momentos específicos, quando os guerrilheiros e os simples soldados da revolução são chamados a opinar, a discutir e, mesmo, a decidir a adoção de certas medidas, ou à realização de certas operações, de modo geral, como tendência universal, a guerra e a instituição do Exército, mesmo de exércitos rebeldes ou revolucionários, costumam fortalecer estruturas e procedimentos políticos centralistas, verticais, em suma, autoritários¹².

Corroborando os dizeres de Reis, Rafael Saddi Teixeira em sua tese de doutorado destrincha uma radiografia do corpo hierárquico do Exército Rebelde do Movimento Revolucionario 26 de Julio instalado na Sierra Maestra desde 1956 e rigorosamente dividido entre disciplinados chefes e subordinados. Nos dizeres de Saddi, “a própria obediência aos chefes passava a ser tomada como um dever do revolucionário. Desobedecer aos superiores era faltar com o dever com a causa maior. Assim, se formava um conjunto de táticas

¹¹ HILB, Claudia. *Silêncio, Cuba: a esquerda democrática diante do regime da Revolução Cubana*. São Paulo: Paz e Terra, 2010 – pg. 27.

¹² REIS, Daniel Aarão. *A revolução e o socialismo em Cuba: ditadura revolucionária e construção do consenso* in ROLLEMBERG, Denise e QUADRAT, Samantha Viz (orgs.). *A construção social dos regimes autoritários: Brasil e América Latina, volume II*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

disciplinares para punir e castigar a desobediência”¹³. Deste modo, a faceta autoritária da revolução pode ser antevista através de uma análise dos mandos e desmandos dos chefes guerrilheiros sobre seus soldados que lhes prestam uma reverência obediente e incontestável. A organização hierarquizada do Exército Rebelde foi transposta ao governo, revelando que há uma associação entre métodos de luta pré-revolucionários e características do governo pós-revolucionário que não podem ser subestimadas, já que no caso cubano a escolha pela guerrilha foi um dos fatores indutores do autoritarismo castrista.

Apesar das diferentes abordagens, há um ponto de convergência entre as análises de Ayerbe, Hilb, Reis e Saddi Teixeira: o ideário dos anos românticos da Revolução Cubana nunca chegou a ser concretizado em sua plenitude, havendo uma grande distância entre a realidade conquistada e a realidade sonhada, sendo que na experiência foram abandonadas as plataformas mais libertárias de ação. O pensador marxista Theodore Draper fora capaz de perceber ainda em meados da década de 1960 que havia algo de peculiar no governo revolucionário cubano e em sua principal liderança: as velozes transformações de discurso e práxis do grupo mais próximo a Fidel Castro. Vinculados, em princípio, ao Partido Ortodoxo de Eduardo Chibás, a primeira grande atuação de Castro ocorrera no dia 26 de Julho de 1953 com o Assalto ao Quartel Moncada, episódio fracassado e que resultara no encarceramento de Fidel entre outubro de 1953 e maio de 1955 na Isle de los Pines. Cabe aqui mencionar que este ataque armado fora virulentamente condenado pelo Partido Socialista Popular de Cuba, principal agremiação comunista do país, por considerarem-no uma prática pequeno-burguesa putschista que menospreza a importância de se mobilizar as massas antes de qualquer lance mais agressivo contra as camadas dominantes. Portanto, as relações formais entre o MR-26/07 e os comunistas no começo da década de 1950 estavam longe de serem amistosas. Enquanto cumpria esta pena, Fidel ocupava-se da escrita de alguns documentos lapidares para um entendimento das ideias políticas e das pretensões do movimento, entre elas a restauração da Constituição de 1940 (interrompida pela quartelada por Fulgêncio Batista em 1952, interditando o ciclo democrático com eleições populares e periódicas para os principais cargos do Estado), uma reforma agrária que limitasse a área dos latifúndios e a nacionalização das companhias de eletricidade e telefone pertencente a estadunidenses. Este

¹³ TEIXEIRA, Rafael Saddi. *O ascetismo revolucionário do Movimento 26 de Julho: o sacrifício e o corpo na Revolução Cubana (1952-1958)*. 2009. Tese de doutorado. (Doutorado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.

programa, nomeado por alguns de chibasismo¹⁴, agregava ideias de um reformismo radical e de um nacionalismo direcionado por uma política econômica de valorização do capital nacional em detrimento do capital estrangeiro. Durante seu exílio no México, na data de 19 de março de 1956, Fidel desfilou-se do Partido Ortodoxo por considerar impossível qualquer acordo conciliatório com o governo Batista, revalidando sua aposta de que aquela ditadura somente seria derrotada através da luta armada. Com o intuito de levar a cabo esta empreitada, reorganizara um grupo de guerrilheiros no exílio que regressaria a Cuba em uma precária embarcação chamada de Granma no final de 1956 para iniciar uma aventureira luta entre pequenos focos de guerrilha escondidos nas matas fechadas da Sierra Maestra contra o Exército liderado por Batista. Sem ater-se na discussão sobre a importância que este movimento guerrilheiro teve para a derrubada da ditadura de Batista¹⁵, o fato é que a postura política de Fidel durante o contexto da guerra de guerrilhas foi guiada pela intenção de estender ao máximo as alianças com grupos políticos de oposição. Porém, para que estas coalizões fossem eficazes, as proposições vindas da Sierra tenderam a ganhar colorações mais moderadas, sustentando que com o fim da ditadura seria instaurado um governo provisório até que as eleições livres e populares fossem realizadas. Com o advento de uma nova era aberta pela renúncia de Fulgêncio Batista em 01 de janeiro de 1959, houve uma nova reviravolta nas declarações de Fidel: enquanto se acomodava no posto de primeiro-ministro, protelava a convocação de eleições sob o argumento de que estas seriam secundárias diante do imperativo de derrotar os inimigos imperialistas dos Estados Unidos e os inimigos burgueses de Cuba. Com um discurso cada vez mais influenciado pelos slogans anti-imperialistas e antiliberais, a aliança com os comunistas transfigurou-se em fusão e, finalmente em 16 de abril de 1961, anunciaria o caráter comunista da Revolução. No olho do furacão destes acontecimentos, houve quem aventasse a hipótese de Fidel Castro ter aderido ao comunismo muito antes de sua ascensão ao poder e se, por cautela, ocultara sua filiação foi por motivos estratégicos, já que grande parte da opinião pública cubana nutria um raivoso anticomunismo. Aliás, esta suposta ligação ideológica de longa data entre Fidel e o comunismo fora uma construção veiculada como política de Estado no formato de propaganda revolucionária após este discurso de abril de 1961. Para Draper, esta

¹⁴ Em homenagem ao criador do Partido Ortodoxo que tragicamente cometera suicídio em 16 de agosto de 1951 enquanto discursava numa emissora de rádio em Havana.

¹⁵ Há muitos autores que tendem a relativizar a relevância que a Guerrilha de Castro e Guevara teria tido para a derrocada da ditadura de Batista. Dentre estes autores, destaque para Carlos Franqui. Ver FRANQUI, Carlos. *Retrato de Família com Fidel*. Editora Record: Rio de Janeiro, 1981 e FRANQUI, Carlos. *Cuba, la revolucion: Mito o realidad. Memorias de un fantasma socialista*. Peninsula: Madrid, 2006.

dissimulação estratégica não é convincente. Justamente por isso, o Castrismo não pode ser definido por sua ideologia camaleônica, mas pelas táticas de tomada e manutenção do poder político baseadas na tradição cubana de guerra de guerrilhas e no foquismo, sendo o marxismo-leninismo um enxerto feito a posteriori como modo de conferir padrões ideológicos ao regime¹⁶. Após este fluxo de informações lançadas para uma provisória definição do que seria o Castrismo, convém concluir que a excepcionalidade deste fenômeno político está em sua estrutura verticalizada de comando, na negação da transição pacífica e em sua capacidade de mutação ideológica. Portanto, sejam quais forem as causas, está na essência do regime um autoritarismo que relega a segundo plano as liberdades individuais, a liberdade de expressão e as eleições livres.

Para expandir os limites desta definição do termo Castrismo, vale confrontá-la com outra definição mais recente e que enfatiza com tom mais agressivo o caráter personalista da ditadura cubana que começou a ser construída no processo revolucionário e que perdura até hoje. De acordo com Carlos Franqui, o Castrismo é uma estrutura de poder que se aproveitou da Revolução para apossar-se do governo e, tendo dominado todo o aparato de mando estatal, tratou logo de arruinar os princípios revolucionários. O artífice da Revolução seria seu assassino, pois o que efetivamente interessava a Fidel Castro era a consagração de sua liderança incontestada:

Cuando se piensa en la Revolución cubana, no se puede pensar nunca en la clásica revolución marxista, en el golpe revolucionario ruso, la larga guerra, marcha y lucha de los chinos, ni tampoco en la historia del Vietnam comunista. Simplemente fue una revolución por la libertad, con un caudillo que, aprovechando circunstancias internas y externas, injusticias, resentimientos, frustraciones, necesidades, astucia, “volvió comunista, como un acto de defensa necesario frente a un enemigo poderoso” y ante la ofensiva de los intereses creados, pero entonces y después, Fidel Castro iba a tomar el comunismo sus estructuras de poder, la economía de producción única estatal, el aparato policíaco y de represión, las técnicas militares, el petróleo, los recursos, la economía, la fábrica, pero no de una manera clásica, no a través de un partido comunista, que siempre contó muy poco, sino siempre a través de su estructura caudillista, militar y policíaca, que ejercía un control total sobre todas las actividades del país¹⁷.

¹⁶ DRAPER, Theodore. *Castrismo* in DRACHKOVITCH, Milorad M. *O Marxismo no mundo moderno*. Zahar Editores: Rio de Janeiro, 1966.

¹⁷ FRANQUI, Carlos. *Cuba, la revolución: ¿mito o realidad?* Barcelona: Ediciones Península, 2006 – pg. 277.

Ao salientar o personalismo caudilhesco do governo cubano pós-revolucionário, Franqui elabora uma definição para Castrismo que corresponde com maior proximidade às análises dos escritores alvo desta pesquisa.

Naquilo que se refere estritamente ao atual cenário das pesquisas acadêmicas institucionais sobre o tema do socialismo cubano¹⁸, estão em voga trabalhos cujo enfoque está na análise da repressão à produção artística¹⁹ e à questão dos exilados²⁰. Estes estudos colocam em relevância as denúncias formuladas por uma intelectualidade dissidente à Revolução que, embora tenha sido entusiasta dos primeiros anos do governo revolucionário, rompeu com o Castrismo por conta de uma censura atuante no sentido de coibir experimentações estéticas no campo artístico e/ou por conta da homofobia que relegava os homossexuais cubanos à condição de perseguidos políticos. Portanto, este núcleo de pesquisas que tem se desenvolvido dentro das universidades brasileiras desde o pioneiro trabalho de Miskulin sobre o periódico *Lunes de Revolución* em dissertação de mestrado defendida no ano 2000, ao privilegiar como documentação um discurso crítico aos rumos da Revolução Cubana por conta de uma escalada autoritária do regime na medida em que este se aproximava da União Soviética, tem demonstrado a existência de um exílio de esquerda²¹ ao Castrismo, ou, para ser mais abrangente, houve e há uma dissidência de esquerda aos governos dos irmãos Castro que não deve ser menosprezada em sua consistência ideológica. Posto nestes termos, uma das relevâncias principais destas pesquisas está em divulgar um

¹⁸ A fim de evitar confusões conceituais, esclarecemos que os termos Castrismo, Governo Revolucionário e Socialismo Cubano não competem entre si ao longo do texto. Pelo contrário, estabelecem uma relação de complementaridade: o termo governo revolucionário remete ao processo histórico de conquista e conservação do poder, portanto, remete à experiência cubana pós-1959 e às autoridades políticas que protagonizaram esta experiência; os termos socialismo cubano e Castrismo remetem ao projeto, sendo que socialismo cubano será usado como menção à via cubana ao socialismo (portanto como projeto que orienta um regime econômico de cunho estatizante) e Castrismo usado como menção à via cubana ao caudilhismo (portanto como projeto que orienta um regime político baseado no poder carismático de seu líder). A distribuição dos termos ao longo do texto pretende demonstrar como, para os autores dissidentes analisados, o projeto econômico e político do governo revolucionário apontava concomitantemente para seu ímpeto estatizante/ estatista e para a centralização personalista do poder de Estado nas mãos de Fidel Castro.

¹⁹ Ver: VILLAÇA, Mariana Martins. *A política cultural do governo cubano e o ICAIC - Instituto Cubano de Arte e Indústria Cinematográficas (1971-1986)*. 2006. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006; MISKULIN, Sílvia Cezar. *Cultura e política em Cuba: os debates em Lunes de Revolución*. 2000. Dissertação de Mestrado (História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000; e MISKULIN, Sílvia Cezar. *Os intelectuais cubanos e a política cultural da Revolução (1961-1975)*. 2005. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

²⁰ Ver: SUZANO JÚNIOR, Barthon Favatto. *Entre o Doce e o Amargo: cultura e revolução em Cuba nas memórias literárias de dois intelectuais exilados, Carlos Franqui e Guillermo Cabrera Infante (1951-1968)*. 2012. Dissertação de Mestrado (História) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, Assis, 2012; e MARQUES, Rickley Leandro. *A Condição Mariel: memórias subterrâneas da experiência revolucionária cubana (1959-1990)*. 2009. Tese (Doutorado em História) – Universidade Nacional de Brasília – UnB, Brasília, 2009.

²¹ O termo exílio de esquerda foi cunhado por : SUZANO JÚNIOR, Barthon Favatto op. cit.

engajamento político que confere sentido e legitimidade às ações revolucionárias de 1959, que reconheceu e apoiou as políticas de Reforma Agrária e as nacionalizações, mas que condenava de forma radical a sovietação da via cubana ao socialismo. Distantes tanto do grupo de exilados cubanos em Miami como de uma adesão incondicional ao Castrismo, fazer reverberar as vozes desta dissidência de esquerda tem sido um modo de reposicionar as avaliações sobre o socialismo cubano em um panorama mais complexo, reconhecendo a diversidade das críticas endereçadas ao regime. Esta dissertação de mestrado pretende caminhar pari passu a esta tendência de pesquisa, contribuindo para a abertura de um debate político sobre a história da Revolução Cubana desgarrado da lógica polarizada e maniqueísta formatada pelos grupos pró e anti Castro.

Para percorrer esta trajetória, serão analisadas duas obras autobiográficas escritas por intelectuais que, a despeito de seus engajamentos em prol do advento revolucionário, constroem uma narrativa da Revolução como tragédia pessoal e coletiva do povo cubano. Na primeira delas, o escritor Reinaldo Arenas foca suas atenções na denúncia sobre o caráter moralista e disciplinador que estariam na essência do Castrismo. Deste modo, o governo revolucionário teria contribuído para potencializar problemas históricos do povo cubano, como a intolerância aos homossexuais. Na obra intitulada *Antes que anochezca*²², Arenas derrama desejos pulsantes em uma escrita provocadora, na qual a ineficiência do controle do Estado frente às vontades do corpo é exemplificada nas aventuras eróticas deste homossexual militante. Em outra autobiografia, o poeta Heberto Padilla compõe suas memórias como relato de um homem enfraquecido pelas agressões de um Estado cujo poder de aniquilação manifesta-se na transfiguração dos atos de violência em atos de proteção. Em *La mala memoria*²³, Padilla não é só a sinédoque do povo cubano; é também um representante de uma esquerda desencantada, que avalia a construção do socialismo em Cuba como repetição de um mesmo enredo, iniciado na ousadia criadora mas estagnado no medo silenciador.

Entre os critérios usados para a escolha destas duas obras como fontes documentais da pesquisa, destaca-se a proximidade temporal em que foram escritas e o significado histórico do contexto em que foram publicadas. A primeira edição de *La Mala Memória* data de fevereiro de 1989 enquanto a primeira edição de *Antes que anochezca* data de 1992, mas a finalização do livro ocorreu em dezembro de 1990 através de uma carta de despedida escrita e assinada pelo autor momentos antes de seu suicídio. O contexto de elaboração destas

²² ARENAS, Reinaldo. *Antes que anochezca*. Barcelona: Tusquets Editores, 1995.

²³ PADILLA, Heberto. *La mala memoria*. Plaza & Janes Editores: Barcelona, 1989.

autobiografias coincidiu com dois processos históricos que inegavelmente afetariam o governo de Fidel Castro: o da Redemocratização na América Latina e a alteração de rumos no socialismo soviético a partir da implantação da Perestroika (reestruturação) e da Glasnost (transparência) no ano de 1985 durante o governo de Mikhail Gorbatchev. Tanto por sua localização geográfica como por sua adesão ideológica, Cuba e os cubanos sentiram as turbulências causadas pelos ventos do sul e do leste, indicando um movimento de abertura política alastrado de modo global. Era um tempo histórico percebido por seus convivas como momento de efervescência política, como um tempo cindido em tensões que se abrem ao passado e ao futuro. Situados nesta conjuntura, Padilla e Arenas redigem suas autobiografias impregnados por esta atmosfera cambiante para inscrevê-las como peças de uma luta política que se opera no âmbito da opinião pública, contribuindo para a circulação de uma memória-denúncia e para a derrocada do regime castrista. Deste modo, estes textos revelam um pouco do que foi dito sobre Cuba neste momento crucial por estes exilados cubanos cuja trajetória de vinculação com a Revolução Cubana percorreu a sequência de uma adesão inicial, passando pelos estágios da decepção e do afastamento para culminar na oposição. Para uma compreensão das tensões que circulam os textos, nestas prosas entremeadas por lembranças e presságios, foram adaptadas as duas categorias meta-históricas formuladas por Reinhart Koselleck: espaço de experiência e horizonte de expectativa. De acordo com suas palavras, “experiência e expectativa são duas categorias adequadas para nos ocuparmos com o tempo histórico, pois elas entrelaçam passado e futuro. São adequadas também para se tentar descobrir o tempo histórico, pois enriquecidas em seu conteúdo, elas dirigem as ações concretas”²⁴. Ao ler as obras guiados pela vinculação da memória como representação do espaço de experiência e dos augúrios como representação do horizonte de expectativa, pretende-se depreender dos escritos a formação intelectual de seus autores e seus engajamentos em prol da redemocratização em Cuba como aspectos complementares, pois para Padilla e Arenas a literatura e a política, assim como o passado e o futuro, são ingredientes indistintos na composição de uma arte dissidente. Portanto, a recuperação das tensões temporais presentes no texto far-se-á grifando a formação intelectual arquitetada no passado e o engajamento político que projeta um futuro de esperanças, recobrando, assim, a historicidade do objeto. Neste sentido interpretativo, este estudo foca seu olhar em representações concebidas no ocaso dos anos 80, ponto do qual entrevemos um vetor que

²⁴ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006 – pg. 308.

parte rumo a um pretérito imperfeito (e que hoje adquire feições de um pretérito mais que perfeito) e outro que parte rumo a um futuro do presente (e que hoje adquire feições de um futuro do pretérito). Sendo assim, o intuito desta análise comparada é o de investigar o discurso de uma dissidência ao Castrismo constituída por ex-aliados do regime que avalia a derrocada das ditaduras militares latino-americanas e o “revisonismo” do socialismo soviético como um sinal de vislumbre de uma nova Cuba.

Antes de adentrar em uma reflexão metodológica acerca de como fazer um esquadramento da formação intelectual dos autores, faz-se imprescindível uma problematização do próprio conceito de intelectual usado e, posteriormente, uma problematização da História Intelectual. Inegável que, prioritariamente, o intelectual é um erudito, homem de letras e de cultura, conhecido publicamente por seu vasto repertório livresco. Contudo, o intelectual não deve ser compreendido apenas como erudito na medida em que aquilo que define seu papel na sociedade deve-se menos ao que lê e mais àquilo que escreve (ou diz). De acordo com Jean-François Sirinelli,

Com frequência se destacou o caráter polissêmico da noção de intelectual, o aspecto polimorfo do meio dos intelectuais, e a imprecisão daí decorrente para se estabelecer critérios de definição da palavra, de tanto que esta noção e esta palavra evoluíram com as mutações da sociedade francesa. Por esta última razão, é preciso, a nosso ver, defender uma definição de geometria variável, mas baseada em invariantes. Estas podem desembocar em duas acepções do intelectual, uma ampla e sociocultural, englobando os criadores e os “mediadores” culturais, a outra mais estreita, baseada na noção de engajamento. No primeiro caso, estão abrangidos tanto o jornalista como o escritor, o professor secundário como o erudito. (...) reunidos em torno de uma segunda definição, mais estreita e baseada na noção de engajamento na vida da cidade como ator – mas segundo modalidades específicas, como por exemplo a assinatura de manifestos -, testemunha ou consciência²⁵.

Mais adiante, Sirinelli atenta para o fato de que somente em uma fusão das duas acepções chega-se a uma definição ampla do termo. Desse modo, cabe a Padilla e a Arenas o rótulo de intelectuais na medida em que, sendo poeta e/ou romancista, engajaram-se no mundo usando seus escritos como forma de ação social carregada de um certo senso de responsabilidade cívica. Contudo, esta definição, justamente pela abrangência intencionada por Sirinelli, revela opacamente este tipo de intelectual dissidente que foram Padilla e Arenas. Para captar este

²⁵ SIRINELLI, Jean-François. *Os intelectuais* in RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003 – pg. 242 e 243.

espírito inconformado que os delinea, considerá-los como sujeitos morais na perspectiva daquilo que dizem Elide Rugai Bastos e Walquiria D. Leão em *A Moralidade do compromisso* é elucidativo. Para elas, a crítica, entendida como “estado permanente da consciência do intelectual”²⁶, é a atitude que justifica a existência deste Homo Intellectus. A condição para que o intelectual exerça seu comprometimento nas experiências políticas e sociais de seu tempo é a sua autonomia em relação aos poderes constituídos. Somente assim o intelectual estaria apto a se esquivar da postura apologética paralisante e da postura indiferente ao sofrimento humano, dando vazão à sua tendência iconoclasta. O ônus desta definição restrigente é superado pela sua adequação aos casos em questão, ou pelo menos à imagem que Padilla e Arenas atribuem a si mesmos: escritores malditos, inquietos, dispostos a desenvolver a crítica até os limites de sua radicalidade e independentes porque desgarrados do jogo político institucionalizado. Sendo assim, agregar à definição de Sirinelli a definição de Bastos e Leão é uma forma utilitária de conceber o termo intelectuais para os propósitos desta pesquisa. A partir desta concepção, o processo de reconstituição da formação intelectual dos escritores relatado em suas memórias será feito em três etapas, perseguindo seus espaços de sociabilidade, os espaços de leitura e os espaços de escrita.

Por espaços de sociabilidade compreendem-se os meios intelectuais pelos quais transitaram Padilla e Arenas, em trocas de experiências que marcaram suas visões de mundo através de “forças antagônicas de adesão – pelas amizades que as subtendem, as fidelidades que arrebanham e a influência que exercem - e de exclusão – pelas posições tomadas, os debates suscitados, e as cisões advindas”²⁷. Seguindo a linha de raciocínio de Sirinelli, “todo grupo de intelectuais organiza-se também em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver”²⁸. Estes elos de ligação são traçados em lugares como a redação de uma revista, bibliotecas, núcleos culturais ou editoras, enfim, estes ambientes propícios ao encontro intelectual. Padilla indica em sua obra contatos com os existencialistas Sartre e Camus, assim como indica seus contatos com a intelectualidade da nova esquerda europeia. Contudo, sua atividade intelectual revolucionária esteve atrelada, sobretudo, ao núcleo do periódico *Lunes de Revolución*, em suas relações cotidianas com Carlos Franqui, Guillermo Cabrera Infante e Virgílio Piñera. Nos dizeres de Miskulin,

²⁶ BASTOS, Elide Rugai e RÊGO, Walquiria D. Leão. *Intelectuais e política: a moralidade do compromisso*. São Paulo: Editora Olho d'Água, 1999 – pg. 10.

²⁷ SIRINELLI, Jean-François. *Op. cit.* - pg. 249.

²⁸ SIRINELLI, Jean-François. *Ibidem* - pg. 248.

O suplemento, **Lunes de Revolución**, reuniu um grupo de intelectuais, escritores e artistas, tornando-se um espaço de edição de obras literárias e artísticas, divulgando propostas políticas e culturais. Os editores do suplemento publicavam as correntes de vanguarda, com destaque para o surrealismo e a arte abstrata, e estimulavam produções com experimentações estéticas, acreditando ser compatível à realidade revolucionária cubana. O **Manifesto por uma arte revolucionária independente**, de Breton e Trotski, teve não só trechos publicados, mas expressou-se na política cultural delineada em **Lunes**, já que seus colaboradores mais participativos defendiam a arte e a literatura revolucionária, combinadas à defesa incondicional na liberdade de criação e expressão, questionando os parâmetros do realismo socialista²⁹.

Enquanto o envolvimento dedicado ao trabalho de editar o periódico aprofundava as adesões de seus integrantes ao movimento de alargamento do campo artístico através das experimentações estéticas, seu fechamento em fins de 1961 por falta de papel, sob suspeita de censura, faria crescer neles a antipatia pelos militantes do antigo PSP (Partido Socialista Popular) e a rejeição por aquilo que nomearam como processo de sovietação do regime cubano. No caso de Arenas, seu pertencimento a um meio intelectual torna-se mais difuso e difícil de ser mapeado, já que, enquanto permaneceu em Cuba, seu nome não figuraria entre os membros de nenhum conselho editorial ou de qualquer organização política ou artística. Contudo, como ele mesmo relatara, fora frequentador assíduo da Biblioteca Nacional e das tertúlias literárias clandestinas onde se encontrava com nomes como o de Hiram Pratt, Coco Salá, René Ariza, José Hernández e José Mario, muitos dos quais também foram escritores perseguidos pelo regime por sua homossexualidade. Mas esta sociabilidade intelectual de Arenas configura-se de modo mais concreto no exílio, onde estaria reunido com outros marielistas em terras estadunidenses para redigir a revista *Mariel de Arte y Literatura*. De acordo com Marques,

A Geração Mariel foi constituída de uma pequena parcela da juventude havaneira que não conseguiu se adaptar aos pressupostos ideológicos do homem novo cubano, seja por questões estéticas, políticas, morais e até sexuais: como a homossexualidade presente em grande parte dos componentes da autodenominada Geração Mariel³⁰.

²⁹ MISKULIN, Sílvia Cezar. *Cultura e política em Cuba: os debates em Lunes de Revolución*. 2000. Dissertação de Mestrado (História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000 – pg. 236.

³⁰ MARQUES, Rickley Leandro. *A Condição Mariel: memórias subterrâneas da experiência revolucionária cubana (1959-1990)*. 2009. Tese (Doutorado em História) – Universidade Nacional de Brasília – UnB, Brasília, 2009.

Os marielistas, como se consagrou chamar, eram renegados tanto pelo governo cubano, para quem eles não passavam de *gusanos*, como para os antigos exilados cubanos de Miami, para quem os marielistas não passavam de uma escória depravada. O valor destas experiências, marcante por sua intensidade, não pode ser menosprezado se se quiser compreender em maior amplitude as avaliações que Padilla e Arena tecem ao Castrismo em suas memórias. Sem dúvida, esta interação com outros intelectuais deixaram suas marcas nos escritos autobiográficos de ambos os autores. Paralelamente a isto, há que se reconhecer também a importância que os laços de solidariedade firmados em momentos dramáticos vividos na fuga, no cárcere e nas UMAP's (Unidades Militares para la Ayuda de Producción), este encontro com outros que, ainda que não sejam propriamente intelectuais no rigor do termo, mereceram papel de destaque na escrita destas autobiografias, aqui encaradas como parte de uma atividade estritamente intelectual. Neste exercício de recompor uma prosopografia dos espaços de sociabilidade, remontando estes encontros julgados significativos pelos próprios autores, pretende-se demover do texto a importância destas trocas de experiência para a conformação de pensamentos dissidentes à Revolução Cubana.

Cientes de que uma qualidade constituidora do ser intelectual está em seu comportamento de leitor voraz, é preciso pontuar que sua formação depende tanto das experiências diretas, das amizades e das redes de sociabilidade nas quais atua como das leituras que vão impregnando seu modo de pensar. Óbvio que a tarefa de medir a relevância que cada obra lida teve para a fruição das veias artísticas e políticas de Padilla e Arenas é impossível de ser cumprida e mesmo desnecessária. O que interessa é observar que a admiração anunciada de Padilla por Camus ou de Arenas por Lezama Lima revela uma vontade de filiação literária aliada a uma vontade de orientação da leitura que se faz de suas obras. Identificar estas leituras anunciadas nas autobiografias significa um esforço de compreensão sobre como estes autores interpretam estas suas leituras como fundadoras para seus projetos literário/político. Em outras palavras, como Padilla e Arenas articulam suas influências literárias na construção de uma escrita de si. De acordo com Júlio Pimentel Pinto,

conhecer “leituras de leituras” permite estabelecer diálogos pontuais entre os dois (ou mais) textos e amplia o campo de possibilidade de compreensão. Ocasionalmente, elucida questões que ficaram obscuras na primeira leitura ou evidencia associações que fazíamos inconscientemente com textos que, mesmo

esquecidos, deixaram vestígios na memória e foram acionados no momento da nova leitura³¹.

Sendo assim, este processo de leitura das leituras favorece a associação intertextual, decifrando signos apreensíveis somente ao reposicionar Padilla e Arenas no lugar de leitores.

Resta ainda elucidar sobre o que seria este lugar de escritores que se pretende esboçar. A tarefa maior desta terceira instância da formação intelectual está em conectar as autobiografias analisadas com os textos literários dos próprios autores estudados que apareçam mencionados nestas escritas de si. Ainda que o trabalho de identificar um estilo literário em Padilla e Arenas não esteja entre os intuitos desta dissertação, cabe grifar nas autobiografias as passagens nas quais as reflexões de suas práticas como escritores apareçam como pistas do itinerário que quiseram criar para si mesmos. Estes trechos são da maior relevância nas autobiografias, pois expõe o valor que obras como *Celestino antes del alba*³², *O mundo alucinante*³³ e *Fuera del Juego*³⁴ tiveram na configuração das trajetórias dissidentes nas visões que os próprios autores constroem. Lê-se nestas autobiografias o encontro dos autores com suas obras anteriores em enunciados que explicitam uma auto avaliação ocupada em pontuar a importância política de suas produções literárias para dar voz a uma arte crítica que se tornou incômoda ao *establishment* castrista.

Nestas passagens, os autores acabam superdimensionando a faceta engajada de seus romances e poesias como modo de direcionar o olhar de futuros leitores às suas obras ou como percepção de que suas obras foram lidas por um viés demasiadamente politizado em consequência dos ruídos produzidos após serem censuradas. Sem incorrer em equívocos tautológicos, não se trata de descobrir se estas produções literárias eram originalmente engajadas contra o autoritarismo do socialismo cubano ou se a censura do regime tornou-as engajadas, mas se trata de entender estas passagens como argumentos elencados para reforçar a imagem auto atribuída de intelectuais engajados na causa anticastrista. Neste sentido, escolhe-se um modo de leitura destas autobiografias que considera prioritária a construção narrativa de uma identidade pessoal, ou nos dizeres de Jurgen Straub,

a formação e a reformação da identidade pessoal estão entre as funções mais complexas das autotematizações autobiográficas. Considerando-se que as autotematizações são compostas como narrativa, isto é, (também) tomando o formato de histórias

³¹ PINTO, Júlio Pimentel. *A leitura e seus lugares*. São Paulo: Estação Liberdade, 2004 – pg. 57.

³² ARENAS, Reinaldo. *Celestino antes del alba*. Buenos Aires: Editorial Brújula, 1968.

³³ ARENAS, Reinaldo. *O mundo alucinante*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

³⁴ PADILLA, Heberto. *Fuera del juego*. Miami: Fla. Ediciones Universal, 1998.

contadas e encaixando-se em uma história de vida global, podemos falar sobre a construção historiada da identidade de uma pessoa³⁵.

Portanto, dadas as peculiaridades dos objetos desta pesquisa como gênero literário, a realização de uma análise da dialética individual-coletivo deve partir desta vontade de transparecer engajado como uma vontade de tornar compreensível um contexto histórico através da narrativa. Neste lugar de escritores, Padilla e Arenas exercitam a autoparáfrase, narrando seus itinerários intelectuais dentro de um projeto de reconstituição de uma memória dissidente escrito no poente da década de 1980.

Após a reconstrução desta formação intelectual, o objetivo passa a ser o de analisar o engajamento político de Padilla e Arenas elaborado nas autobiografias. Em textos carregados de uma crítica que se faz assemelhando Fidel Castro com outros ditadores, nota-se a intenção de uma contraposição à avaliação que atribui valor profético ao Castrismo. Enquanto para Padilla a construção do socialismo cubano ocorreu pela adoção gradual da cartilha stalinista ditada pelos soviéticos, Arenas considera Fidel Castro um típico exemplar de ditador latino americano. Para estes autores, a senilidade do regime cubano ficaria ainda mais escancarada com a reestruturação ou queda de seus regimes irmãos: o socialismo soviético e as ditaduras militares latino-americanas. O modo como esta crítica é erigida corresponde a uma estratégia de contra-argumentação àqueles discursos políticos que sustentam a excepcionalidade do Castrismo, marcada pela tomada do poder por uma juventude revolucionária. Pela pureza simbólica do gesto original que se teria prolongado após décadas de governo de Fidel Castro, seria legítima a aparente surdez do regime diante das transformações políticas e econômicas da União Soviética e da redemocratização na América Latina: para os intelectuais defensores do socialismo cubano, Fidel age corretamente ao não seguir estes exemplos, pois o caminho cubano para o comunismo foi e continuaria sendo de um tipo muito particular, distinto da via soviética e oposto ao anticomunismo contrarrevolucionário que caracterizou as ditaduras militares latino americanas. É neste embate que avalia o Castrismo pela chave da caducidade essencial (no caso dos dissidentes) ou pela chave do ineditismo jovial (no caso daqueles que aderem ao Castrismo) que se insere o engajamento político manifesto nas autobiografias de Padilla e Arenas. É a partir da

³⁵ STRAUB, Jorgen. *Memória autobiográfica e identidade pessoal. Considerações histórico-culturais, comparativas e sistemáticas sob a ótica da psicologia narrativa* in GALLE, Helmut; OLMOS, Ana Cecília; KANZEPOLSKY, Adriana; IZARRA, Laura Zuntini. *Em primeira pessoa: abordagens de uma teoria da autobiografia*. São Paulo: Annablume; Fapesp; FFLCH-USP, 2009.

reconstituição do diálogo conflituoso entre as intelectualidades politicamente opostas que se cogita descrever este contexto linguístico³⁶. A Revolução Cubana tem seu próprio idioma que fora formado na dissonância. Num jogo de respostas e ataques, a intelectualidade do período discursa com a finalidade dupla de contradizer a argumentação de seus adversários ao mesmo passo que pretendem afirmar o posicionamento político do qual são partidários. Para que a tradução deste idioma seja efetuada, é preciso entender a quem e a que cada texto direciona suas negativas³⁷.

Quentin Skinner demonstrara em sua obra *As fundações do pensamento político moderno*³⁸ que a compreensão dos dizeres de um autor passa pela compreensão das discussões em que ele estivera envolvido. Partindo desta premissa, Skinner explicara o pensamento de Maquiavel tratando como documentos históricos não apenas seus textos, mas os textos de autores que lhe foram contemporâneos e que teriam influenciado o pensamento de Maquiavel. Para ser mais claro, Skinner analisou a obra do autor reinserindo-a à complexa teia de ideias em circulação na qual fora escrita, tentando compreender Maquiavel em suas discussões travadas com os pensadores humanistas. Por trás deste jogo interpretativo, esconde-se o pressuposto de que todo texto é escrito em referência a um fato ou a outro texto e, assim, a interpretação ganha refinamento ao descortinarmos as referências explícitas ou implícitas do escrito. Contudo, esta estratégia interpretativa também apresenta suas armadilhas. Corre-se o risco de, afundados num círculo hermenêutico, buscar paranoicamente as origens, em textos que remetem a outros, ideias que remetem a outras, e uma infindável lista de indicações. Para desviar-se deste perigo, há que se ter sempre à mente do pesquisador a pergunta: *o que se quer saber, afinal, do documento histórico consultado?*, ou ao modo skinneriano: *qual a intenção do autor ao dizer isto?*, entendendo por intenção um propósito aparente na materialidade do texto e não como origem oculta.

Em síntese, para delinear a configuração do contexto linguístico em que foram redigidas *La Mala Memória* e *Antes que anochezca*, deve-se reedificar as discussões políticas que deram a tônica daquele ambiente combativo, atinentes ao fato de que as intenções dos autores dos discursos são, via de regra, o de usar a palavra como arma ideológica a favor da causa pela qual milita. Trata-se de pensar o discurso como práxis ou atos discursivos³⁹. Em Padilla e Arenas, o discurso autobiográfico aparece como uma das variáveis de suas ações

³⁶ POCOOCK, J. G. A. *Linguagens do ideário político*. São Paulo: Edusp, 2003.

³⁷ POCOOCK, J. G. A. *Idem*.

³⁸ SKINNER, Quentin. *As fundações do pensamento político moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

³⁹ SKINNER, Quentin. *Visões da política: questões metodológicas*. Lisboa: Difel, 2005.

políticas, sendo incorreto descolar aquilo que se disse daquilo que se fez. Sendo assim, o primeiro ato de interpretação do engajamento político presente nestas autobiografias deverá ser feito considerando-os como resposta, contra-ataque e contra-argumentação ao discurso de apoio ao Castrismo, ancorado na sustentação da legitimidade do isolamento e do autoritarismo em Cuba.

Após esta interpretação efetuada pelos antagonismos, uma segunda etapa de interpretação deverá ser feita na identificação destes discursos com os escritos políticos de outros intelectuais dissidentes. Nesta busca de similaridades, percebe-se uma proximidade entre o engajamento político de Padilla com o de Carlos Franqui (ambos definem-se como homens de esquerda) e entre o engajamento político de Arenas com o de Guillermo Cabrera Infante (ambos assumem-se como anticomunistas e defendem o livre mercado como sendo preferível a uma economia planificada). Cabe agora retomar o conceito de dissidência de esquerda apresentado sem desenvolvimento no princípio desta introdução. Primeiramente, dada a complexidade do termo e seu uso banalizado e confuso em tempos recentes, é necessário que seja apresentada a definição para o significado de esquerda e direita utilizado para os fins deste trabalho. De acordo com Norberto Bobbio,

(...) o igualitarismo é a característica distintiva da esquerda”, sendo que “(...) um dos temas principais, senão o principal, da esquerda histórica, comum tanto aos comunistas quanto aos socialistas, é a remoção daquilo que se considerou, não só no século passado mas desde a antiguidade, um dos maiores, senão o maior obstáculo à igualdade entre os homens: a propriedade individual, o “terrível direito””. Mais adiante, Bobbio conclui que “a luta pela abolição da propriedade individual, pela coletivização, ainda que não integral, dos meios de produção, sempre foi, para a esquerda, uma luta pela igualdade, pela remoção do principal obstáculo para a realização de uma sociedade de iguais. Até mesmo a política das nacionalizações, que por um longo período de tempo caracterizou a política econômica dos partidos socialistas, foi conduzida em nome de um ideal igualitário, não tanto no sentido positivo de aumentar a igualdade, mas no sentido negativo de diminuir uma fonte de desigualdade⁴⁰.

Por outro lado, a direita arrogaria para si a capacidade de definição de uma essência humana, cuja partícula fundamental seria a natureza individualista. Deste modo, a busca pela igualdade social seria uma violência por se contrapor a este individualismo que se manifesta em nós como algo imutável. Deste pressuposto, surgem as teses liberais em defesa da

⁴⁰ BOBBIO, Norberto. *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*. São Paulo: Editora Unesp, 1994.

inalienabilidade do direito à propriedade privada; de que o comunismo é logicamente autoritário por violentar a natureza humana; e de que alguma desigualdade social é inevitável, devendo-se desobstruir das trocas econômicas as intervenções políticas. Estas três teses configuram o pensamento político de direita. Sem pretender dar aos termos uma conotação atemporal, pois nem sempre as querelas do campo político foram (ou são) redutíveis a este antagonismo entre igualitarismo e individualismo, o uso das categorias de esquerda ou direita possui hoje um valor de resistência, pois, em meio a debates político-partidários espetacularizados em retóricas que não fogem do senso comum, a ideia de que as reflexões sobre o papel regulador do Estado na economia devam estar no centro das atenções perigosamente vem sendo rechaçada até mesmo no meio acadêmico. No caso específico dos escritos políticos destes dissidentes cubanos, as definições utilizadas são adequadas e pertinentes pelo didatismo em classificar o discurso dissidente em uma diversidade de correntes ideológicas, cujos fundamentos inspiram-se em pressupostos antitéticos.

Muitas vezes os significados de esquerda e de direita no campo político são deturpados, principalmente quando utilizados em discussões sobre o dever do Estado em legislar sobre aspectos morais. Costuma-se considerar de esquerda àquele que em prol da liberdade sexual defende a legalização do casamento homossexual, que em prol da emancipação feminina defende a legalização do aborto, que em prol da liberdade individual e de expressão defende a legalização de drogas alucinógenas e que em prol da liberdade de escolha por uma morte digna defende a eutanásia, enquanto do outro lado costuma-se considerar de direita àquele que em nome da moral cristã defende a atuação do Estado na proibição de comportamentos ou ações que firam os tradicionais bons costumes da civilização ocidental. De acordo com Bobbio, esta discussão, que é da maior relevância no campo político e em especial para os dissidentes cubanos, não versa exatamente sobre aquela distinção entre esquerda e direita, mas sim sobre a distinção entre laxismo e rigorismo. Estes dois conceitos serão usados para contrapor o engajamento político de Arenas com o Castrismo, já que este autor fez da luta pelo direito dos homossexuais em Cuba sua maior bandeira.

Deve-se ressaltar que a análise do engajamento político através de autobiografias escritas por literatos exige certos cuidados. Por mais que seus autores tenham-nas escrito como forma de engajamento na causa anticastrista, as ideias concernentes ao campo político, embora muitas vezes evidentes, apresentam-se dispersas sem a preocupação de uma sistematização rigorosa como se pode encontrar nos textos de teóricos das ciências sociais.

Por isso, não se deve intuir do texto aquilo que ele não oferece: uma proposta bem acabada de governo para a Cuba pós-Castrismo. A análise taxionômica limita-se a situar o engajamento político de Padilla e de Arenas dentro destas amplas famílias conceituais (esquerda/ direita e laxismo/ rigorismo), cientes de que suas ideias não são representativas de quaisquer movimentos institucionalizados com projeto de tomada do poder em Cuba.

Resta ainda esclarecer como se pretende perscrutar as proposições políticas de Padilla e Arenas através das ideias observáveis em suas autobiografias. O foco desta análise não será pautado pelas causas que teriam levado estes escritores a romper com o governo revolucionário cubano, ainda que esta temática perpassasse as obras e, por conseguinte, esta dissertação. O fato de terem colaborado com o advento do Castrismo e um dia terem se declarado homens de esquerda não significa que, no ato de escrita das autobiografias, preservem as mesmas convicções manifestas no contexto revolucionário. Após todo o sofrimento que lhes fora impingido, suas próprias práxis seriam reavaliadas para ressignificar seus papéis de intelectuais na luta contra o Castrismo. Nesta transição de uma postura revolucionária para uma postura dissidente, com todo o peso das frustrações, desencantos e rancores acumulados, mutações ideológicas vão sendo processadas. A forma como cada dissidente encara seu calvário é bastante variável e, nos casos em questão, pode-se afirmar que as transformações no engajamento político de Padilla e Arenas percorreram caminhos diferentes. Enquanto as críticas de Padilla ao socialismo cubano assemelham-se às plataformas de uma esquerda democrática contra uma esquerda autoritária, nas críticas de Arenas percebe-se uma aversão que extrapola o clamor pela redemocratização para abnegar suas convicções anteriores de que os processos de coletivização e estatização da propriedade privada sejam favoráveis às melhorias nas condições de vida do povo. Arenas sugere em *Antes que anochezca* que o espontaneísmo característico da política econômica do socialismo cubano trouxe como consequência tão somente um maior empobrecimento dos homens e mulheres simples de Cuba. Paralelo a estas nuances que distinguem o engajamento político em Arenas do engajamento político em Padilla, há que se destacar sua antipatia pelos exilados cubanos residentes em Miami. As divergências do escritor marielista com esta primeira geração de exilados deve-se aos seus ideais próximos ao de uma dissidência laxista em contraposição ao rigorismo cristão prevalecente entre os inimigos de primeira hora do Castrismo que, residentes havia décadas nos Estados Unidos, perfilaram-se ao Partido Republicano local. Por isso, além de defender a possibilidade de existência de uma crítica de esquerda ao Castrismo, esta pesquisa pretende demonstrar que mesmo entre esta dissidência

de ex-aliados ao regime foi produzido um discurso crítico ao socialismo cubano variado e impossível de ser enquadrado dentro de um mesmo rótulo. No caso específico deste estudo, tentar-se-á demonstrar que enquanto Padilla parece transparecer simpatia pela continuidade das medidas coletivistas, Arenas revela sua contrariedade com a continuação de uma política econômica de teor socialista para o arquipélago. Ainda que a intenção de suas obras não seja a formatação de um plano de salvação econômica pós-socialismo e muito embora suas ideias nesta direção sejam vagas e imprecisas, toma-se como objetivo central da análise do engajamento político dos autores o exercício de entrever nas críticas e denúncias seus anseios pessoais (que são representativos de certos anseios de grupo) para Cuba. Trata-se de analisar os textos pela pergunta: o que esta dissidência esperava para Cuba? É um trabalho de extrair da crítica não apenas o contra que e quem se colocam, mas as assertivas indicadas sub-repticiamente em seus escritos.

Este extenso percurso de análise fundamentado numa interpretação complementar entre as esferas da formação intelectual e do engajamento político convoca um ecletismo metodológico que não se confunde com anarquismo metodológico. Há uma coesão entre as linhas interpretativas sugeridas ao longo desta introdução. Todas elas pertencem a uma mesma tradição hermenêutica que busca ampliar seu olhar sobre o texto considerando-o como um jogo de referencialidades. Fazendo as autobiografias dialogarem com suas referências explícitas e implícitas num constante movimento de mão dupla entre intratextualidade e intertextualidade, pretende-se conciliar a visão que valoriza o texto em si recobrando sua historicidade.

Vale ainda dizer que o texto desta dissertação apresenta-se composto por várias vozes narrativas: as vozes de Reinaldo Arenas e Heberto Padilla; as vozes dos comentaristas e outros pesquisadores do tema; e nossa voz, enquanto autores da redação. Com o intuito de evitar confusões entre o que afirmam as fontes primárias e secundárias que embasam esta pesquisa e o que são as nossas conclusões, usaremos a primeira pessoa do plural toda vez que considerarmos necessário frisar quais são nossas inferências e deduções

A dissertação está dividida em quatro partes: nos capítulos 1 e 2, a análise específica das obras *Antes que anochezca*, de Reinaldo Arenas e *La mala memoria*, de Heberto Padilla, sendo que estes capítulos apresentam-se subdivididos em tópicos que buscam retrair os espaços de sociabilidade, espaços de leitura, espaços de escrita e engajamento político. No capítulo 3, uma conclusão que sintetiza de modo comparativo as memórias dissidentes dos autores. Em meio a este fluxo analítico, a tentativa de contribuir para a abertura de novas

interpretações sobre a história da Revolução Cubana e para a história intelectual. Este, aliás, é o único ponto para o qual devem convergir todas as arestas da pesquisa, pois o único senso que rege o historiador é o impulso de multiplicar vozes e versões; o historiador quer sempre contar uma outra história.

Capítulo 1 – Arenas, a memória rebelde

Allí comencé a escribir mis memorias, en las libretas que Juan traía. Bajo el apropiado título de Antes que anochezca, escribía hasta que llegaba la noche, y en espera de la otra noche que me aguardaba cuando fuera encontrado por la policía. Tenía que apurarme en hacerlo antes de que oscureciera, definitivamente, para mí; antes de que fuera a parar a una celda. Desde luego, aquel manuscrito se perdió como casi todos los que hasta aquel momento yo había escrito en Cuba y no había logrado sacar del país, pero en aquel momento era un consuelo escribirlo todo; era un modo de quedarme entre mis amigos cuando ya no estuviera entre ellos.⁴¹

Relatar que sua autobiografia começara a ser escrita em meio à fuga da repressão imposta pelo regime de Fidel Castro em Cuba não é um mero capricho de Reinaldo Arenas: adéqua-se à identidade narrativa que o autor constrói, página a página, na obra *Antes que anochezca*. Este deslocamento contínuo é aquilo que cadencia o ritmo do livro, conferindo a cada transladar o papel de subdividir a existência em capítulos. Dizendo de outro modo, a memória narrada por Arenas opera atribuindo às mudanças uma função de ruptura, como momento de encerramento de um ciclo para a formação de outro estágio de consciência pessoal. Os lugares onde se fixou são o pano de fundo para a apreensão da forma como Arenas vai encarando o mundo ao longo de sua vida. Esta fragmentação de si ditada pelos locais de morada é construída por Arenas propositalmente, não por motivações didáticas, mas como modo de escancarar a tensão entre o perene desejo de fuga e este instável vagar por lugares sempre vividos com intensidade até atingir o paroxismo que os revela como limitadores da liberdade. Portanto, o desejo de fuga, contra-face complementar do desejo de liberdade, orienta esta memória de homem errante sempre em busca de um espaço não encontrado, mas ansiado, onde a realidade não se mostre hostil.

Guajiro da Província de Oriente, nascera no ano de 1943 e vivera sua infância neste ambiente contraditório marcado tanto pela paisagem bucólica, de campos que lhe pareciam intermináveis, como pela miséria; pelas histórias contadas pela avó carregadas do folclore e

⁴¹ARENAS, Reinaldo. *Antes que anochezca*. Barcelona: Tusquets Editores, 1995 – pg.198. Em uma das edições feitas no Brasil, o texto aparece assim traduzido: “Foi quando comecei a escrever minhas memórias, nos cadernos que José me trazia. Sob o título bastante apropriado de Antes que anoiteça, escrevia até que a noite caísse, à espera da outra noite que me aguardava quando fosse encontrado pela polícia. Não podia perder tempo e redigia antes de a escuridão instalar-se definitivamente em minha vida. Antes de ir parar numa cela. Tal manuscrito, é claro, se perdeu, assim como quase todos os que eu escrevera sem conseguir mandá-lo para fora do país. Mas era um consolo contar tudo; era uma maneira de permanecer com os meus amigos quando não estivesse mais entre eles”. (ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2009 – pgs. 212 e 213).

da mitologia da cultura popular caribenha, mas também pelo abatimento e ceticismo gradual que contagiam o avô; pela experiência de uma sexualidade infantil incontida, contraposta ao convívio em uma casa de mulheres abandonadas e onde os adultos praticavam uma rigorosa abstinência sexual. Este mundo da infância, a despeito de ser narrado em um tom de memória feliz, vai se revelando insuficiente para este menino Arenas, tido pelos seus familiares como sujeito excepcional, diferente, estranho. Contudo, a saída repentina deste lugar mágico ocorrera não pela iniciativa pessoal de Arenas e sim pelo agravamento da situação econômica cubana com a continuidade da ditadura de Fulgêncio Batista em fins da década de 1950⁴², momento em que seu avô decide vender o sítio de três hectares que era de sua propriedade seguindo em mudança para a pacata cidade de Holguín, lugar descrito por Arenas como

(...) el tedio absoluto. Pueblo chato, comercial, cuadrado, absolutamente carente de misterio y de personalidad; pueblo calenturiento y sin un recodo donde se pudiera tomar un poco de sombra o un sitio donde uno pudiera dejar libre la imaginación⁴³.

Desde o princípio, arquitetava sua retirada daquele lugar que se perfilava como o cemitério da imaginação. A oportunidade viera armada, com a notícia alentadora de que haveria tropas da guerrilha liderada por Fidel Castro nas imediações de Holguín, em um povoado chamado Velasco. Assim foi que, numa madrugada de 1958, com apenas catorze anos de idade, Arenas deixara a casa dos avós para tentar se unir aos rebeldes, tomado pelo desejo de abandonar a insuportável Holguín e também pelo ódio à ditadura batistiana, vista como responsável pela penúria sofrida por sua família. Ato de coragem, mas com efeitos insignificantes para o transcurso da vida política cubana, a curta experiência de Arenas junto à guerrilha marcou sua segunda diáspora.

Após o triunfo da Revolução, Arenas matriculara-se no curso de contadores agrícolas em 1960, criado às pressas pelo governo revolucionário para formar os técnicos da Reforma Agrária, graduação locada em um antigo acampamento militar de Batista que fora convertido em uma escola politécnica. Neste internato restrito a meninos, o anticomunismo de Arenas, herdado do chibatismo⁴⁴ ferrenho que seu avô nutrira, chocara-se com o sentido doutrinário com que a teoria marxista era inculcada naqueles estudantes. O caráter machista e homofóbico

⁴² Da leitura da obra, pode-se deduzir que a chegada de Arenas em Holguín data do ano de 1956, pois ele sugere que residência na cidade iniciara-se quando este tinha treze anos na seguinte passagem: “*Mis amores a los trece años eran, sin embargo, un poco ambiguos*”, *Ibid.* – pg. 58.

⁴³ ARENAS, Reinaldo. *Ibid.* – pgs. 55 e 56.

⁴⁴ Este conceito aparece em: DRAPER, Theodore. *Castrismo* in DRACHKOVITCH, Milorad M. *O Marxismo no mundo moderno*. Zahar Editores: Rio de Janeiro, 1966.

da Revolução também ia transparecendo, pois Arenas pudera presenciar a humilhação sofrida por colegas homossexuais, tendo alguns sido expulsos do colégio por suas práticas sexuais degeneradas. Para além deste moralismo, o desconforto com o regime agravava-se dada a incoerência que se desenhava no comportamento ambíguo dos próprios revolucionários: os mesmos professores e diretores que puniam os homossexuais eram aqueles que se vangloriavam de seus feitos em orgias gays que aconteciam dentro do próprio internato. Apesar de declarar que nesta época o adolescente Arenas sentia-se grato à Revolução, por conta da bolsa de estudo recebida, o autor continuou descrevendo a si mesmo como um homem deslocado, fora de lugar.

Concluídos os estudos, Arenas passara a trabalhar em uma granja no extremo sul da província de Oriente. Ele próprio debocha de suas funções por lá, dizendo que “*a finales de 1961 yo fui para mi primera granja a contar pollos*”⁴⁵. O pouco tempo passado ali lhe fizera ver que o empobrecimento da região não foi interrompido com a Revolução, e sim agudizado; que a liberdade de expressão era uma falácia, pois a revista *Bohemia*, que funcionara ativamente contra o regime de Batista, havia sido cooptada ideologicamente pelo novo governo perdendo sua criticidade; e ao perceber a sovietação do socialismo cubano com o crescente número de técnicos soviéticos coordenando a produção agrícola. Ser um contador agrícola serviçal da Reforma Agrária que se implantava em Cuba não era ainda o caminho que pretendia trilhar.

Em 1962, ocorrera uma das fugas mais significativas para a transformação do Guajiro em um intelectual dissidente. O governo revolucionário convocara os contadores agrícolas para um processo seletivo de ingresso em um curso de planificação ministrado na Universidad de La Havana. Arenas candidatara-se a uma das vagas, foi aprovado e, a partir dali, pudera conhecer em profundidade a efervescência cultural que se respirava nas ruas da capital. Tornara-se um frequentador assíduo da Biblioteca Nacional e conheceu, através de seus amantes, vários artistas e o universo gay havanês. Em meio àquele cosmopolitismo, a vida profissional de Arenas tivera guinadas muito rápidas: de burocrata do INRA (Instituto Nacional de La Reforma Agraria) a bibliotecário em 1963, tornando-se um escritor premiado com *Celestino antes del Alba* em 1964 e com *El mundo alucinante* em 1966. Vale dizer que em ambas as premiações os livros de Arenas foram contestados por figuras como Alejo

⁴⁵ ARENAS, Reinaldo. *Ibid.* – pg. 86.

Carpentier e José Antonio Portuondo⁴⁶, acusando-os de diversionismo ideológico contrarrevolucionário. Estes conflitos com a alta cúpula intelectual do regime, até certo ponto inesperados naquele contexto pelo próprio Arenas, fizeram-no aproximar-se de personalidades em constante atrito com o Castrismo como Virgilio Piñera e José Lezama Lima, seus maiores ídolos literários em Cuba, direcionando-o para uma linha cada vez mais oposta à do governo revolucionário.

Nesta segunda metade da década de 1960, tivera início, de modo mais efetivo, aquilo que se pode nomear como a atuação dissidente de Arenas, seja através de sua vida homossexual libertária e provocativa ao moralismo revolucionário, através do envio clandestino de suas obras endereçadas ao casal de amigos Jorge e Margarida Camacho para serem publicadas no exterior mesmo sem a autorização do regime ou ainda através de sua participação nos protestos de 1968 contra o apoio de Fidel Castro à invasão soviética sobre a Tchecoslováquia. A partir destes episódios de fins da década de 1960, a sensação de que sua vida era vigiada de perto fizera com que aquele encantamento inicial com Havana fosse, aos poucos, transformando-se num enredo mal acabado e permeado por pesadelos. O inebriamento com a liberdade cosmopolita fora devorado pela vontade de controle total da ditadura castrista. O superstalinismo intensificara-se após o fracasso da Safra dos Cem Mil em 1970 e após o *Caso Padilla* em 1971.

A década de 1970 marcara o período de maior autoritarismo dentro do regime e, neste contexto nebuloso, viera o pretexto perfeito para a punição contra Arenas: no ano de 1973, após mais uma de suas aventuras eróticas na praia de Guanabo com uns muchachos da região, Arenas e seu colega Coco Salá tiveram alguns de seus pertences e dinheiro roubados por aqueles jovens e fugazes amantes. Tendo recorrido à polícia, conseguiram capturar aqueles infratores que teriam inventado uma história para passarem de acusados a acusadores: Arenas e Coco Salá teriam lhes molestado à força, com o agravante destes serem menores de idade, e após o ato de violência sexual os escritores pervertidos deixaram para trás tudo o que levavam consigo. Assim foi que o governo conseguira um álibi para decretar a prisão de Arenas, iniciando-se a fuga mencionada no excerto que abre este capítulo. Fuga épica, em viagens clandestinas rasgando o interior da ilha até o isolamento final no Parque Lenin. Esta sua odisseia perdurou cerca de um ano até a detenção em 1974.

⁴⁶ MISKULIN, Silvia Cézar. *Outro olhar sobre a Revolução Cubana: a trajetória e obra de Reinaldo Arenas na revista Vuelta. Revista Brasileira do Caribe*, Goiânia, Vol. 10, N. 19, julho-dezembro de 2009, Universidade Federal de Goiás. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=159113063008>. Data de acesso: 29 de julho de 2013.

A prisão foi sua queda num purgatório de cárceres insalubres, tingindo o corpo com as marcas inexpugnáveis das torturas físicas e psicológicas. Enquanto permanecia na condição de presidiário, seu processo kafkiano fora marcado pela interdição de acesso aos autos de inquérito policial, permanecendo alienado quanto ao teor da peça processual que lhe incriminava, desprovido-o de qualquer possibilidade de elaborar uma estratégia de defesa pessoal perante o júri. Foram dois anos de penas cumpridas, entre o presídio *El Castillo del Morro, Villa Marista* (sede principal da Segurança do Estado) e uma prisão aberta próxima a Miramar. A soltura viera em 1976, devolvendo às ruas de Havana um homem dilacerado, tomado por um ódio feroz a Fidel Castro e todos seus comparsas de governo; Arenas passara então a considerar sua amada Cuba como um grande presídio de segurança máxima e, nesta condição, a esperança de liberdade somente se poderia realizar numa fuga praticamente impossível.

Entre 1976 e 1980, Arenas vivera recluso e desempregado no Hotel Monserrate, momento de desterro na própria terra natal. Ali conhecera Lázaro, amigo amado que acompanharia Arenas pelo resto de sua vida e em seu leito de morte. O convívio no Hotel Monserrate fora entremeado por uma trama picaresca, característica genuína da espontânea vida cubana. Também mostra como, em meio à carestia de bens materiais, o povo desenvolvera uma economia marginal baseada no mercado clandestino ou negro. O exemplo maior desta alternativa ilegalmente legítima para a sobrevivência em Cuba fora a descoberta do avizinhamo entre o Hotel e o abandonado Convento de Santa Clara, descoberta feita ocasionalmente quando se intentava abrir uma janela no apartamento da ex-prostituta Clara. Dali daquele convento foram surrupiados vários móveis, peças e quinquilharias dos mais variados tipos que serviram de sustento para vários hóspedes do Hotel, inclusive para Arenas. Este contato com a vida profunda de uma Havana até certo ponto afastada do centro do poder político, por mais que entretivesse Arenas, não fora suficiente para aplacar seu desejo de partir rumo a algum lugar no mundo onde pudesse soltar seu brado por uma Cuba livre.

Em 1980, acontecera o espetacular êxodo de Mariel, episódio em que centenas de milhares de cubanos aglomeraram-se na embaixada do Peru em Cuba com o intuito de saírem da ilha. Após complexas negociações com os Estados Unidos, viera a autorização tanto do governo Castro como do governo Carter para que os cubanos descontentes abandonassem sua pátria rumo a Miami através do porto de Mariel. De acordo com Arenas⁴⁷, foram 135 mil o

⁴⁷ Informação extraída de: ARENAS, Reinaldo. *Ibid.* – pg.304.

número de cubanos que conseguiram embarcar para o norte⁴⁸, sem contar outro montante que foi barrado pela Segurança de Estado contrariando o discurso oficial de Fidel dizendo que todos que assim desejassem poderiam sair da ilha⁴⁹. Deste modo, o grande êxodo revelara que o desagrado do povo cubano com o governo revolucionário era maior do que o apregoado por seus entusiastas e foi um motivo a mais para a derrota eleitoral de Jimmy Carter para o republicano Ronald Reagan neste mesmo ano, pois o democrata fora acusado pela entrada descontrolada de novos imigrantes nos Estados Unidos. Arenas estivera entre os marielistas e este êxodo coletivo de tamanhas reverberações políticas constaria como mais uma de suas “falsas libertações”.

Nesta nova cidade, o entusiasmo inicial pela possibilidade de falar abertamente contra o governo Castro sem ser por isso punido ou perseguido rapidamente transformara-se em marasmo: Miami condensava o que o povo cubano tinha de pior (o moralismo cristão, o machismo e a rede de intrigas) desprovida do charme arquitetônico, urbanístico, natural e cultural de Havana. Desencaixado nesta cidade pré-fabricada, simulacro perfeito da *American way of life*, Arenas aceitara um convite da Universidade de Columbia para ministrar uma conferência em agosto de 1980, que significara sua mudança definitiva para Nova York no réveillon de 1980 para 1981. Viver em Nova York fora deslumbrante para Arenas, pelo menos nos seus dois primeiros anos de estada por lá. Porém, culpa destas sensações pendulares que Arenas pretende nos dizer que deram o ritmo de sua vida, o movimento de crescente ânimo se esgotara para ser sucedido por uma oscilação depressiva, pincelando sua otimista avaliação de Nova York com avaliações depreciativas. Pelo relato de Arenas, esta virada ocorrera em 1983, ano em que Lázaro sofrera um grave acidente de carro sem acolhimento devido pelo privado sistema de saúde estadunidense e em que Arenas fora despejado do apartamento alugado no centro de Manhattan. “*Mi nuevo mundo no estaba dominado por el poder político, pero sí por ese otro poder también siniestro: el poder del dinero*”⁵⁰, assim diria Arenas sobre suas decepções. Apesar do crescente engajamento

⁴⁸ Para GOTT, Richard. *Cuba: uma nova história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006, o número de marielitos exilados em 1980 seria de 120 mil cubanos. Apesar destas pequenas variações quantitativas, estes mais que uma centena de milhares de emigrantes saindo de Cuba em direção a Miami em apenas alguns meses atestam a grandiosidade e a importância histórica deste fenômeno.

⁴⁹ CASTRO RUZ, Fidel. *Discurso pronunciado por el comandante en jefe Fidel Castro Ruz, primer secretario del comite del Partido Comunista de Cuba y Presidente de los consejos de Estado y de Ministros, en el acto conmemorativo del Primero de Mayo, efectuado en la Plaza de la Revolucion “Jose Marti”, el 1º de Mayo de 1980, “año del segundo congreso”*. Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1980/esp/f010580e.html>. Data de acesso: 11 de fevereiro de 2013.

⁵⁰ ARENAS, Reinaldo. *Op. Cit.* – pg. 332.

político contra Castro e de sua vida literária ganhar novo status, a experiência traumática do desterro levava Arenas a concluir dolorosamente que “*Y nosotros cubanos, los que sufrimos por veinte años aquella persecución, aquel mundo terrible, somos personas que no podemos encontrar sosiego en ningún lugar*”⁵¹.

Após esta percepção do exílio incondicional em 1983, viria a contaminação por AIDS em 1985. A certeza de uma vida breve, de uma morte próxima, ao invés de abater Arenas, servira como novo estímulo para continuar sua atividade de escritor e de ativista político, usando seu ofício narrativo como uma espécie de terapia⁵². Mesmo já bastante debilitado pela doença, Arenas continuava trabalhando para terminar sua autobiografia e foi pivô da Carta Pública a Fidel Castro em dezembro de 1988 pedindo a convocação de um plebiscito, nos moldes daquele ocorrido no Chile de Pinochet, no qual o povo cubano teria total liberdade para escolher entre a continuidade da ditadura comunista ou pela instalação de um novo governo democrático. Em dezembro de 1990, consciente da morte certa, Arenas decide retirar sua própria vida. Seu suicídio foi sua fuga derradeira.

Este preâmbulo mais longo que o desejado apresenta um resumo, baseado numa linguagem descritiva de teor cronológico, que segue como linha condutora desta hipótese que se persegue, a de que: a vida que Reinaldo Arenas conta de si em primeira pessoa através de *Antes que anochezca* é pontuada pela fuga. Neste sentido, é inevitável a comparação entre este Reinaldo Arenas que é personagem de si mesmo e seu personagem literário Fr. Servando Teresa de Mier, da obra *El Mundo alucinante*, com a diferença significativa de que o Arenas esboçado na autobiografia intenta fazer com que sua trajetória de fugas adquira valor testemunhal enquanto o personagem do romance adquire valor histórico-literário. Portanto, este resumo, muito embora esteja conscientemente contaminado pela linguagem política do autor sem qualquer rigor de análise, confere uma orientação de leitura da obra pertinente para sustentar as assertivas vindouras.

A sobrevalorização da fuga interminável como sentido existencial é apenas um primeiro passo para aquilo que se quer afirmar. A função política que se oculta por detrás do termo é a de que este homem em fuga é um homem dotado de uma inquietude insaciável e, portanto, um rebelde incontido. Para Arenas, a única postura de engajamento político que cabe ao intelectual diante da realidade caótica latino-americana é a dissidência, pois a

⁵¹ ARENAS, Reinaldo. *Ibid.* – pg. 330.

⁵² RILEY, Nerea. *Reinaldo Arenas' autobiography "Antes que Anochezca" as confrontal 'Ars Moriend'*. *Willey on behalf of Society for Latin American Studies (SLAS), Bulletin of Latin American Research*, Vol. 18, N. 14, outubro de 1999. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3339203>. Acesso em: 06 de agosto de 2013.

responsabilidade crítica não pode ser posta em suspensão. O intelectual apologeta de regimes políticos, ao aceitar se prender aos grilhões de defesa do indefensável, torna-se um justificador da opressão. Para usarmos conceitos caros ao autor, poder-se-ia afirmar que a honestidade intelectual deve ser atingida numa permanente conduta rebelde, numa postura vigilante pautada pelo dever da crítica.

Em um dos capítulos da obra, intitulado *Mi generación*, aparece a reflexão de que enquanto os escritores que se alinham ao Castrismo apenas produziram obras literárias de valor estético lamentável após 1959, a exemplo de Alejo Carpentier, Nicolás Guillén, Cintio Vitier e Eliseo Diego, os escritores marginais produziram clássicos de inigualável ousadia para a literatura cubana durante as décadas de 1960 e 1970 justamente por não terem incorporado um discurso em exaltação a Fidel Castro em seus escritos, e aqui novamente os exemplos são Virgilio Piñera e José Lezama Lima. Se esta proximidade com o poder implica na ruína da criação artística, a inconformidade seria o elemento que instiga a beleza estética. Arenas busca conceber a própria história cubana como a passagem de um repetido confronto entre poderosos opressores e intelectuais amantes da liberdade:

Dos actitudes, dos personalidades, parecen siempre estar en contienda en nuestra historia: la de los incessantes rebeldes amantes de la libertad y, por tanto, de la creación y el experimento; y la de los oportunistas y demagogos, amantes siempre del poder y, por lo tanto, practicantes del dogma y del crimen y de las ambiciones más mezquinas. Esas actitudes se han repetido a lo largo del tiempo: el general Tacón contra Heredia, Martínez Campos contra José Martí, Fidel Castro contra Lezama Lima o Virgilio Piñera; siempre la misma retórica, siempre los mismos discursos, siempre el estruendo militar asfixiando el ritmo de la poesía o de la vida⁵³.

Há, portanto, uma escolha ética a ser feita pelo intelectual em relação a esta disputa maniqueísta entre forças antagônicas que se confrontam incansavelmente em Cuba, tendo Arenas usado sua autobiografia como um manifesto político a favor da rebeldia como arma contra qualquer dogmatismo oportunista. Neste capítulo, partimos da premissa de que a defesa desta postura intelectual rebelde é a ideia central que dá coesão ao engajamento político entrevisto na obra *Antes que anochezca*.

1.1 - Arenas em seu tempo

⁵³ ARENAS, Reinaldo. *Ibid.* – pg. 116.

Ainda que os primeiros esboços de *Antes que anochezca* tenham sido rascunhados por Arenas em 1974, seus escritos definitivos foram produzidos durante a década de 1980 até a morte do autor em 1990. Desta demarcação temporal depreendem-se algumas valiosas informações para se delinear o vetor da intencionalidade mais especificamente política desta autobiografia: Arenas representa a si mesmo em um momento de introjeção de sua própria condição marielita e a obra enquadra-se adequadamente à categoria de literatura do exílio. As cicatrizes do desterro em terras estadunidenses e do estigma pejorativo por este pertencimento à geração Mariel, na medida em que sejam considerados como dois elementos identitários essenciais deste Arenas autobiógrafo, servem como privilegiado ponto de partida para uma análise que pretende recobrar as tensões dialógicas entre as esferas textual-contextual e individual-coletiva constantes na obra. Dizendo de outro modo, partimos das duas pistas aventadas acima com o intuito de dissecarmos as circunstâncias de escrita para que a narrativa deste indivíduo revele-se como representativa de uma coletividade (os cubanos exilados da geração Mariel) e de um contexto (a década de 1980).

De acordo com Rickley Leandro Marques, a vida destes cubanos que partiram de Cuba pelo Porto Mariel rumo a Miami no ano de 1980 seria maculada por uma dupla estigmatização: para o governo revolucionário os marielitos seriam lumpens antissociais que, por seu individualismo patológico, foram incapazes de conviver em meio ao ambiente altruísta de justiça revolucionária construído pelo Castrismo; já para os exilados de Miami, estes novos migrantes eram caracterizados pela “ausência de valores sociais”⁵⁴, sendo que estes ricos e poderosos cubano-americanos buscaram se diferenciar destes “chicanos” pobres e marginais ao se nomearem como exilados políticos e aos seus indesejados compatriotas como meros deportados.

Se a permissão de saída pelo porto de Mariel pode ser encarada como um acerto estratégico do governo de Fidel Castro, de certo modo aliviado como a fuga de uma *escória* que se retiraria em meio a slogans como “¡Que se vayan todos los que no quieren trabajar!”, “¡Pim, pom, fuera, abajo la gusanera!”⁵⁵ bradados pelos apoiadores do regime em plena

⁵⁴ MARQUES, Rickley Leandro. *A Condição Mariel: memórias subterrâneas da experiência revolucionária cubana (1959-1990)*. 2009. Tese (Doutorado em História) – Universidade Nacional de Brasília – UnB, Brasília, 2009.

⁵⁵ CASTRO RUZ, Fidel. *Discurso pronunciado por el comandante en jefe Fidel Castro Ruz, primer secretario del comite del Partido Comunista de Cuba y Presidente de los consejos de Estado y de Ministros, en el acto conmemorativo del Primero de Mayo, efectuado en la Plaza de la Revolucion “Jose Marti”, el 1º de Mayo de 1980, “año del segundo congreso”*. Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1980/esp/f010580e.html>. Data de acesso: 11 de fevereiro de 2013.

praça pública de Havana, sua chegada a Miami provocaria o *medo de poluição*⁵⁶ dos prestigiados exilados locais, receosos de perderem seus privilégios e de serem equiparados a este bando de delinquentes e degenerados marielitos. Estas depreciações empurram os marielitos para uma posição de *outsiders*, tanto no exílio quanto em sua pátria natal. A impossibilidade de regresso a uma terra que lhes foi hostil não seria compensada por uma recepção hospitaleira. Os estigmas transportados nas balsas transformar-se-iam em inúmeras dificuldades de adaptação destes homens fora de lugar, que teriam que lidar com uma silenciosa rede de relações sociais estabelecida para lhes impedir o acesso aos melhores postos de trabalho, de educação e de moradia.

Arenas reconheceu-se nesta condição de *outsider* estigmatizado vivendo em um território tão hostil quanto a Cuba de Castro. Ao tratar da extasiante experiência que foi a participação na elaboração e direção da revista *Mariel* entre os anos de 1983 e 1985, o autor tece o seguinte comentário:

La revista no caía bien, excepto a un pequeño grupo de intelectuales liberales; lógicamente, no podía caer bien a la izquierda festiva de Estados Unidos y a los hipócritas de esa izquierda, ni a los comunistas, ni a los agentes cubanos dispersos por todo el mundo, especialmente, por Estados Unidos, ni tampoco podía caerle bien, desde luego, a las poetisas de Miami. Todas las gentes establecidas en este país nos miraban como seres extraños; pero la revista siguió publicándose durante unos años⁵⁷.

Tendo sido a revista *Mariel* um expoente do pensamento destes renegados, sua postura polemizante fora causadora de desconforto para uma diversidade de grupos sociais residentes nos Estados Unidos. Neste trecho, Arenas confere maior complexidade aos preconceitos sofridos pelos marielitos no exílio, pois além destes cubano-americanos, “*pueblo de vaqueros donde el caballo ha sido sustituido por el automóvil*”⁵⁸, personificados nesta passagem pelas poetisas de Miami, há ainda que se levar em conta o preconceito manifesto pela chamada esquerda estadunidense com suficiente poder de influência em editoras e universidades para boicotar a produção e reprodução das obras literárias e acadêmicas dos intelectuais marielitos. Devido aos constantes atritos com estes intelectuais apoiadores do Castrismo, Arenas afirma que os enclaves para a publicação e divulgação de

⁵⁶ ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

⁵⁷ ARENAS, Reinaldo. *Op. Cit.* – pg. 320.

⁵⁸ ARENAS, Reinaldo. *Ibid.* – pg. 313.

seus livros seriam muito maiores após sua chegada aos Estados Unidos do que quando estivera encarcerado em Cuba:

Pero esa actitud me ha costado muy cara; tanto desde el punto de vista económico como desde el de la difusión de mis libros; tal es así, que cuando salí de Cuba mis novelas eran textos de estudio en la Universidad de Nueva York y a medida que yo tomé una posición radical contra la dictadura castrista, la profesora de literatura Haydée Vitale Rivera fue suprimiendo mis libros de su curso hasta el punto de no dejar ninguno. Y así lo hizo también con todos los demás cubanos que se habían asilado. Al final, en el programa solo quedaban algunas novelas de Alejo Carpentier. Eso me ha pasado en muchas universidades de Estados Unidos y en el mundo entero; irónicamente, yo estando preso y confinado en Cuba, tenía más oportunidades editoriales porque, por lo menos, allí no me dejaban hablar y las editoriales extranjeras podían poner que yo era un escritor que residía en La Habana⁵⁹.

Deste modo, os marielitos passariam por enormes dificuldades para se estabilizarem financeiramente neste novo mundo. Enquanto uma parcela fora relegada aos piores postos de trabalho pela elite cubana estabelecida em Miami desde os primórdios da revolução de 1959, os intelectuais que, a exemplo de Arenas, mantiveram uma atitude combativa ao Castrismo e seus simpatizantes foram atirados no ostracismo. Em meio a esta estrutura social tão avessa, tendo em terras estrangeiras um *capital social*⁶⁰ esvaziado devido ao estigma, os marielitos tenderam a permanecer na penúria da carestia material e a se conformar como uma população de baixa renda no país mais rico do mundo. Portanto, entendemos que foi através de um dissimulado jogo para mantê-los na margem de fora das redes de relações institucionalizadas que estes exilados conheceram as silenciosas formas de dominação da sociedade capitalista, que pode prescindir da coerção política direta por ter encontrado outro modo, talvez mais refinado, de reproduzir as desigualdades sociais.

“A rotulação e a rejeição dos marielitos em Cuba danificaram a autoimagem deles”⁶¹. O alcance desta frase pode ser estendido substituindo o verbo e afirmando que o rótulo e a rejeição *condicionaram* a autoimagem destes *outsiders*. Para a maioria, esta marginalidade permanente redundaria em uma memória envergonhada, rebaixando-se perante um outro sabidamente mais poderoso. A partir de nossa leitura de *Antes que Anochezca*,

⁵⁹ ARENAS, Reinaldo. *Ibid.* – pg. 322.

⁶⁰ O conceito de capital social foi definido por Bourdieu como: “agregado dos recursos efetivos ou potenciais ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de conhecimento ou reconhecimento mútuo”, in BOURDIEU, Pierre. *Le capital social: notes provisoires*, Actes Rech. Sci. Soc., 31, pg. 2.

⁶¹ MARQUES, Rickely Leandro. *Op. Cit.* – pg. 172.

chegamos à conclusão de que Arenas destoa destas versões melancólicas e engendra uma narrativa carregada de acidez contra todos os seus detratores. Em Arenas, a vergonha se transmuta em um orgulho pujante que parece querer vingar em sua prosa todas as agruras desta geração desterrada, homens que resguardaram sua dignidade em meio às injustificáveis adversidades objetivas. A ira destilada por Arenas contra a alta cúpula do governo Castro encontraria mais um alvo certo: esta intelectualidade dita de esquerda.

Antes que anochezca é a resposta de Arenas a esta incômoda pecha de marielita que carregaria consigo até a morte; esta resposta, justamente por ser feita para publicação póstuma, seria o fantasma que Arenas criou de si como forma de continuar perturbando com palavras seus antagonistas mesmo depois do corpo haver tombado. Mais que isto, entendemos que a intenção desta autobiografia é a de veicular contrapontos radicais ao posicionamento político e à visão de mundo destes que são os culpados pela estigmatização/marginalização de sua geração, exaltando sua condição *outsider* como uma escolha ética perante estruturas repressivas e a má-fé de intelectuais que blindam seus olhares para fingirem não ver os crimes contra os direitos humanos cometidos na Cuba de Fidel e, assim, continuarem sendo bem aceitos em suas redes de sociabilidade. Arenas esclarece que “*Evidentemente, la guerra contra los comunistas, los hipócritas y los cobardes no había terminado porque yo hubiera salido de Cuba*”⁶². No exílio, “*descubría una fauna que en Cuba me era desconocida; la de los comunistas de lujo*”⁶³.

Em artigo publicado em 1968, o escritor cubano dissidente Guillermo Cabrera Infante cunhou o termo *turista do socialismo* em referência à forma como estes comunistas de luxo entravam em contato com a realidade cubana pós-revolucionária. Em suas viagens ao *doce janeiro no Caribe* para desfrutarem de um *verão de falacidade*, suas excursões a Varadero serviram tão somente para a construção de uma imagem deturpada de um país que nunca puderam (nem poderiam) conhecer profundamente⁶⁴. É contra estas versões que delineiam Cuba como o paraíso socialista dos trópicos que Arenas pretende se voltar, reivindicando a superioridade de sua verdade testemunhal em relação ao discurso daqueles que somente conseguiram enxergar em Cuba aquilo que lhes foi mostrado pelos representantes cicerones do governo revolucionário: “*yo digo mi verdad, lo mismo que un juicio que haya sufrido el*

⁶² ARENAS, Reinaldo. *Op. Cit.* – pg. 310.

⁶³ ARENAS, Reinaldo. *Ibid.* – pg. 310.

⁶⁴ CABRERA INFANTE, Guillermo. *Mea Cuba*. São Paulo: Companhia da Letras, 1996 – pg. 49.

racismo o un ruso que haya estado en un gulag, o cualquier ser humano que haya tenido ojos para ver las cosas tal como son; grito, luego, existo”⁶⁵.

Assim, Arenas elege seus adversários, aponta-lhes seu arsenal de artilharia verbal e intenciona fazer de sua autobiografia uma peça política que contradiga os eficientes e numerosos panegíricos ao socialismo cubano que existem também fora da ilha:

Pero no se pueden olvidar la inmensa propaganda y las conexiones internacionales del gobierno de Cuba, mantenidas durante más de treinta años; tienen sus casas culturales, sus librerías, sus casas editoriales, sus agencias publicitarias diseminadas por el mundo entero y, sobre todo, en occidente, que es donde les interesa operar⁶⁶.

Contra um inimigo articulado, engajado em instituições que ampliam a visibilidade de seu discurso, uma dissidência dispersa que, num sopro de existência solitário, pretende borrar a imagem de pureza do regime castrista.

A escolha do estilo autobiográfico como narrativa de memórias que comunica uma mensagem dissidente serve a um projeto de se (re)contar a história da Revolução Cubana e do Castrismo a contrapelo daquilo que fora feito tanto pelo discurso oficial do governo (versão esta moldada pelos discursos do próprio comandante en jefe) como pela intelectualidade de esquerda. *Antes que anochezca* foi escrita num contexto de profusão destas memórias dissidentes, redigidas, sobretudo, pelos integrantes da Geração Mariel:

A memória foi o campo de batalha em que o grupo decidiu enfrentar o estigma e os traumas proporcionados pela experiência vivenciada na ilha e no exílio. Na luta para reorganizar a memória subterrânea e transformá-la em uma memória coletiva e para combater tanto a memória oficial cubana como a da comunidade cubana de Miami, a Geração Mariel, passo a passo, também constrói uma nova identidade compartilhada pelo sentimento de experiências e expectativas comuns⁶⁷.

Mesmo que não haja uma atuação política de grupo planejada entre os marielitas, é possível falar em identidades entre estes. O recurso à narrativa de memórias, como se pode atestar do trecho acima, é um destes elementos que permitem afirmar a existência de características comuns entre os indivíduos desta geração.

⁶⁵ ARENAS, Reinaldo. *Op. Cit.* – pg. 322.

⁶⁶ ARENAS, Reinaldo. *Ibid.* – pg. 321.

⁶⁷ MARQUES, Rickley Leandro. *Op. Cit.* – pg. 189.

Antes de iniciarmos uma interpretação mais aprofundada da obra, cabem alguns apontamentos com o intuito de se apresentar um quadro parcial das estratégias discursivas formuladas em apoio a esta memória oficial do regime. É preciso compreender que a esquerda pró-Cuba foi construindo durante o processo revolucionário uma blindagem contra a crítica. Pois é esta blindagem que Arenas quer perfurar ao demonstrar que nem todo inimigo de Fidel Castro é um burguês mercenário desgostoso com a perda de propriedades e privilégios no arquipélago socialista. Portanto, descrever brevemente estas estratégias discursivas pró-Cuba é um modo de reconstituirmos o contexto linguístico em que se trava esta disputa pela memória.

Genericamente, a defesa do Castrismo segue algumas linhas argumentativas que podem ou não serem combinadas em um mesmo discurso. Em um primeiro modelo de argumentação, vê-se a ideia de que as conquistas trazidas pela revolução social e econômica foram fundamentais para a melhoria nas condições de vida do povo cubano mais pobre e humilde e, sendo assim, quaisquer equívocos cometidos pelo governo revolucionário devem ser relevados. Esta ideia de que os ganhos compensam as falhas por vezes parte para a acusação de que este sujeito crítico é um sujeito individualista de mentalidade burguesa que, ao não reconhecer a prioridade deste processo de igualação social, detrata o regime por meros caprichos pessoais em desconsideração ao interesse público. Em outro modelo argumentativo, a exaltação da beleza heroica do povo cubano em derrotar a ditadura batistiana e em enfrentar todas as agressões externas é usada a exaustão para ofuscar a crítica: falar da coragem poética do povo serve para desviar o olhar de uma realidade desencantada.

Cabe ainda retomar a repetida argumentação de que o culpado pelas intempéries enfrentadas na construção desta nova sociedade foi e é o imperialismo estadunidense, que usa de seu poderio político, militar e econômico na tentativa inócua de desestabilizar o governo revolucionário de Cuba. A atuação da CIA na invasão da Baía dos Porcos em 1961, o boicote econômico e a expulsão de Cuba da OEA em 1962⁶⁸ são os exemplos maiores da agressiva política externa estadunidense contra o pequeno arquipélago. Este último modelo de argumentação carrega consigo uma lógica maniqueísta que polariza a humanidade entre revolucionários e contrarrevolucionários, apoiadores do socialismo cubano ou do capitalismo estadunidense, e, aplicando esta lógica, o discurso em defesa do Castrismo frequentemente

⁶⁸ Pela riqueza de detalhes, um trabalho indicado para conhecer em maior profundidade estes dois episódios da história da Revolução Cubana seria: BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *De Martí a Fidel: A Revolução Cubana e a América Latina*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1998.

tem rotulado os autores de críticas ao regime como agentes da CIA e lacaios do governo estadunidense, numa estratégia que invalida a divergência e interdita o debate.

Para desvelar com maior rigor estas estratégias discursivas, três textos lapidares deste pensamento pró-Castrismo serão analisados: primeiramente, o discurso de Fidel Castro como conclusão da reunião com os intelectuais cubanos na Biblioteca Nacional em junho de 1961; o segundo texto é uma reportagem política da autoria de Gabriel García Márquez publicada em três partes no periódico colombiano *Alternativa* nos meses de agosto e setembro de 1975; por fim, um discurso de Julio Cortázar intitulado *Discurso en la constitución del jurado del Premio Literario Casa de las Américas 1980*.

O *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del gobierno revolucionario y secretario del PURSC, como conclusion de las reuniones con los intelectuales cubanos, efectuadas en la Biblioteca Nacional el 16, 23 y 30 de junio de 1961*⁶⁹ aparece mencionado em obras de vários autores dissidentes dado o contexto de sua ocorrência: esta reunião com os intelectuais aconteceu um mês após aquele que fora considerado o primeiro ato de censura do governo Castro: a censura do documentário *P.M.* em maio de 1961 pela comissão revisora do ICAIC e o fechamento do suplemento literário *Lunes de Revolución* em 06 de novembro de 1961⁷⁰. A tensão daí proveniente deu a tônica das discussões que circularam no encontro de junho de 1961 e foi em meio a este clima acalorado que Fidel Castro proferiu o discurso supracitado.

Nesta contenda, Fidel tomaria partido a favor do projeto de política cultural proposto por seus novos aliados comunistas contra alguns de seus antigos companheiros do MR-26/07 e falaria no encontro com o objetivo de delimitar até onde poderia ir a liberdade de criação artística. Em meio à sua arguição, seria cunhado um dos mais conhecidos slogans políticos da revolução cubana: “¿Cuáles son los derechos de los escritores y de los artistas, revolucionarios o no revolucionarios? Dentro de la Revolución, todo; contra la Revolución, ningún derecho”⁷¹. Castro discorre sobre as divergências entre os intelectuais e desloca a discussão da liberdade formal para a discussão acerca da liberdade de conteúdo da criação artística. Para ele, há um consenso sobre a liberdade estética, sendo que o ponto essencial da

⁶⁹ CASTRO RUZ, Fidel. *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del gobierno revolucionario y secretario del PURSC, como conclusion de las reuniones con los intelectuales cubanos, efectuadas en la Biblioteca Nacional el 16, 23 y 30 de junio de 1961*. Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f300661e.html>. Data de acesso: 12 de fevereiro de 2013.

⁷⁰ Para evitar repetições indevidas, deixamos uma explicação melhor detalhada sobre o episódio de censura a *P.M.* e o fechamento de *Lunes* no capítulo 2 desta dissertação, tópico 2.2.2 *Dissensos no governo revolucionário: as críticas de Marinello, Franqui e Mora*.

⁷¹ CASTRO RUZ, Fidel. *Op. Cit.*, 1961.

questão gira em torno das discordâncias quanto à liberdade de conteúdo na criação artística. O medo que teria abatido alguns intelectuais de que o regime cubano erguesse um aparato de censura à produção artística a partir do Caso *P.M.* seria fruto das incertezas destes homens desconfiados com o projeto revolucionário. Em contrapartida,

el revolucionario pone algo por encima de todas las demás cuestiones, el revolucionario pone algo por encima aun de su propio espíritu creador, es decir: pone la Revolución por encima de todo lo demás. Y el artista más revolucionario sería aquel que estuviera dispuesto a sacrificar hasta su propia vocación artística por la Revolución⁷²

e, completando esta linha de raciocínio, Castro define quais as prioridades do verdadeiro revolucionário:

Si a los revolucionarios nos preguntan qué es lo que más nos importa, nosotros diremos: el pueblo. Y siempre diremos: el pueblo. El pueblo en su sentido real, es decir, esa mayoría del pueblo que ha tenido que vivir en la explotación y en el olvido más cruel. Nuestra preocupación fundamental siempre serán las grandes mayorías del pueblo, es decir, las clases oprimidas y explotadas del pueblo. El prisma a través del cual nosotros lo miramos todo es ese: para nosotros será bueno lo que sea bueno para ellos; para nosotros será noble, será bello y será útil todo lo que sea noble, sea útil y sea bello para ellos.

Si no se piensa así, si no se piensa por el pueblo y para el pueblo, es decir, si no se piensa y no se actúa para esa gran masa explotada del pueblo, para esa gran masa a la que se desea redimir, entonces sencillamente no se tiene una actitud revolucionaria. Al menos ese es el cristal a través del cual nosotros analizamos lo bueno y lo útil y lo bello de cada acción⁷³.

Castro reconhece que os verdadeiros revolucionários ainda seriam uma minoria dentre a população cubana naquele princípio da década de 1960. Revolucionários são todos aqueles que, marcados por um altruísmo devoto, são capazes de entregar a própria vida pela pátria, pela justiça e pelo povo cubano. Numa aplicação da teoria marxista do materialismo histórico, Castro diria que, educados em uma sociedade estruturalmente capitalista, era de se esperar que os resquícios da mentalidade burguesa permanecessem em Cuba por ainda algum tempo. Contudo, enquanto as renovadas superestruturas não tivessem cumprido seu papel de sujeitar um homem novo plenamente revolucionário, o imperativo da vitória da Revolução obrigaria estes poucos convictos a assumirem seu dever ético de serem a vanguarda do

⁷² CASTRO RUZ, Fidel. *Op. Cit.*

⁷³ CASTRO RUZ, Fidel. *Op. Cit.*

socialismo cubano. Portanto, aos intelectuais não revolucionários restava a alternativa de se submeterem ao jugo do Estado quando este achar por bem vetar a veiculação de certas produções artísticas nocivas ao desenvolvimento revolucionário. A inferioridade ética daqueles que ainda estão maculados por um individualismo sedento pelo conforto material e que buscam se diferenciar socialmente ao produzirem obras herméticas é motivo para que estes aceitem ser guiados por aqueles que colocam sempre em primeiro lugar o bem público. O direito de que os agentes do Estado rejam a nação com algum grau de repressão justifica-se pela necessidade de fazer avançar o processo revolucionário; aqueles que cismam em apresentar seus valores classistas, por emperrarem o progresso, devem ser calados. Os direitos da Revolução, que são os direitos sociais do povo cubano, devem estar acima dos direitos individuais.

O artigo de García Márquez intitulado *Cuba de cabo a rabo*⁷⁴ tenta explicar detalhadamente o porquê de seu apoio entusiasmado à experiência revolucionária caribenha, tocando em vários aspectos da configuração do socialismo naquele país que já vinham sendo motivo de críticas por parte dos contrarrevolucionários. Ao mesmo passo em que justifica seu posicionamento político pró-Castrismo, busca convencer seus leitores da grandiosidade do feito daquele povo e responde às depreciações que vinham sendo emitidas contra o regime. O texto começa com uma afirmação taxativa: as conquistas sociais, das quais há que se destacar as conquistas na área da educação e da saúde públicas, eram conquistas de todo o povo. Sendo a desigualdade e a exclusão social problemas inerentes ao capitalismo, os cubanos conseguiram garantir plenamente o acesso de todos ao bem público através da construção de sua própria via ao socialismo. Ainda neste primeiro parágrafo do texto, García Márquez exalta os mecanismos de protesto e reclamação criados no processo revolucionário afirmando o caráter libertário daquele socialismo que se erguia sustentado no pilar do poder popular. A validade das opiniões e informações lançadas não se deve a uma especulação arbitrária, mas ao fato de o autor ter visitado o arquipélago numa viagem de observação rigorosa passando pelos cantos mais recônditos de Cuba:

Conheço a fundo esta realidade deslumbrante não porque me contaram, mas porque acabo de percorrer Cuba de cabo a rabo, numa viagem extensa e intensa durante a qual nada de interessante deixou de ser esquadrihado por mim. Durante seis semanas de jornadas sem fim cumpro um programa de viagem traçado por mim mesmo de acordo com minha curiosidade profissional, e não

⁷⁴ GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *Reportagens políticas: 1974-1995*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

apenas o cumpri com liberdade suficiente, mas com mais liberdade ainda do que seria necessária para conhecer a verdade⁷⁵.

Na sequência, García Márquez acrescenta que há algo ainda mais relevante do que este processo de igualação social, o elemento de maior grandiosidade e originalidade deste processo histórico: a criação de uma nova moral. Ao relatar a reação irada do motorista cubano que o guiou nesta sua incursão ao arquipélago com relação a “*um ato de negligência que transtornou o programa de viagem por dois dias*”⁷⁶, o escritor colombiano transcreve os dizeres deste homem do seguinte modo: “- *Isso tem que ser esclarecido até se encontrar o responsável – gritou. – Trabalhei na colheita durante quatorze anos não para ter estes sapatos e esta camisa, mas para que em Cuba não aconteçam coisas como esta*”⁷⁷. A indignação deste homem sugere que esta nova moral estaria calcada num forte sentimento de justiça e na percepção de que a fartura e o conforto materiais não poderiam ser prioridades no avanço revolucionário. Menos vale o sapato e a camisa do que o orgulho de ser o primeiro território livre da América e de ter conseguido garantir as condições básicas de sobrevivência a todo o povo. Porém, o esteio que possibilitou a construção desta nova sociedade foi a intensa participação popular nos rumos da história cubana, um povo atento e vigilante que massivamente lutou pela vitória desta revolução.

Sobre o embargo, García Márquez comenta que este foi uma tentativa de genocídio dos Estados Unidos para aniquilar o perigo revolucionário do mapa da América Latina. Mas o tiro sairia pela culatra. Quanto maiores eram os golpes do imperialismo, maiores eram as certezas deste nobre povo da necessidade de continuar caminhando autonomamente rumo a um futuro mais feliz. A resposta dos cubanos para a escassez foi a criatividade. Um exemplo disto foi a continuidade do programa de receitas de Nitza Villapol em pleno momento de racionamento de alimentos, circunstância em que somente se podia encontrar em abundância no país dois ingredientes: a ervilha e a pescada. Para driblar a monotonia gastronômica,

Nitza Villapol, uma mulher extraordinária que nunca interrompeu seu audacioso programa de receitas de cozinha pela televisão, aliviou o tédio da mesa cubana com mais de duzentas maneiras de se preparar a pescada para que parecesse frango ou vitela e inventou toda espécie de disfarces para a ervilha⁷⁸.

⁷⁵ GARCÍA MARQUEZ, Gabriel. *Ibid.* – pg. 61 e 62.

⁷⁶ GARCÍA MARQUEZ, Gabriel. *Ibid.* – pg. 63. Transcrição adaptada. García Márquez não esclarece quais foram os mencionados transtornos de viagem nem qual seria o ato de negligência causador destes problemas.

⁷⁷ GARCÍA MARQUEZ, Gabriel. *Ibid.* – pg. 63.

⁷⁸ GARCÍA MARQUEZ, Gabriel. *Ibid.* – pg. 67.

Outro aspecto relevante na argumentação de García Márquez se dá na defesa da instituição dos chamados CDRs (Comités de Defensa de la Revolución)⁷⁹. Criados em 1960 em meio à elevação do grau de tensão entre os governos de Cuba e dos Estados Unidos, sua função original deveria ser a defesa da Revolução contra o inimigo interno. Através destes, Cuba teria demonstrado ao mundo o apoio quase unânime do povo ao governo revolucionário e também a impressionante capacidade de mobilização social destes novos líderes da nação. Algo em torno de 80% da população adulta em Cuba pertenciam aos CDRs em meados da década de 1970 e a eficiência desta organização para o sucesso da Revolução seria comprovada pela sua atuação decisiva nos combates da Playa Girón em 1961 na contenção dos invasores contrarrevolucionários. García Márquez não deixa de comentar a respeito dos excessos cometidos pelos comitês, como se pode ler na seguinte passagem:

Viu-se desde logo que um organismo como aquele, constituído espontaneamente sob a pressão urgente da necessidade, não podia estar a salvo de equívocos e excessos. Muitos membros dos CDRs demasiadamente zelosos excederam suas atribuições e ultrapassaram os limites de vida privada. Mas o tempo e a maturidade do processo puseram as coisas em seu lugar, e a própria dinâmica da revolução foi dando aos CDRs sua forma e função precisas⁸⁰.

Portanto, mesmo que tenham havido intromissões indevidas dos CDRs na vida privada dos cidadãos, isto ocorrera pelo forte anseio popular em manter uma fiscalização preventiva contra conspirações desta oposição inescrupulosa que se utilizava de métodos terroristas para tentar derrubar o poder popular. Com o refinamento desta sociedade que se inventava por um impulso libertário, os abusos desapareceriam e violações de privacidade não constariam mais nem mesmo entre as práticas de exceção dos CDRs.

Ao final do artigo, García Márquez retoma esta ideia de que, sendo um processo histórico, a trajetória de construção do socialismo cubano rumo ao comunismo estaria, inevitavelmente, marcada por equívocos pontuais e por aspectos repressivos característicos da etapa da ditadura do proletariado. O autor projetava para um futuro próximo duas outras importantes conquistas: a solidificação de uma democracia verdadeiramente representativa, com eleições livres e liberdade de expressão, e a chegada de Cuba ao posto de primeira nação

⁷⁹ Esta discussão sobre os CDRs é de suma importância para a análise do pensamento político de Arenas, já que este consideraria estas instituições um ícone do caráter repressivo do Estado cubano.

⁸⁰ GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *Op. Cit.* – pg. 71.

desenvolvida da América Latina. Para se atingir esta democracia real, as homologações extraídas do Primeiro Congresso do Partido Comunista a ocorrer em dezembro daquele ano de 1975 deveriam contribuir definitivamente para efetivação do poder popular à frente do Estado; já a figuração de Cuba no rol destas nações desenvolvidas, em condições de garantir luxo para todos seus cidadãos, deveria se confirmar no ano de 1980. É notório, portanto, que para García Márquez a história da Revolução Cubana se estenderia a semelhança do estilo melodramático desde um ponto de enorme sacrifício superado pela grandeza de um povo em direção a um final perfeito⁸¹.

O *Discurso en la constitución del jurado del Premio Literario Casa de las Américas 1980* proferido em Cuba por Julio Cortázar é dedicado na maior parte do tempo a enaltecer o trabalho da *Casa de las Américas* como instituição de fomento e promoção à arte de um modo geral e à arte cubana de um modo mais específico. Contudo, em seus dois últimos parágrafos, Cortázar lança sua resposta contundente à dissidência.

Para o escritor argentino, há no discurso dissidente uma lamentável ocultação de todos os avanços coletivos da Revolução, silenciamento usado para tornar mais convincente ao grande público um ataque contra o regime cubano que se vale de um “*criterio elitista que nada tiene que ver con las altisonantes profesiones de fe democrática que se escuchan de los mismos labios*”⁸². Referindo-se a esta oposição como sendo composta exclusivamente por “*un individuo aislado, jamás un sector multitudinario como el de los obreros o los campesinos o los pescadores*”⁸³, Cortázar pretendia rechaçar a postura de ruptura completa com o Castrismo a não ser por parte de homens assumidamente anticomunistas. Àqueles que se dizem defensores da superação das contradições do capitalismo através da extinção de um sistema econômico erguido na exploração de uns poucos sobre outros muitos restaria apenas a crítica construtiva e o fogo amigo para aparar as arestas desta sociedade em marcha. O não reconhecimento da valentia deste governo que ousava enfrentar poderosos inimigos para retirar o povo de uma condição de alienação e servidão seria a manifestação brutal de uma ignorância que sobrevaloriza o destino de alguns indivíduos em detrimento do destino de toda uma nação. Nesta resposta a uma oposição que tenta se diferenciar dos anticomunistas de

⁸¹ Esta reportagem política de García Márquez foi analisada também em COSTA, Adriane Vidal. *Intelectuais, política e literatura na América Latina: o debate sobre revolução e socialismo em Cortázar, García Márquez e Vargas Llosa (1958-2005)*. Tese (Doutorado em História e Culturas Políticas). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

⁸² CORTÁZAR, Julio. *Discurso en la constitución del jurado del Premio Literario Casa de las Américas 1980* in CORTÁZAR, Julio. *Obra crítica/3*. Madrid: Santillana, 1994 – pg. 221.

⁸³ CORTÁZAR, Julio. *Ibid.* – pg. 221.

Miami, Cortázar tenciona mostrar como os ataques de todos os militantes anti-Castrismo estariam igualmente baseados em valores mesquinhos.

Este castelo de ideias que vão se conectando durante as décadas de 1960 e 1970 estaria firmemente amuralhado no contexto em que Arenas escrevera suas memórias. Em inúmeras passagens, é possível estabelecer uma relação direta entre o que se lê na autobiografia e o discurso de seus antagonistas. Apesar de reconhecer que as pedras atiradas contra as paredes do palácio seriam impotentes para derrubá-lo, Arenas decide arranhar as estruturas pensantes pró-Castrismo num entrelace de ataques e contra-ataques que reivindica o direito de existir desta dissidência outsider.

1.2 - A formação de literato

Ao analisar a obra literária de Reinaldo Arenas, o acadêmico e crítico literário Donald Leslie Shaw afirma que “*Lo que identifica a Arenas como escritor cercano al Boom es el no aceptar ninguna distinción absoluta entre la imaginación y la realidad*”⁸⁴. Esta indiferenciação entre o vivido e o sonhado aponta para uma aproximação entre a obra literária e a obra autobiográfica de Arenas. Com isto não se pretende dizer que o autor tivesse como objetivo fazer de *Antes que Anochezca* uma peça ficcional redigida por uma mente insana. Pelo que até aqui se tem dito, o caráter testemunhal desta obra de memória é o lastro apresentado para torná-la mais confiável aos olhos do leitor. A indiferenciação, portanto, se dá num nível onde a literatura se presta a relatar de um modo turvo as experiências do autor num tom autoficcional enquanto sua autobiografia não deixa de abordar devaneios e peripécias inverossímeis. O próprio Arenas, ao analisar seu projeto literário em 1987, responderia em entrevista: “*A mi en el mundo de la narrativa me interesan básicamente dos cosas. Una es la exploración de mi vida personal, mis experiencias, mis sufrimientos, mis propias tragedias. La otra es el mundo histórico*”⁸⁵.

Sua vida pessoal e o mundo histórico são, também, os dois principais interesses de Arenas ao autobiografar-se, ou seja, contar-se a si mesmo sem perder de vista suas impressões subjetivas de todo o processo histórico vivenciado em sua própria pele são os dois elementos que abastecem *Antes que Anochezca*. Como ato final de uma identidade narrativa

⁸⁴ SHAW, Donald Leslie. *Nueva narrativa hispanoamericana: Boom, Posboom, Posmodernismo*. Madrid: Ediciones Cátedra, 2008 – pg. 214.

⁸⁵ SOTO, Francisco. *Reinaldo Arenas: the Pentagonia*. Gainesville: Universidad de Florida, 1994 *apud* SHAW, Donald Leslie. *Ibid.* – pg. 215.

que se fez ao longo de quase três décadas, a autobiografia também pode ser lida como o produto de uma reflexão sobre o ofício de escritor e sobre os efeitos impactantes da palavra. Alguns elementos estilísticos do literato, tais como a percepção de uma realidade paradoxal que necessita da imaginação para ser aliviada e a incorporação do grotesco para mitigar e humanizar “*la tragedia eterna del fracaso de los ideales*”⁸⁶ estão explicitamente presentes no estilo do autobiógrafo. Por conta desta hibridização entre os gêneros textuais, o restabelecimento dos pontos de interpenetração entre estas esferas narrativas não deixa de ser uma perspectiva favorável à absorção das impressões de Arenas sobre a realidade.

Curiosamente, a pessoa citada por Arenas como primeira inspiração para a inserção do fantástico em suas criações fora sua avó, uma mulher analfabeta. Esta avó aparece no relato de sua infância como figura central, não apenas por ser a base de sustentação da vida familiar, a pessoa que atraía e, assim, unia os demais entes da casa, mas sobretudo por sua sabedoria iletrada. Arenas considera-a a grande mestra responsável por lapidar seu senso criativo, aquela que, na ausência de uma orientação literária formal, lhe faria despertar a apreciação pelo mágico:

¿Cuál fue la influencia literaria que tuve yo en mi infancia? Ningún libro, ninguna enseñanza, si se exceptúan las tertulias llamadas “El Beso a la Patria”. Desde el punto de vista del misterio, que es imprescindible para toda formación, mi infancia fue el momento más literario de toda mi vida. Y eso, se lo debo en gran medida a ese personaje mítico que fue mi abuela, quien interrumpía sus labores domésticas y tiraba el mazo de leña en el monte para ponerse a conversar con Dios⁸⁷.

Esta avó que falava com Deus era a mesma mulher que adivinhava o tempo meteorológico e o futuro a partir da observação estelar; conhecia ervas e poções para todos os tipos de doença; que reunia a família à noite para relatar histórias de fantasmas e de criaturas misteriosas; era, portanto, uma mulher em contato com um universo invisível, uma analfabeta que dominava com maestria os saberes acumulados no mundo camponês. Ela também era a mais afetuosa no trato com este Arenas ainda criança. Suportou a duras penas um marido bêbado, infiel e agressivo, além de catorze gestações bem sucedidas, sofrimentos estes que lhe serviram para o fortalecimento pessoal.

Interessante a observação de Arenas que o mundo da avó era mais complexo que o do avô justamente por ela ser impregnada por todo tipo de credences enquanto ele se afirmava

⁸⁶ SHAW, Donald Leslie. *Ibid.* – pg. 213.

⁸⁷ ARENAS, Reinaldo. *Op. Cit.* – pg. 45.

ateu. A avó fora inspiradora na medida em que expandiu as possibilidades de criação artística de Arenas para além do palpável, para um universo mágico inverificável. Esta descrição da avó, além de extravazamento da memória afetiva, circunscreve o papel fulcral que o maravilhoso adquire para a concepção de identidade americana sugerida implicitamente em toda sua obra, inclusive em *Antes que Anochezca*: a herança colonial do continente numa relação antitética com uma Europa revolucionária/ contrarrevolucionária sintetizar-se-ia numa América Hispânica pseudorrevolucionária⁸⁸.

Esta dialética revela que não pode haver relação de equivalência entre estas civilizações, mas afirma a oposição entre uma Europa com prevalência de uma mentalidade racional a uma América onde prevalece uma mentalidade mitológica. Portanto, inserir na narrativa estes elementos inalcançáveis aos sentidos corrobora a tese de que haveria uma identidade genuinamente americana sustentada nestas credices populares anticientíficas e, justamente por isso, alargadoras do senso de realidade. Este modo de explorar o universo fantástico não é uma proposta de descolamento entre o narrado e o vivido, entre o escrito e a experiência, mas a formatação de um estilo mais afeito às estruturas mentais desta cultura em transe. O mito é o modo americano de narrar sua realidade caótica. Indo ao encontro destas afirmações, Carpentier, em prólogo à primeira edição de sua obra clássica *El reino de este mundo*, afirmaria que

lo maravilloso comienza a serlo de manera inequívoca cuando surge de una inesperada alteración de la realidad (el milagro), de una revelación privilegiada de la realidad, de una iluminación inhabitual o singularmente favorecedora de las inadvertidas riquezas de la realidad, de una ampliación de las escalas y categorías de la realidad, percibidas con particular intensidad en virtud de una exaltación del espíritu que lo conduce a un modo de “estado límite”. Para empezar, la sensación de lo maravilloso presupone una fe. Los que no creen en santos, ni los que no son Quijotes pueden meterse, em cuerpo, alma y bienes, en el mundo de Amadís de Gaula o Tirante El Blanco⁸⁹.

Muito embora Arenas nutrisse uma antipatia pessoal por Carpentier (vale lembrar que Carpentier foi um dos responsáveis pelo impedimento das premiações de Arenas nos concursos da UNEAC), o autor dissidente reconhece seu débito em relação às obras do comunista franco-caribenho pré-revolução de 1959, dentre as quais constam *El siglo de las luces* e o citado *El reino de este mundo*. Não há falta de rigor nesta associação entre literatos

⁸⁸ SHAW, Donald Leslie. *Op. Cit.* – pg. 212.

⁸⁹ CARPENTIER, Alejo. *El reino de este mundo*. Madrid: Alianza Editorial, 2010 – pg. 10.

com posicionamentos tão avessos no que se refere ao apoio ou rechaço ao Castrismo, pois ambos compartilhavam de uma visão próxima quanto ao papel simbólico do maravilhoso como elemento identitário da América Hispânica. Neste sentido, a avó de Arenas é a personificação do que há de mais original em Cuba e deve ser interpretada como uma espécie de correia transmissora de uma tradição que confere coesão à percepção coletiva que os cubanos tem de si: um povo que vive em um mundo alucinante onde a leitmotiv de sua história seriam o milagre e o absurdo.

Concomitante à influência da avó, Arenas pontua também a inspiração que lhe traz a recordação deste cenário idílico de campos abertos de uma infância vivida no meio de uma natureza selvagem. Este lugar do passado somente possível de se resgatar através da memória pessoal (“*ese campo ya desaparecido y que sólo queda en estas memorias*”⁹⁰) fora explorado pelo menino Arenas com uma liberdade despreocupada e solitária para se transmutar em seu reino da imaginação. A reconstituição de imagens, técnica estilística característica de Arenas e usada tanto em sua autobiografia como em suas demais obras literárias, cumpre, assim, a função de recuperar um passado inexistente como forma de se encantar a realidade sombria. A eleição da imagem como elemento fundamental da escrita mostra os rastros lezamianos que tingem a narrativa de Arenas, filiação esta requisitada pelo autobiógrafo ao pronunciar sua admiração pelo mestre:

Lezama era esa persona que tenía el extraño privilegio de irradiar una vitalidad creadora; luego de conversar con él, uno regresaba a casa y se sentaba ante la máquina de escribir, porque era imposible escuchar a aquel hombre y no inspirarse⁹¹.

Escuchar, pero también leer aquel hombre. Arenas assumia ter em Lezama Lima um dos principais guias estéticos de suas obras. Colocando-se na condição de aprendiz, o autobiógrafo compõe uma leitura bastante subjetiva dos textos de seu poeta-sacerdote, encontrando na narrativa hermética e neobarroca deste uma sub-reptícia mensagem anti-Castrismo. Para Arenas, a ideia lezamiana da imagem como beleza, teorizada de modo exemplar na conferência de 1969, intitulada *Confluências*, carrega consigo uma vitalidade desafiadora à ditadura cubana:

Era la ratificación de la labor creadora, del amor a la palabra, de la lucha por la imagen completa contra todos los que se oponían a

⁹⁰ ARENAS, Reinaldo. *Op. Cit.* – pg. 44.

⁹¹ ARENAS, Reinaldo. *Ibid.* – pg. 109.

ella. La belleza es en sí misma peligrosa, conflictiva, para toda dictadura, porque implica un ámbito que va más allá de los territorios en que esa dictadura somete a los seres humanos; es un territorio que se escapa al control de la policía política y donde, por tanto, no pueden reinar⁹².

Esta filiação literária requisitada por Arenas em devoção a Lezama sugere que a noção de autoria literária como criação de imagens de belezas incontroláveis e desafiadoras apresentada pelo predecessor reaparece como nova roupagem na escrita memorialística de seu seguidor. Foi exatamente no discurso de *Confluências* que se elaborou com maior precisão esta noção, como se pode atestar na citação abaixo:

O que é a sobrenatureza? A penetração da imagem na natureza engendra a sobrenatureza. Nessa dimensão não me canso de repetir a frase de Pascal que foi para mim uma revelação, “como a verdadeira natureza se perdeu, tudo pode ser natureza”, a terrível força afirmativa dessa frase me decidiu a colocar a imagem no lugar da natureza perdida, dessa maneira frente ao determinismo da natureza, o homem responde com total arbítrio da imagem. E frente ao pessimismo da natureza perdida, a invencível alegria no homem da imagem reconstruída⁹³.

Esta concepção de sobrenatureza como o produto derivado da fusão entre imagem e natureza projeta uma literatura que não se perde nos ditames do imediata e sensivelmente observável, mas que se autodetermina por um não referenciado universo imagético que recobra a alegria humana pela beleza estética. O direito à autonomia e ao delírio onírico, o direito de fazer da literatura uma pintura verbal, não significa alienação para Lezama. Pelo contrário, o ofício do literato somente cumpre com sua função social quando fornece imagens instigadoras perante o pessimismo alastrado.

Em *Antes que Anochezca*, a natureza revitalizada aparece como pano de fundo para a descrição de imagens metafóricas em um quadro em que se apagam as fronteiras entre a conotação lírica e a conotação política constantes na obra. As imagens, para serem impressas em nossa memória, requerem uma perspectiva de observação. O predileto ponto de contemplação do real para o menino Arenas seria a cúpula das árvores que rodeavam sua infância. Dali, pôde perceber uma tal harmonia da realidade impossível de se ver senão daquela perspectiva panorâmica:

⁹² ARENAS, Reinaldo. *Ibid.* – pg. 113.

⁹³ LEZAMA LIMA, José. *Confluências in LEZAMA LIMA, José. A dignidade da poesia.* São Paulo: Editora Ática, 1996 – pg. 260.

Andaba por los árboles; las cosas parecían desde allí mucho más bellas y la realidad se abarcaba de una manera total; se percibía una armonía que era imposible disfrutar cuando se estaba Allá abajo, entre la algazara de mis tías, las maldiciones de mi abuelo o el carcareo de las gallinas...⁹⁴

Contudo, a possibilidade de se enxergar a harmonia do real perdera-se pelo poder aniquilador das ditaduras. Fidel Castro derrubaria toda *la arboleda* para levar ao chão o menino que, surpreendentemente, sobrevive ao ser recriado em um processo no qual a materialidade desnaturalizada cede espaço às imagens sobrenaturais.

Este desmatamento das belezas levado a cabo pelo machado castrista remete à história contada na primeira novela de Arenas, chamada *Celestino antes del Alba*⁹⁵. Na trama central do enredo, este companheiro imaginário criado pelo narrador com o nome de Celestino é tomado pela compulsão de escrever poesias nos troncos das árvores de toda a região onde viviam. Celestino e seu primo narrador seriam duas crianças que, maltratadas por sua família, metem-se intencional ou despropositadamente em peripécias para fugir ao trabalho e às surras frequentes. As poesias de Celestino seriam as maiores afrontas à sisudez e hostilidade dos adultos da família. A castração a esta vazão de fantasias infantis fora realizada pelo avô que, com a mesma obstinação de Celestino, dedica-se incansavelmente a cortar todas as árvores onde aparecem gravadas aquelas garatujas sentimentais deste neto excêntrico. “*La manía de Celestino de escribir poesías interminables en la corteza de los árboles simboliza la batalla de la imaginación contra la dura realidad*”⁹⁶. Fidel Castro como o avô, Arenas como Celestino; *Antes que Anochezca* não deixa de se inscrever como mais um capítulo desta luta entre a imaginação e a dura realidade. Dada a inexistência das árvores plantadas, restaria a Arenas a possibilidade de se observar e de se escrever a partir do exílio, onde a recordação torna-se alento.

Outras passagens que reforçam esta ideia da natureza infantil como combustível da imaginação são aquelas em que o campo se revela enquanto lugar carregado de rituais espetaculares, entre eles o Natal (momento de pujança gastronômica), a colheita do milho (momento de fortalecimento dos laços comunitários da região onde viviam), o temporal e a neblina (fenômenos naturais que encantam justamente pela força descomunal de elementos indomáveis). De acordo com Arenas, *los aguaceros* teriam sido dos mais extraordinários acontecimentos de sua infância e, muito embora todo aquele alvoroço sonoro e visual

⁹⁴ ARENAS, Reinaldo. *Op. Cit.* – pg. 22.

⁹⁵ ARENAS, Reinaldo. *Celestino antes del Alba*. Buenos Aires: Editorial Brújula, 1968.

⁹⁶ SHAW, Donald Leslie. *Op. Cit.* – pg. 211,

proveniente dos raios e relâmpagos que anunciavam a ira cósmica comumente fosse aterradorizante para uma criança, o autor rememora o êxtase que já lhe tomava por inteiro o presságio da tempestade tropical. Quando finalmente o céu parecia desmanchar-se em água, Arenas ativava sua excêntrica mania de se atirar na forte chuva com um desejo, sempre inconcluso, de se fundir com todo aquele aguaceiro, fundir-se tal qual a água da chuva que se misturava e se engrandecia com a água que corria dos rios.

Yo no sabía bien entonces hasta dónde iba aquel río, hasta dónde llegaría aquella carrera frenética, pero algo me decía que yo tenía que irme también con aquel estruendo, que yo tenía lanzarme también a aquellas aguas y perderme; que solamente en medio de aquel torrente, partiendo siempre, iba a encontrar un poco de paz⁹⁷.

Em *Celestino antes del Alba* a tempestade também aparece descrita como momento festivo da natureza: “*¡Qué clara y fría se pone el agua después del aguacero! ¡Y cuantos pájaros! ¡Y cuántos pájaros! Pillando y cantando tanto que para que Celestino me oiga yo tengo que hablarle a gritos...*”⁹⁸. A orquestração da tempestade em todo seu esplendor compõe uma epifania que transporta este sujeito a um estágio catártico de plena paz interior. A fusão ou imersão na água em seu torrencial e contínuo movimento é a única forma de se conseguir abstrair todo o turbilhão de problemas reais para se deixar tomar de todo pela introspecção que regenera, revigora e reumaniza. Se na infância esta catarse se dera na conexão com a água da tempestade, o jovem adulto Arenas da década de 1960 descobriria nas águas do mar o seu refúgio:

Era maravilloso sumergirse y ver allá abajo el fondo marino; aquel espectáculo resulta insuperable por más que haya viajado y conocido otros sitios, sin duda, muy interesantes. Aquel fondo coralino, rocoso, blanco, dorado, único, que bordea la plataforma insular de Cuba. Yo emergía reluciente, lleno de vitalidad, hacia aquel sol brillante que se reflejaba inmenso en el agua⁹⁹.

Assim, seja na tempestade ou no mar, ao se confundir com a água, Arenas atinge um sobrenatural estágio que faz brotar poesia através de uma submersão para dentro de si; é este mergulho que desvela o substrato de pureza intocadas e intocáveis pelas mãos do regime repressor.

⁹⁷ ARENAS, Reinaldo. *Op. Cit.*, 1995 – pg. 36.

⁹⁸ ARENAS, Reinaldo. *Op. Cit.*, 1968 – pg. 62.

⁹⁹ ARENAS, Reinaldo. *Op. Cit.*, 1995 – pgs. 135 e 136.

Outro importante mentor intelectual de Arenas fora o escritor Virgilio Piñera. Além dos agradecimentos que lhe foram rendidos no prefácio de *El mundo alucinante* e na introdução de *Antes que Anochezca*, o professor e amigo Piñera aparece sempre associado à ideia de honestidade intelectual, conceito a ser explorado em maior profundidade em um dos tópicos posteriores deste capítulo. De Piñera, Arenas herdara uma sedução pelo diferente, “[...] *lo chocante, prefiere la acción a la ciega adoración*”¹⁰⁰, bem como a incorporação “*de la poética del absurdo, inserta en la escena cubana un nuevo tipo de exageración grotesca* [...]”¹⁰¹. Este caráter grotesco aparece em maior relevo ao se observar a construção dos personagens em Arenas, descritos mais pelos seus traços picarescos do que por suas feições de serenidade. A escolha pela sobrelevação do marginal, excêntrico e absurdo confronta a narrativa realista, desprovida de humor na visão de Arenas, além de confrontar a moral cubana e de revelar um submundo havanês oculto no discurso oficial do regime.

Dentre os personagens literários de Arenas, provavelmente Borunda tenha sido o que melhor exemplifica o uso desta exageração grotesca como peça estilística. Apesar de toda a repugnância que a imagem fétida deste homem que vive numa caverna rodeado de morcegos pode causar, foi ele o responsável pela elaboração da teoria herética sobre a aparição americana da Nossa Senhora de Guadalupe, explicação esta que seria a causa da excomunhão e perseguição ao protagonista Frei Servando. Portanto, Borunda simboliza um grotesco que deve ser levado a sério, pois diz uma verdade antidogmática que não quer ser ouvida pelos detentores do poder político e religioso¹⁰².

Em *Antes que Anochezca*, este tom grotesco/ picaresco aparece com maior explicitude no capítulo intitulado *Hotel Montesserate*. Como já comentado previamente, este fora o local de residência de Arenas entre os anos de 1976 e 1980, iniciado após a traumática experiência do cárcere e antes do êxodo de Mariel. Ali, o autor convivera com uma longa lista destas personagens marginais: o casal de lésbicas Bebita e sua amiga, que viviam travando brigas espetaculares por ciúmes; Blanca Nieves y los siete enanitos, irmãos anões que trabalhavam no mercado negro e no mercado do jogo; Mahoma, “*que era una loca de unos sesenta años que pesaba unas trescientas libras*”¹⁰³ era frequentemente espancado pela fúria de seus amantes e vivia junto com *la madre* de 90 anos; na casa de Teresa, um triângulo amoroso

¹⁰⁰ LEYVA, David. *Prólogo in PIÑERA, Virgilio. Órbita de Virgilio Piñera*. Ciudad de La Habana: Ediciones Unión, 2011 – pg. 13.

¹⁰¹ LEYVA, David. *Ibid.* – pg. 13.

¹⁰² ARENAS, Reinaldo. *O mundo alucinante*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000 – referência ao Capítulo V, intitulado *Do conhecimento de Burunda*, pg. 55 a 63.

¹⁰³ ARENAS, Reinaldo. *Op. Cit.*, 1995 – pg. 264.

entre a proprietária, seu marido e sua *hermana*, de onde também saíam brigas histriônicas; Coco Salá, delator da Segurança do Estado, residia no quarto de uma prostituta francesa que fazia escândalos por não receber pelos serviços prestados e que voltou para a terra natal na miséria deixando o quarto para o hóspede; “*En el mismo piso de Coco vivía Marta Carriles com su familia y una esclava, La Gallega*”¹⁰⁴, Marta era comerciante clandestina de mercadorias trazidas por seu marido caminhoneiro após suas viagens pelo interior além de também ser mãe de santo; Alderete era um travesti de uns 60 anos que possuía uma incrível e multicolorida coleção de perucas; Lázaro, o filho mais velho de Marta Carriles, carregava sequelas mentais por ter sido internado em um dos mais terríveis manicômios cubanos a pedido dos próprios pais para que houvesse uma boca a menos para ser alimentada em casa; Clara Romero era uma talentosa pintora que caíra em desgraça após a prisão de seu marido dissidente e fizera da prostituição sua fonte de sustento até o dia em que suas tetas caíram, mas, por sorte do destino, logo encontraram a passagem ao Convento de Santa Clara e a ex-pintora e ex-prostituta passaria a viver também do mercado clandestino; Bruno García Leiva, que se disfarçava de médico para roubar atestados, carimbos e receitas do hospital que depois eram vendidas para quem quisesse folgar em alguns dias de trabalho e vendidas para os alcoólatras que pretendiam comprar álcool nas farmácias; e Samuel Echerre, um seminarista homossexual residente na catedral episcopal de Matanzas que se dizia dissidente e que tentara, fracassadamente, fugir de Cuba em uma lancha motorizada. Há ainda que se ressaltar a autodescrição que Arenas faz de si neste capítulo. Ali, o autobiógrafo representa-se como um sujeito dotado de aguçado senso de humor, autor de inúmeros jogos de trapaça usados para se vingar de detratores como os ex-amigos Coco Salá e Hiram Pratt.

Inferimos que a inserção do deboche na narrativa contribui para contrastar o discurso oficial do regime, incapaz de compreender ou de introduzir o cômico nas representações da sociedade cubana. As intrigas prosaicas vociferadas na gritaria histriônica, as atividades clandestinas e os patéticos jogos de trapaças eram os subprodutos desta luta diária do povo cubano ante a pobreza espiritual e material relegada pelo Castrismo, o *modus operandi* do cotidiano popular diante das vicissitudes trazidas pela Revolução. Prostitutas, travestis, ladrões, comerciantes clandestinos, cafetões e loucos eram os personagens que compunham a realidade cubana da década de 1970 apesar de não aparecerem, ou de aparecerem apenas como uma excepcionalidade, nos relatos dos apologetas do regime castrista.

¹⁰⁴ ARENAS, Reinaldo. *Ibid.* – pg. 268.

A configuração estilística da narrativa de *Antes que Anochezca* deve tributo às influências variadas recebidas do contato direto com pessoas, lugares ou livros e que foram digeridas subjetivamente pelo autobiógrafo. Da avó, incorporou o gosto pelo fantástico resgatando o rescaldo da tradição camponesa na identidade cubana; de Lezama Lima, traduziu o universo imagético em uma síntese alentadora; de Piñera, herdou o gosto pela descrição de uma marginalidade picaresca que reconta com ares de heresia o cotidiano mais profundo do submundo havanês. No entanto, o que queremos frisar é que esta forma de narrar diz muito sobre o engajamento dissidente de Arenas. Assim como diz a escritora argentina Luisa Valenzuela em seu conto *Transparencia*, o cerne de todo aparato de censura está em sua restringente interpretação denotativa dos signos: “*Nada de lo que sea dicho tendrá otro valor que el resplandeciente valor denotativo. Todo lenguaje será por demás transparente. Haremos de la transparencia nuestro culto. Habrá para los artistas campos especiales de rehabilitación*”¹⁰⁵. A incapacidade do governo autoritário em entender, aceitar e permitir a circulação do sobrenatural, do imagético e do mágico/ maravilhoso acabara se tornando uma tentativa de triturar o que há de mais autêntico na cubanidade. Portanto, este anti-estilo é já uma confrontação ao discurso que se erigira a favor do Castrismo; são já algumas das pedras que intencionam arranhar as paredes do palácio do discurso oficial do regime.

1.3 - A liberdade sexual contra a ditadura ou Sobre como a homossexualidade teria incomodado o regime

Um dos pontos em comum entre a crítica veiculada por esta dissidência de segunda hora contra o Castrismo refere-se à homofobia sistemática instaurada na forma de perseguição e punição pelo governo revolucionário ainda em seus primeiros anos. Para Rafael Saddi Teixeira, esta mentalidade homofóbica fora forjada ainda nos anos da guerrilha através da exaltação do corpo viril do combatente ante o corpo frágil da mulher e do homem afeminado. Na busca pelo desvendamento das causas que levariam o governo socialista cubano a reprimir os homossexuais, Teixeira explica que:

(...) a ideia de luta pela pátria esteve, desde os primeiros discursos de construção da nação, associada a um espaço masculinizado, representante da força e da capacidade de sacrificar-se. Ao feminino, ligado à noção de fragilidade, competia o espaço

¹⁰⁵ VALENZUELA, Luisa. *Cuentos completos y uno más*. Buenos Aires: Editora Alfaguara, 1999 - pg. 100.

privado e distante das lutas heroicas. O ascetismo revolucionário do combatente dos anos 50 construiu um tipo de conduta voltado para essa noção de virilidade do sacrifício revolucionário, que excluía a mulher da primeira linha da luta guerrilheira e dotava o homem afeminado de um desvio de caráter e de moral¹⁰⁶.

Esta associação do feminino à fragilidade e aos cuidados da vida doméstica e a posterior vinculação do homossexual ao âmbito do universo feminino implica numa desmoralização de homens gays por considerarem-nos incapazes de participarem dos combates em prol de uma nação livre. O machismo cubano obviamente precedera a revolução de 1959; contudo, a dissidência questiona o fato de que um governo conhecido pela jovialidade de seus líderes tenha reafirmado este moralismo tacanho.

Mais amplamente, a instrumentalização do conceito de ascetismo revolucionário como a imposição/ aceitação entre os guerrilheiros da lógica inversamente complementar do sacrifício do prazer e do prazer do sacrifício, ou seja, a concepção de que a abstinência entre os combatentes seria fundamental para que eles se mantivessem focados exclusivamente na batalha campal contra a ditadura batistiana, fornece uma explicação mais genérica do porquê os chefes do governo revolucionário tiveram um obstinado desejo de aniquilar a liberdade sexual de Cuba: o moralismo revolucionário era, por essência, anti-erótico.

Desta forma, para os revolucionários o prazer está na vida abnegada, na vida puritana, na vida de abandono dos prazeres momentâneos pelo prazer do sacrifício pessoal por uma causa impessoal, no mundo de abandono dos antigos deuses e demônios para a entrega absoluta ao dever. O ascetismo revolucionário tomado às suas últimas consequências significa a formação de um verdadeiro modo de vida, que abandona família, dinheiro e prazeres momentâneos para se dedicar ao prazer de combater pela pátria¹⁰⁷.

Portanto, o deslocamento deste enaltecimento do comportamento ascético do contexto da guerrilha para o contexto revolucionário veio acompanhado da repressão a todas as formas de erotismo patente, incluindo nelas a orientação homossexual.

Tida como a primeira ocorrência de violência do Estado pós-revolução contra homossexuais, a *Operação P* ou *La noche de las tres P* datada de 11 de outubro de 1961 confirmaria a suspeita de que, para este novo governo, as prostitutas, os proxenetas e os

¹⁰⁶ TEIXEIRA, Rafael Saddi. *Op. Cit.* – pg. 159.

¹⁰⁷ TEIXEIRA, Rafael Saddi. *Ibid.* – pg. 130.

pederastas seriam grupos degenerados e, portanto, contrarrevolucionários em potencial. Carlos Franqui descreveria esta mega operação policial da seguinte forma:

Numa noite memorável, Fidel Castro, Raúl Castro e Ramiro Valdés ordenaram que carros-patrolha bloqueassem os setores boêmios de Havana e outras cidades. Eles estavam tentando uma nova técnica policial – prisões em massa. Qualquer um apanhado na área cercada e que não pudesse fornecer os documentos de identificação adequados (portar documentos ainda não era obrigatório) era preso. Alguns milhares de prisioneiros foram conduzidos a delegacias de polícia, centros de detenção e à prisão de Príncipe. Havia dois tipos de seleção. Um era rápido e generalizado. O outro era seletivo, com listas fornecidas pelos Comitês de Defesa locais, e incluía homossexuais, vagabundos, tipos suspeitos, intelectuais, artistas, católicos, protestantes, macumbeiros. Nas zonas de luz vermelha, apanhavam prostitutas e alcoviteiros. Uma vez em Príncipe – ou em qualquer outra prisão – os presos eram despidos e vestiam um uniforme, um traje listrado com um grande P nas costas. P maiúsculo: pederasta, prostituta. Até mesmo os homens que por acaso estavam com prostitutas naquele momento foram presos; até mesmo os que andavam pela rua. Foi realmente uma festa policial¹⁰⁸.

Note-se a intenção de Franqui em associar a perseguição aos homossexuais à perseguição mais genérica a todos os grupos sociais que frequentariam assiduamente a noite boêmia havanesa. Ao modo que ocorrera com a proibição do documentário *P.M.*, a limpeza revolucionária tentaria, através da censura e da ação policial, substituir a festividade noturna em celebração aos prazeres do corpo pela festa sádica da repressão militar, ou como pretendemos sustentar ao longo deste tópico, a substituição do prazer do gozo pelo prazer da violência disciplinadora.

A mentalidade homofóbica manifesta pela alta cúpula do governo revolucionário ainda neste contexto da década de 1960 pode ser apreendida ainda em outras duas notas esclarecedoras. Na primeira delas, extraída da revista *Alma Mater* que era escrita e editada pela UJC (*Unión de los Jovenes Comunistas*), aparece explícito o atrelamento entre a atuação de homossexuais e a atuação de contrarrevolucionários:

Algunos pretenden, en su afán de frenar el proceso de depuración, dividirlo en dos procesos distintos: el de los contrarrevolucionarios y de los homosexuales. Nosotros vemos que la depuración es una sola, que tan nociva es la influencia y la actividad de unos como

¹⁰⁸ FRANQUI, Carlos. *Retrato de familia com Fidel*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1981 – pg. 140.

de otros en la formación del profesional revolucionario del futuro¹⁰⁹.

Através deste pronunciamento emblemático, estes jovens comunistas afirmam que os homossexuais seriam inimigos tão perigosos para o triunfo revolucionário quanto os contrarrevolucionários. O que preocuparia esta juventude revolucionária seria o poder de influência e de contágio que estes antagonistas poderiam exercer sobre outras parcelas da sociedade cubana. Seria como se o propósito de Ernesto Che Guevara de gradual e sincronicamente extinguir a propriedade privada e construir um homem novo¹¹⁰ fosse então interpretado por esta juventude na urgência de se combater ao mesmo tempo tanto aqueles que eram abertamente contrários à política econômica e social do governo Castro como aqueles que se desvirtuavam da moral revolucionária.

Na segunda nota reveladora desta homofobia, Franqui afirma ter escutado a seguinte declaração do próprio Fidel Castro a respeito da *Operação P*:

Fidel e Dorticós interviram nesse instante, dizendo que as prostitutas seriam enviadas a campos de reeducação e transformadas em novas mulheres, com novos empregos. Os proxenetas seriam processados com todo o rigor da lei. Os homossexuais não seriam processados, mas não teriam permissão de exercer influência na arte, na cultura ou na educação. Afirmaram que a operação foi importante como medida anti-contrarrevolucionária¹¹¹.

La noche de las tres P foi, portanto, apontado por alguns dissidentes como o episódio deflagrador do início de um processo repressivo por parte do governo revolucionário com o intuito de exercer um controle sobre todas as formas de sexualidade tidas como desviantes, entre as quais os homossexuais teriam papel de destaque. Esta moral guerrilheira consideraria que a suposta indiscrição da comunidade gay havanesa seria uma prova da incapacidade destes depravados em se comprometer integralmente com a causa nacional, nesta luta espinhosa e inacabada contra os agressores externos. A estes homossexuais do *Malecón* foi negada a possibilidade da militância comunista, como se houvesse uma relação de exclusão entre a orientação sexual e o posicionamento político ou entre a vida privada e a vida pública. Apesar de nunca dito explicitamente, esta homofobia parece ser proveniente da vontade de se

¹⁰⁹ Artigo de editorial. *Nuestra opinión*. Revista Alma Mater, La Havana, Nº 49, pg. 1, 05 de junho de 1965.

¹¹⁰ GUEVARA, Ernesto Che. *El hombre nuevo* in ZEA, Leopoldo. *Fuentes de la Cultura Latinoamericana*. México: Editorial Fondo de Cultura Económica, 1993; e GUEVARA, Ernesto Che. *Textos Revolucionarios*. São Paulo: Centro editorial Latino-Americano, 1980.

¹¹¹ FRANQUI, Carlos. *Op. Cit.* – pg. 142.

limpar das ruas cubanas todos os homens afeminados que maculam este mito fundador da Revolução construído no ideal do macho viril, dotado de uma austeridade e de um vigor físico inquebrantáveis.

De um modo extraoficial, ocorrera outra onda de repressão homofóbica circunscrita entre os anos de 1965 a 1967, contexto no qual homossexuais foram presos nas *UMAPs* para serem reeducados. Com o vazamento internacional de denúncias contrárias a esta prática através, sobretudo, das declarações do poeta cubano José Mario Rodríguez que vivia exilado em Madri desde 1968, Fidel Castro comprometera-se em rever estes expurgos morais através do fechamento destes campos destinados ao trabalho forçado¹¹².

Mesmo que se possa antever a perseguição aos homossexuais desde 1961, foi durante o chamado *Quinquenio Gris* ou o *Pavonato* (em referência à gestão de Luis Pavón Tamayo no Conselho Nacional de Cultura) entre 1971 e 1976 que se recrudesciu o aparato repressivo cubano contra todos os suspeitos de serem agentes nocivos ao Estado. O início do *Quinquenio Gris* ocorrera após a realização do *Primer Congreso Nacional de Educación y Cultura* entre os dias 23 e 30 de abril de 1971. De acordo com Sílvia Cezar Miskulin,

Os objetivos iniciais do Congresso se relacionavam à formulação de propostas para a elaboração de uma política educacional. Entretanto, seus debates se ampliaram e as resoluções do Congresso abarcaram também definições sobre a política cultural cubana e sobre normas que guiariam o comportamento da intelectualidade e juventude¹¹³.

Terminado o congresso, reafirmou-se a importância de se garantir a *unidade ideológica do povo cubano* através da fiscalização e repressão aos hábitos estrangeirizantes que parcela minoritária da juventude cubana vinham assimilando, tais como o gosto pelos estilos musicais ou pela moda criados e disseminados pelos yankees. Assim foi que se intensificou a perseguição a jovens cabeludos, que usavam calças jeans e escutavam rock n'roll durante estes cinco anos do *Pavonato*. Legislou-se também contra as religiões afro-cubanas, consideradas causadoras da delinquência de seus jovens e fieis seguidores e, por este motivo, defendeu-se a criação de instituições de reeducação para regenerar estes religiosos espiritualistas.

¹¹² Acerca deste tema: OCASIO, Rafael. *Gays and the Cuban Revolution: The case of Reinaldo Arenas*. Sage Publications, *Latin American Perspective*, Vol. 29, N. 2, março de 2002. Endereço eletrônico: <http://www.jstor.org/stable/3185128>. Acesso em 06 de agosto de 2013.

¹¹³ MISKULIN, Sílvia Cezar. *Os intelectuais cubanos e a política cultural da Revolução (1961-1975)*. 2005. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005 – pg. 204.

No que se refere mais atidamente ao caso da homossexualidade, a linguagem usada neste Congresso seria mais abertamente homofóbica do que as críticas antes endereçadas à comunidade gay. Na declaração final do congresso, afirmava-se tacitamente a homossexualidade como patologia social e, como medida profilática, seria adequado impedir que os homossexuais influenciassem negativamente a juventude cubana através de suas atuações na área educacional e artística, como se pode observar na longa citação abaixo transcrita:

Respecto a las desviaciones homosexuales se definió su carácter de patología social. Quedó claro el principio militante de rechazar y no admitir en forma alguna estas manifestaciones ni su propagación, destacándose, sin embargo, que sería el estudio, la investigación y el análisis profundo de este complejo problema lo que determinaría siempre las medidas a tomar. [...] Se profundizó en el origen y evolución del fenómeno así como su magnitud actual sobre el carácter antisocial de esta actividad y las medidas preventivas y educativas que deben implementarse. [...] En el tratamiento del aspecto del homosexualismo la Comisión llegó a la conclusión de que no es permisible que por medio de la “calidad artística” reconocidos homosexuales ganen influencia que incida en la formación de nuestra juventud¹¹⁴.

Foi a partir de 1971 que se efetivou uma verdadeira devassa contra os homossexuais, trocando a estratégia subterrânea e extraoficial de internação nas *UMAPs* pela estratégia declarada de se vetar o acesso aos cargos públicos ligados à área de ensino e de produção cultural e artística. Dada a inexistência de empregos no setor privado e o fato de um número bastante expressivo de homossexuais em Cuba serem professores ou artistas, esta medida atirar-lhes-ia ao relento da marginalidade social. Analisando esta política homofóbica, Miskulin conclui que

As resoluções de afastamento dos homossexuais de qualquer atividade educacional e cultural, e sua proibição de representar Cuba no exterior eram elementos de uma política homofóbica e repressiva do governo cubano, que já havia emergido durante o período das *Umeps* e que nos anos setenta se configurava na forma de ostracismo e silenciamento em relação aos intelectuais homossexuais. A visão da homossexualidade como “doença” ou “desvio” que deveria ser extirpado em Cuba, complementada com a valorização da família heterossexual, estava na contramão dos movimentos de afirmação e orgulho gay que nesse mesmo período despontavam nos Estados Unidos. As reivindicações da revolução

¹¹⁴ ALMENDROS, Néstor e JIMÉNEZ-LEAL, Orlando. *Conducta Impropia*. Madrid: Talleres Peñalara, 1984 – pgs. 176 e 177.

cultural que eclodiam nas rebeliões de juventude, não apenas nos Estados Unidos, mas também na Europa e na América Latina, foram completamente abafadas e reprimidas em Cuba, sobretudo após o Primeiro Congresso de Educação e Cultura, em abril de 1971¹¹⁵.

A citação dos avanços conquistados pelos movimentos de afirmação do orgulho gay mundo afora comparando-os com a condição dos homossexuais em Cuba no princípio da década de 1970 serve como contraponto à alegação de que a crítica à homofobia do Castrismo é algo um tanto injusta por seu anacronismo. No que se refere às ações públicas em prol de uma legislação de proteção aos homossexuais, Miskulin apregoa o atraso do Estado cubano mesmo quando comparado a países historicamente puritanos e conservadores como os Estados Unidos.

Provavelmente, a faceta de Arenas que mais ficou em evidência após sua morte em 1990 foi exatamente a de sua militância contra a homofobia vigente em Cuba. A virulência de suas denúncias atestando a brutalidade do Estado ante os homossexuais ganharia projeção e destaque internacionais principalmente após o lançamento do longa metragem *Before Night Falls* (traduzido no Brasil como “*Antes do Anoitecer*”) em 2000, inspirado exatamente na autobiografia de Arenas. Protagonizado por Javier Bardem, a película enfatiza o cerco repressivo que se delineia durante o processo de construção do socialismo em Cuba.

Contudo, nem na narrativa do livro, nem na narrativa fílmica, se pode falar de qualquer pretensão em se restringir as causas da perseguição do Estado contra Arenas apenas à sua homossexualidade assumida. O próprio autor é contundente em demonstrar que suas obras literárias enviadas para a Europa clandestinamente foram tão provocativas ao regime cubano quanto seus casos amorosos com outros homens. Na tentativa de captar com precisão a autoimagem que Arenas intentava transmitir de si, cabe dizermos que ele não se autodefiniu somente como um dissidente gay, mas como um intelectual dissidente gay. Ao abordarmos esta questão da homossexualidade em Arenas, o centro das atenções deve se focar no papel que o autobiógrafo atribui à liberdade sexual na luta política contra o ascetismo revolucionário do Castrismo.

Dentre as denúncias da violência homofóbica, cabe papel de destaque para aquelas ocorridas quando de seu internato na escola de *La Pantoja* no ano de 1960. Neste testemunho, Arenas revela a ocorrência de práticas homofóbicas mesmo antes de *La Noche*

¹¹⁵ MISKULIN, Sílvia Cezar. *Op. Cit.* – pg. 207.

de las tres P, reivindicando um outro marco de origem para a repressão sexual no Castrismo.

O autor relata que:

[...] en aquella escuela desbordada de una virilidad militante no parecía haber espacio para el homosexualismo que, ya desde entonces, era severamente castigado con la expulsión y hasta con el encarcelamiento. Sin embargo, entre aquellos jóvenes se practicó de todos modos el homosexualismo, aunque de una manera muy velada. Los muchachos que eran sorprendidos en esos actos tenían que desfilar con sus camas y todas sus pertenencias rumbo al almacén, donde, por orden de la dirección, tenían que devolverlo todo; los demás compañeros debían salir de sus albergues, tirarles piedras y caerles a golpes. Era una expulsión siniestra; por cuanto conllevaba también un expediente que perseguiría a esa persona durante toda su vida y le impediría estudiar en otra escuela del Estado – y el Estado ya empezaba a controlarlo todo¹¹⁶.

Com estas linhas, o autobiógrafo arvora a montagem de uma institucionalidade homofóbica calcada em rituais de humilhação e linchamento públicos como castigos merecidos por estes *maricones* que desonram a Revolução.

É importante ainda assinalar que o moralismo machista característico do regime valia-se de artimanhas institucionais para relegar à marginalidade tanto os homossexuais como as mulheres solteiras de vida sexual *liberal* (tomando de empréstimo um adjetivo usado por Arenas para falar de mulheres com vida sexual não monogâmica ou com vida sexual desvinculada do casamento). Dentre estas artimanhas, o autor denuncia a impossibilidade destes grupos conseguirem ocupar um quarto onde morar, pois nesta Cuba em que o Estado possuía controle absoluto da economia, até mesmo a morada era uma concessão estatal.

Na tentativa, portanto, de conseguir um abrigo que lhe garantisse uma vida mais confortável, Arenas chegou até a casar-se com uma talentosa atriz divorciada chamada Ingrávida González. Ao tratar deste casamento de fachada, Arenas esclarece alguns aspectos de seu posicionamento político dissidente: o machismo do sistema castrista rebaixava o homossexual e a mulher como seres inferiores que, justamente por este motivo, tenderam a criar laços de solidariedade mútua com a intenção de se proteger das agressões constantes do governo; com a progressiva cooptação da ditadura para ampliar a lista de pessoas que trabalhavam para a Segurança do Estado, instaurou-se em Cuba um sinistro ambiente de desconfiança generalizada, pois todos tornaram-se possíveis agentes delatores da ditadura.

¹¹⁶ ARENAS, Reinaldo. *Op. Cit.*, 1995 – pgs. 71 e 72.

Deste modo, o autobiógrafo conclui que o mais nefasto do autoritarismo seria o de conseguir romper os laços de amizade:

Esto fue una de las cosas más terribles que había logrado el castrismo; romper los vínculos amistosos, hacernos desconfiar de nuestros mejores amigos y convertir a nuestros mejores amigos en informantes, en policías. Yo ya desconfiaba de muchos de esos amigos¹¹⁷.

Assim, o método de fiscalização da vida sexual seria feito pela própria sociedade civil através dos *CDRs*, com o Estado estimulando uma rede de delações disseminada pelo país através de benefícios morais e materiais aos informantes. Eram amigos, vizinhos e familiares que entregavam os nomes dos pervertidos e pervertidas, destruindo a fraternidade cubana¹¹⁸.

Em *Antes que Anochezca*, Arenas constrói de um modo sorrateiro e habilidoso uma versão da vida sexual cubana durante a década de 1960 na qual o sexo entre homens tornara-se tão corriqueiro que passara a se enquadrar dentro dos limites da normalidade do cotidiano. Deste modo, como a transa fortuita com pessoas do mesmo sexo não era encarada pela esmagadora maioria da população masculina de Cuba como uma questão para afirmação de uma identidade heterossexual, a homofobia cubana não passaria de uma manifestação esquizofrênica do autoritarismo: dentro do quarto, o gozo ocorre em consequência da penetração; dentro da delegacia, o gozo vem do espancamento, mas tanto em uma como em outra circunstância, o amante-agredido é o mesmo. Esta dupla personalidade do carrasco que vislumbra o gay assumido como objeto sexual e elemento a ser destruído permite a Arenas sugerir que quem padece verdadeiramente em estado patológico seriam estes bissexuais enrustidos, crias ocasionais de um Estado que promove uma repressão antinatural. Com esta narrativa engenhosa, Arenas coloca do avesso a lógica do discurso homofóbico incrustada na mentalidade revolucionária: os homossexuais estimulam a vitalidade e o gozo sexual compartilhado, enquanto o Estado repressor estimula a patologia do recalque e o gozo do agressor perante o sofrimento do agredido. Para Arenas, é inerente a toda ditadura a tentativa de se conter a alegria e a espontaneidade de um povo: “*Toda dictadura es casta y antivital; toda manifestación de vida es en sí un enemigo de cualquier régimen dogmático. Era lógico que Fidel Castro nos perseguiera, no nos dejara fornicar y tratara de eliminar cualquier ostentación pública de vida*”¹¹⁹.

¹¹⁷ ARENAS, Reinaldo. *Ibid.* – pg. 180.

¹¹⁸ ARENAS, Reinaldo. *Ibid.*

¹¹⁹ ARENAS, Reinaldo. *Ibid.* – pg. 119.

No capítulo intitulado *El erotismo*, as aventuras sexuais de Arenas e seus amigos gays se desenrolavam nesta trama mista de orgasmos explosivos e do perigo de se estar quase sempre com homens violentos. São inúmeros os episódios em que estes homossexuais tiveram que ser levados a hospitais por conta dos ferimentos causados pela fúria destes amantes após a ejaculação. Os homossexuais ainda eram vítimas de outros crimes, como o furto/ roubo, realizados por amantes delinquentes que se consideravam no direito de trapacear a *los maricones*, seja como um devido castigo por seu comportamento depravado, seja pelo fato deles serem um dos grupos mais desprotegidos pelo Estado: “*A veces los amantes con los que nos tropezábamos tenían intenciones criminales o complejos que los llevaban a desatar una violencia injustificada*”¹²⁰.

Dentre os casos eróticos narrados por Arenas, há que se destacar também a quantidade de militares que usavam os corpos de *las locas* para saciar seus desejos. Ao falar sobre as festas orgiásticas entre os homossexuais e estes jovens militares e sobre as frutíferas visitas que realizavam aos quartéis, Arenas analisa a ineficiência das políticas estatais homofóbicas, pois quanto maiores eram as ações repressivas, mais a liberdade sexual aflorava nos recônditos da urbe:

Creo que nunca se singó más en Cuba que en los años sesenta; en esa década precisamente cuando se promulgaron todas aquellas leyes en contra de los homosexuales, se desato la persecución contra ellos y se crearon los campos de concentración; precisamente cuando el acto sexual se convirtió en un tabú, se pregonaba al hombre nuevo y se exaltaba el machismo. Casi todos aquellos jóvenes que desfilaban ante la Plaza de la Revolución aplaudiendo a Fidel Castro, casi todos aquellos soldados que, rifle en mano, marchaban con aquellas caras marciales, después de los desfiles, iban a acurrucarse en nuestros cuartos y, allí, desnudos, mostraban su autenticidad y a veces una ternura y una manera de gozar que me ha sido difícil encontrar en cualquier otro lugar del mundo.¹²¹

Esta vivacidade homossexual adquire ares de luta política dissidente não convencional quando percebida como ato de desobediência civil que debocha da incompetência do Estado em formatar o homem novo perfeitamente conformado ao ascetismo revolucionário. Continuar com suas irrefreadas experiências sexuais, mesmo diante de tamanhos perigos,

¹²⁰ ARENAS, Reinaldo. *Ibid.* – pg. 124.

¹²¹ ARENAS, Reinaldo. *Ibid.* – pgs. 130 e 131.

criava um grande problema para a ditadura conseguir enquadrar a experiência cotidiana à falsa imagem propagandeada internacionalmente.

Arenas circunscreve esta homossexualidade dissidente como um aspecto geracional. Ao nomear os integrantes das tertúlias literárias das quais participara durante a década de 1960 e que foram de suma importância para sua formação de escritor, cita personalidades de assumida vida homossexual, sem falar da impregnada identidade gay no estigma da geração Mariel. Esta geração, da qual Arenas fora um dos principais expoentes, pagou um alto preço pelo anseio de se apartarem à “*tradición chata y de la ramplonería cotidiana que ha caracterizado a nuestra Isla*”¹²². Portanto, este erotismo usado como sorriso de escárnio lançado contra a ditadura não fora uma cruzada trilhada sozinha e sim uma cruzada geracional.

Contudo, a narrativa de Arenas em *Antes que Anochezca* também se caracteriza por seu aspecto oscilante. Se em determinados momentos o autor se orgulha de ter corajosamente enfrentado a perseguição policial e contribuído para a desmoralização do regime, outros trechos são marcados pelo pessimismo quanto a este passado. Ainda que se reconheça a pertinência da ação dissidente, para o autor sua geração fora irremediavelmente uma geração destruída pelo comunismo; na avaliação de Arenas, pelo menos até o contexto em que estava escrevendo suas memórias, sua geração fora derrotada por Fidel Castro:

Nuestra generación, la generación nacida por los años cuarenta, ha sido una generación perdida; destruida por el régimen comunista. La mayor parte de nuestra juventud se perdió en cortes de caña, en guardiãs inútiles, en asistencia a discursos infinitos, donde siempre se repetía la misma cantaleta, en tratar de burlar las leyes represivas; en la lucha incesante por conseguir un pantalón pitusa o un par de zapatos, en el deseo de poder alquilar una casa de la playa para leer poesía o tener nuestras aventuras eróticas, en una lucha por escapar a la eterna persecución de la policía y sus arrestos¹²³.

Não há arrependimento neste desabafo, mas há ressentimento por tudo aquilo que seus amigos e ele próprio poderiam ter sido e não foram por conta de uma revolução casta e castradora. O confinamento nas *UMAPs* colocou em suspensão a carreira de talentosos literatos; os trabalhos braçais obrigatórios na lavoura de cana interrompiam os mais profícuos processos de criação artística; e a homofobia relegou-lhes a um ostracismo que foi insuperável para muitos que, a exemplo de *Pepe el Loco*, cometeriam suicídio. Deste relato

¹²² ARENAS, Reinaldo. *Ibid.* – pg. 115.

¹²³ ARENAS, Reinaldo. *Ibid.* – pg. 114.

testemunhal sobre a perseguição aos homossexuais depreendemos que para Arenas somente a ação direta da dissidência poderia derrubar definitivamente Fidel Castro do poder; contudo, esta esperança projetada a um futuro contrasta com uma avaliação pessimista quanto ao passado: as trevas que baixaram em Cuba com a instauração do regime comunista massacraram sua geração.

1.4 - O Anti-Castrismo de Arenas: a anti-história e o anticomunismo autobiografados

Grafar o título de um tópico com três prefixos *anti* na sequência é já o anúncio das ideias que permeiam as próximas linhas. Os contrapontos elencados por Arenas em sua autobiografia integram o emaranhado de críticas ao Castrismo que compõe isto que chamamos de um complexo engajamento dissidente cubano. Sua implacável oposição ao regime ordena sua escrita política numa pontuação da história da Revolução como uma sucessão de erros provocados pela megalomania demoníaca de Fidel Castro. A tarefa de tentar conferir coesão a estas antíteses implica em catalogar estes vetores cujas direções localizam-se em pontos distintos, mas cujos sentidos apontam para um mesmo centro, ou seja, os ataques partem de lugares aparentemente desconexos para ferir um mesmo alvo. São projéteis verbais revestidos com material psicológico, econômico ou histórico, quase sempre com um verniz liberal, usados para atacar o Estado cubano pós-1959.

Em *Antes que Anochezca*, Arenas remete as origens da formação de sua consciência política ao contato com o avô, primeira referência daquilo que se poderia chamar de um sujeito politizado. Caso raro, o avô era um camponês alfabetizado e assíduo leitor da revista *Bohemia*, de onde extraía muitos argumentos para sustentar seu posicionamento antirreligioso, anticomunista e liberal. Filiado ao Partido Ortodoxo, fora um entusiasta da figura de Eduardo Chibás e um contumaz inimigo dos políticos traidores e corruptos que se revezavam no governo do país desde a consumação da independência na passagem do século XIX para o XX. O avô ainda era dotado de uma espécie de intuição camponesa que o orientava a rechaçar o comunismo por vinculá-lo às terríveis sessões de fuzilamento stalinistas, assim como rechaçava as ditaduras de direita. Chibás era a única esperança, mas

se foi de um modo trágico em agosto de 1951 após cometer suicídio¹²⁴, episódio traumático para toda a família de Arenas:

El mismo día en que murió Chibás murió mi bisabuela; murió súbitamente, de un rayo. (...) En el velorio de mi bisabuela todo el mundo lloraba a mares. Yo me acerque a mi madre, que lloraba agachada en la cocina junto al fogón, y ella me dijo: “No lloro por la muerte de mi abuela, sino por La de Chibás”. Creo que el resto de mi familia lloraba por lo mismo¹²⁵.

O suicídio de Chibás meses antes das eleições presidenciais das quais participaria não somente foi impactante por encerrar as chances de vitória da *vergüenza contra dinero*, mas também por deixar o caminho desimpedido para a atuação dos políticos delinquentes. Arenas avalia que o próprio golpe militar de Fulgencio Batista em 10 de março de 1952 fora consequência direta desta desesperança e de toda a efervescência desencadeada após a morte daquele líder da oposição:

En 1952 se produjo el golpe militar de Fulgencio Batista y con ello la imposibilidad de que el Partido Ortodoxo, ni ningún otro, pudiese ganar las elecciones. La dictadura de Batista se inició desde el principio con una gran represión que no solo tenía un carácter político, sino también un carácter moral¹²⁶.

A reivindicação de Arenas como um herdeiro da consciência política do avô circunscreve-o como um herdeiro do chibatismo, e, portanto, afirma para si uma identidade política marcada pela defesa da austeridade contra a bandidagem que se apossara do governo cubano (a exemplo de Batista), pela defesa do liberalismo contra o comunismo vindouro de Castro e pela defesa da democracia ante as ditaduras de direita ou de esquerda. Desse modo, o avô preencheria o papel de instigador da politização de Arenas assim como a avó preencheria o papel de instigadora da criação artística do literato.

A história a contrapelo da Revolução Cubana inicia-se na autobiografia a partir do capítulo intitulado *Pascuas*. Ali, encontram-se algumas opiniões acerca do processo revolucionário caras não somente a Arenas, mas à parte expressiva de toda a dissidência. Falando sobre o Natal de 1957, conhecido como *Pascuas Sangrientas* por conta da

¹²⁴ Chibás cometera suicídio pela impossibilidade em comprovar as denúncias por ele feitas em seu programa radiofônico contra o então Ministro da Educação Aureliano Sánchez Arango. O feroz contra-ataque de seus adversários levaram Chibás a escolher a saída mais extrema. Sobre o caso Chibás, ver: CABRERA INFANTE, Guillermo. *Op. Cit.* – pgs. 163 e 164.

¹²⁵ ARENAS, Reinaldo. *Ibid.* – pg. 52.

¹²⁶ ARENAS, Reinaldo. *Ibid.* – pg. 53.

quantidade de assassinados pelos tiras de Fulgencio Batista, o autor comenta sobre a impopularidade crescente deste ditador como uma evidência inquestionável. O terror cotidiano implantado por aquele governo fez aparecer aos montes rebeldes dispostos a pegar em armas pela queda da ditadura batistiana. Este presidente vinha perdendo apoio de todos os lados e nem mesmo seus soldados, também gente sofrida do povo, estiveram dispostos a protegê-lo. Foi neste contexto que se desenrolou a disputa pelo poder entre os guerrilheiros de Fidel Castro e as tropas de Fulgencio Batista. Porém, na avaliação de Arenas “*no se puede hablar de una guerra frontal entre los guerrilleros de Fidel Castro y las tropas de Batista*”¹²⁷. Acuados em meio à mata cerrada da Sierra Maestra, nem os guerrilheiros teriam ousado investidas mais agressivas nas áreas de planície nem o exército teria ousado adentrar aquele ambiente inóspito.

De acordo com Arenas, este estado de calmaria que arejava a escuridão da Sierra contrastava com os perigos muito mais iminentes daqueles militantes que permaneceram nas cidades travando uma luta através de boicotes, atentados e ações de guerrilha urbana. Para o autor, as principais vítimas destes anos belicosos seriam os militantes do *Movimiento 26 de Julio* que permaneceram numa zona onde a luta armada acontecia abertamente. Nestes anos de disseminada violência, há que se atentar, inclusive, para uma disputa interna ao *MR-26/07* sobre as estratégias mais eficazes para a chegada ao poder: de um lado, o grupo da Sierra liderado por Fidel e defensor da guerrilha rural; de outro lado, os Llanos, liderados por Frank País e defensores da mobilização dos trabalhadores urbanos e da ação direta nas cidades. A partir do assassinato de Frank em julho de 1957, o grupo da Sierra vai construindo um consenso em torno da autoridade de Fidel¹²⁸.

Carlos Franqui, que fora militante histórico do *MR-26/07* e que se engajou tanto na luta dos Llanos como na luta da Sierra contrasta a sensação de terror vivenciada nas cidades ao clima de *férias revolucionárias* vivenciadas nas montanhas¹²⁹. Exaltando a bravura dos Llanos e rebaixando o papel letárgico dos guerrilheiros de Fidel, Arenas pretende desconstruir a aura de heroísmo que gravita em torno da imagem destes combatentes, além de eleger novos heróis para este capítulo da história cubana: “*entre los soldados de Castro no hubo muchas bajas, como tampoco las hubo en el ejército de Batista*”¹³⁰, pois

¹²⁷ ARENAS, Reinaldo. *Ibid.* – pg. 62.

¹²⁸ Sobre as disputas estratégicas entre o grupo da Sierra e os Llanos, ver: TEIXEIRA, Rafael Saddi. *Op. Cit.* – pgs. 170 até 190.

¹²⁹ FRANQUI, Carlos. *Op. Cit.* – pg. 24.

¹³⁰ ARENAS, Reinaldo. *Op. Cit.*, 1995 – pg. 62.

casi todos los muertos fueron los que mataron los esbirros de Batista: estudiantes, miembros del Movimiento 26 de Julio o simples simpatizantes de Castro que eran capturados en las ciudades, torturados y asesinados y luego tirados en cuneta para amedrentar a la población y, sobre todo, a los conspiradores¹³¹.

Estes novos heróis são também uma dissidência com a qual Arenas simpatizava, uma dissidência que combateu Batista com valentia para depois romper com o Castrismo quando seus traços mais autoritários se tornaram salientes. Ao invés de Fidel, seriam combatentes como Franqui que mereceriam as honras de um aguerrido cubano nacionalista.

Ainda abordando o tema das causas da Revolução de 1959, Arenas contesta a função aglutinadora do carisma dos barbudos de *La Sierra* assim como contesta a importância dos supostos acertos estratégicos dos guerrilheiros para a derrubada de Batista. Na contramão destas teses do discurso oficial do regime, o autobiógrafo defende que a genialidade política de Fidel seria uma construção *a posteriori*, pois a força daquela luta encontrava-se verdadeiramente numa quase que espontânea mobilização popular em unísono contra o ditador Fulgencio Batista, tão corrupto quanto todos os políticos que lhe rodeavam. Nesta explicação, Fidel se desmistifica para ser transformado em um oportunista cuja maior habilidade fora se aproveitar de um vazio de poder que pairou sobre Cuba após a inesperada fuga de seu antigo tirano.

Arenas afirma que outro elemento para o fortalecimento político de Fidel e para a ruína política de Batista foi a atuação da imprensa liberal, em especial através da revista *Bohemia* e do jornal *New York Times*. Estes foram de suma importância ao darem publicidade a todos aqueles atos de sabotagem voluntária que iam ocorrendo graças à participação popular. Estes inusitados apoios de primeira hora prestados ao movimento de Fidel Castro revelam, por um lado, as divergências de uma parcela da burguesia estadunidense quanto ao regime de Batista e, por outro lado, a simpatia da racista burguesia cubana que preferia apoiar o branco, filho de espanhóis proprietários de terra e ex-aluno de um colégio jesuíta, a apoiar o mulato Batista. Mesmo que esta burguesia tenha trocado de lado por ser prejudicada durante o processo de expropriação, estas anotações desmontam a imagem de Fidel como um homem do povo e amante das massas. Em artigo intitulado *Post Mortem*, Cabrera Infante refere-se a Fidel Castro como um “advogado burguês e socialista (de alta sociedade)”¹³², frequentador do Yatch Club de Cienfuegos, lugar cujo lema “*era nem pobres nem*

¹³¹ ARENAS, Reinaldo. *Ibid.* – pg. 62.

¹³² CABRERA INFANTE, Guillermo. *Op. Cit.* – pg. 190.

negros”¹³³. Muito mais próximo à burguesia e aos brancos, Fidel não era exatamente o representante dos pobres e negros de sua Cuba na avaliação destes dissidentes.

Arenas comenta que foi neste contexto da luta armada que começaram, através dos atos de *justiciamento*, o fuzilamento dos “traidores” do regime. O estímulo ao assassinato dos delatores fora antevisto pelo autor como a fagulha deflagradora de toda a violência revolucionária, sustentada, por sua vez, no perigoso estímulo ao desejo de vingança tão forte entre um povo tão sofrido. Alimentar e saciar esta fúria popular contribuíra para se consolidar a imagem do governo revolucionário como um governo justiceiro, que soube muito bem canalizar esta ira massiva aos alvos que o Estado quisera atingir. Nos anos iniciais à Revolução, aproveitando-se daquela euforia coletiva, o novo governo contaria com amplo apoio popular para promover uma carnificina de maiores proporções que a própria guerra pré-revolucionária ou aquela do governo Batista¹³⁴. A crueldade das ações era agudizada com a espetacularização do *paredón* em um ritual moldado aos gostos de um povo alucinado. “¿Por qué la inmensa mayoría del pueblo y los intelectuales no nos dimos cuenta de que comenzaba otra vez una nueva tiranía [...] ?”¹³⁵, perguntara-se Arenas com ares de *mea culpa*. Olhando em retrospectiva, o intelectual assinala que a prática disseminada dos fuzilamentos nestes anos românticos da Revolução já seriam indícios suficientemente fortes para se perceber a instauração de uma nova ditadura. O inebriamento daquele contexto foi o responsável para que Fidel fosse angariando cada vez maiores poderes em suas mãos. Estas indicações quanto ao autoritarismo original daquela revolução provam o radicalismo dissidente de Arenas, diferenciando-o inclusive de um discurso crítico ao regime que enxerga nestes anos iniciais um momento de liberdades extremas.

Quanto ao caráter comunista da Revolução, Arenas sustenta a opinião de que Fidel e as lideranças a ele mais próximas intencionaram desde a chegada ao governo promover uma guinada comunista no movimento. Contudo, tiveram que lidar com um adverso anticomunismo alastrado majoritariamente entre a opinião pública do país. Este senão fez com que Fidel adotasse um procedimento cínico para mansamente preparar o bote: enquanto afirmava publicamente em seus discursos televisionados que aquela não era uma revolução nem capitalista, nem comunista, mas nacionalista, as instituições cubanas, estivessem elas ligadas à área econômica ou à área educacional, eram cooptadas pelos antigos militantes

¹³³ CABRERA INFANTE, Guillermo. *Ibid.* – pg. 190.

¹³⁴ Ideia lançada por Arenas em ARENAS, Reinaldo. *Op. Cit.*, 1995

¹³⁵ ARENAS, Reinaldo. *Ibid.* – pg. 70.

comunistas do PSP que aplicavam a cartilha do socialismo soviético à risca, além de implantarem nas instituições de ensino um doutrinação marxista-leninista incutido na cabeça da juventude cubana. Na tentativa de comprovar este ponto de vista, o autor comenta sua experiência na escola em *La Pantoja* nos anos de 1960. Lá, o curso para a graduação de contadores agrícolas era na verdade um centro para a formação de comunistas que aprendiam suas lições em manuais soviéticos de economia política entoando o hino da Internacional pelas manhãs e assistindo filmes russos pela noite.

A transformação destes estudantes na vanguarda revolucionária era um projeto dito em alto e bom som sem quaisquer pudores:

A los pocos meses se nos dijo que no éramos simples estudiantes, sino la vanguardia de la Revolución y, por lo tanto, jóvenes comunistas y soldados del ejército. En las últimas excursiones ya no cantábamos lo que queríamos, sino que teníamos que cantar La Internacional y otros himnos comunistas. El director de la escuela era Alfredo Sarabia, un viejo militante del Partido Comunista; así, en el año 1960, mientras Castro le aseguraba al mundo que no era comunista y que la Revolución cubana era “tan verde como las palmas”, ya se estaba preparando en Cuba a la juventud dentro de la doctrina comunista y además instruyéndonos militarmente, porque también recibíamos clases militares y hasta nos enseñaban a manipular armas de largo alcance¹³⁶.

Este cinismo usado para camuflar o senso ideológico da revolução em seus primeiros anos seria, para Arenas, mais uma prova do caráter inescrupuloso de Fidel Castro.

O anticomunismo do autor fica ainda mais evidente em outras duas passagens deste mesmo capítulo, intitulado “*Un estudiante*”. Numa destas passagens, a afirmação de que o governo em 1960 “*ya tenía planes secretos de confiscar todas las tierras*”¹³⁷, há que se reparar que o uso do termo confiscar não é ingênuo, mas carrega consigo toda a rejeição de Arenas ao processo de estatização da propriedade agrária que ocorreria em Cuba nos anos seguintes. Este termo, por priorizar o aspecto de punição dolosa a outrem, ressalta a injustiça sofrida por um proprietário diante da brutalidade de um Estado usurpador. A semântica do verbo, que provém de radical latino correlato e que funciona de um modo muito semelhante tanto no castelhano como no português. Portanto, parece-nos que se Arenas fosse menos avesso aos processos de estatização, o uso da palavra *confiscar* provavelmente seria substituído pelo da palavra *expropriar*, cuja definição indica que a retirada da propriedade é

¹³⁶ ARENAS, Reinaldo. *Ibid.* – pgs. 72 e 73.

¹³⁷ ARENAS, Reinaldo. *Ibid.* – pg. 71.

consequência de uma necessidade pública e, portanto, seria uma prática em prol da justiça social.

Na outra citação do capítulo, a rejeição do autor à propriedade estatal fica mais transparente: “*Nosotros seríamos los encargados de llevar la contabilidad y la administración en las granjas del pueblo; es decir, las granjas estatales, porque jamás pertenecieron al pueblo*”¹³⁸. A crítica que deste trecho pode ser despreendida aproxima-se das ideias veiculadas por Hannah Arendt em sua clássica obra *Origens do Totalitarismo*. Neste ícone do pensamento liberal pós-Segunda Guerra, Arendt busca demonstrar como o processo de estatização levado a cabo durante a era Stalinista na União Soviética na verdade se prestava menos a um processo de igualação social em prol de um povo miserável e mais a um processo de liquidação das classes médias e comunais que permaneceram subsistindo por conta da política leninista de instituição da NEP (Nova Política Econômica) em prol da burocracia partidária¹³⁹. Nesta perspectiva, a crítica liberal entrevista em Arenas é de um tipo parecido àquela elaborada por Arendt na medida em que ambos pretendem demonstrar que o processo de estatização serve aos interesses de um governo totalitário que transforma propriedade privada e coletiva em propriedade estatal como parte de sua estratégia de concentração de poderes econômicos e políticos nas mãos do Partido Comunista. Na prática, este procedimento pouco alteraria a realidade das massas camponesas que antes eram dominadas e exploradas por entes privados e então passariam a ser dominadas e exploradas por entes públicos. Este Estado proprietário é um Estado superpoderoso que exerce controle sobre a vida dos cidadãos na medida em que todos são seus funcionários dependentes. Portanto, da associação entre as críticas de Arendt ao Stalinismo e as críticas de Arenas ao Castrismo podemos concluir que para ambos a propriedade estatal mantém a alienação da força de trabalho para com seus meios de produção, com o ônus de alienarem os cidadãos também do direito à livre participação política, sendo, então, duplamente nociva.

Sobre a questão da carestia de bens de necessidade básica, Arenas relata que a desapareção de certos produtos dos mercados tornara-se algo comum ainda no princípio da Revolução. Numa visita de sua mãe à escola de *La Pantoja*, na passagem do ano de 1960 para o ano de 1961, o autor menciona alguns comentários que sua progenitora lhe fizera: “*Me fue a ver a la beca y me contó que prácticamente todos los productos habían desaparecido*

¹³⁸ ARENAS, Reinaldo. *Op. Cit.*, 1995 – pg. 73.

¹³⁹ ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989 – Ler tópico intitulado *As Massas*, parte integrante do capítulo *Uma sociedade sem classes*, pgs. 355 até 376.

del mercado: no había jabón, no había comida, no había ropa”¹⁴⁰. Se o esgotamento de produtos tão fundamentais à qualidade de vida do povo cubano começara antes da oficialização do embargo econômico estadunidense ao arquipélago em fevereiro de 1962, então a falta de suprimentos deve-se mais à incompetência do governo revolucionário em garantir este abastecimento do que a fatores externos. Não podemos afirmar que Arenas fosse favorável nem desfavorável ao bloqueio econômico sobre Cuba; não há, pelo menos nos escritos da autobiografia, nenhuma informação que permita esta conclusão. Contudo, entendemos que a anotação deste estado de penúria nos chamados anos românticos da história da Revolução Cubana serve para Arenas sinalizar que a justificativa usada até os dias atuais pelo governo de que as adversidades econômicas do país devem-se principalmente aos ataques do imperialismo é falsa. Para o autor, a responsabilidade pelo desabastecimento não pode ser imputada a um agente externo, mas sim ao despreparo dos próprios governantes.

Já no capítulo intitulado *El teatro y la granja*, estas opiniões encadeiam-se associando estatização, autoritarismo e pauperização para esclarecer como estes processos são sincrônicos e partem de uma mesma política vampiresca que suga as riquezas e o ânimo popular. Os efeitos dilacerantes deste processo podem ser captados pela descrição que faz do avô. Ao perder sua vendinha para o Estado, o velho veria o empobrecimento gradual da família ainda residente em Holguín com grande pesar. Estes anos subsequentes à Revolução levaram-no a um estágio de apatia letárgica: falava sozinho e deixara de ler. O furor com que defendia suas posições políticas desaparecera sob o regime de Castro. Este avô, representativo do sentimento de um camponês cubano, revela que ao contrário do discurso oficial da Revolução que tanto exalta a melhoria na vida do homem rural, estes *guajiros* viviam momentos de miséria e de um silenciamento desiludido. As causas desta mudança no estado de espírito do povo são devidas, em primeiro lugar, ao processo de estatização que toma o ganha pão deste homem interiorano, transformando-o nesta figura que não é mais nem camponês nem proprietário, mas um diarista “*a los que no les importaba el rendimiento de su trabajo ni la calidad del mismo*”¹⁴¹ ou em um desocupado (como no caso do avô); em segundo lugar, a guinada autoritária do regime cerceava a liberdade de imprensa, tomando o controle dos principais veículos de comunicação e usando-os como instrumentos de poder e de doutrinação pelo Estado, a exemplo da revista *Bohemia*, que antes era liberal e crítica e após a Revolução estava nas mãos de Fidel, fazendo com que os jornais se tornassem

¹⁴⁰ ARENAS, Reinaldo. *Op. Cit.*, 1995 – pg. 80.

¹⁴¹ ARENAS, Reinaldo. *Ibid.* - pg. 86.

monolíticos e entediantes; e, por fim, outra causa desta mudança de espírito seria de um gerenciamento falho por excesso de espontaneísmo e ausência de conhecimento técnico por parte daqueles que trabalhavam a terra, em um lugar onde nunca se sabia o preço de nada e onde operários inexperientes aravam sem saber como a terra deveria ser tratada¹⁴².

Portanto, inferimos que Arenas defende veladamente valores liberais contra o comunismo, alegando que a Revolução destrói os instrumentos de eficiência do capitalismo (tais como o estímulo para que o proletário trabalhe mais tendo como recompensa um lucro ou um salário/ rendimento maior ou a regulação dos preços através dos mecanismos de mercado) sem substitutos e que o comunismo está diretamente associado a um autoritarismo que viola a liberdade de expressão, acaba com o senso crítico e silencia o povo. O autor ainda denuncia o centralismo político manifesto na pretensa onipotência de Fidel Castro que, além de seu controle sobre o Poder Executivo, transformara-se numa espécie de diretor da promotoria pública com poderes supremos para absolver ou incriminar qualquer cidadão. O modo como o autobiógrafo maneja estes fatores conjugando-os como os presságios da fracassada experiência do socialismo cubano indica sua preferência por um capitalismo eficaz por sua suposta meritocracia individualista ante um comunismo desnorteado e uma sociedade onde a crítica circule fluidamente ante uma sociedade em que foi imposto um consenso personalista.

Toda esta degradação social, econômica e moral provocada pelo Castrismo tendeu a se agravar com a sovietação da Revolução. O autor considerara negativo o início da chegada de técnicos soviéticos ainda em 1961, logo após o anúncio oficial do caráter socialista do governo em abril daquele ano, pois estes profissionais eram obviamente alheios à realidade cubana e desconhecedores do castelhano e, mesmo assim, passaram a dirigir a economia e o trabalho no campo. Todavia, a aproximação definitiva com o Kremlin ocorrera com o apoio de Fidel Castro à invasão soviética na Tchecoslováquia em 1968. Desta forma teria início a fase nomeada por Arenas como *superestalinismo*. A esperança de que Castro rompesse com os soviéticos por conta daquela ingerência da superpotência socialista foi frustrada por um discurso que exaltava a ação heroica dos companheiros comandados de Moscou reforçando a submissão cubana diante do poder imperialista do leste. Nas palavras do autor,

¹⁴² Todas as ideias lançadas neste parágrafo aparecem em ARENAS, Reinaldo. *Ibid.*

(...) allí en Pinar del Río, escuchamos el discurso de Fidel Castro, quien no solamente apoyaba fervientemente la invasión y felicitaba a la Unión Soviética y a los “heróes” que habían invadido con sus tanques la frontera checa, sino que, además, pedía que en el caso de que Estados Unidos amenazasen su régimen, la Unión Soviética invadiera Cuba. No había escapatoria. Aquel líder que había luchado contra Batista era ahora un dictador mucho peor que Batista y un simple títere de la Unión Soviética estalinista¹⁴³.

Para Arenas, o *Quinquenio Gris* teve início antes da realização do *Primer Congreso Nacional de Educación y Cultura*; foi iniciado com esta declaração pungente da submissão de Cuba a um imperialismo que em nada se diferenciava de outros tantos.

Outro momento marcante usado pela dissidência para apontar os equívocos do governo revolucionário foi a chamada *Zafra de los Diez Millones*, ocasião em que Fidel Castro propôs um esforço coletivo do povo para se atingir esta cifra estratosférica de cana de açúcar colhida batendo o recorde histórico na produção desta que era a principal riqueza da economia cubana. Para cumprir a meta, o governo recorreu ao recrutamento de homens, em geral jovens, para servirem de trabalho *forçado* no campo¹⁴⁴. Isto fora possível graças à lei cubana que convertia o Serviço Militar Obrigatório em tempos de paz nisto que o autor denuncia como nova forma de trabalho escravo¹⁴⁵. Esta conversão implica também na transformação das plantações em verdadeiras unidades militares, com a fuga considerada gravíssima infração penal. O duro cotidiano no canavial é comparado com as condições degradantes vividas pelos escravos indígenas e negros no contexto colonial:

Entrar en uno de aquellos sitios era entrar en el último círculo del Infierno. Estando allí, completamente disfrazado de pies a cabeza, con mangas largas, guantes y sombrero – único modo de entrar a aquellos sitios de fuego – comprendía por qué los indios preferían el suicidio a seguir trabajando como esclavos; comprendía por qué tantos negros se quitaban la vida asfixiándose. Ahora yo era el indio, yo era el negro esclavo; pero no era yo solo; lo eran aquellos cientos de reclutas que estaban a mi lado. Era quizá más patético verlos a ellos que verme a mi mismo, porque yo ya había vivido unos años de esplendor, aunque solo fuese clandestinamente; pero aquellos jóvenes de dieciséis, diecisiete años, tratados como bestias de carga, no tenían futuro que aguardar ni un pasado que recordar¹⁴⁶.

¹⁴³ ARENAS, Reinaldo. *Ibid.* – pgs. 150 e 151.

¹⁴⁴ Mantivemos a expressão “trabalho forçado no campo” assim como aparece em ARENAS, Reinaldo. *Ibid.* para tentar acompanhar sua linguagem e em busca de uma melhor descrição de suas críticas.

¹⁴⁵ A exemplo da nota de rodapé anterior, mantivemos também a expressão “nova forma de trabalho escravo”.

¹⁴⁶ ARENAS, Reinaldo. *Ibid.* – pg. 154 e 155.

O trecho destacado revela aspectos cruciais do discurso dissidente que se vai descobrindo em Arenas. Primeiramente, por sua própria concepção da história cubana: a dita Revolução de 1959 não fora um ponto de ruptura com o passado do país, mas sim um ponto de continuidade e de intensificação da opressão imposta por uns sobre outros. Outra característica presente nesta citação é a descrição do cotidiano como uma crônica de denúncias de todos os sofrimentos causados pelo autoritarismo do regime. Contudo, há aí também algo que passaremos a chamar como sua fragilidade crítica. Ao apelar para o sofrimento visto e vivido, Arenas parece querer dizer que a maior prova da decadência nas condições de vida do povo cubano é exatamente a piora de sua vida sob este regime. Este enfoque egóico, que é por excelência o enfoque das autobiografias, por vezes joga sombra sobre a coletividade. Ao tratar da experiência infernal que fora para si e para outros jovens da cidade ficar enfiado nos canaviais o autor não reflete em nenhum instante qualquer sobre as agruras de outros tantos trabalhadores agrícolas que garantiram com seu suor altos índices de exportação para o país, atraindo dividendos suficientes para uma vida mais ou menos confortável em Havana. Assim, abre-se brecha para a elaboração de um contra-ataque por aqueles que defendem o socialismo cubano, como García Marquez e Cortázar, já mencionados. As queixas de Arenas vão no sentido de se lamuriar pelo tratamento destes intelectuais ou estudantes da cidade como camponeses sem nunca reconhecer a importância destes camponeses serem agora alfabetizados. Seria como se este Arenas, agora muito mais identificado com o estilo de vida de um intelectual havanês do que com suas origens de camponês interiorano, reivindicasse um direito de classe de não se dedicar a este estafante trabalho braçal, ainda que ele tenha que ser feito por uma multidão de miseráveis que não são precisamente escravos, mas fazem aquilo que lhes sobrou fazer em um mundo sem outras alternativas ou perspectivas.

Pelo modo como o trabalho no canavial é descrito, fica difícil imaginar que Arenas sustente a tese de que alguém opte por este ofício, e, no entanto, não há nenhuma proposta para que o trabalho nos canaviais deixe de existir dada sua inquestionável importância para a economia cubana; há aí, de acordo com nossa análise, uma crítica legítima mas não exatamente republicana. Em outra passagem, esta fragilidade crítica volta a aparecer:

Pero lo más impresionante de todo era cuando uno de aquellos turistas, a los que habíamos contado nuestros horrores, volvía a Occidente. Aquella persona se convertía ante nosotros en una especie de ser mágico por el solo hecho de poder coger un avión y salir de aquella isla; salir de aquella prisión. Con cuánta envidia

veíamos Olga traspasar la barrera de cristal que solo podían atravesar aquellos que tenían autorizado el permiso de salida o los extranjeros que venían de visita al país. Olga se perdía de aquellos cristales y corríamos todos hasta el balcón desde donde podíamos verla subir la escalerilla del avión y despedirse de aquel infierno. Y, cuando el avión se elevaba, lo veíamos perderse entre las nubes lleno de gente que podía marcharse, aborrecer todo aquello, decir lo que quisieran, comprarse un par de zapatos cuando lo quisieran. Pero nosotros nos quedábamos allí y hacíamos una larga cola para tomar la guagua en que regresaríamos a La Havana, mirándonos con nuestras telas rústicas y nuestra piel chamuscada por el sol y la falta de vitaminas¹⁴⁷.

Destes trechos, surgem algumas perguntas aparentemente sem resposta: durante o governo de Fulgencio Batista, o número de cubanos que viajava para a Europa era maior do que durante o governo de Fidel Castro? As restrições não seriam quantitativamente as mesmas, substituindo-se um critério econômico que impedia a esmagadora maioria do povo cubano de realizar viagens internacionais por um critério político? E não estaria Arenas a reclamar seu privilégio de escritor reconhecido de conhecer o velho mundo, independentemente de outros tantos que continuariam sem cogitar tirar seus pés da ilha durante a longa vida? Se for verdadeira a afirmação feita por García Márquez em artigo citado que a Revolução garantira a todos um par de sapatos e uma troca de roupas, não seriam estas conquistas muito mais relevantes para a justiça social em Cuba do que a vaidade de Arenas em querer novas peças para seu vestuário? Este procedimento crítico parece ser uma abertura para que intelectuais pró-Castrismo, a exemplo de Cortázar, condenem o discurso dissidente como um discurso pautado por critérios elitistas proferidos por indivíduos isolados e não pelas camadas populares.

As denúncias de Arenas sobre os crimes contra os direitos humanos cometidos em nome do Castrismo reaparecem com colorações mais fortes ao tratar da experiência do cárcere e toda trama de mentiras, constrangimentos e chantagens envolvendo seu processo penal. Tudo começa em seus comentários sobre todo o aparato que fora montado, sob ordens do próprio Fidel, para capturá-lo quando se encontrava em fuga no Parque Lênin. Sua imagem foi exposta em todo o arquipélago, alegando que Arenas seria agente da CIA e que teria assassinado uma anciã e violentado uma menina, ou seja, nos dizeres de Arenas a ditadura mentia para criar argumentos que convencessem a opinião pública sobre a necessidade de se prender o escritor, um abominável criminoso comum e não um intelectual homossexual dissidente perseguido por motivações exclusivamente políticas. Quando foi

¹⁴⁷ ARENAS, Reinaldo. *Ibid.* – pgs. 166 e 167.

preso e encaminhado para a estação de polícia de Calazabar, deparara-se com um cenário adverso e inesperado: *Allí estaba todo aquel pueblo pidiendo paredón, como lo pedían también desafortadamente para muchos a principios de la Revolución*¹⁴⁸. Aquele arroubo de fúria coletiva era a consequência mais imediata daquela falsa incriminação usada como justificativa para as ações repressivas do Estado. Mais uma vez, o governo revolucionário induz este sentimento da sede de vingança de um modo desonesto para afirmar seu contestável papel como justiceiro do povo.

Sua experiência no presídio de *Castillo del Morro* foi um momento de radicalização de suas ideias contra o Castrismo. Aquele edifício em ruínas, superlotado daqueles marginais do regime, a parca comida e os maus tratos sofridos cotidianamente pelos presidiários seriam a prova cabal do desrespeito aos direitos humanos naquele governo que se auto-intitulava popular. Dentro daqueles muros, a certeza de que as barbáries praticadas não seriam conhecidas pelos *cidadãos de bem* de Cuba e do resto do mundo dava aos militares que ali trabalhavam em nome da Revolução aval para que cometessem todo tipo de ultrajes contra aqueles infratores. Estes homens contratados para cuidar da segurança do presídio são descritos como figuras asquerosas que abusavam física e sexualmente dos detentos, levando-os às mais lamentáveis cenas de humilhação.

Por outro lado, a violência trocada entre os internos revela que aquele ambiente degenerava a humanidade dos detentos transformando-os em verdadeiros bichos selvagens. A inexistência de um programa de reabilitação daqueles cidadãos torná-los-ia de fato sujeitos antissociais e incapazes de retornar ao mundo para fora das grades. Todo este ambiente hostil era transformado em um entulho de gente pela excessiva e equivocada criminalização aplicada pela justiça revolucionária. O autobiógrafo comenta de um modo debochado que muitos foram feitos detentos pelo grave crime de terem matado vacas para se alimentarem, denunciando o cúmulo dos disparates cometidos pelo governo revolucionário. Assim sendo, o presídio seria o lugar onde prevalece a *pedagogia do castigo* sobre a *pedagogia do oprimido* ou a *pedagogia cidadã*¹⁴⁹; tendo sido todo o arquipélago transformado num presídio, ficava claro que a verdadeira crença do governo, apesar de oculta, era a de que o homem novo somente iria ser formatado pelo uso de uma violência sistemática do Estado¹⁵⁰. Este silogismo coloca em xeque mais uma vez a retórica castrista em defesa do caráter libertário

¹⁴⁸ ARENAS, Reinaldo. *Ibid.* – pg. 202.

¹⁴⁹ Os três termos em itálico constantes nesta frase são criações de nossa autoria.

¹⁵⁰ Nas descrições sobre a dura vida nos presídios cubanos elencadas nos três últimos parágrafos buscamos ser fiéis aos relatos de Arenas.

da Revolução, enquanto para Arenas e outros dissidentes o ímpeto original deste acontecimento fora a conversão de todos à seita deste socialismo cubano com base na coerção.

A carga de dramaticidade destes relatos testemunhais torna-se mais cortante ao narrar os últimos instantes de sua primeira estada no presídio de *Castillo Del Morro* e sua passagem pela *Villa Marista*, sede principal da Segurança do Estado. Nestes templos do terror, Arenas teria sido pressionado por um procedimento de tortura psicológica a confessar seus crimes sexuais e políticos, além de ter testemunhado as longas sessões de tortura física sofridas por um desconhecido que habitava a cela ao lado da sua. Trancafiado em celas de castigo que eram verdadeiros caixotes asfixiantes, minúsculos e sem luminosidade, Arenas fora exposto a interrogatórios recheados de ameaças com a intenção de aniquilá-lo interiormente; seu vizinho de cela era assassinado lenta e cruelmente pelas intermináveis torturas:

Un día empecé a sentir en la celda de al lado una especie de ruido extraño que era como si un pistón estuviera soltando vapor; al cabo de una hora empecé a sentir unos gritos desgarradores; el hombre tenía un acento uruguayo y gritaba que no podía más, que se iba a morir, que detubiesen el vapor. En aquel momento comprendí en qué consistía aquel tubo que yo tenía colocado junto al baño de mi celda y cuyo significado ignoraba; era el conducto a través del cual le suministraban vapor a la celda de los presos que, completamente cerrada, se convertía en un cuarto de vapor. Suministrar aquel vapor se convertía en una especie de práctica inquisitorial, parecida al fuego; aquel lugar cerrado y lleno de vapor hacía a la persona casi perecer por asfixia. Cada cierto tiempo entraba un médico a tomarle la presión y ver cómo marchaba el corazón y decía: “Aún pueden darle un poco más”. Entonces el vapor comenzaba a hacerse más fuerte y, cuando ya estaba a punto de morir de un infarto, lo sacaban de la celda y lo llevaban al interrogatorio¹⁵¹.

Se anteriormente falamos sobre a fragilidade crítica, temos que reconhecer que nestas descrições das torturas com requintes de crueldade encontra-se a fortaleza discursiva de Arenas. A impossibilidade em aceitar a prática da tortura em defesa de qualquer causa que seja, pelo menos dentro dos limites de uma ética humanista, obriga os intelectuais pró-Castrismo a um silenciamento omissivo diante de tais testemunhos¹⁵². Foi a pujança de relatos como estes de Arenas atestando a ocorrência de uma sistemática rede de tortura usada contra dissidentes que criaram as primeiras rachaduras na esquerda internacional sobre o apoio

¹⁵¹ ARENAS, Reinaldo. *Ibid.* – pg. 228.

¹⁵² HILB, Claudia. *Silêncio, Cuba: a esquerda democrática diante do regime da Revolução Cubana*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

incondicional ao socialismo cubano. Assim como sua fragilidade crítica foi incapaz de responder a algumas questões postas, sua fortaleza discursiva coloca perguntas que o Castrismo tem sido incapaz de enfrentar até a atualidade: de acordo com a teoria marxista, o avanço do socialismo não deveria vir acompanhado por menos repressão e mais liberdades? Não teria ocorrido em Cuba exatamente o inverso? Se a esquerda e mais pontualmente a esquerda latino-americana tem defendido bravamente a apuração das denúncias de tortura ocorridas durante suas ditaduras militares de direita, porque não defender a apuração destas mesmas denúncias para o caso cubano? Há quem mereça ser torturado? Seria a tortura em prol do socialismo perdoável? O mote *tortura nunca mais*, entoado com toda a legitimidade de quem deseja que as trocas humanas sejam cada vez mais desarmadas e pacíficas, faz com que intelectuais de esquerda, quando colocados diante das denúncias das violências do Estado cubano, sejam levados a complexas reflexões sobre as tortuosidades da via cubana ao socialismo.

Dentre as ações políticas tomadas por Arenas, uma das mais impactantes foi a carta aberta dirigida a Fidel Castro solicitando-lhe a realização de um plebiscito, nos moldes do ocorrido na ditadura chilena de Augusto Pinochet, para que o povo cubano escolhesse entre a manutenção da ditadura ou a instauração de uma democracia. Escrita a duas mãos por Arenas e seu amigo Jorge Camacho, a carta foi publicada no dia 27 de dezembro de 1988 em alguns dos mais importantes periódicos do mundo, tais como o norte-americano *New York Times*, o italiano *Corriere della Sera* e o francês *Le Monde*. A carta que fora redigida de modo espontâneo, a partir de um insight, em uma casa de campo isolada na região da Andalúcia, pretendia ser uma provocação ao líder máximo; uma breve e irreverente provocação, que seria enviada ao seu destinatário ainda que ninguém mais se dispusesse a assiná-la. Contudo, a ideia foi acolhida por uma leva de intelectuais de todos os cantos do globo e, finalmente, assinada por 154 intelectuais estrangeiros e 119 intelectuais cubanos residentes no exílio. O sucesso imprevisto da empreitada pode ser constatado nas palavras do próprio Arenas:

En realidad ni Jorge Camacho ni yo pensamos que aquel documento embrionario escrito en un rincón de España iba a convertirse en uno de los documentos políticos cubanos más populares de los últimos tiempos con la firma o el apoyo de nueve Premios Nobel, de siete ex-presidentes latinoamericanos, del parlamento europeo, de cientos de congresistas brasileiros, de tres presidentes constitucionales (incluyendo al presidente de los

Estados Unidos de América), además de intelectuales y artistas de prestigio universal y del Partido Socialista da Italia¹⁵³.

A epístola obteve projeção o suficiente para chegar ao conhecimento dos habitantes do arquipélago, perfurando todo o esforço do governo para impedir que seus ecos fossem ouvidos em Cuba. Ela serviu de inspiração para que cidadãos descontentes com o regime pichassem muros em Havana com o dizer *NO*, ou seja, um brado de não à continuidade do Castrismo. Apesar de todo este alcance, Arenas deixa claro que nunca se iludiu da possibilidade da proposta de plebiscito ser aceita por Castro e seus companheiros; suas intenções eram outras. Arenas e Camacho, valendo-se do deboche como arma política, pretendiam ao mesmo tempo provar que em Cuba haveria uma das mais duradouras ditaduras do século XX e que Castro já não dispunha de amplo apoio de intelectuais, artistas e políticos do mundo, mas que sua imagem de herói latino-americano vinha perdendo coloração para se transmutar na imagem de um mero caudilho despótico:

La Carta Abierta a Fidel Castro o Carta de París cumplió su cometido porque lo que se proponía no era que Castro celebrase un plebiscito neutral, con partidos de oposición y con un comité internacional como supervisor (Castro es demasiado astuto para hacer tal cosa), sino que la opinión mundial comprendiese que en Cuba hay una de las dictaduras más largas de este siglo y que esa dictadura no goza ya Del apoyo de los intelectuales, artistas e políticos del mundo. Esta carta cuenta ahora con numerosas versiones y con miles de firmantes¹⁵⁴.

O documento também serviria como argumento para Arenas sustentar outras ideias caras ao seu engajamento político. Para o autor, a recusa do Castrismo em providenciar a ocorrência de eleições livres em seu país seria a prova de que a ditadura de Castro “*era aún peor que la (dictadura) de Pinochet*”¹⁵⁵. Generalizando esta comparação, deduzimos que para Arenas as ditaduras comunistas tendem a se manifestar com maior autoritarismo que as ditaduras de direita valendo-se de dois critérios para chegar a tal conclusão: a duração e a inexistência de pleitos para a consulta popular.

Se por um lado a história do século XX mostrou que as ditaduras comunistas tendem a se estender por mais tempo, o movimento de derrocada do socialismo no Leste europeu ocorrido nos meses finais do ano de 1989 revelaria a eficiência dos métodos de ação direta,

¹⁵³ ARENAS, Reinaldo e CAMACHO, Jorge. *Un Plebiscito a Fidel Castro*. Madrid: Editorial Betania, 1990 – pg. 9.

¹⁵⁴ ARENAS, Reinaldo e CAMACHO, Jorge. *Ibid.* – pg. 9.

¹⁵⁵ ARENAS, Reinaldo. *Op. Cit.*, 1990 – pg. 13.

como base na mobilização popular, para a superação do autoritarismo. Novamente, o autobiógrafo responsabilizaria a intelectualidade de esquerda, atuante no cenário internacional, por esta estabilidade quase indestrutível destas ditaduras. A articulação de um esquema amplamente difundido que aceita e justifica a violência revolucionária e que teria se tornado razoavelmente bem aceito pela opinião pública internacional dava a estes governos marxistas-leninistas a oportunidade de se estender por mais tempo no poder prescindindo da soberania popular. A culpa mal intencionada desta intelectualidade que contribuiu para a perpetuação de tiranias seria, de acordo com Arenas, motivo para que estes fossem os primeiros a serem enforcados em praça pública quando Fidel fosse finalmente destronado de seu posto máximo. Para o autobiógrafo, todos estes que acreditam que aparecer de mãos dadas com o líder na televisão seja uma forma de autopromoção no mercado editorial seriam até mais culpados pelos horrores praticados no país, pois o carrasco vivencia um ambiente de poucas escolhas enquanto o intelectual pró-Castrismo, tendo certa distância crítica, opta por ajudar no prolongamento do sofrimento cubano.

A comparação entre Fidel e Pinochet não deixa de apresentar suas armadilhas. Para afirmar categoricamente que o líder cubano era pior que o líder chileno, Arenas oculta informações quiçá importantes, como, por exemplo, a forma como se deram suas chegadas ao governo. Enquanto Castro tornou-se líder de uma revolução que tirara do poder um déspota corrupto e odiado pela ampla maioria do povo, como o próprio autobiógrafo admitira, Pinochet chegara ao poder a partir de um ato de agressão contra um presidente legitimamente eleito em perfeita concordância com as regras constitucionais de seu país. Já o uso da variável de duração para se perfilar este ranking das ditaduras mais cruéis parece ser bastante contestável sob vários aspectos, pois posicionaria ditaduras como as de Hitler na Alemanha (1933-1945) e a ditadura militar argentina (1976-1983) entre “autoritarismos de intensidade moderada”. Em relação ao critério da convocação de eleições para se comprovar o caráter mais democrático da ditadura chilena, o autobiógrafo incorre no erro de considerar que o plebiscito ali realizado em 1988 foi fruto da generosidade de Pinochet. Na verdade, aquele plebiscito estava previsto no texto da Constituição de 1980 que, por sua vez, foi aprovada em um plebiscito ocorrido sob inúmeras suspeitas de fraudes eleitorais. No caso do plebiscito de 1988, a vitória do “No” à continuidade da ditadura de Pinochet foi consequência de uma eficiente campanha de mobilização popular perpetrada por uma combativa oposição chilena.

Ao fim e ao cabo, os problemas advindos desta tentativa de se escalonar ditaduras entre as mais ou menos draconianas provêm da impertinência e da imprecisão em se medir as

injustiças causadas por governos autoritários. O ônus deste tipo de comparação é a talvez não pretendida convivência com as ditaduras de direita. Em um trecho do livro, ao lamentar a não premiação do argentino Jorge Luis Borges com o Nobel, Arenas lamenta igualmente a premiação de Gabriel García Márquez com o laudatório máximo da literatura. Para o autobiógrafo, o colombiano seria um escritor condenável não só por sua imitação barata a Faulkner, mas também por sua defesa incondicional ao Castrismo. A despeito das preferências estéticas e estilísticas que o autor possa nutrir a favor de um ou outro escritor, sua crítica ao intelectual García Márquez pelo apoio à ditadura cubana sugere uma crítica de igual valor ao intelectual Borges pelo seu apoio à ditadura argentina de Videla. Porém, esta consideração pouco honrosa ao mestre da literatura argentina foi ocultada e, assim, interpretamos o silêncio de Arenas sobre as ditaduras de direita tanto como uma estratégia de focar sua mira em ataques somente ao Castrismo e seus seguidores como por certa indiferença em relação às atrocidades cometidas por governos autoritários que não se autoproclamaram comunistas.

O momento do plebiscito também se torna um momento de reflexão para Arenas quanto ao futuro político de Cuba. A esperada negativa de Fidel em aceitar a realização deste pleito serviria como mais um argumento para Arenas sustentar sua descrença na superação do Castrismo por vias pacíficas; para o autor, a inevitável queda do regime seria acompanhada pela fúria violenta de um povo sedento de justiça. Deste modo, a mera proposição de um diálogo para apaziguar o contexto explosivo seria, senão uma atitude mal intencionada, no mínimo um desconhecimento da personalidade ambiciosa e megalomaniaca de Castro, homem incapaz de abandonar o poder espontaneamente.

O trecho final de sua carta de despedida, escrita como anúncio de seu suicídio e inserida como uma espécie de capítulo final da autobiografia, deve ser lido como uma exortação ao combate aberto contra o regime: “*al pueblo cubano tanto en el exilio como en la Isla los exhorto a que sigan luchando por la libertad. Mi mensaje no es un mensaje de derrota, sino de lucha y esperanza. Cuba será libre. Yo ya lo soy*”¹⁵⁶. Embora claramente não estivesse entre os objetivos de Arenas traçar as estratégias desta luta, o que se evidencia na obra é a defesa de que as ações diretas contra o Castrismo seriam tanto mais legítimas e eficazes quanto maiores fossem sua ofensividade e honestidade. Esta ofensividade é averiguada pela recusa radical a qualquer concessão ou a qualquer consideração elogiosa para

¹⁵⁶ ARENAS, Reinaldo. *Ibid.* – pg. 343.

com a tirania; este contexto de vulnerabilidade tanto para as ditaduras latino-americanas como para os regimes comunistas exigia da dissidência a intensificação da agressividade contra um inimigo político que deveria ser visto agora como um soldado inimigo com o qual se depara em um front de batalha em plena guerra; deseja-se o extermínio do adversário, pois ou *eles* restarão vivos com sua truculência ou *nós* venceremos com nossa poesia. Esta guerra verbal e física seria, para Arenas, a consequência nefasta do autoritarismo personalista reinante em Cuba desde a consolidação de Fidel Castro como líder político máximo do país.

A referida carta de despedida anuncia algo além do suicídio de um sujeito debilitado e deprimido pela AIDS; é um atestado da responsabilidade de Fidel por todos os sofrimentos do exílio e pela solidão de todo o povo cubano. O ódio visceral transparente na linguagem de *Antes que Anochezca* decorre da percepção de que é impossível seguir vivendo depois de tantas marcas de violência cravadas pela ditadura no corpo do insubordinado, mas o ódio do homem perdido deve ser inoculado na juventude rebelde para se metabolizar em uma nova onda de fúria libertadora. Retomando questões deixadas em aberto, consideramos a conclusão emitida por Arenas de que sua vida fora destruída pelo Castrismo, ao contrário do que possa parecer à primeira vista, é o ponto de partida de sua esperança por carregar uma mensagem que alerta para a inexistência de vida sob o olhar do vigia. Sendo assim, o efeito pretendido pelo autor com sua autobiografia é o de provocar este leitor repleto de vitalidade despertando-lhe o desejo de derrotar a ditadura como forma de lutar por sua própria existência, ou seja, derrotar Fidel tornara-se condição imprescindível para que outras vidas cubanas não fossem desperdiçadas. A melancolia pessoal funciona, neste caso, como combustível para a esperança coletiva. O olhar de pesar pelo passado se vira ao futuro com otimismo alentador.

A honestidade da luta e de seus militantes figura como a segunda variável necessária para que se consiga concretizar a derrubada do regime castrista. Para perscrutar como o conceito de honestidade intelectual é delineado na obra, cabe nova passagem sobre os comentários tecidos por Arenas a Virgilio Piñera, símbolo de intelectual honesto nos dizeres do autobiógrafo. Ao descrever a assistência prestada pelo escritor veterano na lapidação da obra *El mundo alucinante*, o autobiógrafo relembra de uma peculiar observação feita pelo seu circunstancial professor: *Lo primero que me dijo cuando comenzamos fue: “No creas que hago esto por algún interés sexual; lo hago por pura honestidad intelectual. Tú has escrito*

una buena novela, pero hay algunas cosas que hay que arreglar”¹⁵⁷. Nesta breve citação, entrevê-se a ideia implícita que a honestidade é característica daqueles que, em primeiro lugar, afirmam e reafirmam sem vacilos seus mais profundos princípios morais e, em segundo lugar, *renunciam à vantagem das consequências imediatas*¹⁵⁸ em nome destes mesmos valores.

Portanto, a coerência da dissidência deve ancorar-se na defesa intransigente da liberdade individual (que seria conquistada através da elaboração e efetivação de uma jurisdição laxista, na qual o Estado não intervém nas escolhas íntimas do sujeito, contraposta ao moralismo revolucionário que busca disciplinar a vida sexual cubana), da liberdade de expressão (com o fim de todas as formas de censura à produção artística e à imprensa) e da liberdade política (com a permissão de funcionamento de uma oposição interna que não tema represálias e com a ocorrência de eleições livres para a rotatividade periódica dos mandatos do executivo e do legislativo). O fortalecimento moral desta dissidência libertária seria decorrente de sua capacidade de suportar as ameaças de sanções, as punições recebidas e de não sucumbir diante da constante tentativa de agentes do Estado para cooptar os descontentes prometendo-lhes recompensas materiais, cargos ou melhor posição social. Se por um lado aqueles que desistem da militância contra a ditadura revelam certa fragilidade de caráter, aqueles que superam a violência e as tentações provam a grandiosidade de seus atos e atestam o valor do posicionamento anticastrista. Desse modo, ofensividade e agressividade, como adjetivos substantivados, nomeariam as qualidades com as quais a militância dissidente deveria estar munida para confrontar com radicalidade a ditadura castrista em Cuba¹⁵⁹.

Para conferir maior concretude a estas ideias sobre os objetivos e métodos de atuação da dissidência, Arenas elegera seu herói político, aquele cuja vida exemplificaria com perfeição o que seria a inflexível dignidade perante as injustiças do opressor. Esta figura seria o escritor homossexual Nelson Rodríguez, pessoa a quem Arenas homenageara não somente em *Antes que Anochezca*, mas já o fizera anteriormente dedicando-lhe todo um conto chamado *Arturo, a estrela mais brilhante*. Neste conto, o auter ego literário remete à passagem de Nelson/ Arturo em uma *UMAP* por conta de sua condição homossexual desviante após sofrer a rejeição da própria mãe e ser renegado no seio da própria família. Sujeito excêntrico em uma sociedade enfeitiçada por sócio-patologias manifestas em atitudes

¹⁵⁷ ARENAS, Reinaldo. *Ibid.* – pg. 105.

¹⁵⁸ BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997 – pg. 65.

¹⁵⁹ As ideias lançadas neste parágrafo são inferências nossas.

sádicas e na conformidade daqueles que se omitem, o personagem refugia-se no interior de seus sonhos de fuga e liberdade, mas quando suas fantasias confundem-se com a realidade, em um epifânico ímpeto de se atirar aos campos abertos representados no limiar entre o universo onírico e o universo sensível, Nelson/ Arturo acaba fuzilado pelos estreitos limites da repressão¹⁶⁰.

Desde antes da realização de seu projeto autobiográfico, já era assim que Arenas entendia este amigo: um sonhador inconformado. Das poucas informações biográficas que Arenas disponibilizara sobre Nelson Rodríguez em *Antes que Anochezca*, sabe-se de seu papel de liderança no sequestro de um avião que deveria fazer um voo doméstico por Cuba entre as cidades de Havana e Cienfuegos. A intenção desta ação, na qual Nelson e seu companheiro Angel López Rabí encontravam-se munidos com granadas, era desviar a rota da aeronave rumo aos Estados Unidos. Fracassado o plano pela reação eficiente dos militares cubanos que estavam a bordo disfarçados de civis, Nelson teria atirado uma das granadas, provocado um rombo no avião e tentado o suicídio ao atirar-se pelo buraco aberto, mas o pouso forçado evitaria esta libertação eterna e os rebeldes acabaram condenados à prisão perpétua. Os fins trágicos deste personagem tanto na ficção como na biografia revelam sua grandeza, sua coragem infinita e sua inquietude permanente.

Nelson Rodríguez é heroicizado por Arenas pelo fato de ser um típico representante da rebeldia armada anti-governista que existiu na história cubana desde os tempos coloniais. A escolha deste herói faz-se em detrimento do herói decaído Heberto Padilla. Depois de ser considerado pela geração de Arenas como o grande nome da oposição intelectual no contexto em torno da publicação de sua obra de poesias *Fuera del Juego*, Padilla protagonizaria um triste espetáculo de confissão pública transmitido pela TV estatal cubana após o cárcere e a tortura. Ainda que o papel desempenhado de traidor tenha sido uma representação usada para dar cabo àquele interminável sofrimento pessoal do presídio, aquele ato de desespero pessoal revelaria a fragilidade do homem que perdera a força simbólica de outrora ao sucumbir às pressões da ditadura. Não houve da parte de Arenas o intuito de condenar a conduta de Padilla, mas sim a intenção de propor uma nova imagem de herói dissidente. Ao invés dos titubeios, o avanço irrefreável da rebeldia armada encarnada em Nelson Rodríguez apontaria uma saída digna para os dissidentes ao Castrismo.

¹⁶⁰ ARENAS, Reinaldo. *A velha Rosa*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

1.5 - Nem de esquerda, nem de direita

Muito embora a análise edificada no tópico anterior pudesse sugerir a filiação política de Arenas a uma direita liberal laxista, seus escritos autobiográficos esclarecem que não é deste modo que o autor gostaria de ser visto. Em perfeita concordância com sua apreensão em prol da dita honestidade intelectual, sua intenção em construir uma autoimagem de homem incooptável por qualquer movimento político institucionalizado seria a face complementar deste sujeito para quem a fuga constante é o único antídoto contra a acomodação que nos torna mais vulneráveis à sedução do poder. Sendo assim, a rebeldia *outsider* não seria enquadrável em quaisquer das convencionais categorias do linguajar político. Arenas prefere definir seu engajamento político por sua oposição a todas as formas de governo verificáveis no mundo real. Esta conduta iconoclasta interdita qualquer pertencimento efetivo do autor a um grupo, organização ou partido político que delineasse claramente em seu programa um projeto de conquista do poder.

Lapidar neste sentido, seu não-alinhamento aos *ismos* transparece na profusão dos *nãos*:

Por otra parte, nunca me he considerado un ser ni de izquierda ni de derecha, ni quiero que se me catalogue bajo ninguna etiqueta oportunista y política; yo digo mi verdad, lo mismo que un judío que haya sufrido el racismo o un ruso que haya estado en un gulag, o cualquier ser humano que haya tenido ojos para ver las cosas tal como son; grito, luego, existo¹⁶¹.

Dentre as ideias que podem ser depreendidas deste trecho, destacamos tanto sua postura de se considerar inclassificável como a comparação entre seu sofrimento pessoal ao dos judeus do holocausto ou aos soviéticos sobreviventes dos Gulags. Esta comparação sugere a equivalência entre os regimes políticos liderados por Fidel Castro em Cuba, Adolf Hitler na Alemanha e de Josef Stálin na União Soviética, tendo sido todos estes os chefes de governos enquadráveis na mesma família política dos totalitarismos. O que fica subentendido nas entrelinhas destes escritos é que a diferença de conteúdo entre estes governos de esquerda ou de direita é irrelevante em relação ao modo autoritário com que aniquilaram a liberdade em seus países. Deste modo, Arenas define contra quem se volta prioritariamente o seu brado: os totalitarismos de esquerda ou de direita, indiscriminadamente.

¹⁶¹ ARENAS, Reinaldo. *Op. Cit.*, 1990 – pg. 322.

Poder-se-ia, então, aventar a hipótese da aproximação do engajamento político de Arenas a um liberalismo democrático tão anticomunista como antifascista, mas essencialmente de direita. Apesar de que esta não seria uma aproximação descartável se o objetivo fosse o de uma rotulação forçada, suas críticas ao sistema econômico estadunidense da década de 1980 obrigam, por cautela e rigor, a relativização desta filiação.

Na verdade, há duas passagens nas quais, brevemente, pode-se entrever a contrariedade de Arenas quanto à forma como a história e o sujeito humano seriam descartáveis perante os imperativos do mercado capitalista. Na primeira delas, a indignação de Arenas proviria de um acidente de carro sofrido por seu amigo Lázaro após o choque do automóvel em uma árvore. Levado a um hospital particular de Manhattan, ele seria enxotado do lugar após a descoberta de que Lázaro não possuía nem dinheiro nem seguro de saúde, como atesta o seguinte trecho: “*cuando se enteraron de que no tenía dinero ni seguro, lo pusieron en la calle*”¹⁶². A inserção deste acontecido na autobiografia, tal como fora descrito por Arenas, presta-se a demonstrar como esta lógica do ganho a todo custo, prevalecente na sociedade estadunidense e, quiçá, na dos demais países de um capitalismo consolidado, pode implicar na desvalorização da vida humana em prol do lucro do empresário. Na segunda passagem, Arenas fala com certo ressentimento sobre seu processo de despejo no primeiro apartamento de Nova York que alugara. Devido ao interesse do proprietário do prédio em desalojar os inquilinos para reformar e vender os apartamentos e a recusa dos moradores em deixarem suas residências, este litígio acabara em um processo judicial que dera ganho de causa ao proprietário, mais poderoso graças a todo o patrimônio de bens materiais declarados em seu nome.

Destas duas histórias, ambas ocorridas no ano de 1983, viria a triste percepção de que a lógica do dinheiro tem como seu efeito mais nefasto a crescente impessoalidade das relações humanas. Ao falar deste desencantamento, Arenas comenta que “*después de vivir en este país por algunos años he comprendido que es un país sin alma porque todo está condicionado al dinero*”¹⁶³. O irrefreado livre mercado não leva em consideração nem o estado de saúde do enfermo nem o desabrigo de um *homeless* para levar em conta somente o propalado pragmatismo empresarial, tão avesso a todas as formas de sensibilidade. Os mesmos antolhos que impedem o empresário de tratar o outro como um próximo servem para que seja mantido o foco da constante aceleração do fluxo de capitais com todo o seu perverso

¹⁶² ARENAS, Reinaldo. *Ibid.* – pg. 329.

¹⁶³ ARENAS, Reinaldo. *Ibid.* – pg. 332.

efeito predatório. Este lema do sempre em frente, nunca ao lado, destrói a beleza da tradição em nome do negócio:

Nueva York no tiene tradición, no tiene historia; no puede haber historia donde no existen recuerdos a los cuales aferrarse, porque la misma ciudad está en constante cambio, en constante y derrumbe, para levantar nuevos edificios; donde ayer había un supermercado, hoy hay una tienda de verduras y mañana habrá un cine; luego se convierte en un banco¹⁶⁴.

Desalmado, sem história e sem beleza poética: este seria o destino daqueles países que optassem, ao modo como faziam os Estados Unidos, pela sobrevalorização do livre mercado ante a felicidade humana. Cabe aqui menção ao fato de que a estada de Arenas em território estadunidense coincide com o período dos governos de Ronald Reagan (1981-1989) a frente da presidência do país. O reaganismo é conhecido como uma das mais exemplares experiências de aplicação radical das teorias econômicas do chamado neoliberalismo, teoria esta sustentada no pressuposto do individualismo natural do ser humano. Como ações práticas, o discurso a favor do Estado mínimo, que promoveria crescimento econômico sem inflação, resultou na redução dos gastos públicos domésticos (se forem excluídos os elevados gastos públicos da área militar) com a extinção de inúmeros tipos de serviços públicos prestados em benefício da população e no corte de impostos promovido pelas reformas tributárias de 1981 e 1986. A famosa máxima dita por Reagan em seu discurso de posse de 1981 de que o governo não seria a solução, mas sim o problema, era revelador de suas intenções de levar até a última consequência a ideia de deixar a economia ser regulada pelas mãos invisíveis do mercado. Esta exacerbação do individualismo atira um cidadão pobre e desterrado como Lázaro e Arenas no mais profundo desamparo, não podendo contar nem com as condições de empregabilidade normais para um cidadão estadunidense nem com nenhum tipo de assistencialismo estatal.

Mesmo que o foco das atenções de Arenas não esteja nesta detração ao capitalismo, estes dois capítulos do livro dedicados a uma crítica daquilo que o autor nomeia como o poder do dinheiro permite afirmar que o autobiógrafo, em distintas passagens, elabora críticas contundentes, de modo explicitamente direcionadas ou não, a pelo menos três tendências políticas deste grande grupo das direitas: condena as ditaduras fascistas (das quais a ditadura hitlerista na Alemanha seria seu principal expoente), as ditaduras militares (das quais a ditadura batistiana seria a mais citada por óbvias razões) e a direita (neo)liberal

¹⁶⁴ ARENAS, Reinaldo. *Ibid.* – pgs. 332 e 333.

estadunidense. Ao se esquivar do enquadramento dentro destas tendências de direita, Arenas sustenta seu não pertencimento a qualquer tipo de partidatismo político para reafirmar um de seus motes prediletos: nem de esquerda, nem de direita.

1.6 - À guisa de conclusão

A ideia central deste capítulo é a de que o elemento que confere coerência à narrativa autobiográfica de Arenas seria esta autoimagem de rebelde em fuga que perpassa toda a obra. Este homem constantemente fora do lugar, desencaixado em um mundo hostil, fora um indivíduo marginalizado por sua origem camponesa, por sua homossexualidade assumida, por sua literatura de vanguarda e por seu inconformismo radical. Neste sentido, sua inquietude seria consequência desta percepção do quanto as estruturas de poder do mundo real estariam erguidas para sepultar a beleza poética e a liberdade, realidade esta que seria a força motriz para esta incessante procura por um lugar onde os prazeres do corpo e da alma não fossem alvo da fúria de um Estado casto e castrador (como na Cuba de Fidel e em todos os outros tipos de ditaduras) nem subordinados aos interesses do mercado (como nos Estados Unidos da década de 1980). Esta busca manifestara-se tanto neste contínuo deslocamento de uma casa a outra, de uma cidade a outra ou de um país ao outro como em sua luta libertária por transformações políticas e, portanto, a migração e a militância são as faces de um desconforto nunca resolvido.

Antes que anochezca expressa em sua forma e em seu conteúdo que esta existência desajustada é a única que cabe perante tamanhos e eficazes mecanismos de sabotagem à felicidade humana. Neste sentido, a narrativa acumula regozijos do autor por seus fugazes dribles aos sabotadores: perante a miséria da infância, a riqueza de se viver em árvores e de se atirar nos aguaceiros formados pelas tempestades; perante a dura realidade, a leveza da imagem e do sobrenatural; perante a repressão do Castrismo, o usufruto de uma clandestina liberdade sexual e do envio de suas obras ao exterior; perante as distorções de uma dita oficial história da Revolução Cubana, a contra-história com valor testemunhal contada pela vítima; perante a insensibilidade do capitalismo estadunidense, a solidariedade dos desterrados.

Contudo, a narrativa também é pontuada pelo pesar de quem não encontrou seu lugar no mundo nem conseguiu moldá-lo mais próximo ao seu ideal: a tristeza pela mãe abandonada e pelo avô gradualmente abatido com o avançar da velhice e o perdurar do

autoritarismo cubano nas mãos de Batista e de Fidel; o ressentimento com um governo que boicotou sua carreira literária em seu próprio país e com uma repressão homofóbica que relegou aos homossexuais cubanos uma condição de profunda desproteção; os traumas do cárcere e a desilusão com o exílio. Ao olhar para o passado, suas memórias oscilam entre o orgulho por esta busca persistente que lhe deu a esperteza de saber enganar as adversidades e de lançar seu sorriso de escárnio aos seus inimigos toda vez que suas estratégias alcançavam êxito e entre a lamentação pela duração da ditadura comunista de Fidel Castro em Cuba e todas as sequelas negativas que isto deixaria à história de seu povo. Suas memórias carregam, assim, a dupla marca do pessimismo da vítima e o otimismo daquele que se vangloria das pequenas vitórias.

No que se refere às suas proposições para o futuro do arquipélago, mesmo que imprecisas, há nelas a sugestão de que a ditadura de Castro seria derrotada em um futuro que a Arenas parecia próximo através da ação direta motivada pela rebeldia dos cubanos, fosse esta ação através de ataques armados contra o governo (a exemplo do que fizera seu herói Nelson Rodríguez) ou através de um espontâneo levante popular (como o que se pudera observar na espetacular fuga de Mariel ou nas pixações que apareceram nos muros de Havana após a divulgação da carta aberta solicitando um plebiscito em Cuba). Arenas compreendia que, às vésperas de sua morte em 1990, era chegado o momento para se iniciar uma ofensiva contra Fidel Castro dada a conjuntura histórica favorável, seja pela redemocratização latino-americana ou pela derrocada do socialismo soviético. Se Fidel Castro, por sua sensação megalomaniaca de onipotência, não abandonaria o posto de ditador por sua iniciativa pessoal sob nenhuma hipótese, caberia exclusivamente à oposição cubana a responsabilidade por organizar um movimento político forte o suficiente para destroná-lo.

Sendo assim, o manifesto político bradado da autobiografia de Reinaldo Arenas clama pela vitória de uma rebeldia, historicamente marginalizada, contra o autoritarismo repressor reinante em Cuba desde seus primórdios. As reticências e desconfianças do autor com todas as formas de governo existentes, seja em seu presente ou em seu passado, seja em Cuba ou em qualquer outro canto do globo, torna-o um outsider perfeito e descolado de qualquer filiação político-partidária. A fuga, neste caso, não funciona apenas para mostrar sua inconformidade com o mundo vivido, mas também para afirmar o modo como desejava ser lido: como um sujeito inclassificável.

Capítulo 2 - *La Mala Memoria*¹⁶⁵ de Heberto Padilla: memória cifrada

Antes que se inicie uma análise atida à obra *La Mala Memoria* de Heberto Padilla, talvez valha um preâmbulo ocupado em apresentar o tom tão singular em que este livro de caráter autobiográfico envolve seus leitores. A primeira característica que dela salta aos olhos é o estreitamento de sua amplitude temporal: Padilla trata apenas de uma parte de sua vida, exatamente aquela parte que considera afetada pela Revolução Cubana. Sem relatos de infância, sem relatos de velhice, “o Padilla” que se conta em *La Mala Memoria* surge na virada do ano de 1958 para 1959 em seu quase solitário réveillon nova-iorquino e desaparece ao término de seu último encontro com Fidel Castro antes de sua partida para o exílio: entre a vida nos Estados Unidos antes da Revolução e a volta para os Estados Unidos após a derradeira ruptura, encontrava-se Padilla em meio à Cuba revolucionária. O início e o fim não estão no nascimento e morte, como percebido na autobiografia de Reinaldo Arenas, mas demarcados por suas ondulatórias ligações com o governo revolucionário nestes pouco mais de vinte anos transcorridos desde a abertura da esperança revolucionária até o fechamento do exílio buscado. Entre o engajamento e o desligamento, entre o revolucionário e o revoltado, Padilla rejeitou o indivíduo-todo em prol das partes que julgou fundamentais para montar esta peça político-poética validada pelas notas testemunhais. Nas entrelinhas, esta autobiografia parcial entoava um coro contra as teorias totalizantes que almejavam obter a verdade plena, contra-face da justiça plena, em um progresso linear que parte do caos rumo à ordem. Nem caos nem ordem, nem princípio nem fim, sem nascimento e sem morte (ao menos de seu personagem protagonista), *La Mala Memoria* se faz obra aberta.

Dizer *Obra Aberta*¹⁶⁶ é uma óbvia menção aos ensaios em que Umberto Eco analisa aquilo que ele nomeia por arte contemporânea, um grupo tão vasto e diversificado de produções artísticas que abarcam romances de Franz Kafka, a nova linguagem de James Joyce, o teatro épico de Bertold Brecht, as composições musicais de Karlheinz Stockhausen, os móveis de Calder e os quadros de Bruno Munari e que, apesar da aparente desconexão entre si, propõe algo novo e em comum, pois são produções artísticas que

não consistem numa mensagem acabada e definida, numa forma univocamente organizada, mas sim numa possibilidade de várias organizações confiadas à iniciativa do intérprete, apresentando-se,

¹⁶⁵ PADILLA, Heberto. *La Mala Memoria*. Barcelona: Plaza & Janes Editores S.A., 1989.

¹⁶⁶ ECO, Umberto. *Obra Aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. São Paulo: Perspectiva, 2010.

portanto, não como obras concluídas, que pedem para ser revividas e compreendidas numa direção estrutural dada, mas como obras “abertas”, que serão finalizadas pelo intérprete no momento em que fruir esteticamente¹⁶⁷.

Mais adiante, Eco aprofunda esta concepção de obra aberta: “trata-se de obras ‘inacabadas’, que o autor, aparentemente desinteressado de como irão terminar as coisas, entrega ao intérprete mais ou menos como as peças soltas de um brinquedo de armar”¹⁶⁸. Estas inovações estéticas são analisadas por Eco como resultado das novas visões de mundo trazidas a tona, sobretudo e primordialmente, pelas pesquisas realizadas na área da Física Quântica e na área da Matemática Probabilística, pesquisas estas responsáveis por conferir validade científica a noções como as de incerteza, relatividade e probabilidade. Deste modo, os autores desta arte contemporânea, em concordância com esta nova epistemologia científica, partem em busca de experiências estéticas mais flexíveis, entendendo por flexibilidade a perda de objetividade das mensagens emitidas. Dizendo de outro modo, assim como no campo científico o certo foi substituído pelo provável e o absoluto substituído pelo relativo, o campo artístico deixa-se contaminar por estes postulados e abre espaço para que novas produções se contraponham ao discurso persuasivo (entendido como aquele que prescreve conclusões definitivas), propondo uma forma indeterminada e imprecisa. Foi o próprio Heberto Padilla quem, no prefácio à edição comemorativa de trinta anos de lançamento de seu livro de poesias *Fuera del Juego*, afirmou sua filiação à arte contemporânea (tal qual entendida acima) ao dizer: “*Ningún libro se da por terminado*”¹⁶⁹.

O encerramento de *La Mala Memoria* é um exemplo desta abertura justamente pela dispersão do discurso, que muda rapidamente o foco, antes voltado à recordação que Padilla faz de seu último banho de mar nas águas do Caribe cubano após receber autorização para o exílio nos Estados Unidos, depois comparando o Fidel Castro envelhecido de 1980 como o Fidel Castro da juventude de 1954. Sem se abster do compromisso crítico contra o governo revolucionário, assumido por sua postura de intelectual dissidente, o desfecho da obra não faz mais que acompanhar a cadência da linguagem que permeia todo o livro e que é carregada de movimento (ou transitividade) e de impressionismo (a psique que caminha de mãos dadas com a política nas lembranças). As impressões e as informações são jogadas ao léu, como fios que se tocam mas não se entrelaçam. *La Mala Memoria* carece, com a consciência e o

¹⁶⁷ ECO, Umberto. *Ibid.* – pg. 39.

¹⁶⁸ ECO, Umberto. *Ibid.* – pg. 41.

¹⁶⁹ PADILLA, Heberto. *Fuera del Juego*. Miami: Ediciones Universal, 1998 – pg. 7.

consentimento de seu autor, de uma conclusão, e esta carência é a defesa de um tempo passado obscuro e inconcluso.

As aberturas de *La Mala Memoria* são também de outras ordens. Elas têm a ver com o próprio estilo literário que o autor vai assumindo a partir de *Fuera del Juego* e no romance *En mi jardín pastan los héroes*, e este estilo é carregado de uma atmosfera de suspense, erguendo tensões que não se resolvem, tracejando lacunas propositais em meio à narrativa. As falas dos personagens reais e fictícios seguidas aos travessões assemelham-se com as falas codificadas dos mafiosos representados no cinema. O texto de Padilla, tão carregado de figuras de linguagem, é lacunar e codificado pois o autor reconhece os limites de sua perspectiva subjetiva e, neste abafamento da objetividade, Padilla acende reflexões onde o imperativo cede espaço ao interrogativo, onde o sim/não cede espaço ao talvez. Daí a sugestão de que *La Mala Memoria* seja uma memória cifrada, com buracos simbólicos a serem decifrados através da interpretação.

Outra dissonância observável na autobiografia de Padilla deriva de sua desorientação de sentido, efeito produzido pela abolição da sequência cronológica como ordenadora dos fatos vividos. Rasgada por *flashbacks*, esta narrativa em ziguezagues contesta o modelo de uma memória que funciona em linha reta; até porque Padilla opõe-se à ideia de uma História linear que avança progressivamente, tal como esboçou a filosofia iluminista dos Setecentos e que depois seria modificada e ressignificada pela dialética hegeliano-marxista nos Oitocentos. Padilla vociferou ante às profecias teleológicas pregadas pelos comunistas que, obcecados pela utopia a ser perseguida de um mundo onde os homens gozariam de liberdade absoluta após expurgarem por completo todas as contradições entre senhores e escravos, burgueses e proletários, proprietários e despossuídos, acabaram por legitimar atrocidades no presente em nome de uma justiça a ser atingida no futuro. Se a História da Humanidade caminha aos solavancos rumo ao incerto, esta absurdidade, que é parte constituinte da natureza humana, não admite o sacrifício do hoje sob nenhuma alegação.

Esta rejeição de Padilla ao sentido da História é o princípio que o fez rejeitar o projeto de poder como declaração de guerra das Revoluções Comunistas do século XX, entre as quais se destaca a Revolução Cubana. Estes princípios divergentes dos comunistas manifestos por Padilla são tributários da noção de *Homem Revoltado*¹⁷⁰ redigida com rara complexidade por Albert Camus em obra lançada em 1951. Foi o próprio Padilla quem quis

¹⁷⁰ CAMUS, Albert. *O homem revoltado*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

explicitar sua comunhão de ideias com Camus ao dedicar várias referências reverentes ao escritor franco-argelino. De suas passagens pelos salões parisienses, locais onde fervilhavam discussões políticas sobre temas dos mais variados, Padilla guardou uma recordação que mostra toda sua devoção à Camus:

*En aquel grupo sólo Jean Daniel y yo aceptábamos las conclusiones de Albert Camus. Por las monstruosidades de la historia inmediata del comunismo soviético y de los demás países socialistas, resultaba imposible ser comunista; y por no aceptar la historia sombría del colonialismo occidental no se podía ser anticomunista*¹⁷¹.

Discípulo de Camus, adepto de um engajamento revoltado que denuncia os crimes do presente, sejam quem forem seus mentores, Padilla também parece simpático às conclusões mais pragmáticas de Camus: seguir à esquerda, mas uma esquerda não-comunista e não-revolucionária, que condena radicalmente a violência revolucionária. Esta é a hipótese principal sobre o discurso dissidente depreendido de *La Mala Memoria* que pretendemos sustentar ao longo deste capítulo: sob a influência da concepção camusiana de revolta, Padilla valeu-se de suas licenças poéticas para combater as práticas da Revolução Cubana que propugnaram sacrificar o presente concreto em nome do futuro abstrato e, nesta negação, as memórias de Padilla afirmam o direito de existência do individual concreto ante o todo abstrato. E neste jogo em que se revelam as semelhanças entre as ideias políticas de Camus e Padilla, encontramos mais um sinal equivalente: ambos desejaram ser vistos até o fim como integrantes da família política onde nasceram e cresceram, a esquerda. Uma esquerda independente e reformista, mas homens de esquerda. Neste sentido, a crença de Padilla na imprevisibilidade do futuro humano, seu amor ao presente e à concretude do indivíduo/sujeito real e sua abertura aos possíveis caminhos contra o fechamento das certezas fanáticas fizeram dele, assim como o fizeram intelectuais da envergadura de Albert Camus e Claude Lefort na França, a postular a superioridade moral da democracia sobre a revolução dentro das rodas de intelectuais da esquerda latino-americana.

Confluem em *La Mala Memoria* a orientação estética de uma linguagem aberta por um lado e por outro a orientação política crítica ao autoritarismo do governo revolucionário cubano e em defesa da democracia. Estas orientações partem de um mesmo e primordial núcleo filosófico: o antidogmatismo teórico e prático. Entendendo que o dogmatismo teórico

¹⁷¹ PADILLA, Heberto. *La Mala Memoria*. Barcelona: Plaza & Janes Editores S.A., 1989 – pg. 107.

pressupõe que “uma verdade existe e nos é acessível”¹⁷² e que o dogmatismo prático extrapola o âmbito do conhecimento para afirmar que esta verdade deve justificar e impor a ação, o antidogmatismo reduz o grau de acessibilidade à verdade e nega a possibilidade de uma ciência que determine a ação política. Em sua análise do que seria o dogmatismo, Comte-Sponville aprofunda sua definição dizendo que:

Se o descritivo e o prescritivo andam juntos, se o valor pode ser conhecido em verdade, então conhecer o que é também é saber o que deve ser. Para Lênin como para Platão, é-nos acessível uma verdade (mesmo que esteja claro que não é a mesma verdade e que ela não tem o mesmo estatuto) cujo conhecimento basta para justificar (de direito) a ação que ela torna possível (de fato). Há uma ciência da ação, que permite não apenas compreendê-la a posteriori mas julgá-la antecipadamente e impô-la a todos (já que toda verdade é universal). O poder deve pertencer portanto aos que sabem, e toda falta é um erro: ninguém é mau nem reacionário voluntariamente. Compreende-se que, cientificamente fundada, a ação não tem portanto por que se preocupar com a democracia: não se pode pôr a verdade em votação! De modo que o dogmatismo prático desemboca naturalmente, em Lênin (na prática) como já em Platão (na teoria), naquilo que hoje chamamos de totalitarismo¹⁷³.

Desta feita, Padilla prefere sua má memória à verdadeira memória, assim como condena as verdades impostas por Fidel Castro lutando em prol das imprecisões democráticas. Esta vaga noção de democracia que permeia a obra de Padilla combina com a definição do termo trazida por Claude Lefort de democracia como “*a legitimação do conflito*”, na medida em que

a democracia institui-se e se mantém pela dissolução dos marcos de referência da certeza. A democracia inaugura uma história na qual os homens estão à prova de uma indeterminação última quanto ao fundamento do Poder, da Lei e do Saber, e quanto ao fundamento da relação de um com o outro, sob todos os registros da vida social¹⁷⁴.

Em sua narrativa de memória, o antidogmatismo latente de Padilla manifesta-se como linguagem e como conteúdo, como estilo e como discurso político, transmitindo seus meios valores e suas meias verdades através de sua dissidência revoltada em uma obra aberta para

¹⁷² COMTE-SPONVILLE, André. *Valor e Verdade: estudos cínicos*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008 – pg. 35

¹⁷³ COMTE-SPONVILLE, André. *Ibid.* – pgs. 39 e 40.

¹⁷⁴ LEFORT, Claude. *Pensando o político: ensaios sobre democracia, revolução e liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991 – pg. 34.

clamar por democracia em sua distante pátria. Cabe, portanto, sustentar com os grifos extraídos de *La Mala Memoria* esta interpretação que posiciona Heberto Padilla como um homem que pretendeu ser visto como integrante de uma desarticulada militância não-dogmática de esquerda dissidente à Revolução Cubana a partir deste relato autobiográfico inconcluso.

Quando se diz que a militância com a qual Padilla se identificava estava desarticulada quando foram escritas suas memórias em meados da década de 1980, entenda-se que esta dispersão não era seu mal congênito, mas consequência da postura centralizadora do governo revolucionário que, desde seus primeiros atos, revelara sua vocação para o estrangulamento daquelas correntes revolucionárias que se opusessem, em parte ou no todo, ao projeto político encabeçado de um modo cada vez mais personalista pela figura de Fidel Castro. *La Mala Memoria* narra, portanto, o calvário pessoal que Padilla diz ter carregado enquanto se afastava do governo revolucionário e era esmagado por ele, mas também narra como diversas alas políticas que participaram ativamente da Revolução Cubana foram sendo, sorrateira e habilidosamente, assimiladas ou defenestradas pelo Castrismo para que o arco-íris ideológico que caracterizara a coalizão de forças triunfante em 1959 resultasse numa monolítica ditadura revolucionária entre 1971 e 1985. Este processo de domesticação e expurgo foi descrito por Daniel Reis Aarão como os anos da construção do consenso situados entre 1959 e 1970 em que oposições políticas de quaisquer matizes ideológicas foram anuladas para que se consolidasse a aliança entre os governos revolucionários cubano e soviético¹⁷⁵. Não obstante o peso que autoritarismo de Fidel Castro teve para o apagamento destas oposições, a versão de Padilla deixa transparecer o quanto os vacilos, as indecisões e os titubeios que a ala reformista e democrática (que por sua vez encontrava-se rachada entre os democráticos moderados e os nacionalistas radicais) da Revolução foram responsáveis por sua própria desgraça.

Um pouco da história das aproximações, fragmentações e afastamentos desta ala com o governo revolucionário foi contada por Carlos Franqui, um de seus mais influentes membros. Remanescentes do Partido Ortodoxo, este grupo atuou de forma coesa contra a ditadura de Fulgêncio Batista encaminhando um complexo de ações clandestinas pela queda daquele governo, que envolveram a guerrilha urbana, a guerrilha rural e as greves gerais, sob

¹⁷⁵ REIS, Daniel Aarão. *A revolução e o socialismo em Cuba: ditadura revolucionária e construção do consenso* in ROLLEMBERG, Denise e QUADRAT, Samantha Viz (orgs.). *A construção social dos regimes autoritários: Legitimidade, consenso e consentimento no século XX (Brasil e América Latina, volume II)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

novas legendas como o Movimiento Revolucionario 26 de Julio e o Directorio Revolucionario Estudiantil. A difícil relação mantida entre estas correntes políticas e o PSP (Partido Socialista Popular) de orientação marxista-leninista e pró-soviética no período pré-revolucionário pode ser atestada pelas farpas trocadas entre si: o apoio e a participação ativa do PSP no governo constitucional de Fulgêncio Batista entre 1940 e 1944¹⁷⁶ seriam provas do oportunismo e da fragilidade moral destes comunistas cubanos; por outro lado, o PSP se reportara ao Assalto ao Quartel Moncada em 26 de Julho de 1953 como mostra do putschismo (golpismo) pequeno-burguês de seus mentores. Talvez estas hostilidades e desconfianças mútuas, intensificadas por conta do atraso no ingresso do PSP na luta armada contra Batista (ingresso este ocorrido somente em 1958, quando a vitória revolucionária era dada como certa por muitas de suas lideranças), tragam um indício dos motivos da rejeição radical desta ala reformista e democrática ao crescente poderio adquirido pelos militantes do PSP ainda nos primeiros anos do governo revolucionário. O curioso é que Fidel Castro, fundador e liderança de destaque do MR-26/07, encarnação mais notória do que os comunistas rechaçaram em 1953 como golpista pequeno-burguês, abraçaria seus antigos desafetos comunistas para devorar, tal qual Saturno fizera com seus filhos, muitos dos seus antigos companheiros do Partido Ortodoxo, do MR-26/07 e do DRE. Esta ala, para seguir na trilha dos escritos de Carlos Franqui, divergia da militarização do governo Castro, bem como da infiltração e crescente espaço dado aos comunistas neste governo¹⁷⁷. Padilla identifica-se como um destes reformistas democráticos, como fica patente em vários trechos de sua obra, e suas críticas ao cerceamento do debate artístico e intelectual, à violência revolucionária e ao alinhamento de Cuba à União Soviética foram paralelamente a ruína de sua atuação que tangenciava a Revolução, tocando-a sem a ela aderir nem a ela se esquivar.

A queda de Padilla, seu ostracismo espetacularizado no dramático episódio que carrega seu nome (Caso Padilla), foi, assim, não somente o aniquilamento de um poeta que se pusera e fora posto fora do jogo, mas o episódio culminante da desarticulação completa desta ala nacionalista, reformista, democrática e antissoviética que agiu o quanto pôde e enquanto julgou possível para alterar a rota daquela Revolução que ajudaram a triunfar. O Padilla revolucionário transforma-se em um Padilla revoltado, que por sua vez resulta em um Padilla derrotado que se redescobre como um Padilla dissidente no exílio. Todas estas facetas da

¹⁷⁶ O PSP contou com a participação de dois de seus dirigentes, Juan Marinello e Carlos Rafael Rodríguez, como ministros de Batista.

¹⁷⁷ FRANQUI, Carlos. *Cuba, la revolución: ¿Mito o realidad?*. Barcelona: Ediciones Península, 2006.

personagem, confundidas e desorganizadas no tempo da narrativa, revelam um pouco mais da oscilante atuação desta ala de esquerdistas dissidentes à Revolução Cubana, lugar em que nos parece justo situar Heberto Padilla.

Nos tópicos que se seguem, *La Mala Memoria* será decifrada numa estrutura diversa daquela utilizada para analisar *Antes que Anochezca*. O pensamento de Padilla há de ser descortinado em suas diferentes perspectivas neste exercício de estabelecer associações, mas, e em lógica concordância com os preceitos metodológicos descritos na introdução, queremos desmontar e remontar cronologicamente a trajetória do engajamento de Padilla no cenário intelectual cubano. Desse modo, partindo de uma mesma e única proposta teórico-metodológica, deixaremos dois resultados diferentes de análise: no caso da análise de *Antes que Anochezca*, Arenas foi dissecado pelo seu aspecto geracional, artístico e político, no caso da análise de *La Mala Memoria*, Padilla será dissecado em etapas de atuação entre o Padilla Revolucionário e o Padilla Revoltado.

2.1 As lembranças de Padilla acerca de Fidel Castro antes de 1959

O segundo capítulo de *La Mala Memoria* parte do encontro entre Heberto Padilla e o poeta francês Saint-John Perse em Washington, Estados Unidos. A data deste encontro ocorrera no ano de 1958, “*Lo conocí en la primavera de 1958*”¹⁷⁸, momento em que as informações sobre a guerrilha de Fidel Castro começavam a chegar com maior frequência nos noticiários estadunidenses. A motivação principal deste encontro dava-se pelo fato de Heberto Padilla estar traduzindo o livro de Perse intitulado *Anábasis* do francês para o espanhol, porém as temáticas literárias que a ambos interessavam tão de perto cederiam espaço a um diálogo entremeado pela História Política de Cuba quando o poeta francês perguntou a seu tradutor quem era Fidel Castro. Este *flashback* remete ao mais longínquo passado mencionado por Padilla em todo o livro. Recordar sua relação pessoal com Fidel levava-o a tentar remontar algo da trajetória do Partido Revolucionario Cubano (Auténtico), cujos principais líderes foram os presidentes Ramón Grau (com mandato presidencial entre 1944 e 1948) e Carlos Prío Socarrás (com mandato presidencial entre 1948 até o golpe de Estado desferido sob a liderança de Fulgêncio Batista em 1952) e algo da trajetória do Partido

¹⁷⁸ PADILLA, Heberto. *Op. Cit.*, 1989 – pg. 11.

del Pueblo Cubano (Ortodoxo), dissidência do Partido Auténtico cujas principais lideranças seriam Eduardo R. Chibás e José Pardo Llada.

De acordo com Padilla, enquanto o Partido Auténtico fora caracterizado pelos governos corruptos de seus principais representantes, mas também pelo respeito aos trâmites democráticos, o Partido Ortodoxo fora a oposição mais aguerrida, classificada pelo autobiógrafo como socialdemocrata, mas cuja marca característica fora a luta “*contra la corrupción administrativa y contra los grupos gangsteriles que medraban a la sombra del poder*”¹⁷⁹. Os primeiros passos de Padilla no universo político cubano foram dados nas fileiras da juventude do Partido Ortodoxo, e foi nesta aproximação com a oposição que os caminhos de Padilla e de Fidel cruzaram-se pela primeira vez. Isto ocorrera nas campanhas de 1951, ocasião em que Fidel Castro pleiteava um posto de representante na câmara dos deputados pela província de La Habana.

Nesta ocasião, Padilla teve a oportunidade de conhecer outros iminentes nomes de candidatos pelo Partido Ortodoxo, tais como Mario Rivadulla e Omar Borges, dirigentes nacionais do Partido, e Yuyo del Valle, candidato a senador pela Província de Matanzas. Padilla integrara este grupo como convidado de Juan Amador Rodríguez, “*periodista y aspirante a senador por la provincia de Pinar del Río*”¹⁸⁰. Foi este mesmo Juan Amador Rodríguez, conterrâneo de Padilla, quem auxiliara o jovem poeta em seu momento de maior penúria após a chegada à capital Havana em busca de fazer despontar a sua carreira literária. Padilla dormia de favor em um dos cômodos da redação da revista literária *Crónica* e Juan Amador, um dos mais populares periodistas de Cuba e apresentador de um programa de reportagem policial na *Radio Progreso*, repassava-lhe o serviço de selecionar as melhores dentre as reportagens policiais já idas ao ar e transcrevê-las para a Revista *Bohemia*. Àquele encontro seguiu-se o trágico episódio do suicídio de Chibás em 10 de agosto de 1951 que prenunciaria o regresso autoritário em Cuba com o golpe militar comandado pelo General Fulgêncio Batista em 10 de março de 1952.

Pois foi na ditadura batistiana que governaria Cuba entre o golpe até a vitória revolucionária em 01 de Janeiro de 1959 que, de acordo com Padilla, começaria a ser construída a imagem de Fidel como mito, como herói, como um justiceiro vociferante. À pergunta “Quem é Fidel Castro”, Padilla não poderia responder satisfatoriamente em 1958 pelo grau de obscuridade que pairava sobre aquele personagem; antes de redigir estas

¹⁷⁹ PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pg. 13.

¹⁸⁰ PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pg. 16.

impressões distanciadas e tão intermediadas, num exercício em que o Padilla autobiógrafo tentava resgatar as impressões do Padilla da juventude, a maturidade do autobiógrafo lança duas advertências para diminuir as expectativas de precisão e objetividade constantes nestas tortas lembranças: “*En aquel momento yo sabía más de Ezra Pound que de Fidel Castro*” e “*Fidel Castro no había hecho explícita ninguna ideología política*”¹⁸¹.

Como explicar a um não-cubano, desconhecedor da complexidade dos grupos políticos em disputa pelo poder dentro daquele país, quem seria e o que pretendia fazer Fidel Castro? Como um cubano que trabalhava como tradutor e professor de espanhol na academia Berlitz de Nova York poderia falar das nebulosidades políticas que flutuavam instáveis sobre sua pátria? Restava-lhe, contudo, algum conhecimento daquilo que fora vivido em seu país como um jovem a quem a curiosidade pela política aproximara-o de figuras notórias, dentre elas o próprio Fidel Castro. Neste exercício fadado à imprecisão, Padilla começava a delinear uma genealogia do Castrismo, e por extensão do anti-Castrismo, pelos rompantes que fizeram seu líder emergir à cena política cubana entre o fim da década de 1940 e o triunfo revolucionário.

Esta opaca genealogia inicia-se com os seguintes dizeres: “*Le daba mi respaldo incondicional al rechazo a Batista, a quien culpaba de haber interrumpido el proceso democrático que los presidentes Ramón Grau y Carlos Prío habían respetado*”¹⁸². Desta citação depreendemos a ideia de que a amálgama que dava liga à plural coalizão de forças políticas que se uniu em luta pela queda de Batista era o restabelecimento do processo democrático. Mas aqui, entendemos que restabelecer a democracia é o mesmo que restabelecer a Constituição de 1940. Não só Padilla, como outros dissidentes de segunda hora que a ele foram próximos revelaram sua reverência à Constituição de 1940. Para Franqui, antes mesmo da promulgação da Carta Constitucional,

Los debates de la Constituyente, durante meses transmitidos por radio, hicieron del país un parlamento. Por primera vez se polemizaba, se discutía en libertad. La palabra adquiría una fuerza tremenda. Se cantaba las cuarenta a cualquiera. ¡Qué maravilla la libertad después de años de tiranía!¹⁸³

E esta correlação entre certa noção de democracia e o revigoramento da Constituição de 1940 como a razão maior para o triunfo da Revolução de 1959 aparece nova e

¹⁸¹ PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pg. 12.

¹⁸² PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pg. 12.

¹⁸³ FRANQUI, Carlos. *Op. Cit.* – pg. 90.

recentemente, em um tom taxativo e sintético, no epílogo escrito por Gilberto Magnolli para a versão brasileira do livro *De Cuba com Carinho*, de autoria da *bloggeira* cubana Yoáni Sánchez: “Um regime apodrecido esboroou-se e o poder caiu nas mãos da corrente opositora mais organizada, que prometia a democracia e a restauração da Constituição de 1940”¹⁸⁴.

Qual seria, então, esta noção de democracia formatada pela Constituição de 1940? Se nas palavras de Padilla esta resposta não está dada, cumpre observar, através da leitura desta Carta Legislativa, quais os avanços foram por esta alcançados (ou institucionalizados) em Cuba. A primeira mudança que parece atrelar os dizeres desta Constituição com a noção de democracia que ganhava forma refere-se aos amplos direitos de defesa concedidos aos acusados em processos penais, tais como a extinção da pena de morte (Art. 25), o direito à integridade pessoal do detido (Art. 26) e o direito ao habeas corpus (Art. 29). A segunda mudança digna de nota são os direitos à privacidade (Arts. 32 e 34), a ampla liberdade de expressão rejeitando qualquer forma de censura prévia (Art. 33), garantia à liberdade religiosa (Art. 35) e à liberdade de manifestação (Art. 37). O terceiro grupo de mudanças atrela-se às leis trabalhistas, tais quais a instituição de um salário mínimo com diferentes valores entre as províncias (Art. 61), jornada máxima de trabalho de oito horas diárias e quarenta e quatro horas semanais (Art. 66), direito a férias de um mês ao ano (Art. 67), direitos à mulher gestante e lactante (Art. 68), direito à sindicalização de patrões e empregados (Art. 69) e o direito à greve e ao locaute (Art. 71). Outra mudança de grande importância para a História Cubana está na promessa de extinção gradual dos latifúndios, com leis a serem criadas que limitassem o tamanho máximo da área rural que pode pertencer a um só indivíduo (Art. 90); e o sufrágio universal, com a garantia do direito ao voto estendido para mulheres e analfabetos, de acordo com o que aparece estabelecido entre os Artigos 97, 98 e 99, pelo qual os representantes do Poder Legislativo e do Poder Executivo seriam eleitos para mandatos com duração predeterminada pela própria Constituição (o mandato de Presidente da República deveria se estender por um período de quatro anos, conforme atesta o Artigo 140)¹⁸⁵.

Pautando o Estado de Direito cubano por noções como o amplo direito de defesa, a ampla liberdade de expressão, leis trabalhistas, a extinção gradual do latifúndio e a instituição de eleições que abarcavam a quase totalidade da população adulta cubana para que o povo escolhesse os representantes dos Poderes Executivo e Legislativo, a Constituição cubana de

¹⁸⁴ MAGNOLI, Demétrio. *O tempo e o espaço da Cuba de Yoani in SÁNCHEZ, Yoani. De Cuba, com carinho [recurso eletrônico]*. São Paulo: Contexto, 2009.

¹⁸⁵ <http://pdba.georgetown.edu/constitutions/cuba/cuba1940.html#mozTocId141409>. Acesso em 25 de janeiro de 2014.

1940, por todo o impacto que exerceu na formação política da geração do centenário do nascimento de José Martí¹⁸⁶, delineou algo sobre as concepções de democracia e reforma social que fomentaram a luta revolucionária. Cabe notar também que o referencial da Constituição fizera-se em compasso com fatores geracionais de um passado que também orientava seus valores, conectando cubanos da faixa etária de Padilla a seus antepassados e a uma tradição política propriamente cubana.

O exemplo de heroísmo que moldara o ideário desta geração remontava às experiências de seus avós na guerra de independência de Cuba, exemplo este que, de acordo com Florestan Fernandes, contribui para a compreensão do porquê desta predileção estratégica pela guerrilha:

Os cubanos acumularam uma longa experiência do uso da guerrilha, da Conquista à guerra dos dez anos e à revolução de 1895, experiência que foi refinada com afinco no combate posterior às várias ditaduras que se sucederam no poder. Portanto, na linguagem dos antropólogos, havia uma “tradição de guerrilha”, embora a guerrilha posta em prática em Sierra Maestra refletisse uma tecnologia e uma logística militares ultramodernas¹⁸⁷.

Esta tradição guerrilheira conferiu à luta armada, para usarmos um conceito mais genérico, uma tonalidade heroica que remetia à experiência passada de Cuba, na qual a violência seria o modo pertinente a uma luta nacionalista contra o inimigo imperialista. Já o exemplo de revolucionário mais concreto e próximo desta geração estaria na atuação política de seus pais na chamada Revolução de 1933 que, sob os impactos econômicos negativos percebidos em Cuba como consequência da crise estadunidense que explodira com o *crash* da Bolsa de Valores de Nova York em 1929, pusera fim à ditadura de Gerardo Machado, na presidência de Cuba desde 1926. À queda do governo de Machado, que se sustentara graças aos altos gastos do orçamento público para o pagamento de tropas mercenárias que reprimiam toda e qualquer ação organizada pelos movimentos sociais cubanos, sucedeu-se

¹⁸⁶ O ano de 1953 foi significativo para a História de Cuba não somente pelo episódio do Assalto ao Quartel Moncada (26 de Julho de 1953), marcando o início da luta armada liderada por Fidel Castro pela queda do ditador Fulgêncio Batista, mas também por ser o ano de celebração do centenário de nascimento de José Martí. Deste modo, chama-se geração do centenário a esta geração de homens e mulheres nascidos nas décadas de 1920 e 1930 e que, sob a inspiração dos princípios éticos lançados por José Martí em suas poesias e em seus escritos políticos, iniciou sua atuação política mais efetivamente na década de 1950. Portanto, Heberto Padilla pertence à geração do centenário. Para aprofundamento no assunto, consultar: TEIXEIRA, Rafael Saddi. *O ascetismo revolucionário do Movimento 26 de Julho: o sacrifício e o corpo na Revolução Cubana (1952-1958)*. 2009. Tese de doutorado. (Doutorado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.

¹⁸⁷FERNANDES, Florestan. *Da guerrilha ao socialismo: a revolução cubana*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979 – pg. 71.

um ciclo de rápidas trocas presidenciais até que o poder (mas não o governo) caísse nas mãos do militar Fulgencio Batista, que se autoproclamara coronel das Forças Armadas cubanas em 1933 quando sua patente era ainda a de sargento. Contudo, em meio a esta desordem governativa, um modelo de Revolução destacou-se neste contexto: o chamado governo dos “cem dias” do professor e médico Ramón Grau San Martín, indicado pelo Diretório Estudantil Universitario, tentara levar adiante um programa que, conquistando apoio político entre organizações estudantis e de classe média, possuía “reivindicações estatizantes e nacionalistas, anti-Estados Unidos”¹⁸⁸, cujo secretário de governação, Antonio Guiterras, encarnara melhor do que qualquer outro o espírito revolucionário destes anos:

(...) tomava medidas que feriam interesses norte-americanos e alarmavam Roosevelt. Limitara a oito horas a jornada de trabalho e confiscara duas centrais de açúcar, por causa de questão com os operários, da mesma forma que, ao reduzir em 45% as tarifas de energia, ordenara a ocupação da Cuban Electric Company¹⁸⁹.

Mesmo que a saída de Grau San Martín da presidência em janeiro de 1934, sob a coordenação do mesmo Fulgencio Batista que o elevara ao poder em setembro de 1933, tenha estagnado o ritmo das mudanças em curso, aquele formato de Revolução guiada pelo tino nacionalista e de reformas sociais à moda latino-americana fora o que prevalecera entre a geração do centenário, e não o modelo de Revolução marxista-leninista à moda russa. Portanto, o ideário de herói que derrama sangue em nome de Cuba e o modelo de revolução que enfrenta o poderoso inimigo externo (no passado colonial a Espanha, ao longo do século XX os Estados Unidos) em nome deste nacionalismo cubano combinam-se para compor os imperativos éticos que atuaram na formação de um projeto comum a esta geração a qual pertence Heberto Padilla. Enquanto o passado de Cuba era percebido positivamente como uma história de heroísmo e ousadia que culminara no triunfo democrático tracejado pela promulgação da Constituição de 1940, este mesmo passado era percebido negativamente como a história de revoluções traídas pelo oportunismo corrupto dos mesmos líderes que guiaram a Independência em 1898, a queda de Machado em 1933 e pela democracia que só se fez pela metade e provisoriamente. Era necessário, pois, nutrir-se do heroísmo cubano para que se desse sequência à história revolucionária e fazer de Cuba uma nação autônoma, com a

¹⁸⁸ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *De Martí a Fidel [recurso eletrônico]: a Revolução Cubana e a América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

¹⁸⁹ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *Ibid.*

vantagem de já possuírem um modelo de Estado a ser atingido: aquele configurado na letra da Constituição de 1940.

O ponto de partida da geração de Padilla era a própria História de Cuba; o objetivo por eles almejado e compartilhado seria o avanço de projetos mal-acabados nestas lutas passadas. Falava-se, portanto, de uma reconciliação com o passado, cumprindo o objetivo de entregar ao povo cubano o curso de sua História, sem tutelas exóticas nem desmandos autoritários. Não podemos classificar estes projetos como reacionários, pois eles não postulavam o retorno a um passado glorioso, mas a vaga ideia que traziam de revolução requer ressalvas, pois não se postulava a ruptura com o passado e tampouco pretendia a construção de uma nova sociedade, outrossim aspiravam a que os efêmeros governos populares, nacionalistas e austeros pré-existentes, viessem a ser duradouros.

Sobre os governos dos presidentes Ramón Grau San Martín e Carlos Prío Socarrás, momento em que fora válida a Constituição de 1940, Padilla teceu quatro comentários que revelam suas opiniões: respeitaram o processo democrático, foram governos corruptos, neles proliferou a ação de grupos de gangsteres e destes governos nasceria o Partido Ortodoxo de Chibás. Estes governos comportaram em si dois problemas (corrupção administrativa e gangsterismo) e duas soluções (democracia e o moralismo da oposição Ortodoxa). Estas críticas aos governos Autênticos aparecem com maior clareza nos escritos de Guillermo Cabrera Infante, segundo o qual

A revolução de Grau San Martín, uma vez na presidência estável, se fez notar por sua ausência absoluta num governo mais corrupto do que os que o precederam – incluído o do próprio Batista, em seus diferentes avatares presidenciais. Durante o mandato do dr. Grau e de seu sucessor Carlos Prío (1944-52), os bandos de gângsteres zanzavam pelas ruas escuras e pelos ministérios bolorentos da Havana Velha, para matar-se entre si por ideologias mais obscuras do que as ruas e por pobres cargos públicos nos ministérios vetustos¹⁹⁰.

O Partido Ortodoxo de Chibás era uma dissidência do Partido Autêntico de Grau e Prío, e sua fundação em 1947 deveu-se à descrença de que aqueles governos ainda poderiam ser capazes de levar adiante suas promessas de colocar em prática o projeto nacionalista iniciado no “governo dos cem dias”, cujo líder fora o próprio presidente Grau San Martín. Deste modo, a plataforma do Partido Ortodoxo seria sua rejeição àquilo que o Coronel Batista representava para a política cubana (o oportunismo, o caudilhismo e o militarismo), sua

¹⁹⁰ CABRERA INFANTE, Guillermo. *Mea Cuba*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996 – pgs. 160 e 161.

rejeição aos comunistas aglutinados em torno do Partido Socialista Popular (aliados de primeira hora no governo constitucional de Batista entre os anos de 1940 e 1944) e sua rejeição a esta nova faceta corrupta e gângster dos governos Autênticos. De um modo breve, Moniz Bandeira descreve esta composição política dos anos constitucionais em Cuba:

Em Cuba, o Partido Comunista, que desde 1944 tomara o nome de Partido Socialista Popular, perdera credibilidade perante o povo, devido à sua política oportunista e à participação no governo Batista (1940-1944). O Partido Revolucionário Cubano (Autêntico), após eleger Ramón Grau San Martín, em 1944, para substituir o coronel Batista na presidência da República, perdera o ímpeto reformista dos anos 1930 e, envolvido pela corrupção, desgastara-se no exercício do poder. Eduardo Chibás, liderando uma dissidência, fundou, em março de 1947, o Partido del Pueblo Cubano, autodenominado Ortodoxo, por considerar-se verdadeiramente revolucionário, fiel representante e intérprete dos ideais de José Martí, e empolgou vários setores da população, principalmente os estudantes da Universidade de Havana, com as bandeiras da honestidade e do nacionalismo¹⁹¹.

Foi neste quadro de forças políticas que esta geração do centenário formou suas próprias ideias e iniciou sua inserção neste arenoso solo da política cubana. Eles tenderam a engrossar as fileiras daqueles que se entusiasmaram com a popularidade de Eduardo Chibás e que se engajaram ainda precocemente na campanha de sua candidatura para a eleição presidencial que deveria acontecer no ano de 1952. Foi em meio a este engajamento eleitoral em 1951 que aconteceu o já mencionado primeiro encontro entre os então companheiros de luta Heberto Padilla e Fidel Castro, filhos legítimos da geração do centenário, personagens que se tornariam antagonistas no descarrilhar da História da Revolução Cubana.

Depois desta nossa longa tergiversação, talvez agora seja possível compreender em uma escala melhor contextualizada as impressões que Padilla lançara em sua autobiografia em relação a este Fidel Castro anterior à mitificação revolucionária. Nestas impressões memoradas, Padilla descreveu a filiação política de Fidel Castro neste contexto histórico dos governos constitucionais como algo anômalo, pois ao mesmo tempo em que era filiado ao Partido Ortodoxo (que Padilla diz ser um Partido que atuava contra os grupos de gângsteres), fizera parte da *Unión Insurreccional Revolucionaria* que seria um destes grupos de gângsteres com quartel instalado dentro da própria Universidade. Padilla expôs esta dupla filiação incoerente e contraditória: “*Fidel Castro también pertenecía al Partido Ortodoxo*

¹⁹¹ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *Op. Cit.*

(como solía llamarse habitualmente al partido que fundara Chibás)”¹⁹² e, mais adiante, comenta a estranha participação do mesmo Fidel entre os quadros gângsteres:

Las más importantes de estas organizaciones, entre los años cuarenta y cuatro y cincuenta y dos, fueron el Movimiento Socialista Revolucionario que dirigía Manolo Castro – ex combatiente de la Guerra Civil española y Director Nacional de Deportes en el gobierno de Grau, y Rolando Masferrer, un político temerario y hábil, también ex combatiente de la guerra de España y ex comunista – y la Unión Insurreccional Revolucionaria, dirigida por Emilio Tró, veterano de la Segunda Guerra Mundial del Ejército norteamericano. A esta última se incorporó Fidel Castro¹⁹³.

Há que se ponderar que esta participação de Fidel entre os grupos de gângsteres é contestada por parte da historiografia, como observa Saddi Teixeira: “Existe na historiografia um grande conflito entre aqueles que afirmam que ele se tornou um gangster e aqueles que afirmam que isto nunca ocorreu”¹⁹⁴. Porém, Padilla não foi voz solitária entre aqueles que afirmaram esta sua atuação dúbia. Guillermo Cabrera Infante atesta a fala de Padilla ao dizer que:

Seus [pronome em referência aos bandos de gângsteres] nomes oficiais (ninguém era clandestino na época) eram Movimento Social Revolucionário ou União Insurreccional Revolucionária. Esta última teve a duvidosa honra de contar com o imberbe Fidel Castro – na época bem distante do barbudo Marx – entre seus pistoleiros mais audazes. Essas gangues tinham surgido da desintegração violenta, no regime de Batista (1933-1944), de uma associação política clandestina, Ação Revolucionária Guiteras, que era ao mesmo tempo uma homenagem e pretexto político para vingar a morte de Tony Guiteras. Não é de estranhar que a ação típica deste bando fosse claramente camicase. Só o suicídio vinga o suicida¹⁹⁵.

De acordo ainda com o relato de Carlos Alberto Montaner, o ingresso de Fidel nestes grupos de gângsteres teria sido parte de sua estratégia derrotada para conseguir seu apoio na eleição para o posto de presidente estudantil da Faculdade de Direito de Havana. Padilla comentara que a carreira de Fidel Castro no movimento estudantil universitário foi um

¹⁹² PADILLA, Heberto. *Op. Cit.*, 1989 – pg. 13.

¹⁹³ PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pg. 13.

¹⁹⁴ TEIXEIRA, Rafael Saddi. *O ascetismo revolucionário do Movimento 26 de Julho: o sacrifício e o corpo na Revolução Cubana (1952-1958)*. 2009. Tese de doutorado. (Doutorado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009 – pg. 42.

¹⁹⁵ CABRERA INFANTE, Guillermo. *Op. Cit.* – pg. 161.

verdadeiro fiasco, decepcionante para aqueles que apregoam sua genialidade política. Em contraste com sua participação assídua em todas as atividades estudantis, suas tentativas de se tornar representante dos estudantes pela via eleitoral foram todas malsucedidas:

Ni siquiera como líder estudiantil consiguió la presidencia de la Federación Estudiantil Universitaria (FEU) que entonces ejercía gran influencia en la vida política cubana y que pretendía representar, si no regir, al estudiantado desde la colina donde estaba situada la Universidad. Fidel participaba de todas las actividades de la Federación, pero los líderes del estudiantado eran otros¹⁹⁶.

Padilla vai, sub-repticiamente, induzindo seu leitor a imputar nestas derrotas do universitário Fidel Castro sua antipatia pelo próprio processo eleitoral. Lembrando-se de seu primeiro diálogo com Fidel durante a campanha eleitoral no ano de 1951, Padilla tenta resgatar uma fala comprometedora do líder maior da Revolução Cubana. Ao avaliar o papel do intelectual cubano Enrique José Varona para a história política de Cuba, o então candidato a deputado Fidel Castro demonstrava toda sua descrença nos processos eleitorais como via para a construção de uma sociedade mais justa:

Si yo tuviera el poder, descartaría a Varona, y trataría de que nadie lo recordara; pero tuvo razón en algo más importante, más feo, menos atractivo para las multitudes, y es que nunca creyó en la democracia ni en el voto, ni en la razón de las mayorías. Los cambios políticos de verdad los hacen las vanguardias y el político que más votos obtiene es el peor. El asentimiento mayoritario siempre es espúreo. En el aplauso hay transacción. Las ideas nuevas se imponen a puñetazos.¹⁹⁷

Um homem maltrapilho, com limitada habilidade retórica, cujos discursos eram plágios de José Martí, incapaz de formular uma opinião política original e pouco carismático perante a avaliação de seus pares, o caminho político de Fidel estava fadado a uma sequência de derrotas caso seguisse o trilho democrático. Por outro lado, as ações de violência tornaram-no um homem respeitado. Foi com o assassinato de Manolo Castro em 1948 que começou a ser criado o mito de Fidel Castro:

Los dirigentes de estas organizaciones murieron en acciones de enfrentamiento, y durante años el asesinato de Manolo Castro le fue atribuido a Fidel. Aunque esta acusación no se pudo probar, pasó desde entonces a formar parte de su leyenda: a partir de ese

¹⁹⁶ PADILLA, Heberto. *Op. Cit.*, 1989 – pg. 13.

¹⁹⁷ PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pg. 24.

tiempo se destacó menos como un joven que luchaba contra la corrupción que minaba la vida pública cubana que como el Gallego, capaz de enfrentarse a tiros a sus rivales más audaces. Sin embargo, los votos de los estudiantes eran para Enrique Ovarés, Justo Fuentes, Enrique Huertas, Álvaro Barba, en quienes reconocían a sus portavoces naturales. Fidel no conseguía más que exhibir su eros desenfrenado por la violencia, su temeridad, encarnada en un corpachón de más de seis pies que contrastaba con una voz de niño ronco, casi idéntica a la del presidente Prío¹⁹⁸.

Na analiação de Padilla, se a Fidel faltava a eloquência, sobrava a capacidade de ser temido; se lhe faltava o dom de convencer pela palavra, sobrava-lhe a capacidade de fazer valer sua vontade pela força bruta. A personalidade política deste jovem Fidel não se afeiçoava aos preceitos democráticos, mas se adequava perfeitamente à tradição autoritária e caudilhesca latino-americana. A estratégia para ser alçado ao posto de liderança política deveria passar pelo hipertrofiamento desta sua faceta de tirano, esta sua faceta de líder de gangue, capaz de defender seu projeto político e proteger seus correligionários na base da bala. Portanto, para Padilla esta personalidade política do comandante com uniforme verde-oliva é perceptível numa observação acurada de quem fora e como ganhara notoriedade o Fidel Castro dos anos dos governos constitucionais. A violência revolucionária defendida por Fidel nos anos da guerrilha pela queda de Batista não fora o último recurso ante a tirania do governo opressor, mas a única estratégia em que seria possível vê-lo elevado ao posto de liderança.

O encantamento que a brutalidade autoritária exercia em Fidel levava-o a se interessar pelos feitos de Adolf Hitler e Benito Mussolini, listando os livros dos ditadores fascistas entre o seletorol de suas leituras preferidas: “*Fidel contaba entre sus libros más preciados los doce tomos de Discursos y escritos de Mussolini*”¹⁹⁹ e “*se sabe que el Mein Kampf de Hitler también se encontraba entre sus lecturas predilectas de entonces*”²⁰⁰. Padilla estabelece outras associações entre Fidel e os líderes dos fascismos italiano e alemão, comparando sua obsessão em atacar o imperialismo ianque com a obsessão de Mussolini em atacar o imperialismo britânico e destaca a semelhança entre seu discurso de defesa no processo sofrido por conta do Assalto ao Quartel Moncada e o discurso de defesa de Hitler após sua prisão em consequência do Putsch de Munique, comentando que “*Fidel terminó su famoso alegato en el juicio por el asalto al Cuartel Moncada con una frase que el líder nazi había*

¹⁹⁸ PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pgs. 13 e 14.

¹⁹⁹ PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pg. 15.

²⁰⁰ PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pg. 15.

usado ante un tribunal de Munich: “Condename..., la Historia me absolverá”²⁰¹. Cabrera Infante também comentou esta admiração do jovem Fidel com a doutrina fascista tecendo observações bastante semelhantes à de Padilla, afirmando que

Uma das leituras favoritas do jovem Castro era *A técnica do golpe de Estado*, do mussolinesco Curzio Malaparte. Sua frase favorita, pronunciada diante de um tribunal em 1953, “A história me absolverá”, foi dita antes por Hitler, em 1923, quando seu Putsch fracassou em Munique. Antecedentes penais, é óbvio²⁰².

Esta desconstrução do mito de Fidel Castro como o revolucionário comunista é, da perspectiva inversa, a construção do mito de Fidel Castro como o ditador caudilho. Há nesta versão que Padilla e outros dissidentes vão montando sobre a biografia política de Castro em seus primórdios não somente a intenção de demonstrar que seu ranço autoritário foi seu cartão de apresentação mais valioso no universo político cubano, mas revelam a intenção mais profunda e teórica de equivaler, ou ao menos aproximar, as práticas das ditaduras de direita e de esquerda: entre Hitler, Mussolini, Stalin e Fidel há menos diferenças do que costumeiramente se julga. Isto porque, nas versões dissidentes ao Castrismo, entre as características elementares destes governos estão a vontade de poder e a vontade de extermínio do opositor. Como seus fins jamais foram atingidos (nem as reações fascistas, nem as revoluções comunistas atingiram seus ideais de sociedade), a marca mais evidente de todas estas ditaduras foi o rastro de destruição deixado pela violência intolerante. Importante ainda salientar que esta crítica a Fidel comporta uma autocrítica desta dissidência de segunda hora ao Castrismo a qual se filia Padilla e Cabrera Infante, autocrítica esta que aparece como *Mea Culpa* pelo fato de terem menosprezado este embrionário autoritarismo de Castro em nome da prioridade dada à luta contra a ditadura de Batista e em prol deste abstrato e multifacetado nacionalismo manifesto pela geração do centenário, um nacionalismo usado como uma espécie de mantra (ou slogan) para orientar eixos programáticos bastante dissimiles.

Mesmo que no discurso de Padilla sobre seu primeiro encontro com Fidel em 1951 tenha prevalecido esta má impressão de *el Gallego* como figura sem atrativos, couberam ali sutis elogios. Entre os diversos assuntos discutidos pelo grupo numa noite desta caravana eleitoral em que se hospedaram em Varadero, Padilla enfatizou suas conversas sobre literatura. “*Fidel habló de Dostoievski y lo hizo con un conocimiento de su obra que me*

²⁰¹ PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pg. 15.

²⁰² CABRERA INFANTE, Guillermo. *Op. Cit.* – pg.439.

sorprendió”²⁰³, mas Fidel também insistira em falar sobre sua admiração pela obra de Romain Rolland. Este gosto tão eclético soava incongruente a Padilla: “¿cómo podía admirar del mismo modo a un simple filántropo que a un boceador de los conflictos más hondos de la naturaleza humana? ¿Qué vasos comunicantes establecía este joven político entre Rolland y Dostoievski?”²⁰⁴, ao passo que a resposta de Padilla a estas interrogações seriam dadas algumas páginas a frente: “Los libros de que hablábamos esa noche, por muy disímiles que fueran, representaban el mismo interés en ciertas dimensiones de la existencia, sobre todo en el aspecto moral”²⁰⁵. Eis então que os vasos comunicantes entre Rolland e Dostoievski são da mesma ordem que os vasos comunicantes que fizeram Padilla e Fidel estarem do mesmo lado de uma luta durante um certo momento da História cubana. Estes aspectos morais que a ambos interessavam derivam desta necessidade de ação que a geração do centenário compreendia ser sua missão; uma ação contra uma realidade política marcada por intervenções imperialistas, pelo banditismo e pela covardia dos moderados, uma ação contra Fulgencio Batista e contra os governos Auténticos, uma ação que derrotasse os atravancadores do desenvolvimento cubano e que deixasse o caminho desimpedido para que Cuba pudesse cumprir seu destino de ser livre. O que unira Padilla, Fidel e outros tantos representantes da geração do centenário fora a defesa desta ação negadora, do imperativo de um ativismo que se faz no agora, imediatamente.

A orientação ética que norteou a plataforma política desta geração foi a prioridade da ação, ou como melhor esclarece Saddi Teixeira: “Se pudermos ir mais longe, podemos dizer que a questão ideológica era constantemente desprezada pelos rebeldes, que professavam continuamente uma supremacia da ação sobre a teoria”²⁰⁶. Isto quer dizer que a concepção de moralidade em política para esta geração menosprezava o lado técnico que há no governo do Estado, um menosprezo portanto deste saber fazer, deste como fazer com embasamento científico, para sobrevalorizar esta ação negadora que sabe a quem derrotar e a quais práticas extinguir. O que aglutinava estes homens era a rejeição àquilo que se instituía, carecendo de um aprofundamento naquilo o que desejavam construir. Ativismo negador e restituição da Constituição de 1940 eram os dois pontos que uniram estes homens da geração do centenário na posterior luta contra a ditadura de Batista.

E o que se sucedera a esta noite de prosas inolvidáveis seria da ordem do insondável:

²⁰³ PADILLA, Heberto. *Op. Cit.*, 1989 – pg. 18.

²⁰⁴ PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pg. 18.

²⁰⁵ PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pg. 21.

²⁰⁶ TEIXEIRA, Rafael Saddi. *Op. Cit.* – pg. 19.

quando o favoritismo de Chibás para a eleição presidencial de 1952 deixava esperançosos os integrantes da geração do centenário de que, enfim, o projeto de desenvolvimento nacional venceria a corrupção e o imperialismo, o trágico suicídio de Chibás mudaria profundamente os rumos políticos do país. A história deste suicídio remete ao aumento das tensões trocadas entre governo e oposição, como é característico do período que antecede eleições da importância que deveria ter aquela marcada para o ano de 1952. Eduardo Chibás tinha um dos mais ouvidos programas radiofônicos de Cuba que ia ao ar aos domingos às oito da noite. Usava habilidosamente este espaço para dar publicidade à sua carreira política e para destilar ásperas críticas contra seus antagonistas mais desafiadores: os homens do governo de Prío Socarrás.

Numa destas denúncias corriqueiras, Chibás acusava Aureliano Sánchez Arango, Ministro da Educação na época, de ter comprado terras e serrarias na Guatemala com dinheiro público desviado criminosamente. Mas Arango seria um adversário muito mais indigesto que todos os outros que Chibás já havia enfrentado. De acordo com Cabrera Infante,

Arango era um político áspero, esperto, de aspecto formidável e que, ao contrário de Prío, não fugia da luta. Naturalmente, jogando com fichas negras, não demorou a contra-atacar. Acusou Chibás de agente subversivo (que ele era), de homem de má-fé (que ele não era), de mentiroso (o que é discutível) e lhe cominou apresentar publicamente as provas de sua acusação²⁰⁷.

Chibás ameaçara por duas semanas apresentar as provas ao vivo em seu programa, alimentando a tensão e a expectativa deste lance espetacular. Mas os documentos incriminadores nunca apareceriam, provavelmente porque não existissem (o que, de modo algum, significa afirmar que Arango fosse inocente ou culpado nestas acusações). O orador de língua de fogo, como fora conhecido pelos cubanos, passara de acusador a acusado no momento que mais gozava de popularidade em seu país. No dia 10 de agosto de 1951, em plena emissora, com os microfones abertos, Chibás pronunciara suas últimas palavras “*Éste (...) es mi último aldabonazo*”²⁰⁸, retirou seu revólver calibre 32 do cinturão e desferiu um tiro contra seu ventre, “lugar eleito pela ética do suicídio japonês para o haraquiri”²⁰⁹. Seu suicídio melodramático não foi transmitido, mas foi o causador de uma instabilidade política

²⁰⁷ CABRERA INFANTE, Guillermo. *Op. Cit.* – pg. 163.

²⁰⁸ PADILLA, Heberto. *Op. Cit.*, 1989 – pg. 25.

²⁰⁹ CABRERA INFANTE, Guillermo. *Op. Cit.* – pg. 164.

que culminaria na anulação da Constituição de 1940 e, portanto, do desfecho do curto ciclo democrático cubano (1940-1952) com o golpe militar de Fulgencio Batista em 10 de março de 1952. Esta associação entre o suicídio de Chibás e o madrugonazo de Batista aparece nas memórias de Padilla:

La muerte de “nuestro adalid” dio nacimiento a las ilusiones de reconquista de Fulgencio Batista. En la madrugada del 10 de marzo de 1952, el general y sus secuaces entraron en su antiguo bastión de operaciones: el campamento militar de Columbia. Fue un golpe de estado sin resistencia alguna. El presidente Prío y las más importantes figuras de su Gobierno tomaron, como era tradición, el camino del exilio²¹⁰.

Cabrera Infante fora ainda mais taxativo ao estabelecer esta associação entre o suicídio de Chibás e o início da ditadura de Batista, comentando que “se Chibás não tivesse se suicidado, teria sido impossível para Batista (ou para qualquer outro) dar um golpe militar no presidente Prío, a menos que eliminasse antes Chibás e Prío”²¹¹. A comoção popular em que se transformou o enterro do *adalid* deixava claro que, caso as demais lideranças do Partido Ortodoxo quisessem, haveria apoio majoritário da população cubana a um golpe de Estado como vingança por Chibás. Mas, honrando a memória do líder falecido, os ortodoxos mantiveram-se fieis à legalidade. E este apreço pela constitucionalidade das ações é parte da explicação do porquê o golpe militar de Batista em 1952 não contou com qualquer resistência²¹². Havia tamanha confiança de que a Constituição de 1940 era intocável que sua anulação deixara os autênticos e os ortodoxos de mãos atadas, como Padilla reconheceu:

Ocho años significan mucho en la historia de una generación. La nuestra alcanzó su fisionomía durante el gobierno de Prío Socarrás. Los años cincuenta habían borrado la memoria funesta de las primeras tiranías de la República, e incluso el Batista de 1944 fue un político apto que no vaciló en entregar el poder al profesor Ramón Grau San Martín, su adversario electoral. Para nosotros la democracia era incommovible²¹³.

Não fosse a instauração de mais uma ditadura inconstitucional contra a qual os legalistas democráticos do Partido Ortodoxo não sabiam como atuar pela exigência de um

²¹⁰ PADILLA, Heberto. *Op. Cit.*, 1989 – pg. 25. e 26.

²¹¹ CABRERA INFANTE, Guillermo. *Op. Cit.* – pg. 165.

²¹² O significado político de Eduardo Chibás e de seu suicídio para a História de Cuba já foram previamente analisadas nesta dissertação no tópico 1.4 - *O Anti-Castrismo de Arenas: a anti-história e o anticomunismo autobiografados*, do capítulo sobre a autobiografia de Reinaldo Arenas. Contudo, as duas versões sobre Chibás não são mera repetição distraída e embasarão posterior distinção sobre o significado do Chibatismo para Arenas e para Padilla na conclusão desta dissertação.

²¹³ PADILLA, Heberto. *Op. Cit.*, 1989 – pg. 21.

enfrentamento por vias não eleitorais e Fidel Castro provavelmente jamais teria ganho destaque. Esta foi a avaliação lançada tanto por Padilla como por Cabrera Infante. O primeiro lance de Fidel logo após o golpe de Batista fora performático. Em 24 de março de 1952, portanto após duas semanas exatas do *madrugonazo*, Fidel usufruía de sua habilitação de advogado para entrar com um recurso no Tribunal Supremo de Justiça cubano, solicitando a condenação de Fulgencio Batista a cem anos de prisão por haver cometido dezesseis delitos contra a Constituição. Este ato de provocação não poderia ter a menor pretensão de ser bem sucedido em seu objetivo pontual, mas começava a posicionar Fidel neste novo tabuleiro colocado em jogo pela ditadura de Batista. Padilla sustenta que estes atos de ousadia de Fidel não eram tão impensados, pois seu cunhado Rafael Díaz Balart era um dos mais íntimos colaboradores do governo Batista e funcionava como intercessor de Fidel para que seus atos políticos contrários à ditadura não resultassem em punições mais severas. Esta relação parental entre Castro e Díaz Balart, é bem verdade, não foi suficiente para mantê-los politicamente unidos. Em lados opostos durante a ditadura de Batista, Díaz Balart exilou-se nos Estados Unidos ainda nos primeiros dias após o triunfo da Revolução em 1959 e chegou a depor contra Fidel em 1960, acusando-o de gângster assassino entre outras ofensas que visavam denegrir a imagem do líder revolucionário. Há, portanto, que se relativizar até que ponto Díaz Balart efetivamente protegera Fidel ou até que ponto esta era uma dedução infundada dos dissidentes. Talvez a intercessão de Díaz Balart tenha sido importante não neste processo aberto de antemão como causa perdida e sim no também performático, porém simbolicamente mais perigoso, Assalto ao Quartel Moncada em 26 de julho de 1953. Localizado em Santiago de Cuba, Moncada era o nome do segundo maior Quartel militar de Cuba, atrás somente do Camp Columbia em Havana, e a intenção desta ação era “tomar armas do arsenal, mas o seu propósito subjacente era derrubar o governo Batista”²¹⁴ e a ação deveria ocorrer sincronicamente ao assalto ao quartel de Bayamo. Fracasso militar, mas um estrondoso triunfo político para Fidel, o assalto ao quartel (ou aos quartéis)

(...) foi concebido por Abel Santamaría, Boris Coloma e Fidel Castro. Aparentemente, foi dirigido por este último, mas o fato de ele viajar no segundo carro de assalto e de não ter chegado a entrar no quartel indicam outra possibilidade. Muitos especialistas militares (entre eles um antigo chefe de comandos inglês) opinam que o assalto foi com certeza uma ação suicida. A relação entre atacantes e atacado era dez vezes maior (134 rebeldes contra mais

²¹⁴ GOTT, Richard. *Cuba: uma nova história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006 – pg. 171.

de mil soldados aquartelados) e a desproporção do armamento era tão acentuada que beirava o ridículo (...)²¹⁵

A descrição que se desprende dos relatos dissidentes de Cabrera Infante, Franqui e Padilla buscam retratar a atuação de Fidel no episódio com ares de encenação circense ao relatarem que ele tentara ludibriar a guarda do Moncada vestindo-se com uniforme de general, sugerindo que o gosto pela encenação fizera-o gostar da farda que o cobria. Ainda assim, como eles próprios reconhecem, foi a partir do Assalto ao Quartel Moncada que o mito de Fidel começou a ganhar forma. Para Padilla, mais do que as trapalhadas que fizeram da ação um quase suicídio coletivo completo, interessava pontuar como diante daquele contexto autoritário Fidel pudera usar com eficiência todo seu eros desenfreado dando vazão à sua vocação de homem violento. Impopulares, a disputa eleitoral não parecia uma alternativa nem para Batista, nem para Fidel, neste alvorecer da década de 1950. Daí as ações de ambos orientada para a tomada do poder com base no uso da violência: *“A la astucia de Batista, Fidel opuso la suya. Dejó a los políticos tradicionales el juego electoral que nunca le dio resultados satisfactorios. Ahora no le importaba un acta de representante o senador “salida de las urnas”, sino el poder para llevar a cabo su proyecto político”*²¹⁶. Este projeto político iniciava-se na ambição de Fidel Castro pelo poder, conquista esta que somente poderia obter êxito com *“cierta do dosis de improvisación y delirio”*²¹⁷, e este homem que não teria pudores em contra-golpear Batista com os mesmos métodos inescrupulosos que foram usados pelo seu arquirrival já começava a encarnar *“la vanguardia destinada a llevar a cabo los cambios políticos radicales, es decir, las “nuevas ideas” que exigirían la fuerza, los ‘puñetazos’ para imponerse”*²¹⁸. Estas reformas radicais estão condensadas de modo programático no documento *A história me absolverá* lançado por Fidel Castro enquanto estivera detido como punição à sua atuação no Assalto ao Quartel Moncada e são sintetizadas por Ayerbe em cinco eixos prioritários:

Para transformar a situação dos setores populares, o programa de Moncada propunha um conjunto de cinco leis revolucionárias. A primeira reconhecia a Constituição de 1940 como lei fundamental do Estado. A segunda lei atribuía terras a camponeses que ocupassem pequenas parcelas, até um total de cinco caballerías (13.430 metros quadrados). A terceira dava o direito aos trabalhadores assalariados de participar em 30% dos lucros das

²¹⁵ CABRERA INFANTE, Guillermo. *Op. Cit.* – pg. 166.

²¹⁶ PADILLA, Heberto. *Op. Cit.*, 1989 – pg. 27.

²¹⁷ PADILLA, Heberto.. *Ibid.* – pg. 27.

²¹⁸ PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pg. 28.

grandes empresas industriais, extrativas e comerciais. A quarta concedia a todos os colonos 55% de participação nos lucros da cana-de-açúcar e uma cota mínima de quarenta mil arrobas àqueles que estivessem estabelecidos por um mínimo de três anos. A quinta lei confiscava todos os bens obtidos a partir da malversação dos recursos públicos, atingindo todos os governos.

Após a proclamação dessas leis, passar-se-ia a uma segunda etapa de medidas vinculadas à reforma agrária, do sistema educacional e nacionalizações de empresas que prestam serviços públicos na área de telefonia e eletricidade²¹⁹.

Além de pertencerem a gêneros textuais distintos, a análise feita por Ayerbe da Revolução Cubana é em muitos aspectos diferente daquela elaborada por Padilla. Ayerbe corrobora a versão da História da Revolução Cubana conforme narrada pelo governo revolucionário e os intelectuais que deram e dão aval ao regime e, no trecho supracitado, fica subentendido que as reformas políticas e sociais almejadas por Fidel no programa Moncada começavam por defender a democracia com o retorno da Constituição de 1940, pela defesa de uma Reforma Agrária na qual se buscava atacar a concentração fundiária e os latifúndios em prol da difusão de minifúndios e pela defesa de leis trabalhistas que favorecessem uma melhor distribuição de renda. As nacionalizações deveriam ser iniciadas somente numa segunda etapa deste programa. Portanto, os apoiadores do governo revolucionário sustentam a origem democrática do Castrismo. Já para os dissidentes, houvera um abismo entre o que fora postulado nos documentos políticos lançados por Fidel durante a ditadura batistiana e sua prática revolucionária fundada no Assalto ao Quartel Moncada e continuada pela guerrilha, abismo devido ao pragmatismo estratégico característico de seu líder. As profundas intenções de Fidel, seu plano oculto, era o de fazer valer sua virulência contra Batista para impor a Reforma Agrária, a Reforma Urbana e o programa de nacionalizações. Violência inevitável para chegar ao poder e para implantar este programa de reformas radicais, Fidel sabia bem que o ciclo de violência que por ele seria aberto era o melhor modo de perpetuá-lo no poder de Cuba.

Das recordações acerca do Assalto ao Quartel Moncada, a narrativa de Padilla salta novamente ao ano de 1958 e seu encontro com Saint-John Perse. As poucas informações sobre o período guerrilheiro (1956-1959) provavelmente decorrem da ausência de Padilla que, neste período, residia nos Estados Unidos sem ter participado efetivamente dos últimos passos da luta pela queda de Batista. Este *flashback* que deveria elucidar ao poeta francês a ideologia de Fidel Castro termina com perguntas que embaralhavam as opiniões do tradutor cubano:

²¹⁹ AYERBE, Luis Fernando. *A Revolução Cubana*. São Paulo: Editora UNESP, 2004 – pg. 31.

“¿Por qué unían a la meta democrática de la revolución aquel bronco expediente de sangre? ¿Por qué la violencia debía ser el distintivo de un combate de paz y justicia?”²²⁰. Esta sugestão da incompatibilidade entre os ditos propósitos democráticos e a prática sangrenta visíveis em 1958, antes mesmo do início do governo revolucionário, amarra a ideia central defendida ao longo de todo o segundo capítulo da obra: a inclinação de Fidel pelo autoritarismo é sua mais coerente e original doutrina, seu princípio moral estivera desde sempre na crença de que as disputas eleitorais levam ao poder os piores políticos e que sua agressividade inconsequente era o complemento perfeito do radicalismo de seu projeto de reformas.

2.2 O ingresso de Padilla na Revolução

2.2.1 Heberto Padilla a caminho de Cuba

O primeiro capítulo de *La Mala Memoria* é uma crônica dividida pelo Réveillon de 1959. Na noite de 31 de dezembro Padilla sentia-se como um estrangeiro solitário, saudoso pelos seis meses passados longe de Cuba e dos amigos e familiares ali naquela gélida Nova York. A caminhada entre a casa da amiga (ou amante) Florence até seu apartamento aprofundara sua sensação de estranheza pelo contraste entre sua introspecção melancólica e a confraternização alegre e coletiva. Embebedara-se sem companhia, lera e recitara poemas ingleses enquanto a neve se adensava nas ruas. Foi o toque do telefone, ainda pela madrugada, que começava a lhe preparar para o despertar do dia 01 de janeiro de 1959 com a notícia vaga passada pela mesma Florence de que “*en mi país había ocurrido algo; y como na podía ocurrir en mi país, opté por seguir durmiendo*”²²¹. Este meio sono matinal, misto de ressaca e descrédito para com as coisas de Cuba, seria novamente interrompido, mas agora pela presença física de Florence ao pé de sua cama. Mal se levantara e começaram a chegar os amigos para contar a boa nova:

Batista había huido, la revolución había trinfado. Me levanté de un salto, me eché toda el agua que pude en la cabeza y me encontré con Florence temblando aún ante mí. Abrí las ventanas, el aire helado llenó la habitación y de repente me sentí despejado. Nos

²²⁰ PADILLA, Heberto. *Op. Cit.*, 1989 – pg. 30.

²²¹ PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pg. 8.

abrazamos estrenando una alegría inédita y corrimos a despertar a otros²²².

Abrir as janelas para renovar os ares e as luzes da vida. O triunfo da Revolução e a queda de Batista foram para Padilla um momento de reencontro com sua cubanidade, foi a abertura de uma esperança ingênua e imatura na qual aquela emotividade catártica obnubilara os aspectos menos gloriosos da luta. Do núcleo de pessoas que conviviam com Padilla em Nova York, somente seus superiores espanhóis do Berlitz não se deixaram cativar pelos guerrilheiros da Sierra Maestra. Dissera-lhe seu diretor Vargas ao ver uma foto de Castro em um jornal estadunidense: “*A mí la gente que no se afeta a tiempo no me merece ningún respeto*”²²³. Toda aquela aparente improvisação, a rapidez do desfecho da vitória dos guerrilheiros e as inúmeras incertezas abertas pelo vazio de poder deixado por Batista levavam aquele chefe de Padilla a temer pelo futuro de Cuba, mas antes disto o que mais lhe preocupava era a maior probabilidade de Padilla querer regressar a sua terra natal para acompanhar aquele momento de epifania vivenciado por seu povo.

Como previsto, a vontade crescente de Padilla em participar da corrente revolucionária que sacudia Cuba fizera-o rejeitar as propostas profissionais surgidas e em troca aceitara o convite do escritor Humberto Arenal para trabalhar no escritório nova-yorkino da agência de notícias *Prensa Latina*, algo que era visto por Padilla como uma ponte que o levaria de volta à sua pátria já que o periódico tinha sede dupla em Cuba e na Venezuela. Nem mesmo completara meio ano naquela função e Padilla solicitara sua transferência para o escritório da *Prensa Latina* em Havana para que assim pudesse aprofundar seu ativismo em prol da movimentação política que animava seu país. Padilla desejava contribuir para a construção de uma nova Cuba. Construção é, por sinal, palavra-chave com a qual Padilla pretendeu dar liga a seu engajamento estético e político. Sua predileção pela poesia inglesa de Robert Lowell e Ted Hughes à poesia influenciada pelo gongorismo do neobarroco espanhol da geração de 27 que em Cuba tinha como nome maior a José Lezama Lima dava-se pela ideia de que “*la poesía no debe estar fatalmente sometida a la abstracción y al encabalgamiento sistemático de metáforas que tiranizan la poética en lengua española*”²²⁴.

²²² PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pg. 8.

²²³ PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pg. 9.

²²⁴ PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pg. 33.

Para Padilla, a linguagem literária deveria estabelecer conexões com a concretude da realidade observável, partindo das preocupações morais que freiam ou aceleram o devir histórico para contribuir na construção de um novo mundo e uma nova estética. Ao invés de descrever imagens abstratas, desapegadas da vida vivida para lá das quatro paredes, Padilla propunha extrair seu texto daquela vida que pulsava nas ruas, como se fosse possível extrair a escultura da pedra, escrevendo uma literatura que concilia uma estética que acompanha as transformações da linguagem cotidiana para tratar das preocupações humanas de seu ambiente. Não é o realismo do século XIX, nem tampouco o simbolismo, mas a busca por uma nova forma de literatura engajada. Uma construção que aponta à frente, e não uma descrição alienada e alienante.

A Revolução Cubana encantava à juventude pois parecia abrir novas possibilidades de um engajamento que os tiraria de um estado de letargia para fazê-los entrar na História ao lado daqueles que se ocupavam em construir uma nova sociedade de justiça para todos, uma nova poética social. Padilla vai sugerindo que esta vontade bem intencionada, guiada por um voluntarismo passional, nutriu a já prenunciada dramaticidade desta História revolucionária. Mudar-se para Cuba a qualquer custo, abandonando tantos outros projetos de vida, pela esperança de mudar Cuba, mudanças que, ao fim e ao cabo, deveriam ressignificar a existência tornando-a uma experiência dedicada à humanidade.

Este espontaneísmo altruísta que renegava o individualismo escolhia o curso revolucionário aberto em Cuba como crença imanente, proposta para a superação tanto dos dogmatismos como dos ceticismos. Este frenesi cativante aparece na argumentação usada por Padilla para convencer seu superior Arenal a dar-lhe seu consentimento para sua transferência ao escritório havanês da Prensa Latina: *“probablemente cometería un error profesional; pero, como todo indicaba que en Cuba se había iniciado una espléndida transformación política hacia la decencia, yo quería participar en ella de cualquier modo. Había que arrasar con lo malo y empezar otra vez”*²²⁵. Já sua amiga francesa Florence, que vivia em Nova York junto com seus pais desde o princípio da Segunda Guerra Mundial, mesmo sem nunca ter pisado em Cuba, demonstrou sua disposição em se desfazer do conforto e da estabilidade para migrar rumo à inebriante expectativa de purificar a si e ao mundo neste revolucionário transe cubano. Ela contava com a ajuda de Padilla para esta mudança a Cuba: *“- Con cuatro idiomas bien aprendidos, mecanógrafa y dos dedos de frente, ¿no podría irme a trabajar a Cuba, a tu*

²²⁵ PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pgs. 31 e 32.

agencia de Prensa, o a cualquier otro sitio? Me gustaría salir de esta rutina por un tiempo”²²⁶.

Participar da festa revolucionária era mais uma tentativa desta juventude transviada de encontrar uma causa justa pela qual lutar e, nesta luta, conferir novo sentido à vida. Um engajamento político mais ocupado em utilizar esta energia pulsante para o fazer algo, um voluntarismo juvenil portanto, e menos ocupado com o programa de reformas que deveria ser implementado; relatar esta passionalidade às cegas, inconsequente, faz parte da estratégia de Padilla para justificar e diminuir o peso da culpa que ele e outros tantos de sua geração carregavam pela adesão à Revolução. Padilla se auto-perdoa e se autoflagela por este voluntarismo juvenil, mas aproveita a deixa para sugerir a pertinência que a razão crítica adquire principalmente em meio às mais esperançosas (e porque não promissoras) ondas de transformações. Sejam governos revolucionários, reformistas, reacionários e mesmo conservadores, é a razão crítica que deve impedir arroubos de inconseqüência em nome de uma fé. A medida certa do engajamento deve ser encontrada em um ponto intermediário entre a razão crítica e o ativismo apaixonado, entre o querer saber e o querer fazer: *“En aquellos tempos yo no concebía emoción sin inteligencia*”²²⁷.

Os primeiros anos revolucionários foram anos em que a emoção sem inteligência não só foi concebida pela infeliz distração de uma geração sedenta por justiça como foi utilizada pelo governo para impulsionar e implementar com crescente radicalidade um programa de reformas socializantes e nacionalistas. Porém, este tipo de engajamento político voluntarista cederia espaço para a reaparição vigorosa do engajamento político revoltado, como se verá adiante. Já o engajamento literário que desde estes anos já se delineava, este perdurara: nem o abstracionismo cético de uma literatura que não interage com a concretude do real, nem o didatismo embrutecedor do realismo socialista soviético, mas uma poética que se faz na concretude do mundo vivido, que faz do homem real sua matéria, uma poética que reflete o mundo para projetar no mundo uma nova beleza poética.

“Todos nos apoyan”²²⁸. Esta foi a fala taxativa de Padilla emitida em diálogo com Humberto Arenal antes de sua partida a Cuba, uma fala em defesa da Revolução que pretendia ajudar a construir. A todos os rebates de Arenal neste dia em meados de 1959, Padilla fizera ouvidos moucos. A ele não importava saber que Fidel começara seus conflitos

²²⁶ PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pg. 36.

²²⁷ PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pg. 18.

²²⁸ PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pg. 32.

com os Estados Unidos ainda em 1959 e isto pesaria para que seu governo escolhesse o risco da radicalização ou a traição da moderação. Contudo, a chegada a Cuba fez com que a certeza da unidade da coalizão governativa cedesse um espaço à dúvida: “*Pero a las dos semanas de estar en Cuba no sólo era incapaz de estudiar el terreno, sino que continuaba oscilando entre dos mundos y sin saber cuál era la verdad*”²²⁹. Deste modo, já era possível perceber os ruídos de uma oposição popular ao governo e divergências cada vez mais aparentes entre o complexo bloco que apoiava o governo revolucionário: “*En Prensa Latina comencé a percatarme de que la algarabía popular no era unánime. Las organizaciones revolucionarias comenzaban a manifestar considerables discrepancias*”²³⁰.

Nada mais lógico que em um processo de transformações sociais intensas apareçam dissensos e divergências; o que na verdade Padilla não considerou aceitável foi o modo como estes dissensos e estas divergências foram sendo expurgados do processo revolucionário e assim foi que alguns dos melhores quadros de políticos e intelectuais cubanos foram se afastando e sendo afastados do governo até que o arrasamento dos conflitos e das discussões teóricas impedissem o exercício democrático. E a Padilla interessava saber sobretudo da crítica daqueles que dedicaram suas vidas à Revolução, interessava-lhe a crítica revolucionária, pois não pode haver prova maior de autoritarismo do que governos intolerantes com as discordâncias apresentadas por seus melhores militantes. Portanto, e para esquivar-se daqueles que detratavam Fidel Castro pelos prejuízos individuais que a Revolução lhes causava, Padilla diz que

Los años 59, 60, 61 y 62 fueron cruciales para todos. Se empezó a dividir el país aceleradamente. El exilio de los dos primeros años careció de importancia para nosotros. Constituía la fuga de intereses creados que daban como un hecho el próximo retorno. El Gobierno norteamericano se encargaría de ellos²³¹.

2.2.2 Dissensos no governo revolucionário: as críticas de Marinello, Franqui e Mora

Nem toda crítica lançada contra o governo revolucionário seguiria a mesma tônica ou seria motivada pelos mesmos princípios. Se havia aqueles que se posicionavam como contrarrevolucionários pelas perdas adquiridas, um posicionamento contrarrevolucionário motivado por interesses privados, para Padilla também havia também críticas lançadas de

²²⁹ PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pg. 36.

²³⁰ PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pg. 40.

²³¹ PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pgs 54 e 55.

dentro da Revolução e que foram caladas pela máquina de uniformizar ideias e práticas chamada ditadura. Foram legítimos representantes desta crítica lançada de dentro da Revolução três grandes amigos de Padilla, cada um deles militante de uma diferente organização revolucionária: Juan Marinello entre os comunistas, Carlos Franqui como representante do 26 de Julio e Alberto Mora como representante do Directorio Revolucionario.

Juan Marinello fora provavelmente o responsável pela aproximação entre o pensamento de José Martí e Karl Marx e um dos maiores estudiosos das ideias do poeta mártir da Independência de Cuba. Sua genuína devoção revolucionária fora advogada por Padilla: “*No creo que esperase compensación alguna por su acendrado sacerdocio (...)*”²³², e fora exatamente deste convicto comunista de trajetória ilibada que Padilla ouvira, já em 1962, esta declaração: “*“Es que la única alternativa que este hombre nos deja es la contrarrevolución.” El hombre era Fidel Castro*”²³³. Esta declaração foi proferida em meio às tensões decorrentes do chamado *Caso Escalante*, desenrolado em princípios deste ano de 1962. Ocorreu que alguns líderes da velha-guarda comunista, entre os quais se destacava Aníbal Escalante, aos poucos encaixavam uma estratégia de irem se apoderando dos principais órgãos governamentais com vistas a tomarem o poder das mãos de Fidel Castro, líder de quem desconfiavam por conta, principalmente, do seu passado de desavenças com o Partido Socialista Popular (PSP). Neste contexto, já passados pouco mais de três anos do triunfo de 1959, uma nova agremiação que unia as correntes revolucionárias foi criada e chamada de Organizaciones Revolucionarias Integradas (ORI). Na incumbência de secretário da Organização, Aníbal “intentava construir seu próprio poder, mediante o controle de todas as nomeações para a direção do partido, nos distritos e nas províncias, indicando militantes do PSP, que passavam a acumular também cargos administrativos”²³⁴. Braço direito da União Soviética, quando se encontrasse fortalecido politicamente, Aníbal trataria de estreitar ainda mais os laços econômicos e militares entre Cuba e a potência maior do socialismo internacional. Esta desconfiança mútua e pequenos desentendimentos momentâneos entre este centro e periferia do Bloco Socialista da Guerra Fria desembocou nesta disputa pelo poder.

²³² PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pg. 42.

²³³ PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pg. 42.

²³⁴ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *De Martí a Fidel [recurso eletrônico]: a Revolução Cubana e a América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

Descoberta a conspiração comunista antes que ela fosse deflagrada, Escalante foi anulado dentro do governo e condenado a uma provisória reclusão em terras soviéticas²³⁵.

O *Caso Escalante* revela que, mesmo entre o grupo da velha guarda comunista que é pintado como o mais leal companheiro político de Fidel, havia divergências pouco analisadas. A contrarrevolução sugerida por Juan Marinello seria contra Fidel Castro e a favor do estreitamento político-ideológico entre os governos de Havana e de Moscou. Mesmo que as expectativas de Padilla e Marinello quanto ao governo revolucionário cubano fossem antagônicas e ainda que Padilla descreva a Marinello como um artista de criatividade duvidosa que “*era realmente un inepto, que se movía entusiasta en ese estilo dominante de los años treinta*”²³⁶, o próprio Padilla reconheceu o valor deste poeta comunista tanto como divulgador da obra de Martí, já que “*en 1930 reunió la obra poética martiana, casi desconocida, y la publicó y prologó en la colección de libros cubanos que dirigia el eminente etnólogo Fernando Ortiz*”, como por sua retidão moral de “*buen hombre*”²³⁷ que “*se impuso el apostolado de la justicia social*”²³⁸. O relato sobre o descontentamento do genuíno sacerdote comunista em relação à liderança de Fidel Castro sobre Cuba revela o prolongamento do dissenso entre o primeiro escalão do governo revolucionário e que o estilo de governo castrista era guiado não por uma teoria ou doutrina, mas pelo exercício diário de conservar o poder em suas mãos.

Sobre Carlos Franqui, Padilla descrevera-o como uma “*víctima de la esperanza crónica*”²³⁹. Sua trajetória política teve início nas fileiras do Partido Socialista Popular (PSP), a quem serviu, inclusive, em detrimento da continuidade nos estudos por conta da ordem dada pelos dirigentes do partido para que ele cuidasse da propaganda política entre os operários e camponeses na província de *Las Villas*. Depois de tamanho sacrifício em nome dos interesses partidários, Franqui retornou a Havana e passou a trabalhar como corretor de textos e artigos do jornal comunista *Hoy*. Sua militância marxista-leninista teria fim após discussão com Aníbal Escalante em 1946²⁴⁰ quando o jovem Franqui negou-se a assumir a autoria de um texto publicado no periódico do partido que desagradara Fulgencio Batista, então aliado dos

²³⁵ Para abordarmos o Caso Escalante, consultamos MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *De Martí a Fidel [recurso eletrônico]: a Revolução Cubana e a América Latina. Op. Cit.*

²³⁶ PADILLA, Heberto. *Op. Cit.*, 1989 – pg. 42.

²³⁷ PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pg. 40.

²³⁸ PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pg. 41.

²³⁹ PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pg. 43.

²⁴⁰ FRANQUI, Carlos. *Op. Cit.*, 2006.

comunistas. O atrito entre Franqui e Escalante foi, para Padilla, uma prova entre outras tantas da retidão ética de Franqui:

Franqui cree con Martí que lo ético está por encima de cualquier realismo político; por eso no podía aceptar la fría disciplina de los comunistas; pero tuvo además una experiencia que lo alejó definitivamente de ellos: quisieron obligarlo a que se hiciera responsable (en tanto que corrector de pruebas del diario Hoy) de ciertas alusiones de un artículo que no satisfizo al general Batista, con quien en ese momento habían pactado. Franqui no se avino a ello y buscó en otras organizaciones revolucionarias un camino para su vocación pública²⁴¹.

Sua insubordinação e seu rechaço aos procedimentos desonestos do PSP levaram-no a se aproximar de outras formas de luta política independentes da estrita militância partidária. Sua participação na frustrada expedição de *Cayo Confite* em 1947, cuja intenção seria a de derrotar a ditadura de Trujillo na República Dominicana através da luta armada, foi um exemplo desta busca. Nesta viagem Franqui conheceu Fidel Castro. Passado o fiasco da expedição e tendo retornado a Cuba são e salvo, Franqui lapidou seu gosto pela arte e passou a se dedicar à organização das atividades promovidas pela sociedade cultural “*Nuestro Tiempo*”. Seu reengajamento revolucionário ocorreria já nas fileiras do MR 26 de Julio, fundado e liderado por Fidel Castro como organização de oposição radical à ditadura de Batista. Tendo participado ativamente de todo o processo que desembocou na queda de Batista, seja como liderança urbana do MR-26/07, como criador do periódico clandestino *Revolución*²⁴² ou como coordenador da *Radio Rebelde* (que transmitiu e propagandeou a guerrilha direto da Sierra Maestra), Franqui tornou-se notória figura de todo o processo. Esta sua notoriedade levou Castro a convidá-lo para assumir a pasta de Ministro do Trabalho do governo revolucionário, enquanto a Franqui interessava somente a pasta do Ministério da Cultura. Contudo, a aproximação de Fidel com seus antigos desafetos comunistas e, na avaliação de Padilla, a pretensão de ambos em aplicar métodos centralizadores de transformação, controle e vigilância do espírito revolucionário levaram Fidel a negar a Franqui seu sonho de dirigir as atividades culturais do país.

Para Padilla, esta escolha de Fidel não pode ser ignorada ou tratada como algo de menor importância. Ela esteve diretamente vinculada à abertura e acirramento de uma

²⁴¹ PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pg. 45.

²⁴² Noticiário que serviu como difusor das ideias do MR-26/07 bem como da própria luta contra Batista e, deste modo, cumpriu a função de ampliar a simpatia do povo cubano em relação ao movimento.

rivalidade quanto à política cultural que colocaria em lados opostos os integrantes do PSP (tendo à cabeça Alfredo Guevara) e os artistas participantes do suplemento literário *Lunes de Revolución*²⁴³. Padilla foi um dos mais frequentes e entusiastas apoiadores e participantes de *Lunes de Revolución*. De acordo com Miskulin,

Lunes de Revolución surgiu em 23 de março de 1959, quase quatro meses depois do triunfo da Revolução Cubana, distribuído nas segundas feiras, como encarte do jornal Revolución, órgão do Movimiento Revolucionario 26 de Julio. Contando com Guillermo Cabrera Infante e Pablo Armando Fernández, diretor e subdiretor da publicação, o suplemento cultural, teve, desde o seu início, a proposta de editar textos culturais e políticos, abrindo espaço para obras ficcionais, ensaios, análises históricas, registros de eventos contemporâneos, de Cuba e do mundo. Dentre seus objetivos, estava a divulgação das vanguardas culturais europeias, imbuído do propósito de tornar a cultura universal acessível à população cubana. As proposições de seus editores foram bem explicitadas nos primeiros editoriais da publicação, em que ficou claro o projeto de relacionar a cultura cubana com a cultura universal²⁴⁴.

Vanguardismo estético e cosmopolitismo eram as balizas que norteavam o projeto editorial de *Lunes* e, portanto, balizas que deveriam guiar a política cultural cubana. Acima destas balizas ainda pairava a multiplicidade de propostas artísticas: o suplemento deu espaço para a arte surrealista, abstrata, existencialista e dos beatniks, deixando espaço até mesmo para artigos de crítica literária em defesa do realismo socialista. O princípio que orientava seu projeto editorial parecia ser, exatamente, o de defender acima de qualquer outra coisa a liberdade de criação como fundamento da democracia. Em editorial publicado em princípios do ano de 1960, os autores de *Lunes* tentaram explicitar seu apoio à Revolução e sua filiação a uma esquerda não-comunista:

No somos comunistas. Ninguno: ni la Revolución, ni ‘Revolución’, ni ‘Lunes de Revolución’. (...) Pero nosotros, los de ‘Lunes de Revolución’, hoy queremos decir, simplemente, que no somos comunistas. Para poder decir también que no somos anticomunistas. Somos, eso sí, intelectuales, artistas, escritores de izquierda – tan de izquierda que a veces vemos al comunismo pasar por el lado y situarse a la derecha en muchas cuestiones de arte y literatura²⁴⁵.

²⁴³ Dirigido por Guillermo Cabrera Infante, este suplemento integrava o periódico *Revolución* que era, por sua vez, dirigido por Franqui.

²⁴⁴ MISKULIN, Sílvia Cezar. *Cultura e política em Cuba: os debates em Lunes de Revolución*. 2000. Dissertação de Mestrado (História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000 – pg. 31.

²⁴⁵ “Editorial”. In: *Lunes de Revolución*, n.41, 4/1/1960, pg.2.

Intelectuais revolucionários e de esquerda, que apoiaram o processo de Reforma Agrária e as nacionalizações ocorridas entre 1959 e 1961 e que rechaçaram a invasão da Baía dos Porcos em 1961 com editoriais em apoio às ações e aos contra-ataques do governo cubano, mas que ainda assim incomodavam Fidel Castro. Este incômodo implicaria no *não*, dito a Franqui quanto ao pedido feito para assumir o posto de Ministro da Cultura, pois começava a interessar aos adversários de Franqui no governo revolucionário a anulação deste ecletismo estético, este cosmopolitismo e também limitar a liberdade de criação através de uma política cultural cerceadora. Os intelectuais e os artistas sempre foram encarados por Fidel como um grupo perigoso, assim entendia Padilla, e Franqui foi a encarnação deste artista-intelectual que mais perto do centro do poder chegou:

El mayor peligro de Franqui la extravagante alianza de apasionado de la literatura, la música y la pintura con el carácter de militante que había demostrado entereza y valor frente a la represión impuesta por el Gobierno de Batista. Fidel Castro fue el primero en advertir ese peligro. De él sin duda debió partir la orientación que mantuvo a Franqui a distancia de los actos culturales, sobre todo juveniles, que fueron puestos bajo la atención y vigilancia de los cuadros de mando de la vieja ortodoxia comunista. Para éstos el artista debía ser “el ingeniero de almas” propuesto por Stalin, sancionando el realismo socialista que se empeñó en dorar las letrinas de la represión pública²⁴⁶.

O realismo socialista e o didatismo artístico defendido pelos quadros da *vieja ortodoxia comunista* propunham uma arte escrita em linguagem didática baseada na tradição literária cubana. Neste sentido, a verdadeira arte revolucionária apregoada pelos comunistas dogmáticos deveria servir como uma peça da propaganda comunista e, conseqüentemente, deveria se apresentar numa linguagem de fácil compreensão à maioria do povo. Porém, enquanto os artistas de vanguarda aglomerados em torno do *Lunes* entendiam que o caráter democrático da Revolução Cubana deveria dar espaço para os mais distintos projetos artísticos, os comunistas dogmáticos cubanos, com o aval de Fidel, foram defensores de uma censura contra o que chamavam de arte burguesa ou arte moderna (os comunistas dogmáticos cubanos, não ingenuamente, usam indistintamente os termos burguês e moderno para (des)classificar as vanguardas artísticas), obcecada pelo experimentalismo estético porque não teriam um conteúdo novo a ser elaborado. Estas divergências suscitadas pela atividade de *Lunes* foram sintetizadas por Miskulin na seguinte passagem:

²⁴⁶ PADILLA, Heberto. *Op. Cit.*, 1989 – pg. 46 e 47.

Lunes realmente tinha uma visão bastante ampla e eclética, permitindo uma multiplicidade de vozes e tendências que desagradavam as rígidas posições do PSP. A tensão entre uma concepção de cultura voltada para o nacional e outra mais universal era parte do debate no período, e Lunes era aberto a múltiplas influências internacionais, enquanto que o PSP seguia as diretrizes soviéticas e tinha uma concepção de que a cultura cubana deveria estar voltada para o desenvolvimento das tradições nacionais e não sofrer influências de correntes culturais estrangeiras, que, apesar de questionarem o sistema, não se alinhavam à política cultural dos partidos comunistas²⁴⁷.

O autoritarismo cultural defendido pelo PSP contrastava com o ecletismo defendido pelos intelectuais de *Lunes* e todo este exercício de liberdade de pensamento que o suplemento simbolizava passava a desagradar ao próprio Fidel. A tensão que envolvia estas divergências entre o grupo do *Lunes* e os militantes do PSP explodiria com a proibição do documentário em *free cinema* dirigido por Orlando Jiménez Leal e Sabá Cabrera intitulado *P.M.* (abreviatura de Pasado Meridiano, título que revelava a intenção de seus diretores em narrarem cenas da boêmia noite havanesa) em maio de 1961, censura esta decretada pela comissão revisora do ICAIC (Instituto Cubano del Arte e Industria Cinematográficos), instituto que, por sua vez, era presidido por Alfredo Guevara, militante integrante da diretoria do PSP, alegando que a proibição se dera pelo caráter “*licencioso, obsceno e difusor de imagens de trabalhadores bêbados*”²⁴⁸. Este que ficou conhecido como o primeiro caso de censura artística decretada pelo governo revolucionário iniciou um embate mais aberto e efusivo entre os intelectuais de *Lunes* e os intelectuais do PSP, que escreveram e rebateram artigos publicados em seus respectivos periódicos. Toda esta movimentação levou à marcação de três reuniões na Biblioteca Nacional José Martí em Havana nos dias 16, 23 e 30 de junho, encontros que contaram com a presença de Fidel, do Presidente Osvaldo Dorticós e dos principais intelectuais cubanos. À confirmação da censura ao documentário, consolidada após esta rodada de reuniões, foi decretado o fechamento do suplemento literário *Lunes de Revolución*, ocorrido em 06 de novembro de 1961 sob a alegação da falta de papel para a impressão de seus exemplares.

De acordo com Mariana Villaça, estes eventos proibitivos adquiririam o significado de impulsionarem uma “primeira formulação de política cultural do governo cubano”²⁴⁹. Para

²⁴⁷ MISKULIN, Sílvia César. *Op. Cit.*, 2000 – pg. 171.

²⁴⁸ MISKULIN, Sílvia César, *Ibid.* – pg. 195.

²⁴⁹ VILLAÇA, Mariana Martins. O Instituto Cubano del Arte e Industria Cinematográficos (ICAIC) e a política cultural em Cuba (1959-1991). 2006. Tese (Doutorado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006 – pg. 29.

ela, a censura ao documentário *P.M.* teria razões mais complexas que o antagonismo entre realismo socialismo e as vanguardas artísticas:

(...) a represália a *P.M.* não era apenas por causa do “conteúdo”: o formato experimental do curta – uma câmera que passeava e captava as imagens no “calor da hora”, com som ambiente, sem qualquer didatismo ou condução de uma narração linear – era outro alibi para se condenar a falta de intenção pedagógica que deveria constar nos documentários do ICAIC. Como se isto não bastasse, a esses fatores se somava um grave problema “de bastidores” trazido à tona pela realização desse curta: a livre iniciativa de se filmar fora dos limites de controle da instituição designada para esse fim, e exibir o produto num programa de TV do qual participavam muitos intelectuais “liberais”: *Lunes en Televisión*, transmitido pelo Canal 2²⁵⁰.

Deste trecho supracitado desprende-se a ideia de que aqueles atos de censura do ano de 1961 buscavam um enquadramento da arte revolucionária a uma política cultural guiada pelo governo revolucionário, além de iniciar um combate à criação artística de produção independente, ou seja, a partir daquele acontecimento lançaram-se iniciativas para que os institutos de fomento à cultura e à arte ligados ao governo revolucionário monopolizassem a edição/ impressão de livros e a produção de filmes ficcionais ou documentários. Um terceiro motivo para a censura a *P.M.* seria a rivalidade pessoal entre Alfredo Guevara (presidente do ICAIC) e Guillermo Cabrera Infante (diretor de *Lunes de Revolución*), rivalidade iniciada desde os anos em que atuaram juntos na *Sociedad Cultural Nuestro Tiempo* entre 1951 e 1959. Apesar de militante do PSP, Alfredo Guevara seria um crítico do realismo socialista e buscava um meio termo entre aqueles que ele nomeava como dogmáticos (a exemplo de Edith García Buchaca) e os “liberais” (a exemplo de Cabrera Infante e Franqui), defendendo uma arte que conciliasse algum grau de experimentalismo formal com conteúdo em prol da Revolução. Deste modo, o caso *P.M.* não deve ser interpretado como deflagrador de uma política cultural que imporia o realismo socialista à esfera artística, mas como um golpe à ala dos “liberais” e como uma medida de centralização na política cultural do governo revolucionário.

Este fim com ares de cerceamento do livre pensar a Padilla já era um indicativo, menos nítido no contexto em que se passou do que no contexto em que escreveu suas memórias, das tristes semelhanças entre a História da Revolução Russa e a História da Revolução Cubana, ambas revoluções abertas pela digna esperança popular mas maculada

²⁵⁰ VILLAÇA, Mariana Martins. *Ibid.* – pg. 30.

pelo poder uniformizador que triturava as divergências, os conflitos e as oposições. A censura ao documentário *P.M.* e o fechamento de *Lunes de Revolución* foram um duro golpe contra esta ala revolucionária liderada por Carlos Franqui, “*el portavoz del espíritu democrático, antisectario, que el mundo entero vio en la revolución cubana*”²⁵¹; foi, portanto, o primeiro golpe contra o projeto revolucionário com o qual se identificava o próprio Padilla. Desde a censura de *P.M.* e o fechamento de *Lunes* no ano de 1961 até a ruptura definitiva de Franqui com o governo revolucionário em 7 de julho de 1968 (data de sua partida em direção ao exílio) as aproximações e os distanciamentos entre Franqui e o governo tenderam a seguir uma lógica: quanto mais próximo Fidel se encontrasse dos soviéticos e da vieja ortodoxia comunista cubana, mais longe Franqui estaria do poder.

Segundo os relatos de Padilla, a primeira punição imposta pelo governo revolucionário contra Franqui foi arquitetada por Raúl Castro que, encantado com os rumos da política cultural chinesa, ordenou a demissão de seu desafeto na direção do periódico *Revolución* no ano de 1963, substituindo-o por Enrique de la Osa²⁵². Este rebaixamento político não levou Franqui de imediato para a dissidência, pois sua avaliação ainda seria a de que seus principais inimigos eram os sabotadores reacionários que se escondiam armados nas Montañas del Escambray²⁵³. Por outro lado, estas medidas autoritárias pareciam cada vez mais irreversíveis já que se tornavam constitutivas do Castrismo. De acordo com Padilla, a decisão tomada pelos irmãos Castro de tirar Franqui do periódico *Revolución* era desta guinada autoritária:

En la decisión de Fidel, veía Carlos el resultado de una pugna creciente de la que Raúl Castro se beneficiaba de un modo u otro. Los fascinantes atisbos de la revolución cultural china lo deslumbraron. Quería poner en manos de las Fuerzas Armadas la dirección ideológica del país, tal como había empezado a ocurrir en China. El mejor modo de impedir el liberalismo festivo de ciertos militantes era militarizando la cultura en sentido general. El mandato de Fidel se iba haciendo cada vez más autoritario, y el proyecto de una dirección colectiva, donde cada militante pudiese expresarse sin temores, aparecía cada vez con menos probabilidades (...)²⁵⁴.

²⁵¹ PADILLA, Heberto. *Op. Cit.*, 1989 – pg. 46.

²⁵² As informações sobre a data e o nome do substituto de Franqui na direção de *Revolución* foram obtidas em: http://www.ecured.cu/index.php/Enrique_de_la_Osa. Acesso: 05 de fevereiro de 2014.

²⁵³ Em diálogo entre Padilla e Franqui ocorrido neste mesmo ano de 1963 e recontado em *La Mala Memoria*, o autobiógrafo rememora que, naquela ocasião, ambos compartilhavam do posicionamento de que seus principais adversários políticos eram os contrarrevolucionários de direita, estivessem eles em Miami ou nas Montanhas do Escambray.

²⁵⁴ PADILLA, Heberto. *Op. Cit.*, 1989 – pg. 111.

De acordo com os relatos de Padilla, as agressões implícitas neste tipo de atitude orquestrada com maestria por Fidel, ainda que sob conselhos de seus homens mais próximos, revelam um modo distinto e silencioso de atuar para a construção do consenso em torno de sua liderança, modo sempre autoritário, mesmo quando não recorreu às formas de violência física contra seus adversários.

Quanto a Alberto Mora, personagem este que voltará ao texto pela importância que teve na formação do dissidente Padilla, foi descrito por Padilla como um político prodígio precoce, desde muito cedo acompanhando de perto o ativismo contra a ditadura de Batista, já que seu pai, Menelao Mora, foi um dos principais representantes do *Directorio Estudiantil Revolucionario*. Depois de passagem pela Câmara dos Deputados como representante do Partido Auténtico até o golpe de Batista em 1952, Menelao aderiu à luta armada contra a ditadura batistiana e acabou assassinado no dia 13 de março de 1957 pela sua participação na malfadada tentativa de tomada ao Palácio Presidencial²⁵⁵. Neste dia do Assalto ao Palácio Presidencial, Alberto encontrava-se preso acusado de conspiração e, não estivesse em cárcere, provavelmente estaria junto a seu pai na lista dos mortos. Esta tragédia pessoal talvez tenha contribuído para a dedicação plena de Alberto Mora à causa revolucionária, unindo seu refinamento intelectual e sua jovialidade - “*Era el ministro más joven del Gobierno y uno de los más capacitados*”²⁵⁶. Na versão de Padilla, Alberto Mora usou seu ânimo para os estudos que o tornaram apto à discussão de assuntos variados que iam desde a literatura até a economia. Nesta última área, inclusive, exerceu sua mais alta função dentro do governo revolucionário como Ministro de Comércio Exterior de Cuba. Foi próximo a Che Guevara, por quem, apesar de divergências técnicas, Padilla e Mora mantiveram guardada uma posição respeitosa graças à austeridade do guerrilheiro argentino. Já nos primeiros anos da década de 1960, Mora e Guevara trabalharam juntos para conter o excesso de gastos observado na compra de todo tipo de equipamentos e parafernalias vindos do exterior. Ocupando o cargo de presidente do Banco Nacional,

Ché desempeñó el cargo con su habitual rigor: cada transferencia bancaria debía recibir su aprobación personal. Opuso un cerco militar a la fuga de divisas, y tanto la Junta Nacional de Planificación como el recién creado Ministerio de Comercio

²⁵⁵ As informações bibliográficas sobre Menelao Mora foram extraídas de <http://www.encaribe.org/es/article/menelao-mora-morales/401>. Acesso: 05 de fevereiro de 2014.

²⁵⁶ PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pg. 49.

Exterior, puesto en manos de Alberto, iniciaron una labor de conjunto para frenar el despilfarro²⁵⁷.

Em princípio, a culpa deste mau uso do dinheiro público foi colocada na conta “*de los cuadros técnicos, la mayoría sin formación ideológica, y por lo mismo expuestos al soborno del enemigo*”²⁵⁸; porém, como a vigilância sobre os primeiros suspeitos não resultava na descoberta do ralo por onde escoavam estes recursos, Mora mudou o foco deste olhar vigilante para chegar onde não se podia: “*el despilfarro provenía de manos intocables: las manos de Fidel*”²⁵⁹. Esta decepção com Fidel serviu, de acordo com Padilla, para arrefecer a empolgação inicial de Mora que percebia o quão prejudicial era a mitificação de um líder que fazia dos excessivos gastos públicos uma moeda de troca para atrair e agradar aliados internacionais. Sobre a austeridade poupadora da dupla Guevara-Mora, pairava a política internacional de Castro, baseada no consumo excessivo e desnecessário de maquinários e equipamentos que aprofundavam a inserção econômica de Cuba no bloco econômico socialista. Portanto, Mora e Padilla entendiam que a atuação de Fidel priorizava sua estratégia de poder à revelia dos recursos financeiros internos, o que seria um equívoco que contradizia a premissa revolucionária de servir ao povo cubano acima de quaisquer outros interesses.

O governo revolucionário ia caminhando na direção do consenso em torno da liderança de Fidel Castro e, para que este projeto fosse consolidado, operava-se no sentido de eliminar ou enquadrar todas as correntes aliadas que a ele se opusessem. Contudo o risco maior da contrarrevolução, restava a invenção de uma unidade revolucionária até então inexistente. Conforme o discurso originário em prol da democracia cedia espaço à censura ou ao personalismo centralizador de Fidel, alguns dos mais notórios quadros da Revolução, a exemplo de Marinello, Franqui e Mora, acumulavam desilusões que os levaram a desconfiar pontualmente da capacidade de Fidel para se manter na liderança do processo revolucionário (como observável com Juan Marinello) ou os jogaram em um incontornável movimento de afastamento do governo até a ruptura definitiva²⁶⁰. Portanto, na análise de Padilla, enquanto esta operação de construção do consenso empurrava alguns dos melhores quadros revolucionários para funções de menor importância, ascendiam à cúpula do poder figuras como o censor Alfredo Guevara, o ex-ministro de Batista, Carlos Rafael Rodríguez e o

²⁵⁷ PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pg. 49.

²⁵⁸ PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pg. 49.

²⁵⁹ PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pg. 50.

²⁶⁰ Franqui rompeu com o governo em 1968, partindo para o exílio; Mora, após ter sido anulado e rebaixado à posição de inutilidade no governo, cometeu suicídio em 1972.

parametrizador de estirpe militar Luis Pavón Tamayo, a quem Padilla descreve como “*un versificador recién llegado de Holguín que se empeñaba en aumentar su figurita de pelele con ambiciones descomunales de poder*”²⁶¹. Àqueles intelectuais cuja verve crítica aparecia com maior intensidade, Fidel ofereceu a domesticação, o rebaixamento da desapoderação ou a exclusão taxativa, preferindo a disciplina dos quadros comunistas e militares. Para Padilla, esta foi uma das mais lamentáveis subversões revolucionárias, perceptíveis quando a ruptura com o governo ainda parecia a pessoas como Padilla um ato de insensibilidade ou de ingenuidade, enfim, um ato que favoreceria exclusivamente à direita contrarrevolucionária e imperialista.

Padilla demarca como momento simbólico destas desilusões a morte do poeta José Álvarez Baragaño, um “*partidario entusiasta de la Revolución*”²⁶² que esteve entre os mais assíduos colaboradores de *Lunes de Revolución*, no dia 31 de agosto de 1962²⁶³. Um mal estar súbito acometeu Baragaño enquanto o filósofo francês Roger Garaudy elucubrava no salão principal da *Unión de Escritores* acerca da importância de que em Cuba não se cultivasse o revisionismo pernicioso que motivava convulsões embaraçosas para a *Realpolitik* capitaneada pelos comunistas soviéticos. Apesar de ter se retirado às pressas em direção a um hospital, Baragaño não suportou a ruptura de um aneurisma cerebral. A acolhida positiva do governo revolucionário ao seu livro de poesias *Himno a las Milicias* transformou seu enterro, ainda segundo Padilla, em um ritual emblemático, no qual a presença indistinta de representantes de *Lunes* e de seus censores fez transbordar, através dos antipáticos olhares cruzados, a sensação de que o encanto original do processo revolucionário quebrava-se irremediavelmente. As esperanças jogadas à deriva evaporavam e deformavam as juvenis certezas de outrora. Conforme narra o autor:

Estuvimos hasta el amanecer junto al cadáver de José Álvarez Baragaño. Todos flotábamos un poco. También la muerte de Lunes de Revolución y de muchas de nuestras esperanzas se produjeron por aquellos días. En el Ministerio de Relaciones Exteriores comenzaron a barajarse ofertas de trabajo para los incómodos poetas y escritores. Lunes se convirtió en recuredo. Nicolás Guillén se hizo cargo de lo que fue un pobre sucedáneo: La Gaceta de Cuba, en cuyo primer número también colaboré²⁶⁴.

²⁶¹ PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pg. 53.

²⁶² PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pg. 65.

²⁶³ Data coletada em: http://www.ecured.cu/index.php/José_Álvarez_Baragaño. Acesso em 10 de fevereiro de 2014.

²⁶⁴ PADILLA, Heberto. *Op. Cit.*, 1989 – pg. 66.

Portanto, estas experiências nos primeiros anos revolucionários levariam Padilla a concluir que a manutenção do governo revolucionário, assim compreendiam Fidel e seus sequazes mais próximos, deveria priorizar a militarização e a disciplina ao invés da pluralidade ideológica e do ecletismo artístico. Para Padilla, a lógica da política como guerra/violência era uma advertência direcionada aos intelectuais cubanos que não se decidiam entre o apoio incondicional ao Castrismo ou a um apoio entremeado pela rejeição à contrarrevolução de direita e pela crítica ao autoritarismo ensejado. Aos últimos, o distanciamento de Cuba poderia ser uma vírgula providencial em seu engajamento.

2.3 A passagem de Padilla pela URSS: de revolucionário desiludido a *Homem Revoltado*

2.3.1 Heberto Padilla na União Soviética: das contradições entre o degelo da era Kruschev e a censura, as (in)apropriadas comparações entre a História da Revolução Russa e a História da Revolução Cubana

No outono de 1962, Padilla embarcava com esposa e duas filhas de Havana para Moscou. Ainda que o destino parecesse incompreensível para muitos, entre os quais até mesmo o poeta e seu amigo soviético Yevgeny Yevtushenko, a viagem e a estadia de Padilla na União Soviética foi uma escolha consciente de alguém que imaginava encontrar nesta exótica paragem distante algo do que se encaminhava para ser o porvir do povo cubano. A oportunidade de conhecer de perto aquele temido cenário partiu do convite feito para trabalhar como *corrector de estilo*²⁶⁵ no semanário *Novedades de Moscú*, que começava a ser publicado também em língua castelhana. Deste modo, a União Soviética apresentava-se como a melhor alternativa para arejar as ideias fora do ambiente hostil em que se transformava Cuba para os intelectuais que colaboraram com *Lunes*, já que a opção de trabalhar como burocrata em embaixadas europeias não lhe apetecia.

Esta imersão no locus de origem do socialismo real serviu para Padilla reafirmar suas convicções de que seu engajamento no processo revolucionário cubano deveria se orientar no sentido de provocar o direito legítimo aos dissensos ante o consenso imposto pelo governo revolucionário. Conforme apresenta o autor, conhecer tão de perto a estação do inverno

²⁶⁵ PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pg. 70.

totalitário, versão real de um inferno repleto de neve e vigias, completou a diluição do Padilla encantado para fazer emergir uma espécie multiforme de poeta vociferador de críticas genéricas contra a padronização dos socialismos, uniformização devoradora da liberdade de expressão e da liberdade individual em nome de um vago progresso comunista. Padilla sugere que esta fúria padronizadora seria o impulso originário daquilo que, caso não fosse freado, redundaria inexoravelmente no totalitarismo, termo repetido à exaustão na obra. Não há em *La Mala Memoria* uma distinção entre formas de totalitarismos, talvez porque interesse a Padilla analisar exclusivamente este formato anômalo do totalitarismo comunista, visto e vivido na própria pele. Sua imprecisa definição do termo assemelha-se àquela esboçada por George Orwell em sua obra *1984*, de acordo com a qual um Estado totalitário é aquele guiado pela paranoica intenção de tudo saber e tudo controlar, já que a vida do cidadão é vigiada à risca por uma onipresente *escuta policial*:

Me gustaba Moscú, me dominaba el singular embrujo con que los países totalitarios borran el fragor de las discrepancias públicas con el secreto de sus unanimidades aparentes. En estos países todas las sombras están vigiladas y protegidas y hasta el sitio y la mujer con quien fornicas tienen una posteridad asegurada en los archivos policiales; sobre todo si eres extranjero y tienes vínculos con la cultura²⁶⁶.

O grande risco de o governo cubano aproximar-se do governo soviético, seguindo os irmãos do leste como exemplo, estaria no fato de o totalitarismo comunista ir aos poucos se revelando facilmente adaptável a climas em extremidades opostas: do polo aos trópicos, instalava-se sob argumentos aparentemente legítimos. Depois desta observação atenta do totalitarismo soviético, restava a Padilla um tipo de engajamento que visasse impedir que aquelas práticas fossem instituídas com a mesma radicalidade e amplitude em sua própria pátria:

Moscú fue una experiencia decisiva. Mis otros viajes por los países socialistas sólo sirvieron para acentuar el aprendizaje de un mundo totalmente opuesto al mío, en donde las libertades aparentes eran más importantes que las reales. En definitiva, hoy puedo definir la libertad de cualquier país en términos modestos: libre es el Estado que no cierra las fronteras de los que quieren vivir de otro modo²⁶⁷.

Sua poesia e seu posicionamento político passariam, desde então, a exercitar a discordância com o governo revolucionário cubano como modo de defender o direito

²⁶⁶ PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pg. 70 e 71.

²⁶⁷ PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pg. 135.

daqueles que, assim como ele, desejassem dirigir de um outro modo as coisas do mundo e da vida. Difundir os erros históricos do irmão mais velho para consertar os rumos e as deficiências da experiência cubana enquanto houvesse tempo passou a ser a missão de Padilla a partir de sua passagem pela União Soviética. Padilla cita a si mesmo ao transcrever um trecho de um artigo enviado a Cuba por estes anos entre 1962 e 1963 em que fazia o seguinte apontamento: “*Los cubanos merecen conocer que el Pueblo soviético ha sufrido esta experiencia política como ningún otro pueblo del mundo, y hay que evitar que esos errores se repitan*”²⁶⁸.

Nada mais lógico, portanto, que *La Mala Memoria* esteja carregada de comparações diretas ou sugeridas entre a Revolução Russa e a Revolução Cubana. Estas analogias aparecem precocemente ao tentar demonstrar como para Fidel o caso da censura ao documentário *P.M.* e o fechamento de *Lunes* em 1961 representava uma medida profilática tomada para se evitar em Cuba uma repetição do conhecido Caso Pasternak ocorrido na União Soviética²⁶⁹. Padilla menciona que “*El ‘caso Pasternak’ se alzaba como una amenaza que los dirigentes políticos no querían ver repetida en Cuba*”²⁷⁰. O fantasma do poeta russo foi usado como argumento para práticas de controle e censura sobre a liberdade artística em Cuba e em outros países do bloco socialista.

Padilla confessa com certo pesar sua distração para com as comparações excessivas que se faziam entre o caso cubano e o caso soviético. A rememoração de um diálogo com seu amigo hispano-soviético Pedro Cepeda em fins de 1962 remonta a estes incômodos e estas distrações:

²⁶⁸ PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pg. 76.

²⁶⁹ Boris Pasternak é considerado um dos maiores poetas em língua russa. Presenciou a Revolução de 1917, tornando-se conhecido em seu país pelas poesias publicadas durante a década de 1920. Apesar dos agravos contra ele lançados pelo governo de Stálin na década de 1930 pelo caráter subjetivista e burguês de suas poesias modernistas influenciadas pela estética do futurismo, Pasternak conseguiu escapar à carnificina dos processos de Moscou e aos encarceramentos nos Gulags. Depois do *XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética* em 1956 e a promessa de abertura política ali proferida, Pasternak tentaria fracassadamente publicar sua primeira novela em prosa, sua épica obra-prima *Doutor Jivago*, mas a crítica sutil às práticas stalinistas seriam justificativas para a censura sofrida. A ocorrência de mais este cerceamento à produção artística revelaria os limites do processo de desestalinização. Em 1957, conseguiu fazer chegar clandestinamente seus manuscritos à Itália, onde ganharia sua primeira edição. Sucesso imediato no mundo ocidental, *Doutor Jivago* foi a principal motivação para a entrega do Nobel de Literatura em 1958 a seu autor que, dada a proibição do governo Krushev, não pôde receber o prêmio internacional nem pôde ver sua obra publicada em seu próprio país, o que somente aconteceria vinte e nove anos após a morte de Pasternak em 1989. A obra transformar-se-ia em um peça chave da propaganda anticomunista internacional causando enormes embaraços ao Bureau do Partido Comunista da União Soviética, portanto, nesta disputa pela opinião pública internacional, foi tida como uma amostra da necessidade de os governos revolucionários exercerem controle rígido sobre a arte criada no interior de seus territórios. Sobre o Caso Pasternak, ver: D’ANGELO, Sergio. *Il Caso Pasternak*. Milão: Editore Bietti, 2006.

²⁷⁰ PADILLA, Heberto. *Op. Cit.*, 1989 – pg.57.

- En el poder la gente se mata entre sí – insistía Pedro -. ¿No has visto lo que ha ocurrido aquí? Todo lo que ocurre en un lugar puede ocurrir en otro.

Esa tendencia a encontrar paralelismos entre historias y países distintos era característica del análisis marxista. No le presté demasiado atención²⁷¹.

Enquanto ao Padilla que chegava no laboratório do totalitarismo aquelas comparações seriam exageradas, ao Padilla que deixou aquele país anos mais tarde as aproximações entre aqueles socialismos em princípio tão avessos passaria a ser o lema de sua conduta política e artística enveredada na rota do combate à sovietação do socialismo cubano, ou, em termo correlato, ao processo de importação do totalitarismo policialesco soviético para o arquipélago caribenho.

Este paralelismo analítico não deixa de ser, também, uma aplicação das interpretações etapistas tão em voga entre teóricos marxistas, etapismo preocupado em cadenciar os ritmos revolucionários. Nesta lógica, o descompasso temporal entre os momentos em que se encontravam aqueles processos revolucionários dava a Cuba melhores condições para decidir seu destino atentando ao passado na União Soviética. Havia, entre os contemporâneos à Revolução Cubana, uma percepção de que após acesa a fagulha revolucionária seus movimentos tendiam a uma constância inercial que os levariam a enfrentar os mesmos obstáculos para desembocar no mesmo destino, salvo quando as intervenções governamentais desviassem, acelerassem ou interceptassem a onda revolucionária. Sendo assim, a anterioridade do socialismo soviético deixava lições que muitos julgaram que deveriam ser aplicadas enquanto outros rechaçaram-nas na íntegra ou em partes. Ao relatar sua angústia diante dos debates da Biblioteca Nacional José Martí em 1961, Yevtushenko aconselhava seus companheiros cubanos, como se ele, um dos mais jovens dentre tantos literatos, fosse o mais experimentado quando o tema era a instauração de um aparato repressivo contra as vanguardas artísticas:

Salvar la cabeza en una revolución era lo más importante. *“Ustedes están borrachos de literatura, pero yo sé que todos los días hay gentes a quienes le vuelan la tapa de los sesos. La verdadera cuestión es la violencia. Con menos años que muchos de ustedes soy su abuelo. He nacido dos veces. En Zima, Siberia, en 1933, y hace nueve, después de la muerte de Stálin. Esta revolución es como la infancia de la nuestra”*²⁷²

²⁷¹ PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pg. 77.

²⁷² PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pg.64 e 65.

Já na União Soviética, em contato com outros artistas locais cansados daquela realidade sufocante, Padilla pôde notar algo de curioso: enquanto a precedência da Revolução Russa em relação a Cuba causava aos intelectuais soviéticos uma espécie de ânimo revitalizante, como se pudessem reviver uma esperança há muito perdida, aos intelectuais cubanos causava horror perceber tantas características que aparentavam seu processo revolucionário ao de seus ancestrais comunistas: *“En la “isla de la libertad” donde estos rusos decían hallar lucha por el control del poder, el mismo autoritarismo que necesariamente engendra las mismas injusticias y aberraciones que siempre han ido aparejadas al comunismo real, el único que hasta ahora se conoce”*²⁷³.

A chegada à União Soviética coincidiu com o ambiente do degelo da era Krushev, pontuado pela promessa de abertura à liberdade criativa e pela alteração de rota através da desestalinização. Ainda que os morticínios da era Stálin não ocorressem na mesma intensidade desde seu falecimento em 1953, a amizade próxima entre Padilla e Yevtushenko fizera o poeta cubano deparar-se com os limites estreitos em que aquela flexibilização poderia resultar. Foram três os episódios vistos na União Soviética que consolidaram em Padilla a convicção de que o autoritarismo era a parte mais essencial e arraigada do socialismo soviético. O primeiro episódio acontecera no inverno do ano de 1963. Yevtushenko era um poeta com popularidade em alta, tido como um dos mais expressivos representantes da geração de 60, cujos autores caracterizaram-se por testar os limites a que a liberdade de expressão propalada pelo governo suportaria. A acolhida positiva que seus poemas *Baby Yar* e *O humorismo* alcançaram, fizeram com que o maestro Dimitri Chostakovich transformassem-nas em música, executada instrumentalmente por uma orquestra sinfônica com letra cantada por um coral sob a batuta do maestro. Tudo preparado para a noite de gala quando, não mais que de repente, membros da velha ala stalinista irromperam no teatro para ordenar o cancelamento da apresentação. Esta era uma prova de que ainda havia poder nas mãos de pessoas que *“no podían tolerar el más ligero intento de libertad”*²⁷⁴.

Na segunda ocasião, Yevtushenko cairia em desgraça ante a Associação dos Escritores Soviéticos depois que seu livro *Autobiografía Precoce* foi publicado na França em 1963 com duras críticas anti-stalinistas. Apagado o sucesso de sua poesia internacionalmente conhecida *Baby Yar*, publicada em 1961, dois anos depois o poeta sofreria pesado achaque lançado

²⁷³ PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pg. 130.

²⁷⁴ PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pgs. 105 e 106.

pelos dirigentes da política cultural soviética em seu próprio país. A reviravolta nesta situação de marginalização imposta poderia vir durante a visita de Fidel Castro à União Soviética neste mesmo ano, pois algo do prestígio de que ainda gozava Yevtushenko em seu país provinha da anunciada simpatia mútua entre o poeta e o líder cubano. Os amigos poetas acreditavam que “*un efusivo encuentro público con Fidel podía resolver sus dificultades*”²⁷⁵. Embora Yevtushenko tenha sido um apoiador declarado da Revolução Cubana em suas origens, visitante de primeira hora da Ilha de Fidel e corroteirista do longa metragem *Soy Cuba*, nenhuma destas credenciais foram suficientes para evitar um cumprimento seco e distanciado recebido de Fidel naquele encontro no Hotel do Partido em Moscou. Nada além de um “*Hola, poeta, ¿como estás?*”²⁷⁶, já que naquele ambiente a única coisa que interessava a Fidel era rodear os homens do Politburo soviético e dos países do Leste Europeu que por ali estivessem. As tratativas políticas não deveriam estar misturadas com os contatos atinentes ao campo artístico, ainda mais com um poeta que sabidamente cavava problemas com o establishment de seu país. O desdém de Fidel agravou a situação de um Yevtushenko que veria diminuídas suas chances de publicar seus escritos em órgãos oficiais do Estado soviético.

Em um terceiro caso, que não teve diretamente a ver com Yevtushenko, Krushev em pessoa visitara uma mostra de artes ocorrida em Moscou no ano de 1963 e, irritado com a exposição de quadros em estilo abstrato, arrancara-os da parede onde estavam dependurados enquanto gritava todo tipo de desagravos contra seus autores. Esta atitude destemperada, somada às duas anteriores, revelava que as mudanças de percurso nos rumos do socialismo soviético após o falecimento do ditador Stálin patinavam quando a pauta era maior liberdade para a criação artística. Esta dicotomia entre classe dirigente e classe artística apresenta-se na narrativa de Padilla como uma das causas da ira persecutória dos Estados totalitários contra seus escritores, pintores e músicos, justamente porque “*los caminos de la política y de la poesía son siempre cruciales, sólo se encuentran en las encrucijadas y difícilmente pueden reconciliarse. El tirano es el enemigo natural del poeta, y no por ninguna superioridad. Uno y otro son pequeños facinerosos de la comedia humana*”²⁷⁷.

Todas estas histórias vividas por Padilla levaram-no à conclusão de que entre o caso Pasternak, a censura ao documentário *P.M.*, o fechamento de *Lunes de Revolución*, as

²⁷⁵ PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pg. 85.

²⁷⁶ PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pg. 86.

²⁷⁷ PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pgs. 86 e 87.

reprimendas sofridas por seu amigo Yevtushenko e o desrespeito furioso de Krushev com as pinturas abstratas derivavam desta incompreensão mútua entre os artistas de vanguarda e a vanguarda política das ditaduras comunistas. O atrevimento permanentemente reflexivo de intelectuais e artistas tornavam-nos inimigos potenciais dos regimes comunistas e este foi o pretexto usado para manter forte aparato de vigia sobre cada passo destes cidadãos: *“El que se atreviera a reflexionar sobre la estructura institucional que debía darse al país, se convertía automáticamente en ‘contrarrevolucionario objetivo’”*²⁷⁸.

2.3.2 Outros modelos: os exemplos da socialdemocracia nórdica e do governo de Ben Bella na Argélia

Padilla aos poucos se convenciu de que o tipo de governo que se consolidava em Havana sob a liderança de Fidel era da mesma família que aquele tenebroso mundo soviético, ainda que as especificidades locais não pudessem ser eliminadas. O apoderamento da polícia política fazia de Cuba uma União Soviética em miniatura e estas conexões de um e outro canto do bloco socialista acentuava em Padilla sua vontade de se engajar em uma espécie de anticomunismo revoltado, ao modo do que fora proposto por Camus, inspirando-se nos exemplos políticos dos governos democráticos da Europa Ocidental. Seu anticomunismo não o tornara aliado do capitalismo estadunidense, como se pode depreender deste trecho: *“La Norteamérica de principios de los años sesenta vivía todavía los regazos del macarthysmo y la prensa se hacía eco de una ingenua y peligrosa homogeneidad”*²⁷⁹. A residência de Padilla na União Soviética aproximara-o não apenas geograficamente da Europa Ocidental. Era para lá que Padilla se dirigia durante as férias, folgas ou em qualquer outra oportunidade. Suas visitas recorrentes a Paris colocaram-no em contato direto com a intelectualidade de esquerda europeia e este contato dera ao poeta cubano uma orientação política de negação à dicotomia entre o bloco capitalista e bloco socialista deste contexto de Guerra Fria.

O encantamento de Padilla com o ambiente democrático e plural da Europa Ocidental sobrepujaria aquela falsa obrigação entre um apoio incontestável à Revolução Cubana, aceitando suas deformações autoritárias, ou um rechaço absoluto à mesma, fazendo o jogo do imperialismo estadunidense. Esta experiência persuadia Padilla a priorizar um engajamento

²⁷⁸ PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pg. 125.

²⁷⁹ PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pg. 118.

em prol da democracia antes de aderir às teses comunistas ou liberais, revolucionárias ou contrarrevolucionárias:

Mi estancia en Europa, aunque breve, me reveló otra realidad. Era allí – no en América – donde se oía el ruido del mundo: el desplome colonial africano y las tensiones de la guerra fría eran analizadas allí desde las más diversas perspectivas. No había país de Europa occidental que no tuviese un periódico para cada partido político, y esta diversidad era enriquecedora. En Inglaterra, Francia, Italia o Alemania, en Escandinavia, la lectura de la realidad admitía todas las opciones ideológicas. Liberales, conservadores, socialdemocratas, demócratacristianos, comunistas, actuaban sin restricción alguna²⁸⁰.

Dentro deste contexto de predomínio da ampla democracia, que esteve além da bipolarização da Guerra Fria, Padilla defende seu esquerdismo reformista e pacifista, de olho no modelo da socialdemocracia nórdica e em experiências no mundo periférico de governos de uma esquerda não-alinhada, como o caso do curto, mas mencionado por Padilla como exemplar, governo de Ben Bella na Argélia. De suas viagens pelos países nórdicos da Europa, Padilla comenta:

El primer país nórdico que conocí fue Finlandia. (...) Yo me quedaría en Helsinki y él seguiría hasta Suecia para tratar algún asunto del Consejo Mundial de Paz. Todo en Helsinki me cautivó. Su atmosfera acogedora fue como un reencuentro con algo anterior a mi existencia. Todo en Helsinki se convertía en un eco de mí mismo. No me ocurrió que reconociera en su ambiente la brillante descripción de Ángel Ganivet en sus Cartas finlandesas. Me tocaba descubrir otra Finlandia. Reinaba en el Helsinki de los tiempos de Kekonen²⁸¹ un ambiente de libertades que costaba trabajo creer que existieran en ese país que bien podía tenerse como un estado intermedio entre la URSS y Occidente. Los políticos sabían coexistir con su vecino del Norte, ‘el gigante reflejado en el lago’ de que hablaba Pennti Saaridovski, cuya presencia, juvenil entonces, advertí en más de una ocasión en la ciudad²⁸².

Na sequência, para que ficasse claro que sua admiração a esta socialdemocracia nórdica não se limitava ao caso finlandês, Padilla completa sua adesão a este modelo político dizendo que *“este sentimiento también lo experimenté en Noruega, en Dinamarca, donde conocí personalmente un grupo valiosísimo de poetas y escritores, y en Suecia, donde estuve el tempo necesario para que nada de lo esencial de aquel país haya desaparecido de mi*

²⁸⁰ PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pg. 118.

²⁸¹ Urho Kekkonen foi Primeiro-Ministro finlandês entre os anos de 1950 e 1956, tendo depois ocupado o cargo de Presidente de seu país entre 1956 até 1982.

²⁸² PADILLA, Heberto. *Op. Cit.*, 1989 – pg. 96.

memoria”²⁸³. Nesta vida de frequentes viagens mundo afora, Padilla encontraria nestes países nórdicos a mais próxima imagem daquilo que idealizava para Cuba, propondo que aquele ambiente de amplas liberdades com eficientes mecanismos estatais para o combate à pobreza e à desigualdade social devesse servir de inspiração aos governos de esquerda latino-americanos.

Dentre as medidas características destes governos nórdicos e destacadas por Padilla, Ruy Fausto destaca a preferência pela negociação, uma tendência não excessivamente estatizante, as altas taxas de imposto de renda para as faixas superiores (o que no Brasil consolidou-se chamar de imposto progressivo), dela derivam “as principais conquistas sociais do século, em matéria de saúde, de educação e de direitos sociais”²⁸⁴ e, para alcançar todos estes avanços, não precisou sujar suas mãos com o sangue da violência revolucionária para compor “os governos mais democráticos e igualitários que a história moderna, pelo menos, já conheceu”²⁸⁵. Democracia com igualdade e liberdade com amparo estatal são os ingredientes que, combinados, fariam surgir um modelo de sociedade oposta tanto ao capitalismo liberal estadunidense como ao socialismo autoritário soviético, uma sociedade mais afeita aos ideais da esquerda democrática com a qual Padilla se identificava.

O governo de Ahmed Ben Bella na Argélia, entre os anos de 1963 até 1965 (quando sofreu um golpe de Estado liderado pelo seu até então aliado Houari Boumediene) foi marcado como símbolo da luta anticolonialista dos povos africanos. Além da política internacional em solidariedade às independências de outros países do continente, Ben Bella também sustentou uma política econômica esquerdista, dando início a um processo de nacionalização das empresas existentes no país, a uma reforma agrária que visava atender às demandas camponesas e a uma política internacional de não-alinhamento²⁸⁶. Padilla também demonstrava simpatia pela refinada formação intelectual do líder argelino, capaz de se pronunciar fluentemente em árabe, francês e espanhol, além de ter sido um homem que provou superar os rancores históricos casando-se com uma periodista francesa, conterrânea daqueles que ordenaram seu encarceramento por seis anos (entre 1956 e 1962) sob a acusação de ser um dos líderes da Frente de Libertação Nacional (FLN) na Guerra de Independência entre Argélia e França. Sua admirável erudição, seu cosmopolitismo e seu ecletismo foram a

²⁸³ PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pg. 97.

²⁸⁴ FAUSTO, Ruy. *Para um balanço crítico das Revoluções [e de alguns movimentos de Reforma] do século XX (A Esquerda onde está??)* in FAUSTO, Ruy. *A esquerda difícil: em torno do paradigma e do destino das revoluções do século XX e alguns outros temas*. São Paulo: Perspectiva, 2007 – pg. 228.

²⁸⁵ FAUSTO, Ruy. *Ibid.* – pg. 239.

²⁸⁶ YAZBEK, Mustafa. *A Revolução Argelina*. São Paulo: Unesp, 2010.

causa do incômodo do povo argelino com seu líder que acabou por derrubá-lo através do golpe de 65. Ainda que derrotado, na visão de Padilla o governo de Ben Bella deixava ricas contribuições para a posteridade, como a aplicação de um modelo de gestão que permitiu “*la coexistencia de opciones teóricas en lo económico y lo político (el agrarismo chino, la autogestión yugoslava, la participación estatal al estilo soviético)*”²⁸⁷ e que atuou no sentido de diluir os rancores entre argelinos e franceses, tentando reaproximar as duas nações.

Sobre este último tema, Padilla narra uma história elucidativa: em voo entre Argel e Moscou, com escala em Nice na França, ele presenciou um diálogo entre um muçulmano argelino e um soldado francês no qual o primeiro indagou sobre o tipo de carne daquela comida distribuída no avião, ao passo que o segundo lhe respondera para comer tranquilamente, pois não havia carne de porco naquela refeição. Deste diálogo inesperado, Padilla extraía as seguintes conclusões:

Me resultó increíble que después de la cruenta guerra entre franceses y argelinos, pudiera uno de éstos confiarse al juicio de un soldado francés; pero la guerra había terminado y al parecer los argelinos nunca identificaron verdaderamente a Francia con sus colonos. Aquel árabe y aquel francés poseían un lenguaje común por encima de una disputa de más de un siglo, un entendimiento resultante de la convivencia, igualmente secular, que sobrepasaba la distancia, la enemistad que siempre gusta de imponer el discurso político²⁸⁸.

A crítica encoberta nesta última oração do trecho foi dirigida tanto a Cuba, como à União Soviética, aos Estados Unidos e a todos os governos que, ao invés de buscarem a reconciliação para uma harmônica política internacional, continuaram apostando em um discurso de ódio e na ruptura de relações diplomáticas e econômicas com seus adversários. No caso da relação Cuba/Estados Unidos em particular, Padilla sugere que as farpas recorrentemente atiradas por seus governantes eram um equívoco que poderia ser superado pela negociação espinhosa, mas nunca impossível. O radical anti-imperialismo cubano e o radical anticomunismo estadunidense deveriam ceder espaço para acordos mediados pela razão que levaria a um melhor termo para seus governantes e seus povos. Padilla fala deste convívio que prescindiu da anulação das diferenças e reconhece a legitimidade de existir do outro; Padilla prega, portanto, contra estas formas variadas de violência que não se

²⁸⁷ PADILLA, Heberto. *Op. Cit.*, 1989 – pg. 113.

²⁸⁸ PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pg. 115.

manifestaram somente através da guerra, sobretudo no contexto da Guerra Fria, mas no desejo de destruição do adversário através da sabotagem e da desqualificação.

2.3.3 Padilla lê Camus: a formação do poeta cubano revoltado

O contato com a esquerda europeia fez Padilla aproximar-se ainda mais de discussões sobre a utilidade ou impertinência da violência revolucionária e do autoritarismo, acentuando sua opção pelos valores pacifistas e democráticos. Como o próprio autobiógrafo fez questão de esclarecer, sua crescente rejeição às manifestações autoritárias do socialismo real, seja na União Soviética ou em Cuba, encontrou em *O Homem Revoltado* de Albert Camus os melhores argumentos para o embasamento deste novo tipo de engajamento pessoal que ganhava contornos expressivos antes de seu retorno a Cuba em 1964, pautado pela produção e difusão de uma arte crítica e pela denúncia dos desmandos perpetrados pelo governo revolucionário cubano.

As polêmicas ideias políticas que Camus sintetizaria em sua obra *O Homem Revoltado* de 1952 possuem sua própria história, confundida com a história da esquerda não-comunista francesa que fez da resistência armada à ocupação nazista seu acontecimento fundador. Deste grupo, os amigos Sartre e Camus assumiram posição de destaque e seus escritos literários, filosóficos ou políticos (publicados em periódicos como o *Combat* e o *Les Temps Modernes*) eram aguardados atentamente por uma juventude que mirava as ideias de seus mestres para orientar seu próprio olhar para o mundo. No período imediatamente posterior ao término da Segunda Guerra Mundial, todos tenderam a ler Camus e Sartre, destarte divergências pontuais, como propulsores de um mesmo movimento político-literário-filosófico. Esta simplificação da unidade de pensamento entre estes companheiros da resistência foi sendo diluída já a partir de 1946, quando Camus entraria em contato com o anticomunismo de Artur Koestler através da leitura de seu best-seller *O zero e o infinito*, obra cujo objetivo era destruir o mito soviético elencando fatos, dados e análises coletados dos Processos de Moscou na era stalinista para chegar à conclusão de que o socialismo soviético era, na verdade, um tipo totalitário de capitalismo de Estado. A aproximação de Camus com as ideias de Koestler foi mais ou menos sincrônica à aproximação de Sartre às ideias do filósofo Merleau-Ponty que declarara seu apoio crítico à União Soviética no mesmo ano de 1946. Vale acrescentar ainda que Merleau-Ponty publicaria em 1948 a primeira edição de seu clássico livro *Humanismo e*

Terror tomando como ponto de partida a necessidade de se contrapor ao anticomunismo de Koestler.

Nesta obra, Ponty explora uma premissa que viria a ser cara a Sartre: todos os governos são criminosos, em especial os governos liberais do mundo ocidental, causadores de sofrimentos e guerras sobretudo em suas colônias. Esta premissa levaria Sartre à conclusão lógica de que, se “a violência aconteceria a despeito de tudo”²⁸⁹, era fundamental escolher segundo outros princípios, a saber, qual a escolha momentânea seria mais eficiente para a consolidação futura de uma democracia socialista. Grosso modo, os pressupostos de Ponty e Sartre calcavam-se em justificar a violência revolucionária na medida em que esta visava a consagração futura do verdadeiro humanismo, impossível neste presente de desordem. Suas reflexões legitimavam a violência estratégica e infelizmente inevitável para a vitória comunista. Na direção oposta, Camus embasaria suas reflexões políticas pela negação da violência política, partindo da premissa de que o sacrifício do presente em nome de um futuro incerto era uma justificativa cínica usada pelos comunistas para legitimar o assassinato.

As divergências entre Sartre e Camus ainda não os impediam de manterem-se como lideranças intelectuais da esquerda não-comunista francesa, tanto assim que estiveram juntos na criação de um “novo movimento socialista e neutralista, o Rassemblement Démocratique Révolutionnaire (RDR)”²⁹⁰ no ano de 1948. Mesmo que Sartre tivesse dedicado maior atenção e tempo a esta empreitada, Camus esteve ao lado de seu amigo em vários encontros e eventos partidários, pois ainda comungavam do sonho de construir uma Europa socialista em oposição aos dois blocos hegemônicos no cenário internacional. O partido foi formado pela aliança entre um leque variado de agremiações esquerdistas que iam desde trotskistas e ex-comunistas até esquerdistas cristãos. Contudo, esta nova forma de militância compartilhada não fora um impeditivo do movimento de afastamento ideológico iniciado anos antes.

O distanciamento irrefreável entre Camus e Sartre foi também uma questão de tom: enquanto o discurso de Camus adquiria coloração mais moderada, inclinada ao reformismo, pois “Camus havia decidido que reformas modestas eram o máximo que se podia obter”²⁹¹, a guinada de Sartre processava-se no sentido inverso de encampar as teses revolucionárias e,

²⁸⁹ ARONSON, Ronald. *Camus & Sartre: o polêmico fim de uma amizade no pós-guerra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007 – pg. 166.

²⁹⁰ ARONSON, Ronald. *Camus & Sartre: o polêmico fim de uma amizade no pós-guerra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007 – pg. 176.

²⁹¹ ARONSON, Ronald. *Ibid.* – pg. 168.

portanto, seus escritos situados na passagem da década de 1940 para 1950 adquiriam uma feição cada vez mais radical.

Em fins de 1948, Sartre e Camus envolver-se-iam naquela que parece ter sido a primeira contenda aberta entre os dois. Isto se deu após a publicação de um artigo de Camus na edição de julho daquele ano do jornal da RDR *La Gauche*, intitulado *Reflexions sur une démocratie sans atéchisme*. Neste texto, o escritor franco-argelino sustentava tacitamente que a democracia seria o mais aceitável sistema de governo realmente existente. Em resposta a este artigo, meses depois viria a resposta de Sartre ao então correligionário de RDR com a publicação de artigo intitulado *Avoir faim c'est vouloir être libre* na edição de outubro da revista *Caliban* (qualificada por Aronson como “um tipo de Seleções de esquerda”²⁹²). Nele, o existencialista francês condenava prioritariamente a exploração capitalista praticada sob a égide da lei, pois a liberdade sem pão seria um embuste burguês que precisava ser desmascarado. Ainda que ambos continuassem juntos no combate à condição proletária, iam aos poucos transformando-se em ícones de correntes distintas da esquerda francesa: Camus à frente daqueles que consideravam inaceitável a violência em nome de um porvir e, portanto, à frente daqueles que julgavam a democracia como condição moral *sine qua non* para as justas transformações sociais na direção da igualdade; e Sartre à frente daqueles que consideravam a violência revolucionária como um passo estratégico inevitável para que fosse definitivamente derrotada a sanha exploratória dos capitalistas e, assim, atingida a igualdade.

A frustração deles com a cooptação do RDR em abril de 1949, com as denúncias de que o partido passara a receber dinheiro dos Estados Unidos através da CIA para declinar de suas teses mais radicalmente antiliberais, levaria Sartre a desistir de uma fragilizada e insossa terceira via para uma inclinação pró-comunista, enquanto Camus afastar-se-ia definitivamente deste engajamento mais propriamente político-partidário, dedicando-se, até sua precoce morte em 1960, a um engajamento circunscrito à difusão de suas ideias através da publicação de artigos e livros.

Foi neste contexto de guinadas antagônicas que a amizade entre Camus e Sartre sofreria seu golpe derradeiro que resultaria na ruptura entre os dois. Tudo começara com a publicação de *O Homem Revoltado* de Camus em 1951, síntese agudizadora das teses anticomunistas que já vinham sendo esboçadas em seus escritos anteriores. A obra começa

²⁹² ARONSON, Ronald. *Ibid.* – pg. 178.

com um parágrafo arrasador que revela o vigor de seu antagonismo contra as revoluções de inspiração marxista e seus genocídios:

Há crimes de paixão e crimes de lógica. O código penal distingue um do outro, bastante comodamente, pela premeditação. Estamos na época da premeditação e do crime perfeito. Nossos criminosos não são mais aquelas crianças desarmadas que invocavam a desculpa do amor. São, ao contrário, adultos, e seu álibi é irrefutável: a filosofia pode servir para tudo, até mesmo para transformar assassinos em juízes²⁹³.

Trecho tantas vezes citado por sua força aplacadora, nele Camus detona contra a inversão cínica produzida pela filosofia marxista, ou pelos marxiólogos, desde o advento da Revolução bolchevique de 1917, a partir da qual o assassinato em nome do comunismo passa a ser considerado a realização da justiça contra os verdadeiros criminosos, e estes verdadeiros criminosos seriam exatamente as vítimas tombadas em combate. O fanatismo contaminante deste tipo de processo revolucionário leva seus artífices à convicção de que somente os outros podem ser criminosos e, portanto, matar para esta versão comunista que anseia à super-humanidade seria a consequência racional de um julgamento prévio e jamais seu assassinato deveria levá-los ao banco dos réus. Esta legitimação em termos filosóficos ao assassinato seria uma carta branca que, ao isentar de culpa o assassino, lhe permite ingressar em um ciclo infinito de crimes sucessivos. Se a credencial de bom comunista faz dos revolucionários juízes infalíveis, logo não há nada que possa impor limites à sua fúria destruidora da velha sociedade. A ideia central de *O Homem Revoltado* versa sobre a injustificabilidade racional da violência e do assassinato, sem com isto negar possíveis usos da violência (vale lembrar que Camus militou a favor da Resistência armada francesa contra a ocupação das tropas nazistas durante a Segunda Guerra Mundial). Assim sendo, a violência é injustificável mesmo quando inevitável, e isto leva à conclusão que só deve ser usada excepcionalmente e provisoriamente em circunstâncias defensivas; jamais poderia vir a ser a regra ou o meio defendido para a vitória revolucionária.

Camus sabia do caráter polêmico de sua obra. A equivalência entre Marxismo (pelo menos em sua vertente leninista formatada no princípio do século XX) e assassinato buscava incomodar a todos os que ainda revelavam simpatia pelas teses revolucionárias genocidas. Sartre evitou a indisposição com Camus, apesar de o livro clamar por sua resposta. Sua resposta indireta viria com a resenha assinada por Francis Jeanson e publicada na edição de

²⁹³ CAMUS, Albert. *Op. Cit.*, 2008 – pg. 13.

maio de 1952 de *Les Temps modernes*, revista que tinha Sartre como seu principal nome e membro do conselho editorial. O artigo de Jeanson deflagraria a ira de Camus contra Sartre, ciente que as críticas ali contidas eram compartilhadas pelo velho amigo. O modo de Jeanson detratá-lo, desmerecendo-o por suas supostas deficiências teóricas, viria acompanhado da crítica de que *O Homem Revoltado* era um culto ao derrotismo, uma exaltação da rebelião humilhada (típica do sindicalismo revolucionário elogiado por Camus) ante a rebelião triunfante (encarnada no socialismo soviético).

A réplica de Camus, estranhamente, não fora dirigida a Jeanson, mas sim a Sartre, já que o considerava o responsável imediato pela publicação daquele achaque em forma de resenha. Escrita em junho de 1952, a réplica de Camus acusava o artigo de ter distorcido sua obra para, caricaturizando-a, desconstruí-la com maior facilidade, transformando Camus em um parvo despreparado para o embate filosófico. A tréplica fulminante de Sartre viria quase que imediatamente, e começava com a decretação da ruptura da amizade com os seguintes dizeres: “Meu caro Camus: nossa amizade não era fácil, mas sentirei falta dela. Se vós a rompeis hoje...”²⁹⁴. A sequência da carta desferia uma série de ácidas críticas, tanto ao estilo camusiano como às suas conclusões políticas. Escrita por um dos mais versáteis intelectuais do século XX, a carta de Sartre arruinou parte do prestígio intelectual do ex-amigo Camus, que viveria seus mais árduos anos de bloqueio de criatividade após esta contenda, reabilitando-se somente com a publicação de *A queda* em 1956. No mesmo ano em que Sartre decidia pelo ingresso no Partido Comunista Francês e, assim, aderiria ao posicionamento stalinista, Camus caía humilhado e parecia ter perdido a querela por conta do gigantismo intelectual de seu oponente. Contudo, a partir do episódio da ruptura da amizade, cada qual seguiria seu lado, mas continuariam reivindicando que seu tipo de engajamento circunscrevia-se no interior deste grande conjunto político chamado de esquerda. Meses após a ruptura da amizade, Camus escreveria um artigo intitulado *Défense de L’Homme revolté* para recolocá-lo no “horizonte do compromisso de esquerda com o socialismo e a libertação dos trabalhadores”²⁹⁵. Guias intelectuais de vertentes distintas da esquerda francesa e internacional, os textos de Camus e Sartre continuaram a influenciar cabalmente as ideias de

²⁹⁴ ARONSON, Ronald. *Ibid.* – pg. 246.

²⁹⁵ ARONSON, Ronald. *Camus & Sartre: o polêmico fim de uma amizade no pós-guerra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007 - pg. 268

seus simpatizantes. Seus propósitos igualitários permaneciam assemelhados, mas os meios de atingi-los já estavam radicalmente distantes²⁹⁶.

O Homem Revoltado também pode ser lido como o grande ato de coragem de Camus que, em plena França da década de 1950 cujo cenário intelectual à esquerda estava dominado pelos marxistas e simpatizantes, resolveu desvencilhar-se das amarras doutrinárias para seguir sozinho por sua difícil vereda. Acusando o assassinato massivo de seres humanos como o grande problema político do século XX, Camus assume a dianteira nesta cruzada pacifista e anti-totalitária. Para chegar a esta conclusão, Camus percorre uma longa argumentação empenhada em dissecar e desconstruir a noção de progresso humano como tendo uma temporalidade demarcada por uma origem de pureza e um fim de perfeição. Esta rota assemelha a teologia cristã e a filosofia da história hegeliano-marxista, embora suas oposições não devam ser menosprezadas, pois no primeiro caso o guia deste progresso é um ser divino e transcendente e no segundo caso seriam as próprias contradições das sociedades de classe que condicionariam as transformações guiadas pelos homens. Camus questiona ambos os posicionamentos ao negar estas concepções teleológicas de progresso humano, substituindo-as pela afirmação de que o único elemento permanente e inevitável no Homem, portanto constitutivo de sua natureza, seria sua existência absurda e ausente de sentido.

Esta absurdidade desalentadora foi acalentada pela criação de mitos, entre os quais a mitologia cristã mereceu especial atenção em *O Homem Revoltado*. Nela, a redenção humana estaria no juízo final, na esperança de que uma existência de sofrimento seria recompensada pela vida eterna no Reino dos Céus. Na contemporaneidade, as inverdades desta mitologia foram denunciadas de modo que já não se pode aceitá-la sem incorrer em má-fé. Mas o desamparo provocado pelo assassinio de Deus resultou em seu avesso, através de um outro Reino dos fins sem Deus: surgiria a mitologia marxista com a pregação da utopia de um mundo sem contradições (e portanto sem dialética) que deveria ser construído pelos comunistas. Ambas as versões do fim da História, ao postularem o advento da perfeição com ou sem Deus, criariam, de acordo com a análise de Camus, versões enganosas do destino humano ao escamotear que a absurda existência e a ausência de sentido para o devir humano são os fundamentos que compõem sua condição de ser.

Por seu lado, Camus postula que esta absurdidade relega os limites de uma vida do e no cotidiano; a conscientização destes limites, ao invés de atirar os homens no relento do

²⁹⁶ Para redigirmos o texto sobre a ruptura da amizade entre Camus e Sartre que ocupa os primeiros onze parágrafos deste tópico, baseamo-nos em: ARONSON, Ronald. *Op. Cit.*, 2007.

niilismo, impõe a obrigação de lutar pela integridade humana. Eis, então, que a revolta reaparece em seus escritos como um ato de humanização, mas uma revolta que se faz no cotidiano e que jamais prioriza o futuro em detrimento do presente, tal como estariam a fazer os movimentos e governos revolucionários comunistas deste contexto histórico. Camus rechaça o rótulo de niilista ou romancista do absurdo atribuído por alguns de seus críticos. Parafrazeando Nietzsche, Camus define como niilista não aquele que em nada crê, mas aquele que não crê naquilo que é visível e que é real; deste modo, promove uma brilhante inversão, definindo-se como um anti-niilista enquanto seus contemporâneos partidários do marxismo-leninismo, obcecados pela liberdade vindoura, desconectavam-se do mundo sensível do presente para golpeá-lo sem culpa alguma²⁹⁷.

Outra divergência entre Sartre e Camus abordada em *O Homem Revoltado* tem a ver com uma discussão propriamente ontológica. Nesta seara, os textos filosóficos de Sartre desnudam o ser humano de qualquer essencialidade a priori, desembocando na conclusão de que também não há qualquer moralismo a priori. As regras morais, assim como todos os demais elementos culturais que condicionam e limitam a liberdade, são constructos históricos e, como tais, mutantes e sujeitas às adequações temporais. Para Camus, este amoralismo desimpedia os existencialistas de pautarem suas escolhas de acordo com valores essenciais à Humanidade. Este amoralismo permitiu que os existencialistas justificassem os terrores comunistas sem qualquer remorso ou incoerência, pois nestes tempos desmoralizados é a justiça a ser atingida quem deve ditar as ações pela lógica da eficácia. Camus recusa este amoralismo existencialista e suas conclusões para defender a necessidade de um moralismo a-histórico que impeça a Humanidade de se autodestruir na barbárie da violência perpétua.

Deste modo, Camus resvala ao menos na desconfiança de que existe uma natureza humana dada e que precisa ser respeitada. Sua hipótese é a de que a revolta seria a noção fulcral desta natureza humana²⁹⁸. Por sua vez, a revolta deve ser compreendida como “a suprema afirmação do homem”²⁹⁹; o revoltado é aquele que não aceita o sofrimento humano de seu tempo presente, pois é um sujeito absolutamente empático ao seu próximo. Assim,

²⁹⁷Para a redação destes três últimos parágrafos sobre o posicionamento crítico de Camus perante a Teologia Cristã e a Teleologia Marxista, baseamo-nos em: SOARES, Caio Caramico. *Evangelhos da Revolta: Camus, Sartre e a remitologização moderna*. Tese de doutorado (Filosofia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

²⁹⁸ SOARES, Caio Caramico. *Ibid.*

²⁹⁹ GUIMARÃES, Carlos Eduardo. *As dimensões do Homem: mundo, absurdo, revolta (Ensaio sobre a filosofia de Albert Camus)*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1971 – pg. 64.

“afirmar o homem é afirmá-lo contra o que mata”³⁰⁰ e “renunciar à violência e à morte é afirmar a revolta”³⁰¹: este é o princípio maior que rege a ação revoltada. Em sentido complementar, a noção de que o revoltado está relegado à eterna insatisfação provém da miserável absurdidade a que estamos relegados. Portanto, a estabilidade prometida pela utopia comunista não passa de um engodo e, na fúria fanática pelo cumprimento da promessa, os comunistas acabam perdendo-se nos absolutos de seu dogmatismo em prol do fechamento impossível do ciclo histórico.

Consciente de sua condição limitada pelo absurdo da existência, o revoltado deve estar sempre aberto às possibilidades infinitas, aberto ao diálogo democrático que se contrapõe ao monólogo autoritário, pois a revolta é “aquela lúcida abertura provocada pelo relativo”³⁰². Sendo assim, o engajamento revolucionário preocupa-se prioritariamente com o Reino dos fins, no qual a validade moral das ações deve ser medida pelos seus resultados e, portanto, aos revolucionários interessa a lógica da tomada e da manutenção do poder; já o engajamento revoltado preocupa-se sobretudo com o Reino dos princípios, no qual a moral a-histórica da empatia com o Humano impõe a rejeição à violência e ao assassinato.

Esta cruzada do homem revoltado vem gotejada pelo moralismo a-histórico camusiano que compõe aquilo que o comentarista Juan Valdano sugere ser seu Humanismo. De acordo com sua análise, Camus eleva a revolta à categoria de fundamento do espírito humano que, ao preencher o ser, funciona como uma espécie de engrenagem interior que induz a um permanente interrogar da realidade, instabilizando o instituído e desconstruindo os absolutos. O revoltado é sempre profano, pois busca dessacralizar a vida. Esta revolta essencial aponta, portanto, na direção do contínuo movimento social. Em suma, o humanismo camusiano postulado em *O Homem Revoltado* sai em defesa do direito inalienável do indivíduo de se revoltar contra todas as formas de governo, uma revolta intelectual que faz da atenção elucidativa a conduta adequada para o impedimento de arbitrariedades. Esta essencialidade rebelde ancora-se no paralelismo e na complementaridade entre movimento desestabilizador e esclarecimento ou, em outros termos, entre transformação e crítica: a transformação que deve vir em decorrência da crítica que antevê e a crítica que engendra a transformação, em um entrecruzamento perpétuo que jamais há de cessar. Esta dinamicidade revoltada há de se chocar com as revoluções vitoriosas no momento em que a necessidade de

³⁰⁰ GUIMARÃES, Carlos Eduardo. *Ibid.* – pg. 64.

³⁰¹ GUIMARÃES, Carlos Eduardo. *Ibid.* – pg. 68.

³⁰² GUIMARÃES, Carlos Eduardo. *Ibid.* – pg. 67.

conservar o poder impuser a censura e a estagnação. Nestes termos, *O Homem Revoltado* deve ser lido como um libelo à mais ampla liberdade de expressão e à inquietude crítica que jamais se adequa à disciplina militante³⁰³.

Outro princípio moral que permeia o engajamento revoltado é o de sua humanidade agregadora. *O Homem Revoltado* ama a vida absurda e por isso protesta a favor da sempre ameaçada comunhão humana. Ameaçada pelo ódio, pela intolerância e pelos sectarismos, a humanidade deve se revoltar contra estes sentimentos desintegradores e a favor do valor da diversidade que reencontra um convívio sem extermínio e uma comunicação sem silêncio. O absurdo da existência humana não deve, para Camus, ser respondido com a indiferença de Meursault de *O estrangeiro*, mas com a solidariedade de dr. Rieux de *A peste*. Mas que fique claro: a solidariedade com a vítima que e não com o carrasco sádico.

O engajamento revoltado de Camus veio prenhe de anticomunismo, anti-totalitarismo e oposição às teleologias para fazer a apologia de um engajamento que é mediado e media os conflitos inerentes a um cotidiano democrático e polifônico. Esta não era uma discussão entre a precedência dos fins ou dos meios em política, pois para Camus os fins humanos não existem; resta apenas a intermediação feita no aqui e no agora de um presente concreto e, por isto mesmo, passível de ser atingido pela sensibilidade humana.

Não é a toa que a devoção de Padilla por Camus se derrama em *La Mala Memoria* em meio às suas descrições sobre a passagem por Moscou. Entremear a vida sombria e permanentemente vigiada na União Soviética com seus relatos sobre Camus e sua obra foi o modo encontrado por Padilla para registrar quando se processou e se completou sua conversão a este tipo de engajamento revoltado. Padilla devotava admiração tanto ao Camus literato quanto ao Camus ativista, homem que fez da palavra escrita sua forma de engajamento por excelência:

Procedente de la resistencia francesa, toda su actividad política estaba volcada ahora (1959) en el diario Combat. Su novela La caída es una reflexión aguda y trágica sobre esa época que lo marcó profundamente. Con La peste intenta exponer sus alarmas de modo alegórico (un poco entre Kafka y Dostoievski) porque sentía venir los peligros de nuevas tiranias que habían perfeccionado sus métodos y ante las cuales era necesario estar a favor o en contra. Frente ao revolucionario opuso con una tenacidad conmovedora su “hombre rebelde” que le acarreó ataques tan virulentos que apenas le alcanzaba el tempo para

³⁰³ VALDANO MOREJON, Juan. *Humanismo de Albert Camus*. Cuenca: Publicaciones de la Universidad Católica de Cuenca, 1973.

responderlos. En su tono, en sus juicios, en el más simple comentario, advertía uno que era un hombre presa de su vocación moral, precisamente aquello que sus enemigos consideraban lo más vulnerable de su pensamiento. Su negación de la Historia no podía ser aceptada por Sartre, que había fundado su filosofía sobre el reinado de la Historia, y Sartre era “el filósofo”³⁰⁴.

Diante da ofensiva sartreana contra Camus, Padilla e seu amigo Jean Daniel chegaram a pensar juntos como defender o ponto de vista da revolta pacífica e democrática, já que o admirável humanista falecera tragicamente em um acidente de carro no sul da França em janeiro de 1960. Meses antes, acontecera um encontro entre o cubano ainda encantado com sua revolução e Camus que resultou em uma entrevista posteriormente publicada em *Lunes*. Padilla ainda teria a oportunidade de escrever um artigo sobre a morte de Camus publicado no periódico *México en la cultura*.

Padilla voltaria para Cuba em 1964. Todas as histórias acumuladas nestes primeiros cinco anos da Revolução Cubana levaram-no a aprofundar suas divergências com relação ao Castrismo. Seu contato com a esquerda socialdemocrata nórdica e com as democracias da Europa Ocidental contrastavam com a paranoia persecutória do regime soviético. Em paralelo a isto, suas convicções teóricas solidificadas nestes anos aproximaram-no definitivamente das conclusões anti-totalitárias e anticomunistas de Camus. Por fim, a percepção de que a censura prolongada implicaria em uma espécie de letargia por parte da população que, sentindo-se impotente perante a magnitude estatal, preferiria calar-se ao invés de seguir lutando contra o autoritarismo. Por estes motivos, Padilla escolhia conscientemente adotar uma atuação política no sentido de denunciar as perigosas proximidades entre o governo cubano e o governo soviético, tentando provocar dissensos através de sua poesia e seus textos de crítica literária. Testando os limites democráticos do governo revolucionário, ou, o que parece mais provável, instigando a ação violenta ou proibitiva deste governo para escancarar sua faceta autoritária, em meados da década de 1960 Padilla estava prestes a se transformar em um dos principais nomes de uma fragmentada intelectualidade de esquerda dissidente à Revolução Cubana.

2.4 Escritor revoltado: das contendas literárias ao encarceramento

2.4.1 Um pouco burocrata, um pouco escritor

³⁰⁴ PADILLA, Heberto. *Op. Cit.*, 1989 – pg. 92.

De volta a Havana em 1964, Padilla seria admitido como Diretor Gerente da “*Cubartimpex*”, *la empresa de Comercio Exterior a cargo de la exportación e importación de artículos de arte y cultura, y casi inmediato en miembro del Consejo de Dirección del Ministerio*”³⁰⁵. Neste cargo, fora protegido pelo prestígio de que ainda gozava seu amigo Alberto Mora, então Ministro do Comércio Exterior de Cuba, que, por sua vez, era um Ministério subordinado ao Ministério da Indústria, então sob a chefia de Ernesto Che Guevara. Esta atividade fez Padilla mergulhar em uma discussão sobre técnicas de contabilidade na gestão econômica tracejada por divergências manifestas entre seus dois chefes imediatos:

Alberto era partidário del cálculo mercantil en la organización económica, de acuerdo con las ideas del economista francés Charles Bethelhein, y en aquel momento estaba enfrascado en una polémica con el Ché Guevara sobre su tesis de que un país socialista debía implantar el sistema presupuestario concebido por el economista belga Ernst Mandel. La polémica era más bien un intercambio cordial de opiniones, pero a ella se sumaron funcionarios que defendían una y otra posición³⁰⁶.

Este litígio foi analisado de um modo mais didático no trabalho de Moniz Bandeira sobre a Revolução Cubana. Ele comenta que o posicionamento de Mora era compartilhado com outros importantes nomes do alto escalão do governo cubano, como Carlos Rafael Rodríguez e outros militantes do extinto PSP. De acordo com estes, era fundamental naquele estágio de construção do socialismo a instalação de um sistema de autogestão das empresas públicas, ou seja, cada empresa pública deveria definir por conta própria suas metas de produção e o preço de suas mercadorias. Isto implicava em uma descentralização econômica. Esta descentralização era um modo de reinstaurar estímulos materiais que incentivassem os funcionários a trabalharem mais e com maior grau de eficiência e também um modo de instigar a concorrência entre as empresas públicas³⁰⁷. Para Guevara,

esse sistema de autogestão das empresas, fomentando a concorrência, como fora introduzido na União Soviética, conduzia ao capitalismo do início do século, em que elas seriam regidas não pelos interesses sociais, mas pela

³⁰⁵ PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pg. 139.

³⁰⁶ PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pgs. 136 e 137.

³⁰⁷ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *Op. Cit.*, 2012.

rentabilidade, ou a um socialismo distorcido, marcado pela competição e não pela solidariedade³⁰⁸.

Em sua ânsia por queimar etapas e construir paralelamente o socialismo e o comunismo, Guevara recusara-se não apenas em concordar com a concessão de estímulos materiais para trabalhadores e/ ou empresas mais eficientes, optando pela heterodoxa solução dos estímulos morais³⁰⁹. Guevara acreditava piamente que a motivação para o trabalho estava dada no próprio espírito revolucionário: trabalhava-se mais e melhor em prol do sucesso daquela Revolução que libertara o povo cubano das garras cruentas da ditadura batistiana. O único estímulo condizente com aquele ambiente era o objetivo de fazer prosperar a economia socialista de Cuba, sem quaisquer pretensões de ascensão individual ou de uma empresa específica. Seguindo a análise de Moniz Bandeira,

A centralização, para Guevara, cujo pensamento econômico pautou-se, durante todo aquele tempo, pelo anseio de desenvolver Cuba através da industrialização, significava ter uma quantidade de decisões a níveis hierárquicos superiores, uma vez que possibilitaria não apenas o aproveitamento mais racional dos recursos nacionais, como também maior racionalização de todo o aparelho administrativo do Estado, forçando a criação de unidades maiores dentro de limites adequados, que poupassem força de trabalho e aumentassem a produtividade dos trabalhadores. Este sistema único de normas tornava todo o ministério – e isto ele executava no Ministério da Indústria – e todos os ministérios uma grande empresa, o que permitiria simplificar o controle dos investimentos³¹⁰.

Padilla tomava partido das teses defendidas por seu amigo Alberto Mora, mas em um tom bastante reverente a Che Guevara. Para ele, aquelas discussões versavam sobre questões técnicas e as discordâncias abertamente pronunciadas eram uma saudável porção de democracia ainda desfrutável no arquipélago. Nas memórias de Padilla, o posicionamento de Guevara, inclusive, seria uma mistura de sua louvável moral austera com seu fanatismo revolucionário (nomeado por seus críticos como voluntarismo revolucionário) e sua autoritária concepção de vanguarda política. Por um lado, portanto, o controle centralizado das contas das empresas estatais seria uma forma de mitigar os gastos e combater desvios; por outro lado, seria uma forma de concentrar poderes nas mãos da vanguarda revolucionária que,

³⁰⁸ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *Ibid.*, 2012.

³⁰⁹ Mariana Villaça define estes estímulos morais com o termo prêmios morais. Seriam “(...) medalhas, condecorações e outras formas de reconhecimento”. VILLAÇA, Mariana Martins. *Op. Cit.*, 2006 – pgs 186 e 187.

³¹⁰ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *Ibid.*

por sua consciência política amadurecida, era o único grupo capaz de refletir sobre os métodos a serem aplicados para a consecução deste projeto revolucionário que buscava atalhos para acelerar a caminhada até o comunismo. Na verdade, o ponto principal da crítica de Mora e Padilla ao projeto de gestão econômica baseado nos estímulos morais proposto por Guevara incidia em sua inexequibilidade naquele estágio revolucionário, pois, segundo compreendia Padilla, o homem cubano ainda necessitava de estímulos concretos para ser convencido da importância da eficiência de seu trabalho para o aumento de produtividade. O alto nível daquelas discussões era um qualificativo que ainda singularizava o caso cubano. Não fora ainda chegada a hora da ruptura para Padilla; era o momento de uma participação nem coagida nem amedrontada pelos ditames superiores.

Quem arruinou a gestão econômica cubana, em especial as contas do comércio exterior, não foi nem Mora nem Guevara, mas a ganância descontrolada de Fidel Castro, que gastou as divisas cubanas importando em grandes quantidades todo tipo de mercadorias provenientes do Leste europeu, da União Soviética e da China. Foi o modo personalista de Fidel cavar espaço e ganhar simpatias no bloco socialista, comprando força política internacional com as moedas conversíveis cubanas, a causa real do desequilíbrio financeiro do país em 1965. Não por acaso, este foi o ano da saída de Guevara do governo cubano em direção às guerrilhas no continente africano e sul-americano e o ano em que Alberto Mora foi retirado do governo e substituído por Marcelo Fernández como Ministro do Comércio Exterior, homem de confiança de Fidel.

Com a perda de poder de seu protetor direto, Padilla continuaria por dois anos a frente da CUBARTIMPEX em viagens propositalmente cada vez mais longas pelo Leste europeu. Para seu lamento, o que veria nestes países da “Cortina de Ferro” era um simulacro do socialismo soviético, com “*la misma burocracia autoritaria, el mismo acecho político, la misma censura, el mismo miedo, el mismo nihilismo resignado*”³¹¹. Enquanto todos criam na dormência ou apatia do espírito revoltado de Padilla, que até então não havia ousado encarar o governo revolucionário, foram nestes anos escritas a maior parte das poesias posteriormente agrupadas em sua obra-prima poética *Fuera del Juego*. Sua observação de que se a “*Unión Soviética había surgido de una de las tantas utopias delirantes del siglo XIX, con las monstruosas deformaciones que Stalin convirtió en catecismo, Checoslovaquia era su espeluznante parodia*”³¹², confirmaram sua desavença com todos os governos socialistas

³¹¹ PADILLA, Heberto. *Op. Cit.*, 1989 – pg. 142.

³¹² PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pg. 142.

existentes. Se a democracia se configurava impossível vivendo sob a órbita da União Soviética, não havia outra alternativa senão revoltar-se contra o socialismo real: imbuído deste espírito, Padilla voltara a Cuba em 1967.

2.4.2 Conflito aberto: a crítica literária de Padilla a *Pasión de Urbino*

Como sabido, o processo de sovietação do regime cubano ocorreu em fluxos e refluxos que ora apontavam para aproximações e ora apontavam para afastamentos. Se por um lado os comunistas soviéticos mantinham desconfianças em relação a uma revolução que não havia sido liderada por um típico homem do partido, com prévia e sólida formação marxista-leninista, por outro lado Fidel sempre gostou de seu autoproclamar como mentor de um socialismo independente. Esta sovietação, se é que os dissidentes estão corretos em suas análises, seria concluída apenas em 1971. O regresso de Padilla a Cuba em 1967 aconteceu em um destes momentos de afrouxamento dos laços cubano-soviéticos. Como bem descreveu Franqui,

En 1966, ocurrió un nuevo conflicto entre los rusos y Fidel Castro, tenía que ver con las guerrillas de América Latina, que no eran dirigidas por los partidos comunistas de esos países, que se le oponían. Con la política castrista en África de apoyar guerrillas, los estímulos Morales, el conflicto ruso-chino, Castro que no se definía; Guevara que abandonaba la difícil África y comenzaba su aventura boliviana, las relaciones ya para el 67 eran tan tensas que Fidel Castro mandó retirar los pocos millones de dólares que tenía en los bancos de Moscú, y sus sucursales europeas, causando sorpresa e indignación a los gobernantes soviéticos, que enviaron Kosiguin para arreglar la polémica, cosa no conseguida entonces. Después le aplicarían la reducción del petróleo y el comandante se acomodaría. Una contradicción que vivíamos con intensidad, aun si no me hacía ilusiones, sabía que Castro no rompería nunca su alianza estratégica con la Unión Soviética, que era la base de su poder, quería tener una fuerza mayor, usaba de su astucia y de su simpatía³¹³.

Além destas provisórias intrigas que concediam maior margem de independência ao socialismo cubano, 1967 seria marcado pela exposição de arte do *Salón de Mayo* sob a organização de Carlos Franqui. A exposição ocorreu em Havana em julho deste ano com a presença de uma diversificada gama de artistas de vanguarda, entre os quais Pablo Picasso, Juan Miró, Wilfredo Lam, Marguerite Duras e Pierre Golendorf, compondo uma cena mais

³¹³ FRANQUI, Carlos. *Op. Cit.*, 2006 – pg. 328.

afeita à free-art europeia do que ao realismo socialista ao estilo soviético. Este ambiente cumpriu com a função de falsear um arejamento intelectual e artístico em Cuba que, como se sabe, não duraria muito tempo.

Assim como Franqui, Padilla parecia não se iludir quanto ao alcance destas ações pontuais para uma redemocratização cubana. Estes pequenos hiatos em que as ações tomadas pelo governo revolucionário cubano apontaram na direção da construção de um socialismo não-alinhado e com maior liberdade de expressão foram sempre sucedidos pelo pragmatismo da aproximação com a União Soviética e pelos ventos autoritários. Na contramão desta atmosfera de liberdade que tomara o *Pabellon Cuba* em julho de 1967, na vida cotidiana do homem cubano outras notícias corriam. Ao chegar em Havana, Padilla ouvira relatos sobre as *UMAPs*, símbolo da mais lamentável repressão homofóbica e símbolo do desrespeito à liberdade religiosa (pois Testemunhas de Jeová eram levados às *UMAPs* por se negarem a comparecer ao alistamento militar obrigatório); ouvira também notícias sobre o recrudescimento da repressão contra *la dolce vita* dos intelectuais pejorativa e preconceituosamente enquadrados como “pequeno-burgueses”. De acordo com Padilla, a liberdade para os artistas europeus que compareceram ao *Salón de Mayo* não foi estendida em sua plenitude aos artistas cubanos, pois o crescente poder nas mãos da Segurança do Estado e de Raúl Castro era parte de uma estratégia preparada para a implantação de um totalitarismo próximo ao modelo soviético. Os difusos sinais que apontavam tanto para a possibilidade de uma abertura e outros que apontavam para o controle policialesco podem ter motivado Padilla a se atirar em contendas que o indispuseram com o governo revolucionário a partir de 1967. Talvez Padilla pensasse como Franqui que “*esa contradicción transitoria, pero importante, del máximo líder con Moscú permitiría ciertas resquebrajaduras y la posibilidad de luchar contra él*”³¹⁴. Era preciso aproveitar estes momentos tão fugazes para colocar em circulação críticas à ala dura do governo revolucionário.

Foi assim que ao regressar a Cuba em 1967 e inspirado no exemplo e na trajetória literária de Alexander Soljenítsin, escritor que enfrentou o stalinismo até triunfar com a publicação na União Soviética de sua obra *Um dia na vida de Ivan Denisovich* em 1962, Padilla converter-se-ia no porta-voz de contundentes críticas aos grupos políticos que atuavam com a intenção de promover o congelamento revolucionário cubano. Assim como o mestre soviético, Padilla foi um ícone virtuoso depois transformado em vítima humilhada.

³¹⁴ FRANQUI, Carlos. *Ibid.* – pg. 334.

Os atritos entre Padilla e o governo revolucionário tiveram como marco inaugural sua contenda literária iniciada com a publicação de um artigo de crítica literária intitulado *A propósito de Pasión de Urbino* na edição de junho de 1967 da revista literária *El Caimán Barbudo*. Na ocasião, Padilla fora convidado para escrever uma crítica sobre a novela *Pasión de Urbino* de Lisandro Otero, vencedora do Prêmio literário da UNEAC daquele ano. Esta novela inicia-se com o sonho delirante em que o protagonista Urbino acompanha seu próprio cortejo fúnebre. Pontuado por uma temporalidade cíclica em que o início e o fim da história tocam-se, a tese subliminarmente defendida indica que o verdadeiro sentido revolucionário (ou da existência humana) não estaria na organização indefinida do mundo, mas na aprendizagem com o caos original (ou talvez o comunismo primitivo, em um linguajar mais marxista)³¹⁵. Para Padilla, *Pasión de Urbino* não passava de uma malfadada tentativa de plagiar Alejo Carpentier. Além de desqualificar a obra de Otero, descrita como “*un salto a la banalidad, inadmisibile a los 35 años*”³¹⁶, o texto de Padilla exalta *Tres Tristes Tigres*³¹⁷ do escritor cubano dissidente e exilado (contrarrevolucionário para o governo cubano) Guillermo Cabrera Infante.

Nesta sua grande obra literária, Cabrera Infante faz explodir inúmeras e diversificadas vozes narrativas que tonalizam um quadro caótico, fragmentado e experimental a estas tantas histórias que ora parecem se entrecruzar para depois novamente se desconectarem. Ponto intermediário entre o romance e o conto, a obra é uma busca por novas formas de comunicação literária que possui uma matéria que dá liga a seus tantos pontos difusos: é do cotidiano boêmio, de intrigas, de amizades e compassadamente musical que trata o livro. Padilla não somente questionava a condenação ao exílio imposta pelo governo ao ex-diretor de *Lunes de Revolución*, como condenava a censura de sua obra tão profundamente cubana. A crítica de Padilla destinava-se aos burocratas do governo que haviam se apossado da *Unión de Escritores y Artistas*, “*cada día más un cascarón de figurones*”³¹⁸, sendo Otero indiretamente enquadrado como um destes *figurones*, pois desde 1966 ocupava o cargo de vice-presidente do *Consejo Nacional de Cultura*. Na visão de Padilla, esta equivocada política cultural que privava o povo cubano da genial obra de Cabrera Infante para que se contentassem à banal *Pasión de Urbino* viria acompanhada de um alerta: uma das armadilhas

³¹⁵ OTERO, Lisandro. *Pasión de Urbino*. Havana, 1967.

³¹⁶ PADILLA, Heberto. *A propósito de Pasión de Urbino* in PADILLA, Heberto. *Fuera del Juego (Edición conmemorativa 1968-1998)*. Miami: Ediciones Universal, 1998 – pg. 91.

³¹⁷ CABRERA INFANTE, Guillermo. *Tres tristes tigres*. Barcelona: Editorial Seix Barral, 1971.

³¹⁸ PADILLA, Heberto. *Op. Cit.*, 1998 – pg. 91.

em que se prenderam os socialismos do Leste europeu ou da União Soviética foi a covardia intelectual, antinome desta sociedade que postula ser a justiça e a liberdade.

O que deveria ser um artigo de crítica literária ganha um novo status e adquire a conotação de um manifesto pela renovação inconformada da arte cubana. No último parágrafo deste artigo, Padilla lança a seguinte conclusão:

Para él (o escritor cubano) se abren además las dos únicas opciones posibles a su profesión: el destino gris de burócrata de la cultura, que a duras penas podrá escribir divertimentos, o el del escritor revolucionario que se plantea diariamente su humilde, grave y difícil tarea en su sociedad y en su tiempo³¹⁹.

A querela pode ser lida como uma repaginação em outros termos das discussões que envolveram a velha guarda do PSP e os colaboradores de *Lunes* em 1961, pois a problemática seguia sendo a mesma: qual a melhor forma para a criação de uma arte revolucionária? No entanto, neste emblemático ano de 1967, a discussão desviava-se um pouco da contraposição entre uma política cultural centralizadora e censora *versus* a defesa intransigente da liberdade de criação artística para se dirigir ao grau em que a arte deve instigar a inconformidade. Para Padilla, seria papel da produção artística inquietar tanto pelo conteúdo que aponta para as imperfeições de seu tempo como pela estética que obriga o leitor a sair de sua zona de conforto em busca da compreensão daquilo que, em primeira instância, pode parecer confuso e estranho.

A resposta dada pela redação de *El Caimán Barbudo* contribui para a localização deste pano de fundo que é, todavia, o ponto crucial das divergências manifestas por Padilla com relação aos rumos da política cultural cubana. Para a redação de *El Caimán Barbudo*, o texto de Padilla era uma prova de que as impressões manifestas pelo poeta estariam impregnadas por um passado que teimava em aparecer durante o curso revolucionário. Este passado cuja infraestrutura estaria contaminada pela exploração do homem pelo homem era acompanhado pela emersão de uma superestrutura em que uma de suas peças fundamentais seria a arte burguesa, caracterizada pelo elitismo esnobe de seus autores, individualistas e alienados dos reais anseios populares, ocupados com o alimentar de uma vaidade permeada por uma criticidade igualmente ocupada em manter o *apartheid* que distinguia a tão nobre classe artística. Individualismo, vaidade intelectual e hermetismo estético seriam, portanto, as características significativas desta arte e destes artistas pré-revolucionários que deveriam

³¹⁹ PADILLA, Heberto. Ibid. – pg. 92.

abandonar esta anacrônica e falsa consciência pequeno-burguesa para darem início a um engajamento revolucionário que contribuísse para a construção do socialismo em Cuba.

Para a redação de *El Caimán*, “*el poeta Padilla estaba mentalmente situado en el pasado*”³²⁰. O texto ainda encaminha uma argumentação que contrapunha a literatura do exílio com aquela que seria a genuína literatura cubana. Neste enfoque, Padilla tomava partido desta escrita distanciada da realidade revolucionária cubana representada por Cabrera Infante enquanto os recém-empossados editores de *El Caimán* tomavam partido de uma escrita comprometida com a edificação do projeto revolucionário. Seguindo nesta linha, os editores de *El Caimán* justificam os vacilos de Padilla por suas frequentes viagens para a Europa e a União Soviética e este distanciamento da realidade cubana levou-o a análises exóticas e deturpadas³²¹.

A tréplica redigida por Padilla e também publicada em *El Caimán* pode ser interpretada por duas chaves ligeiramente distintas, quiçá complementares. Na primeira delas, apareceria um Padilla manifestando um posicionamento político de apoio à Revolução, mas um apoio que não é incondicional e que faz questão de pontuar aquilo que considera como falhas do processo revolucionário; na segunda chave, apareceria um Padilla cínico, provocativo, já situado como oposição ao Castrismo, ciente de que os limites da liberdade de expressão em Cuba impunham a ele a hábil tarefa de manifestar-se ponderadamente. Estivesse Padilla honestamente posicionando-se parcialmente em prol do Castrismo ou cinicamente esquivando-se de punições mais drásticas, o fato é que o poeta defendia o teor de crítica construtiva e pró-revolucionária de seus escritos: “*Adoptaron el tono y el estilo del que piensa que toda actitud crítica conduce hoy a la vacilación y el egoísmo: es decir, a la contrarrevolución. Si este ha sido criterio de alguien, lo invito a que espere sentado*”³²². Fechando esta reflexão, mais além neste mesmo texto Padilla diria: “*(...) no estoy escribiendo con la moral del perseguido en una sociedad de explotadores, sino ejerciendo un deber y un derecho*”³²³. Portanto, o mote inicial que dita a linha argumentativa do texto envereda-se pelo trajeto de reconhecer que havia liberdade de expressão, tanto assim que escrevia, sem pudores ou receios, textos críticos às imperfeições do processo revolucionário. Estas críticas não

³²⁰ “Sobre Pasión de Urbino. Tres generaciones opinan”. *El Caimán Barbudo* in PADILLA, Heberto. *Op. Cit.*, 1998 – pg. 93.

³²¹ “Sobre Pasión de Urbino. Tres generaciones opinan”. *El Caimán Barbudo* in PADILLA, Heberto. *Fuera del Juego (Edición conmemorativa 1968-1998)*. Miami: Ediciones Universal, 1998.

³²² PADILLA, Heberto. Respuesta a la redacción saliente de Heberto Padilla in PADILLA, Heberto. *Op. Cit.*, 1998 – pgs. 100 e 101.

³²³ PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pg. 101.

seriam um risco ao sucesso da Revolução, mas, pelo contrário, deveriam ter a função de precaver contra o endurecimento do socialismo em Cuba tal qual ocorrera com o socialismo soviético e com suas filiais do Leste europeu. Portanto, a crítica a *Pasión de Urbino* enriqueceria o debate democrático, enquanto as acusações feitas na réplica pelos redatores de *El Caimán* rotulando-o de egoísta, vaidoso e alheio às prioridades do processo revolucionário, estas sim, conteriam uma perigosa fagulha que, elaborada até o fim, transformava toda crítica em munição contrarrevolucionária.

A reiteração do posicionamento político de Padilla em prol de um socialismo democrático aparecia uma vez mais nesta tréplica, como se depreende deste trecho:

La práctica democrática es deber, exigencia diaria, del socialismo. Si es cierto que la publicación de esta nota confirma la existencia de nuestras libertades, ¿no es también cierto que haberla escrito significa que su autor creía mucho antes en la existencia de estas libertades?³²⁴

Cínico ou honesto, provocador ou apoiador com ressalvas ao regime, ciente das possíveis consequências de seus atos ou confiante na liberdade crítica, foi por meio desta contenda que se originaram efetivamente os problemas de Padilla com o governo revolucionário, prova de que seu posicionamento incomodava.

Neste embate, propostas distintas quanto ao papel do intelectual para o processo revolucionário digladiavam-se. Simplificadamente, estas concepções enquadram-se na polarização elaborada por Adriane Vidal da Costa, segundo a qual:

Em Cuba, durante toda a década de 1960, coexistiram diversas concepções de intelectual, no entanto destacaram-se apenas duas: a do intelectual como consciência crítica da sociedade e a do intelectual como organizador da sociedade. Logicamente que a primeira concepção pressupunha o direito do intelectual colocar-se “fora” da sociedade para detectar, analisar e denunciar seus problemas. Nesse caso, ele poderia ser considerado um eterno rebelde e um incômodo para as classes dirigentes. A segunda definição, ao contrário da primeira, qualificava o intelectual como aquele que se posicionava “dentro” da sociedade para organizá-la ou defendê-la com sua inteligência e perspicácia³²⁵.

³²⁴ PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pg. 101.

³²⁵ COSTA, Adriane Vidal da. *Intelectuais, política e literatura na América Latina: o debate sobre revolução e socialismo em Cortázar, García Márquez e Vargas Llosa (1958-2005)*. Tese (Doutorado em História e Culturas Políticas). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009 – pgs. 62 e 63.

Mais identificado com a posição deste intelectual organizador da sociedade, Lisandro Otero, em texto publicado em 1966 na Revista da Casa de las Américas e citado por Vidal da Costa, defendia que a função do intelectual durante o processo de construção do socialismo em um país da América Latina deveria ser a de “defender e assimilar a luta pela libertação nacional e, ao mesmo tempo, libertar-se de um exame crítico excessivo, de uma teorização exagerada e de uma imersão apaixonada nas tensões, que, comumente, ocorrem nas revoluções”. Neste mesmo ano e nesta mesma revista, seria publicado um texto de Mario Vargas Llosa através do qual o escritor peruano manifestara-se mais simpático à posição do intelectual como consciência crítica da sociedade. Vargas Llosa diferenciava o criador do intelectual e, de acordo com a análise deste texto feita também por Vidal da Costa,

O que caracterizava o trabalho do escritor, ao contrário do intelectual, era a sua índole irracional, isto é, no trabalho de criação, o elemento determinante não era nunca racional, mas “espontâneo, incontrolável e essencialmente intuitivo”. O escritor não poderia colocar, premeditadamente, sua criação a serviço de uma causa, pois estaria fugindo de sua verdadeira vocação: o ato de criar livremente. A literatura, a seu ver, até poderia servir-se da política, mas o escritor deveria estar ciente de que a política era apenas um aspecto a mais do real, e que a literatura se serve de tudo o que forma parte da realidade para construir mundos imaginários, por meio dos quais os leitores conhecem melhor o seu próprio mundo e a si mesmos. Ao garantir essa separação e essa autonomia, segundo Vargas Llosa, o escritor poderia viver uma verdadeira duplicidade ou uma terrível tensão: querer ser fiel a uma determinada concepção política e, ao mesmo tempo, necessitar manter-se fiel à sua vocação³²⁶.

Portanto, um ano antes do início das discussões envolvendo diretamente os nomes de Otero e Padilla, circulava em Cuba este debate com divagações sobre o melhor modo de os intelectuais cubanos contribuírem para a Revolução que se processava em seu país. Otero manter-se-ia fiel à opinião de que a excessiva criticidade do escritor e do intelectual prejudicavam o avanço revolucionário e, assim sendo, a censura fazia-se compreensível e até mesmo pertinente. Próximo às concepções defendidas por Vargas Llosa, Padilla continuava posicionando-se em prol de um arte plenamente livre e a uma igualmente ilimitada liberdade crítica para a atuação do intelectual. Foi nesta seara com concepções variadas para a função do intelectual na Cuba de Fidel Castro que ocorreu a primeira contenda intelectual protagonizada por Padilla em 1967.

³²⁶ COSTA, Adriane Vidal da. *Ibid.* – pg. 72.

Na sequência deste embate entre Padilla e figuras poderosas ligadas à política cultural do governo revolucionário, teria início sua marginalização dentro de Cuba. Conforme ele narra:

Cuando se publicó mi artículo, Alberto Mora apareció en mi casa consternado. Era lo único que esperaba la Seguridad del Estado para dictar mi fin. A partir de ese instante, mi vida entró en la marginación más absoluta. Me quedé sin trabajo, y cuando Llanuza y Haydée Santamaría quisieron ayudarme, el primero dándome el cargo de Director Internacional del Consejo de Cultura, y la segunda en el Instituto de Literatura de Casa de las Américas, recibieron la orden directa de Raúl Castro de vetarme³²⁷.

Além da demissão de Padilla da CUBARTIMPEX e do jornal *Granma*, seu artigo sobre o livro de Otero foi o estopim para o encerramento da primeira fase de *El Caimán* com a substituição de toda a equipe editorial do periódico, assim como analisa Miskulin:

O espírito crítico dos editores do suplemento desagradou muitos setores da intelectualidade cubana, sobretudo de comunistas que assumiram diversos cargos dirigentes nas instituições culturais. Nesse jogo de disputa por espaço e poder no campo cultural cubano, a posição dos editores de *El Caimán Barbudo* tornou-se muito precária, sobretudo após a publicação do texto de Heberto Padilla, o que acabou por afastá-los da condução do suplemento³²⁸.

Estas atitudes de caráter repressivo eram sintomáticas de uma nova guinada revolucionária (ou autoritária) do governo cubano que resultou em severos golpes contra a exígua liberdade de expressão, em uma nova onda de estatizações e na reaproximação com a União Soviética visando sanar o problema da escassez de petróleo que assolava o país. De acordo com Moniz Bandeira,

(...) Castro, em março [de 1968], empreendeu o que chamou de 'ofensiva revolucionária', mediante a estatização de todo o setor comercial do varejo, cerca de 25% ainda em iniciativa privada, atingindo 58.012 negócios, desde oficinas mecânicas de automóvel até pequenas lojas, restaurantes, bares e vendedores ambulantes de sanduíches e sorvetes, além da maior parte dos 2% a 5% da indústria que restaram em mãos privadas e todo o transporte. Esta medida, à qual Carlos Rafael Rodríguez e metade do Bureau Político se opuseram, abertamente, porque o Estado não tinha como manter toda uma força de trabalho, que ficaria sem meios de subsistência, foi totalmente imposta por Fidel Castro e visou,

³²⁷ PADILLA, Heberto. *Op. Cit.*, 1989 – pg. 146.

³²⁸ MISKULIN, Sílvia Cezar. *Os intelectuais cubanos e a política cultural da Revolução (1961-1975)*. Tese (Doutorado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005 – pg. 162.

segundo justificativa oficial, a erradicar as compras ilícitas que os pequenos comerciantes faziam aos agricultores privados, reduzindo as vendas ao Estado e fomentando o mercado negro, embora alguns estudiosos afirmassem que ela teve como propósito eliminar a concorrência que os negócios particulares, com mais êxito, faziam ao Estado³²⁹.

No quesito da política cultural, esta “ofensiva revolucionária” implicou na liquidação do que

ainda havia em Cuba de liberdade de expressão. O governo revolucionário, que já antes da morte de Che Guevara restringia o conceito de liberdade para a palavra dos intelectuais, fechou o recém-inaugurado Museu de Arte Contemporânea, que já contava com numerosas obras doadas por artistas de todo o mundo, e acabou com a crítica ao realismo socialista e a independência da arte e da cultura “pequeno-burguesa”³³⁰.

2.4.3 Segunda etapa de uma mesma contenda: Fuera del juego

Desta maneira, a narrativa da autobiografia de Padilla nos conduz para uma etapa crucial de sua vida. Desempregado e isolado em seu ostracismo imposto, Padilla relutaria a baixar a cabeça e, ao invés disto, investe em uma conduta mais combativa contra o governo cubano. Sua atitude de enviar seu livro de poesias *Fuera del Juego* como concorrente ao Prêmio Literário anual da UNEAC de 1968 é um exemplo desta combatividade. Em um júri formado por José Lezama Lima, José Zacarías Tallet, Manuel Díaz Martínez, César Calvo e J. M. Cohen, duas obras consideradas contrarrevolucionárias pelo governo revolucionário seriam agraciadas com o galardão máximo da literatura cubana: *Los Siete contra Tebas* de Antón Arrufat na categoria dramaturgia e a referida *Fuera del Juego* na categoria melhor livro de poesias. Vale dizer que a obra de Padilla fora eleita por unanimidade. Apesar de forte cerco e coação do *Comité Director de la UNEAC* sobre os jurados para que o resultado fosse revogado, a premiação foi mantida com duas ressalvas. Primeiramente o prêmio de uma viagem à União Soviética acrescida de mil pesos cubanos nunca foi entregue aos autores. Segundo porque, apesar de seus livros terem sido impressos pela *UNEAC*, vieram com uma nota de desagravo em suas primeira páginas para que ficasse explícito que aquelas premiações foram feitas à revelia da *UNEAC* e do governo revolucionário.

Fuera del juego não é exatamente uma obra de propaganda contrarrevolucionária. Permeada por sutilezas próprias à lírica poética, movimenta-se entre a atmosfera apreensiva

³²⁹ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *Op. Cit.*, 2012.

³³⁰ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *Ibid.*

destes tempos difíceis e a ironia que pretende desmistificar a retórica elaborada pelos homens de governo apontando subliminarmente suas incoerências. Em linhas gerais, suas versificações tratam do isolamento a que foram relegados poetas e intelectuais que não se acomodaram ao exercício doutrinário da apologia e da domesticação: fora do jogo estão todos eles, incapazes de se transmutarem em operários do socialismo e que, presos em suas pequenas questões de estilo, não se deixaram arrebatar pela promessa de um homem novo. Este poeta viajante rechaçava a anti-poética do socialismo soviético e, de volta a sua pátria, estranhava-se com o espelhamento que se paria. A História para os revolucionários, encarada como o progresso necessário processado pela conquista e conservação do poder, adquiria a conotação de um monstro devorador das individualidades e de todos os aspectos sensíveis do ser. Assim como já indicara Camus, a sanha pretensamente humanista dos comunistas revolucionários acabava por se tornar o seu oposto a partir do momento em que a crença teleológica em um amanhã glorioso desprezava o presente fatídico. Esta desumanidade revolucionária impunha ao poeta, embebecido em sua arte, da desaconselhável prática de seguir reivindicando seu direito de existência independente.

Neste sentido, o poeta sugere em seu relato autobiográfico que *Fuera del juego* cumpriu o papel de sintetizar as reflexões críticas que Padilla ia amadurecendo em si desde os primeiros anos revolucionários. Foi o símbolo de uma poesia revoltada que forçava a abertura de diálogo entre o governo revolucionário e esta intelectualidade independente que circulava por Cuba. Como bem notara Eduardo Lolo,

Fuera del juego es un libro de poemas que trata de historia. (...) Pero no una historia pasada, llena de polvo y tiempo, sino el presente como historia, el hoy visto con la objetividad de mañana; una poesía que, al historiar su propio tiempo, se hace historia ella misma.

En este historiar de Padilla, aparecen con entera nitidez los más prototípicos personajes de su época, las situaciones más comunes, las ansias y temores más generalizados. La visión particular convive con la general y – lo que más molestará a los burócratas graznantes – todo ello mediante la utilización de los recursos que siempre se habían asociado con la literatura revolucionaria: la ironía, la ambigüedad, el espíritu crítico, la solidaridad humana. A continuación, un somero análisis de tales versos, de tales tiempos, de tales trampas³³¹.

³³¹ LOLO, Eduardo. *Heberto Padilla: el revés de la máscara* in PADILLA, Heberto. *Fuera del Juego (Edición conmemorativa 1968-1998)*. Miami: Ediciones Universal, 1998 – pg. 173.

O desagravo escrito pelo *Comité Director de la UNEAC* e impresso no preâmbulo de *Fuera del juego* apareceu publicamente em 15 de novembro de 1968, logo após a declaração emitida por Fidel Castro em apoio à invasão soviética sobre a Tchecoslováquia de Dubcek. Aquela atitude seria a derradeira injeção de sovietação ao socialismo cubano em um momento em que a crônica escassez de petróleo no país obrigava Fidel à reaproximação subserviente com a potência do bloco socialista. O discurso dissidente indica que o apoio de Fidel à invasão soviética sobre a Tchecoslováquia foi o fechamento definitivo das irrisórias esperanças que restavam àqueles que sonhavam com a construção de um socialismo democrático e independente. A declaração de Fidel, por seu caráter polêmico, abriria um novo ciclo de efervescentes debates ideológicos dentro e fora de Cuba sobre os rumos do governo revolucionário cubano. A postura da *UNEAC* de editar o livro de Padilla com nota reparatória inseriu-se neste momento de distensões, tendo sido alvo de críticas tanto por parte de setores da Segurança do Estado que eram abertamente favoráveis à proibição da obra como por parte daqueles que eram contrários ao preâmbulo por ver nele sinais de censura. O texto teria por intenção, portanto, calar a voz da dissidência com a publicação das obras (prova da existência de liberdade de expressão no arquipélago) ao mesmo tempo que buscava acalmar os ânimos do governo detratando a obra premiada. O texto seria, portanto, a solução para uma saída conciliatória. No melhor estilo dialético, o primeiro parágrafo do desagravo trata do respeito à liberdade de expressão; o segundo trata da crítica ao clima de permissividade liberalizante, nos moldes do socialismo tchecoslovaco de Dubcek, que parecia rondar as ações da *UNEAC*; o terceiro parágrafo traça, implicitamente, a estratégia a ser tomada diante de tal impasse: abafar a crescente propaganda contrarrevolucionária imprimindo maior rigor na política de publicação de obras literárias (eufemismo para censura) e maximizando a propaganda revolucionária no seu objetivo de conscientizar o povo. Nem o caminho da Tchecoslováquia, tampouco a repressão física dos Gulags stalinistas: a doutrinação revolucionária seria o caminho cubano a partir dali³³².

A crítica lançada nesta declaração da direção da *UNEAC* ao livro de Padilla, embora esteja mais atida ao texto literário em si e menos preocupada em detratar o autor com relatos biográficos que o desmoralizassem, assemelhava-se a um texto escrito por Leopoldo Ávila e publicado no periódico *Verde Oliva* meses antes: *Fuera del juego* seria uma obra repleta de

³³² “Declaración de la *UNEAC* acerca de los premios otorgados a Heberto Padilla en *Poesía y Antón Arrufat en Teatro*, 15 de noviembre de 1968” in PADILLA, Heberto. *Fuera del Juego (Edición conmemorativa 1968-1998)*. Miami: Ediciones Universal, 1998.

poesias marcadas pela alienação, pelo anti-historicismo e pela expressão de uma moral liberal-burguesa. Todos estes problemas detectados no novo estilo poético de Padilla dever-se-ia ao mesmo motivo: a percepção equivocada de que o intelectual deve manter a mesma postura revoltada tanto em uma sociedade caracterizada pelas desigualdades e injustiças capitalistas como em um processo revolucionário que superava paulatinamente estas contradições. Se no mundo capitalista o intelectual revoltado e crítico é um intelectual revolucionário, o intelectual que transplanta esta mesma atitude em um processo de construção do socialismo corre o risco de se transformar em um perfeito reacionário. Esta transplantação mecânica implica em erros teóricos como o das falsas analogias entre socialismo cubano e experiências a ele antagônicas, como as ditaduras militares de direita implantada em outros países da América Latina. Para afagar o grande irmão do leste, o texto repudia as críticas feitas por Padilla ao socialismo soviético e trata de manifestar seu apoio aos grandes feitos lá atingidos. A polêmica em torno de *Fuera del juego* foi um episódio desta mudança mais duradoura de prumo do governo de Fidel, que a partir daquele momento começaria a assumir resignadamente sua dependência em relação à União Soviética e passaria a defender implicitamente a importância da censura como instrumento desta luta pela consagração de um superestrutura monolítica³³³.

2.4.4 Entre 1968 e 1971: Padilla vigiado

Entre esta polêmica literária de 1968 e seu encarceramento em 1971, Padilla seria alçado ao posto de importante (senão principal) intelectual dissidente ao Castrismo residente em Cuba. Inspirador de uma juventude ciosa por maiores liberdades, como menciona Arenas³³⁴, e pessoa de quem se acercavam turistas interessados em conhecer um relato crítico da realidade cubana, como menciona Jorge Edwards³³⁵, Padilla foi assediado como desafeto do regime e, precisamente por isto, vigiado de perto pela Segurança de Estado. Neste interregno dedicar-se-ia à escrita de sua primeira obra em prosa, a novela *En mi jardín pastan los héroes*, e sua conduta destrutiva ganhava maiores proporções, como ele próprio se auto-analisa em *La Mala Memoria*.

³³³ “Declaración de la UNEAC acerca de los premios otorgados a Heberto Padilla en Poesía y Antón Arrufat en Teatro, 15 de noviembre de 1968” in PADILLA, Heberto. *Fuera del Juego (Edición conmemorativa 1968-1998)*. Miami: Ediciones Universal, 1998.

³³⁴ ARENAS, Reinaldo. *El caso y el ocaso de Padilla* in PADILLA, Heberto. *Fuera del Juego (Edición conmemorativa 1968-1998)*. Miami: Ediciones Universal, 1998.

³³⁵ EDWARDS, Jorge. *Persona non grata*. Santiago: Alfaguara, 2006.

*En mi jardín pastan los héroes*³³⁶ narra a história de dois escritores cubanos que se avizinham e, apesar da proximidade de interesses e das residências, não mantinham qualquer relação entre si por causa da desconfiança dos malefícios que o contato com outro intelectual poderia provocar. Este estranhamento rompe-se na parte final da obra quando, em uma embriaguez catártica, reconhecem suas identidades. Estes dois escritores, Gregorio Suárez e Julio, eram a construção representativa das crises vivenciadas pela intelectualidade cubana. Na obra, as crises existenciais, de criatividade e o descontentamento com o regime confundem-se como integrantes da decadência melancólica a que eram relegados os protagonistas. Estes movimentos de estranhamento e identificação, confronto e confraternização, de desconfiança e cumplicidade, eram consequência da paranoia instaurada pela onipresente vigilância da Segurança de Estado sobre a vida destes intelectuais conhecidos por seu criticismo. Esta dupla personalidade esquizofrênica sugerida era uma epidêmica patologia social em países totalitários e acometia, sobretudo, intelectuais. Os longos relatos das crises de esquizofrenia sofridas por Blas de Otero em *La Mala Memoria* quando residia em Cuba corroborava esta ideia. O poeta basco que foi amigo pessoal de Padilla era um disciplinado intelectual comunista e foi um grande propagandista da Revolução Cubana na Europa e, mesmo assim, sentia-se vigiado a todo instante. Os personagens ficcionais Gregorio Suárez e Julio e o poeta Blas de Otero viveram no limiar entre ficção e realidade, em um pesadelo constante em que o tirânico monstro do totalitarismo penetra a (in)consciência para advertir a todo instante aos intelectuais de sua pequenez perante o gigantismo da repressão estatal. O Castrismo zombava dos intelectuais demonstrando que tinha poderes e mecanismos para prendê-los e puni-los quando bem quisesse e, se não o fazia, era por generosidade. Esta sensação de ter sua liberdade nas mãos do inimigo seria a mais profunda causa desta esquizofrenia, manifesta nesta dupla personalidade adotada pelos intelectuais que, pelo instinto de sobrevivência, abafavam suas opiniões políticas em público para sua autopreservação.

Nos relatos de Padilla, a curta passagem do escritor e diplomata chileno Jorge Edwards por Cuba entre o fim de novembro de 1970 e o dia 22 de março de 1971 acabaria por ser o fator deflagrador do encarceramento de Heberto Padilla no dia 20 de março de 1971. Escolhido por Salvador Allende para reabrir a embaixada chilena em Havana por sua reputação de “*hombre de izquierda*”³³⁷ que em sua carreira de diplomata não havia vacilado

³³⁶ PADILLA, Heberto. *En mi jardín pastan los heroes*. Barcelona: Editorial Argos Vergara, 1981.

³³⁷ PADILLA, Heberto. *Op. Cit.*, 1989 – pg. 147.

“en expresar públicamente su solidaridad con el Gobierno de Cuba en tiempos en que nuestros países no tenían relaciones diplomáticas”³³⁸, sua indicação parecia lógica a todos, menos para Fidel Castro. Toda a passagem de Edwards por Cuba foi monitorada de perto pela Segurança de Estado, que coletava gravações em áudio de suas conversações e de seus encontros sempre postos sob suspeita. Padilla, na condição de um dos mais próximos amigos de Edwards, estaria, portanto, na alça de mira do serviço de inteligência cubano. Frequentemente reunidos na presença de outros escritores a quem consideravam confiáveis, estes eventos eram cadenciados por comentários depreciativos lançados contra o governo revolucionário de Fidel Castro, seguros que suas opiniões menos filtradas e mais destemperadas jamais extrapolariam as paredes daquelas casas e daqueles ambientes de profunda fraternidade. Pois esta fraternidade foi traída e, gravados todos aqueles indignados ataques contra o governo e contra o personalismo autoritário de Fidel Castro, o conteúdo daquelas falas transformar-se-ia em prova documental de um suposto movimento conspiratório pautado pela divulgação de uma propaganda contrarrevolucionária. Padilla e Edwards seriam os principais articuladores desta intelectualidade que intencionava lançar uma ofensiva contra o Castrismo através da publicação de seus escritos subversivos³³⁹.

O contexto da passagem de Edwards pelo solo cubano era tenso pelo fracasso da chamada *Zafra de los diez millones*. Fidel Castro apostara todas suas fichas para que no ano de 1970 Cuba batesse o recorde histórico na produção de açúcar, estabelecendo como meta o fabrico de dez milhões de toneladas deste produto. Todo o empenho e esforço deste ano destinou-se a este objetivo, arruinando outras produções e paralisando outros setores da economia. O fracasso desta empreitada (produziu-se algo em torno de oito milhões de toneladas) resultou em uma nova crise econômica dentro do arquipélago, pois a exportação rendeu menos dividendos que o pretendido e, assim, não conseguiu compensar as carências decorrentes da focalização excessiva em uma só atividade. Castro foi apontado por muitos como o grande culpado pelo insucesso da empreitada, já que havia optado por negligenciar todas advertências que se dirigiram contra a prática da monocultura e contra o estabelecimento desta meta considerada inalcançável. Assim, ao invés de reconhecer seus equívocos pessoais, Fidel Castro ordenaria o recrudescimento do regime contra críticas que

³³⁸ PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pg. 147.

³³⁹ A sugestão de que aquelas fitas teriam caído nas mãos da Segurança de Estado por conta da traição de algum integrante daquelas reuniões aparece tanto em PADILLA, Heberto. *Op. Cit.*, 1989 como em EDWARDS, Jorge. *Op. Cit.*, 2006.

golpeassem o governo revolucionário neste momento de fragilidade³⁴⁰. A carta com acusações difamatórias contra a atuação de Jorge Edwards em Cuba remetida pelo governo de Fidel Castro com destino ao governo de Salvador Allende e o encarceramento de Heberto Padilla “*por atentar contra los poderes del Estado*”³⁴¹ foram parte desta reação repressiva do governo revolucionário cubano em 1971.

Em seu livro *Persona non grata* Edwards relata o estado de desequilíbrio emocional em que se encontrava Padilla momentos antes de ser preso. Completamente envolvido pela escrita de *En mi jardín pastan los héroes*, estivera mais nervoso que o normal e a radicalidade de suas acusações eram ouvidas não somente em reuniões intimistas. Edwards sugere que esta desenvoltura crítica era consequência da excessiva confiança de Padilla de que suas amizades e relações com importantes nomes da intelectualidade de esquerda europeia protegê-lo-ia de qualquer medida repressiva mais severa. Fidel estimava pelo apoio destes intelectuais que o ajudavam a manter uma boa imagem entre parcela significativa da opinião pública continental. Todavia, neste momento de tensões crescentes por todos os lados, sua prisão transformava-se no símbolo maior desta grave contenda colocando em lados opostos intelectuais que apoiaram Padilla e o governo revolucionário³⁴². No primeiro diálogo entre Padilla e um oficial da Segurança de Estado após seu encarceramento, o poeta remonta as acusações que o levaram à condição de réu sem direito à defesa:

- ¿Nunca llegastes a pensar que te detendríamos, no?
- No.
- ¿Te creías intocable, el artista rebelde e intocable que se pasa el tiempo acusándonos de fascistas? ¿Que te íbamos a perdonar todas tus travesuras contrarrevolucionarias? ¿Que podías atentar contra la seguridad del Estado sin ser puesto a disposición del tribunal militar número uno de La Cabaña?³⁴³

Além da acusação de contrarrevolucionário, contra Padilla também pesava a acusação de ter entregue a Edwards os manuscritos de sua novela subversiva *En mi jardín pastan los héroes* para que fosse publicada internacionalmente, levando à opinião pública estrangeira sua campanha difamatória contra a ditadura de Fidel Castro em Cuba. Padilla e Edwards foram enfáticos em negar esta acusação em suas memórias autobiográficas, até mesmo porque a obra encontrava-se inconclusa em 1971. O único manuscrito que havia desta obra fora

³⁴⁰ Sobre a Zafra de los Diez Millones, ver: MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *Op. Cit.*, 2012 e FRANQUI, Carlos, *Op. Cit.*, 2006.

³⁴¹ PADILLA, Heberto. *Op. Cit.*, 1989 – pg. 150.

³⁴² EDWARDS, Jorge. *Op. Cit.*, 2006.

³⁴³ PADILLA, Heberto. *Op. Cit.*, 1989 – pg. 150.

surrupiado do quarto onde Padilla trabalhava pela ação intrusiva da Segurança de Estado. Na verdade, *En mi jardín pastan los héroes* foi reescrita por Padilla no exílio e lançada somente no ano de 1981, mais de dez anos após sua prisão. O governo revolucionário sustentou outra versão para justificar o encarceramento de Padilla: ele teria colaborado com um agente da CIA, que seria o fotógrafo Pierre Golendorf, repassando ao inimigo informações que poderiam macular a imagem do governo revolucionário perante a opinião pública internacional³⁴⁴.

Nestes lances de crescente tensão entre Padilla e o governo revolucionário circunscreveu-se sua polêmica prisão. Este escritor revoltado tornou-se um indesejado provocador. Enquanto Fidel Castro não enxergava nos erros passados do socialismo soviético uma lição a não ser repetida, mas equívocos a serem seguidos, Padilla deixou-se seduzir pela história de queda sofrida pelos intelectuais soviéticos que ousaram se revoltar contra o Stalinismo; em Cuba, a atração pelo fracasso era comum ao governo revolucionário e à intelectualidade revoltada: enquanto o primeiro recorria à violência como estratégia nefasta de escamotear crises de todo tipo, o segundo recorria a suicidas e ineficazes estratégias de contestação. Contudo, o segundo grupo pode ter a seu favor o argumento, tão bem discorrido por Cabrera Infante, de que o suicídio é a única arma política possível ao revoltado perante o totalitarismo. O suicídio simbólico de Padilla como *Homem Revoltado* produzido entre seu encarceramento e sua autoconfissão pública reproduzia a mesma sina de tantos outros artistas da União Soviética ou do Leste europeu e, assim como eles, contribuía para que seus sacrifícios desmascarassem a face autoritária do socialismo real.

2.5 O encarceramento e a autoconfissão de Heberto Padilla

2.5.1 Lembranças dos interrogatórios e da tortura

Em *Persona non grata*, cuja primeira edição foi lançada em 1973, Jorge Edwards retrata com certo pesar a atitude de Padilla em ter sucumbido às pressões da Segurança de Estado e ter aceitado dirigir a farsa de sua autoconfissão. Sobre as fraquezas do amigo, lança uma interrogação queixosa: se não era capaz de suportar a sabida e por ele mesmo denunciada violência repressiva do governo revolucionário, por que ousara enfrentá-lo e provocá-lo?

³⁴⁴ Esta versão apresentada pelo governo revolucionário cubano para justificar o encarceramento de Heberto Padilla em 1971 aparece analisada em: COSTA, Adriane Vidal da. *Op. Cit.*, 2009 – pgs. 195 e 196.

Edwards ainda não havia conseguido digerir o fato de seu próprio nome ter sido citado na lista de contrarrevolucionários, caracterizando Padilla como um agitador verborrágico cheio de manias destemperadas. Em *Persona non grata* nota-se certo desdém em relação aos padecimentos do cárcere, como se a aceitação de Padilla em colaborar com aquele jogo de desmoralização de si e de outros intelectuais a ele próximos fosse consequência de seu despreparo para lidar com situações de pressão. Soubesse ele conduzir os interrogatórios com a mesma tranquilidade que Edwards tivera em seu último diálogo com Fidel e o destino de Padilla poderia ter sido mais honroso³⁴⁵.

Ao escrever *La Mala Memoria*, Padilla conhecia bem a versão de Edwards para aqueles tensos dias que antecederam sua captura, à qual prestava elogiosas reverências:

La historia de su corta estancia en la misión chilena, no más de tres meses, ha sido contada por Edwards en las 478 páginas de su libro *Persona non grata*. Cada vez que nos hemos encontrado después, en Nueva York, Barcelona o Madrid, nos entregamos a la recordación de aquella etapa. La versión que más me gusta es la suya, la mejor contada, o fraguada, qué sé yo (...)³⁴⁶.

Talvez o estilo detalhista como Padilla descreve suas semanas sofridas em poder da Segurança de Estado, além de funcionar como denúncia contra a tortura praticada nos relentos escondidos e obscuros dos presídios cubanos, buscasse resgatar sua imagem como a de uma vítima dilacerada que aceitou espetacularizar-se em uma cínica cena, que também pode ser vista como autoflagelação, para poupar a si mesmo e a sua esposa Belkis Cuza Malé de novas sessões de espancamento. O histórico, inconstante e frágil Padilla relatado em *Persona non Grata* cede espaço a outra versão, de um Padilla que aceita sacrificar sua imagem pública para salvar o que sobrara de sua integridade física e de sua vida privada. Além disto, Padilla sugere em *La Mala Memoria* que tinha consciência dos impactos políticos que sua autoconfissão provocaria, pois seria facilmente reconhecida como uma farsa e, assim, serviria para desmoralizar e arranhar a imagem do Castrismo no cenário internacional. Seja para legitimamente interromper sofrimentos pessoais ou um método engenhoso de depreciar o governo de Fidel, Padilla justificava-se ao recontar sua via crucis. Levado a uma cela estreita

³⁴⁵ EDWARDS, Jorge. *Op. Cit.*, 2006.

³⁴⁶ PADILLA, Heberto. *Op. Cit.*, 1989 – pg. 147.

e escura, em um castigo solitário, teve início em 20 de março de 1971 o maior drama da vida pessoal de Padilla³⁴⁷.

Do relato autobiográfico desta experiência, depreendem-se inúmeras acusações sobre o desrespeito aos direitos humanos na Cuba de Castro. A primeira delas remete ao rito de processos judiciais que, ao modo como transcorria em outras ditaduras comunistas, retirava do réu o direito legítimo à defesa. A simplificação excessiva deste ritual devia-se à prerrogativa da verdade levantada pelo acusador ante a culpa do acusado, portanto a razão do Estado que condena prescinde da contradição que relativiza e liberta. A unilateralidade da verdade edificada pelas investigações da Segurança de Estado não admite a contestação:

Cada detenido es interrogado siempre por el mismo oficial. Esto constituye el más singular del mundo socialista a la jurisprudencia: policía, investigador y juez de instrucción son la misma persona. Tal vez lo hagan para aligerar el trabajo de los tribunales cuya única función consiste en oír los cargos acusatorios y dictar la sentencia, sin poner jamás en duda la probidad del proceso investigativo y sus conclusiones. El abogado de defensa se limita a pedir clemencia en nombre de la generosidad de la revolución³⁴⁸.

Deste modo, em nome de uma pretensa rapidez do processo judicial, conferia-se aos agentes da Segurança de Estado o superpoder da condenação sumária.

Do interrogatório com o tenente Álvarez, o clímax dramático viria com o anúncio de que sua esposa, a poeta Belkis Cuza Malé, também se encontrava presa, mesmo padecendo de claustrofobia e outros tipos de crises nervosas não esclarecidas no texto. As agressões contra Belkis eram parte do castigo imposto a Padilla e esta prática de tortas penalizações somente poderiam ser executadas por um Estado movido pelo ódio e pela sede de vinganças e reparações:

No pude evitar que um escalofrío me recorriera de pies a cabeza cuando oí su voz surgiendo de una cinta magnetofónica, impugnando, tensa y angustiada, las acusaciones que este mismo oficial lanzaba contra ella. ¿Que relación tenía ella con mis poemas, mi novela o mis opniones? ¿Por qué se la encerraba injustamente en una de aquellas celdas? En realidad, nunca pude imaginar que recurriesen a tales procedimientos dictados únicamente por el odio; pero si mi encarcelamiento por 'conspirar contra los poderes del Estado' era una patraña, el hecho de encarcelarla a ella, cuyos padecimientos nerviosos conocían bien, sólo era concebible como resultado de una

³⁴⁷ PADILLA, Heberto. *Ibid.*

³⁴⁸ PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pgs. 154 e 155.

política, ése es el término genérico que se utiliza para tomar decisiones de alto nivel que, aunque injustas, son consideradas necesarias. De hecho era la venganza, más de dos años después, por no haber logrado impedir que se me premiara por Fuera del juego. De mi novela decía que sólo buscaba un nuevo escándalo internacional³⁴⁹.

Este primeiro interrogatório dirigido pelo tenente Álvarez foi encerrado bruscamente com um golpe lançado pelo oficial contra a cabeça de Padilla que, desmaiado e ensanguentado, seria atendido por um médico em sua cela. Acometido por outro mal súbito logo após este precário atendimento, Padilla foi conduzido ao Hospital Militar de Marianao onde dividiria quarto com um paciente psicotizado, provável preso político, que recitava incessantemente nomes de políticos revolucionários e contrarrevolucionários de quem seria supostamente amigo. Em meio à estafa, ao mal-estar, às dores e à ladainha enlouquecedora de seu colega de quarto, a narrativa de Padilla seria entrecortada pela chegada abrupta de Fidel Castro ao Hospital, para onde fora especialmente para encontrar o poeta ferido. Inusitadamente, o capítulo termina sem que este diálogo fosse transcrito, deixando no ar uma dúvida: aquela visita efetivamente aconteceu ou foi um pesadelo?³⁵⁰

Medicado e dopado, Padilla regressaria ao seu calvário na Segurança de Estado no presídio de Villa Marista. Conforme narra o autobiógrafo, ali foi trancafiado em uma cela minúscula, escura e insalubre. Este isolamento era interrompido somente para que fosse submetido aos rotineiros interrogatórios do oficial Álvarez baseado em ameaças veladas visando extrair de Padilla confissões daquilo que ele alegou que nunca fora nem nunca seria: um informante da CIA. A tensão destes interrogatórios matinais crescia e sua fatigada razão cedia à pressão psicológica imposta pela atuação policial. Assim começava sua trama de delírios e alucinações: o primeiro interlocutor fora um desertor do serviço militar obrigatório alemão filiado à nova esquerda europeia de nome Gunter Mashke que, acolhido na Cuba revolucionária e esperançoso de encontrar no Castrismo o modelo melhor acabado da aplicação do marxismo, foi aos poucos se desiludindo da realidade cubana para tornar-se um crítico moderado do regime. Foi ele expulso de Cuba pela Segurança de Estado por suas ideias heterodoxas e, ao contar pelo telefone para Padilla sobre sua punição, recebia em troca a resposta delirante do poeta: *“A ti te expulsaron, pero a mí donde me tienen”*. O devaneio seria rasgado na narrativa pela chegada abrupta do oficial Álvarez que, em uma

³⁴⁹ PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pg. 157.

³⁵⁰ PADILLA, Heberto. *Ibid.*

demonstração da estúpida paranoia policialesca, tentava obter informações para seu auto de acusações daquelas desconexas falas³⁵¹.

Levado à enfermaria, Padilla dialoga com um médico e ouve alguém falar, pela primeira vez, da repercussão internacional atingida pelo seu caso. Desde que Edwards chegara a Paris no dia 22 de março de 1971, ciente do encarceramento de Padilla, começara lentamente a circular a notícia de que Heberto Padilla encontrava-se em poder da Segurança de Estado em Cuba. Dada a ausência de informações sobre seu paradeiro, um grupo de escritores que se autoproclamavam de esquerda e que até aquele fatídico ano de 1971 mantinham, em maior ou menor grau, simpatia pelos feitos da Revolução Cubana, mobilizaram-se e publicaram moções de repúdio contra aquele ato de repressão à atividade intelectual e artística. O primeiro destes documentos, publicado em 2 de abril de 1971, intitulava-se “*Carta del Pen Club de México a Fidel Castro*” e contava, entre seus assinantes, com o apoio de Carlos Fuentes e Octavio Paz. O segundo documento, maior em seu alcance e em seu impacto perante a opinião pública internacional, intitulava-se “*Primeira carta de los intelectuales europeos y latino americanos a Fidel Castro*”, conhecida como *Declaración de los 54*³⁵², publicada em 9 de abril de 1971 em francês no *Le Monde*, contando com assinaturas de Sartre, Cortázar, Carlos Fuentes e Vargas Llosa, nomes desde o princípio ligados à defesa do governo revolucionário cubano. O texto trata de enaltecer as políticas sociais do governo, como a alfabetização, a reforma agrária e a nacionalização de empresas estadunidenses, portanto, reafirma a defesa aos princípios socialistas da Revolução; contudo, o teor do escrito pontua suas preocupações com condutas coercitivas que, a exemplo da desaparecimento de Padilla, visassem silenciar qualquer criticismo intelectual.

Sedado pelo médico, as notícias daqueles manifestos em torno de seu nome penetram uma nova onda de alucinações: desta vez, seu primeiro professor de alemão, Davidson, assumia o papel de um interrogador interessado em levar para o exterior algumas cópias de sua novela. Personagens que se (con)fundem em uma trama em que o réu começava a tomar como verdadeiras as falsas acusações contra ele movidas. Novamente o delírio seria interrompido com os gritos de Álvarez³⁵³.

Em meio a estas imagens difusas, Padilla recebera a ordem para redigir uma carta de reconhecimento de seus erros contrarrevolucionários. Aquele documento autoral seria seu

³⁵¹ PADILLA, Heberto. *Ibid.*

³⁵² Termo usado em COSTA, Adriane Vidal. *Op. Cit.*, 2009.

³⁵³ PADILLA, Heberto. *Ibid.*

atestado de soltura. A primeira versão da carta versava sobre a admissão de seus delitos de opinião e sua irresponsabilidade em criticar o governo para estrangeiros de confiança duvidável. Esta primeira versão foi recusada com ira por Álvarez. Padilla recusava-se a se autocaracterizar como um serviçal do imperialismo estadunidense e também recusava a caracterizar Edwards como espião a encargo da CIA. Redigira uma segunda carta, acentuando sua ingratidão para com a generosidade revolucionária e de Fidel Castro, sustentando a justeza da penalidade recebida, mas sem aderir à falsidade de sua ligação indireta com o governo dos Estados Unidos³⁵⁴.

Dia seguinte à entrega desta segunda versão, Padilla foi levado a uma sala dentro do presídio e submetido ao seu pior ritual de tortura: em uma espécie de jogo ensaiado, foi alvo da chacota policial que recitava trechos de seus poemas entremeando-os com espancamentos até que novamente o réu caísse desacordado. Sedado mais uma vez, perdeu-se nos cíclicos devaneios que tanto o atormentavam. O sofrimento por este rebaixamento moral conectara-o com todos aqueles que, como ele, foram alvejados pela tortura nesta Cuba revolucionária³⁵⁵.

2.5.2 Padilla encena seu espetáculo de autoconfissão

O aquecimento do escândalo internacional em torno da desapareição de Padilla causara uma reviravolta em seu processo inquisitorial, mudando-o para as mãos do oficial Gutiérrez. O abrandamento no tratamento recebido decorreu do convencimento por parte da Segurança de Estado de que os manuscritos de sua novela não teriam chegado ao exterior. A fórmula para a resolução do caso Padilla foi a seguinte:

Debía memorizar la autocrítica que había escrito en la Seguridad del Estado reconociendo mis errores y los de mis amigos – y de la cual las autoridades extrajeron el texto de una carta de arrepentimiento que justificara la clemencia oficial – de modo que pudiera repetirla textualmente en una reunión privada de los miembros más importantes de las distintas secciones de la Unión de Escritores y Artistas. El acto estaría limitado a un pequeño número de asistentes. José Lezama Lima y Virgilio Piñera no serían invitados. No era necesario; pero se les visitaría antes de la reunión³⁵⁶.

³⁵⁴ PADILLA, Heberto. *Ibid.*

³⁵⁵ PADILLA, Heberto. *Ibid.*

³⁵⁶ PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pg. 181.

O contra lance arquitetado pelo Castrismo em reação aos manifestos que solicitavam esclarecimentos sobre a situação de Padilla começaria com a autoconfissão do poeta na UNEAC perante as lentes da TV pública cubana em 27 de abril de 1971. A farsa da autoconfissão constitui a peça central daquilo que se convencionou chamar de “*Caso Padilla*”, cujo discurso aparece transcrito em documento intitulado “*Intervención en la Unión de Escritores y Artistas de Cuba, el martes 27 de abril de 1971*”³⁵⁷. Na abertura, José Antonio Portuondo aclarava que o pronunciamento de Padilla partia de sua profunda sensação de arrependimento e de sua espontânea vontade em se retratar perante seus pares. Entre o dito e o interdito, uma abismal distância.

Em *La Mala Memoria* Padilla reiterava aquilo que já era sabido e óbvio: o espetáculo da autoconfissão era a condição para o fim de seus sofrimentos e os de sua esposa Belkis Cuza Malé. Por sua vez, sua fala naquela ocasião havia sido redigida pelos agentes da Segurança de Estado cubano e coube a Padilla memorizá-la e reproduzi-la perante aqueles ouvintes selecionados pela UNEAC. O discurso decorado deveria obscurecer a teatralidade do episódio. A tônica deste depoimento baseava-se no rebaixamento moral da dissidência para convocá-la à reabilitação e ao reengajamento ou, em termos mais precisos, ao apoio incondicional ao Castrismo. Considerando justo seu encarceramento pelo mal causado ao governo revolucionário, Padilla mentia sobre o ambiente de companheirismo e bons tratos recebidos nesta curta passagem pela prisão. Dirigia-se também aos intelectuais europeus e latino-americanos que em solidariedade a ele assinaram os documentos clamando por sua liberdade.

Este Padilla fantoche da Segurança de Estado solicitava a retificação daquela impostura. Recontando sua trajetória de agressões gratuitas e infundadas contra o governo revolucionário desde o texto de crítica literária sobre *Pasión de Urbino* em 1967 até a prisão em 1971, Padilla remontava a desproporcionalidade entre seus ataques verbais e o amparo reticente de uma Revolução que fazia da repressão o último de seus recursos. Posteriormente, foi elencada uma lista com nomes de intelectuais que, assim como ele, foram contaminados por esta má conduta do desrespeito (ou dessacralização) às conquistas revolucionárias. Entre estes nomes figuravam sua própria esposa e seus amigos íntimos, como: Pablo Armando Fernández, César López, Norberto Fuentes, Manuel Díaz Martínez, José Lezama Lima e Buzzi. O desfecho do discurso coroava a mensagem de que o governo revolucionário

³⁵⁷ “*Intervención en la Unión de Escritores y Artistas de Cuba, el martes 27 de abril de 1971*” in PADILLA, Heberto. *Op. Cit.*, 1989 – pg. 125.

continuava primando pela persuasão em detrimento da violência e, portanto, ao contrário do que a dissidência sustentava, as divergências continuavam a ser discutidas no harmonioso clima da fraternidade revolucionária:

Son increíbles los diálogos que yo he tenido con los compañeros con quienes he discutido. ¡Qué discutido! Esa no es la palabra. Com quienes he conversado. Quienes ni siquiera me han interrogado, porque esa ha sido una larga e inteligente y brillante y fabulosa forma de persuasión inteligente, política, conmigo. Me han hecho ver claramente cada uno de mis errores. Y por eso yo he visto cómo la Seguridad no era el organismo férreo, el organismo cerrado que mi febril imaginación muchas veces, muchísimas veces imagino, y muchísimas veces infamó; sino un grupo de compañeros esforzadísimos, que trabajan día y noche para asegurar momentos como este, para asegurar generosidades como esta, comprensiones injustificables casi como esta: que a un hombre que como yo ha combatido a la Revolución, se le dé la oportunidad de que rectifique radicalmente su vida, como quiero rectificarla³⁵⁸.

Ao relembrar desta cena em sua autobiografia, Padilla assinalava que seu real arrependimento estava em ter apoiado uma revolução que desde o princípio deixava transparecer sua feição autoritária. Seus maiores ressentimentos eram dirigidos à figura de Fidel Castro e sua obsessão pelo poder. Neste relato autobiográfico, Padilla insinua que o próprio Fidel havia sido o mentor e o articulador do espetáculo de sua autoconfissão, menos preocupado com um improvável convencimento de que as palavras pronunciadas pelo ex-rebelde ingrato em reabilitação fossem espontâneas e sinceras. As falsas autocríticas da era stalinista já eram por demais conhecidas para que se acreditasse naquela burla. O fato é que as manifestações de personalidades respeitáveis e influentes deste nicho das esquerdas europeia e latino americanas em solidariedade a Heberto Padilla enfureceram Fidel Castro e, em uma espécie de surto anti-intelectualista, o líder máximo do governo revolucionário intencionava conferir à fraude encenada uma conotação de lamentável escárnio do tirano que expunha seu adversário à humilhação pública. Aquela burla transformava-se em escárnio para que o ditador lembrasse a seus desafetos que uma revolução (ou ao menos o tipo de revolução em curso dentro de Cuba) necessitava muito mais da Segurança de Estado e de seus militares do que de intelectuais³⁵⁹. Um dos últimos imperativos do discurso de Padilla na *UNEAC* em 27 de abril de 1971 – imperativos que são frequentes nos discursos de Fidel

³⁵⁸ “Intervención en la Unión de Escritores y Artistas de Cuba, el martes 27 de abril de 1971” in PADILLA, Heberto. *Op. Cit.*, 1989 – pg. 151.

³⁵⁹ PADILLA, Heberto. *Op. Cit.*, 1989.

Castro, mas raríssimos na escrita de Padilla – transmite com brevidade e eficiência a mensagem que o Castrismo tentava difundir: “*¡Que seamos soldados de nuestra Revolución, y que ocupemos el sitio que la Revolución nos pida!*”³⁶⁰.

Esta sentença exclamada que encerra o parágrafo anterior conecta-se diretamente ao contexto de radicalização de um sectarismo anti-intelectualista prenunciado anteriormente e delimitado com maior profundidade no discurso proferido por Fidel Castro no encerramento do *Primer Congreso Nacional de Educación y Cultura* em 30 de abril de 1971³⁶¹. Todas as questões que fervilhavam em torno do Caso Padilla levaram Fidel a abordar o tema declarando sua inimizade com aqueles intelectuais que, sendo lobos em pele de cordeiro, se apresentavam como apoiadores da Revolução Cubana somente nas circunstâncias em que este posicionamento se encaixasse com a pretendida construção de suas autoimagens como bons moços ou boas damas sedentos por contribuir para a justiça social, mas que nos momentos mais delicados da história revolucionária faziam o papel de adversários sem o menor pudor. Estes intelectuais da esquerda europeia e latino americana que se recusavam a uma acrítica fidelização revolucionária foram empurrados para o rol de personas non grata para Fidel Castro e seus companheiros subalternos de governo.

Neste discurso, era retraçada outra linha demarcatória entre aqueles que estavam dentro ou fora da Revolução – ou da História. Para sustentar este antagonismo maniqueísta, apelava para um linha argumentativa cara aos mais novos expulsos do cordão dos amigos de Fidel. Em suas palavras, estes intelectuais entregues ao diletantismo estetizante retroalimentado em suas reuniões glamurosas, cujo afã desarticulador decorria do gosto pela intriga, em nada contribuíram para a bem sucedida política educacional cubana. Por outro lado, foi a Revolução Cubana quem cumpriu o papel de conscientizar e escolarizar seu povo mais humilde. Exemplo deste esforço poderia ser notado na atuação do *Instituto del Libro*, criado com o advento revolucionário, que promovia o fenômeno da popularização do livro em Cuba. Já tendo conquistado a impressionante cifra da quadruplicação do número de livros impressos no país em pouco mais de doze anos, a partir daquele Congresso de 1971 o Instituto seguiria em seu esforço para continuar fomentando a circulação de livros. A provocação indireta de Fidel pode ser lida da seguinte forma: enquanto vocês escritores seguem reclamando e fomentando intrigas, nós revolucionários continuamos trabalhando em

³⁶⁰ “*Intervención en la Unión de Escritores y Artistas de Cuba, el martes 27 de abril de 1971*” in PADILLA, Heberto. *Op. Cit.*, 1998 – pg. 152.

³⁶¹ “*Discurso de Clausura del Primer Congreso Nacional de Educación y Cultura (30 de abril de 1971)*” in PADILLA, Heberto. *Op. Cit.*, 1998.

massivas campanhas de alfabetização e de incentivo à leitura para que mais pessoas tenham ao menos condições de ler seus livros. Por isto mesmo, estando este órgão a serviço de uma conscientização revolucionária, Fidel entendia que a publicação deveria atender a um critério básico: “(...) *en los libros que se impriman en el Instituto del Libro, la primera prioridad la deben tener los libros para la educación, la segunda prioridad la deben tener los libros para la educación, ¡y la tercera prioridad la deben tener los libros para la educación! Eso está más que claro*”³⁶². Deduzimos que livros para educação, neste caso, seriam primeiramente os livros didáticos e paradidáticos destinados à educação escolar e, secundariamente, os livros para a educação do *Homem Novo* que seriam todas as obras literárias que estivessem pautadas em uma linguagem persuasiva explicitamente pró-governamentais; escrever literatura de vanguarda passaria a ser, pelo menos provisoriamente, um privilégio concedido somente a homens de governo como Alejo Carpentier. Fidel ainda asseverava que havia livros os quais não se deveria publicar “*ni un ejemplar, ni un capítulo, ni una página, ¡ni una letra!*”³⁶³. Isto porque a permissividade condescendente da Revolução Cubana com os intelectuais fora um erro que deveria servir de lição para as revoluções vindouras na África, Ásia e América Latina. Este conselho do revolucionário experimentado, portanto, não visava somente institucionalizar e consolidar a censura em Cuba, mas exportar o modelo proibitivo a todos os lugares do mundo periférico onde vingassem novas revoluções.

A partir daí, Fidel, como se retira de seus discursos, passa a manipular os complexos conceitos de imperialismo cultural e colonialismo político para atacar, igualmente, aqueles a quem considerava serem os gurus da intelectualidade internacional e seus acólitos intelectuais cubanos. Ambos os conceitos partem da convicção de que os intelectuais cubanos que aderiram a um criticismo evasivo e contrarrevolucionário foram refratários a visões artísticas e políticas provenientes de uma Europa desenvolvida e desligada da profunda realidade cubana e, sendo assim, curvaram-se ao prestígio de cultuados intelectuais que inflavam seu ego no *grand monde* europeu para reproduzir suas concepções estéticas e morais em um ambiente completamente distinto. Fidel Castro não nomeou estes desafetos, mas bem se sabe a quem ele fazia menção. Entre os intelectuais cubanos europeizados, Padilla figurava como o mais vistoso exemplo; e entre os intelectuais que viviam na Europa Ocidental e que jamais compreenderiam as encruzilhadas da trajetória revolucionária estavam os assinantes da

³⁶² “*Discurso de Clausura del Primer Congreso Nacional de Educación y Cultura (30 de abril de 1971)*” in PADILLA, Heberto. *Op. Cit.*, 1998. – pg. 153

³⁶³ “*Discurso de Clausura del Primer Congreso Nacional de Educación y Cultura (30 de abril de 1971)*” in PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pg. 153.

Primeira carta de los intelectuales europeos y latino americanos a Fidel Castro. As preocupações fundamentalmente formais que prevaleciam em suas “teses” em prol de uma estetização artística e em prol da docilização liberalizante em política eram condizentes com o grau de desenvolvimento material e de escolarização das sociedades da Europa Ocidental e sua adaptação à realidade cubana seria um exotismo incabível. A vida confortável que levavam estes intelectuais-gurus e a atração que exerciam em seus acólitos cubanos induzia-os a deturparem os reais problemas para o progresso do socialismo cubano: ao invés dos ataques, afrontas, provocações e ameaças feitas pelo imperialismo estadunidense, com bases militares localizadas a 150 quilômetros de Cuba, e dos incontáveis problemas de carência material que ainda afetavam grande parte do povo cubano, estes intelectuais europeus “(...) creen que los problemas de este país pueden ser los problemas de dos o tres ovejas descarriadas, que puedan tener algunos problemas con la Revolución porque ‘no les dan el derecho’ a seguir sembrando el veneno, la insidia y la intriga en la Revolución”³⁶⁴.

Dada a prioridade da luta anti-imperialista e da superação das carestias materiais, todos que não se dedicassem integralmente à resolução destes problemas maiores e, pelo contrário, ocupassem-se exclusivamente em denegrir e obstaculizar o progresso ansiado sofreriam uma legítima e necessária repressão ou repúdio. O célebre slogan castrista era ressignificado: dentro da Revolução, tudo vale, até mesmo a censura, o encarceramento sem direito à defesa, a tortura e os espetáculos burlescos de autoconfissão; fora da Revolução deveriam estar todos que não se submetessem a exercer uma função utilitária no intuito de viabilizar as políticas, tantas vezes delirantes, do grande líder.

Na conclusão deste discurso, Fidel define que os verdadeiros intelectuais cubanos não seriam os artistas, escritores ou críticos de arte e de literatura, mas cientistas, professores e engenheiros. Para ele, a necessidade de fazer cumprir o destino revolucionário cubano – com todos igualmente bem nutridos, com todos igualmente bem educados, com todos igualmente seguros, com todos igualmente livres da exploração - diante da condição belicista em que transcorria seu curso, incumbia aos oficiais chefes da vanguarda política definirem táticas e estratégias; aos soldados camponeses, aos soldados operários e aos soldados intelectualizados, caberia a missão de viabilizar esta glória feita de sangue. O menosprezo do Castrismo à contemplação, à estética, à metalinguagem artística e ao criticismo julgava e condenava com maior intolerância os movimentos de vanguarda artística em prol da

³⁶⁴ “Discurso de Clausura del Primer Congreso Nacional de Educación y Cultura (30 de abril de 1971)” in PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pg. 154.

autoridade inquestionável da vanguarda política iluminada. Condenava também o modelo de engajamento revoltado que, devido à sua compleição moral, clamava pelo direito à insubordinação e à divergência sem qualquer preocupação com a consecução estratégica ou com a conservação do poder, enfim, despreocupado com a vitória revolucionária. Contra o intelectual revoltado, o Castrismo exaltava o intelectual revolucionário que trabalhava em linha reta dedicado a afazeres técnicos, burocráticos e didáticos. A parametrização da política cultural cubana, em fina consonância com as demais resoluções do *Primer Congreso Nacional de Educación y Cultura*, postulava que

As manifestações artísticas e literárias deveriam ser desenvolvidas pelas massas e não se restringirem a uma “elite” intelectual. Os trabalhadores das instituições literárias, artísticas, meios de comunicação e universidades deveriam possuir condições “políticas” e “ideológicas” para levarem adiante a aplicação da política cultural da Revolução,³⁶⁵

em uma clara contradição entre a declaração de liberdade de criação redigida nas resoluções do Congresso e a censura presumível no discurso de Fidel.

Menos de um mês depois do encerramento do Congresso, no dia 20 de maio de 1971, viria a público a *Segunda Carta de los intelectuales europeos y latinoamericanos a Fidel Castro*³⁶⁶, conhecida como *Declaración de los 62*³⁶⁷. Nela, a denúncia veemente da fraude inverossímil que fora o espetáculo protagonizado por Padilla revelava uma indignação muito maior do que aquela notada na primeira carta. Portanto, o encarceramento de Padilla seria um erro menos impactante do que sua autoconfissão por tudo o que nela ficava subentendido:

Creemos un deber comunicarle nuestra vergüenza y nuestra cólera. El lastimoso texto de la confesión que ha firmado Heberto Padilla sólo puede haberse obtenido por medio de métodos que son la negación de la legalidad y la justicia revolucionarias. El contenido y la forma de dicha confesión, con sus acusaciones absurdas y afirmaciones delirantes, así como el acto celebrado en la UNEAC, (...) recuerda los momentos más sórdidos de época stalinista, sus juicios pré-fabricados y su carcerías de brujas³⁶⁸.

³⁶⁵ MISKULIN, Sílvia Cezar. *Op. Cit.*, 2005 – pg. 208.

³⁶⁶ “*Segunda Carta de los intelectuales europeos y latinoamericanos a Fidel Castro*” in PADILLA, Heberto. *Op. Cit.*, 1998.

³⁶⁷ Termo usado em COSTA, Adriane Vidal. *Op. Cit.*, 2009.

³⁶⁸ “*Segunda Carta de los intelectuales europeos y latinoamericanos a Fidel Castro*” in PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pg. 160.

Mais uma vez estes intelectuais fazem questão de afirmar seu posicionamento à esquerda, em contraposição ao termo pseudo-esquerda cunhado por Fidel Castro. Posicionando-se como defensores ardorosos dos princípios que regeram os primeiros anos revolucionários por seus valores humanistas e libertários, demarcando mais uma vez seu apreço pela campanha de nacionalizações, pela reforma agrária e pela campanha de alfabetização, a afinidade pelos preceitos socialistas e o ressentimento com a degeneração repressiva do Castrismo são perceptíveis na última frase da carta: “*Quisiéramos que la Revolución Cubana volviera a ser lo que en un momento nos hizo considerarla un modelo dentro del socialismo*”³⁶⁹. Esta carta seria, também, marco da ruptura definitiva de nomes como Mario Vargas Llosa e de Octavio Paz com o governo revolucionário cubano. Por outro lado, nomes como o de Julio Cortázar, que aparecia na primeira carta e que não assinaria esta segunda, reafirmavam seu alinhamento com as proposições lançadas por Fidel Castro e se reconciliavam com a Revolução. Dessa maneira, o *Caso Padilla* pode ser analisado como momento derradeiro para a separação da “*grande família do boom*”, como sugere Adriane Vidal Costa³⁷⁰, mas também como momento de cisão entre a intelectualidade de esquerda europeia e o governo revolucionário cubano, como sugerimos nesta dissertação. Sendo assim, o *Caso Padilla* foi um divisor de águas na História intelectual latinoamericana e criou as condições de possibilidade para a aparição de um discurso com críticas à esquerda contra o Castrismo, discurso este que, curiosamente, obteve maior êxito no cenário da esquerda europeia do que no cenário da esquerda latino-americana. Esperamos que o resgate das memórias de Heberto Padilla sobre o *Caso Padilla* possa contribuir para tirá-lo deste lugar de intelectual que virou um *Caso*³⁷¹ e realçá-lo ao posto de sujeito intelectual cuja experiência pessoal atrela-se à História da Revolução Cubana.

2.6 A reclusão, o monólogo e a partida

Depois desta tormenta que colocava seu nome no epicentro de um escândalo, os seguintes oito anos vividos em Cuba seriam de uma amargura e monótona reclusão para

³⁶⁹ “*Segunda Carta de los intelectuales europeos y latinoamericanos a Fidel Castro*” in PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pg. 161.

³⁷⁰ Todo o debate intelectual em torno do *Caso Padilla* e de sua importância para a redefinição das tomadas de posição dos intelectuais integrantes da “*grande família do boom*” aparece analisado em COSTA, Adriane Vidal da. *Op. Cit.*, 2009.

³⁷¹ A ideia de que Heberto Padilla passou a ser tratado como um caso e não como um sujeito intelectual a partir de sua autoconfissão em 1971 aparece em COSTA, Adriane Vidal da. *Op. Cit.*, 2009.

Heberto Padilla. No chamado Quinquênio Gris ou Pavonato (1971-1976), perdera um de seus mais admirados amigos: Alberto Mora, que se suicidara em 1972. Em 1976, fora a vez do poeta e escritor José Lezama Lima, a quem Padilla faz questão de homenagear por sua integridade e erudição, tornando-o um dos mais influentes escritores de seu tempo justamente pela dedicação exclusiva a uma extensa carreira literária. Assim, Padilla distinguia suas discordâncias poéticas e suas concordâncias éticas com o mestre. Lezama, um dos nomes citados na autoconfissão de Padilla, foi um dos poucos que prestou acolhida ao Padilla que saíra arrasado e humilhado do encarceramento. Em 1979, morreria Virgilio Piñera, outro a quem Padilla “delatara” em 1971 e que, a despeito disto, conservou uma postura sempre fraterna com seu amigo de *Lunes* e de ofício.

Nestes anos de um mórbido ostracismo, viu iniciar com expectativa uma distensão para a facilitação da liberação de vistos de saída concedidos a cubanos em 1978, política devida à reabertura de um diálogo/ negociação entre a Cuba de Fidel e os Estados Unidos governados por Jimmy Carter e entre Cuba e a Espanha governada pelo presidente Adolfo Suárez. Era o retorno da esperança de se reencontrar com a liberdade de criação, e assim retornar a carreira de escritor no exílio. Nestes oito anos, a desilusão com o Castrismo foi crescente, principalmente ao presenciar os privilégios usufruídos pelos dirigentes do Partido Comunista Cubano e seus protegidos. Sequer a igualdade de direitos, fundamento-mor daquela Revolução, estava sendo respeitada.

Conforme aparece na autobiografia, foi em março de 1980 que Padilla recebera o telefonema alentador de Chomi Millar, chefe do departamento de despacho do governo cubano e funcionário próximo a Fidel, chamando-o para uma reunião no *Palacio de la Revolución*. Aquele era o prenúncio de que seu visto de saída do arquipélago seria concedido, graças ao esforço conjunto de pessoas como sua esposa (exilada nos Estados Unidos desde 1979 junto com Ernesto, o filho do casal), políticos e intelectuais estadunidenses e Gabriel García Márquez³⁷². Dia após o mencionado telefonema, Padilla ficaria defronte ao próprio comandante Fidel Castro, em um diálogo que, como habitual, transformar-se-ia em um quase monólogo. Perfilado no relato de *La Mala Memoria* como um líder metamorfoseado em uma espécie caricatural do mito caudilhesco, meio aristocrático, meio vulgar, tão vastamente representado na literatura latino-americana, os últimos traços deste Fidel dessacralizado por

³⁷² Cabe aqui uma pausa para anotar que todos os comentários feitos em *La Mala Memoria* a figuras como García Márquez e Cortázar contém uma afetuosidade e respeito, prova de que a crítica de Padilla ao Castrismo não visava atingir àqueles intelectuais que seguiam apoiando o regime cubano, algo que o diferencia do tipo de discurso dissidente elaborado por Arenas e Cabrera Infante.

Padilla retocavam os contornos finais. Assim, o monólogo proferido pelo “caudilho ignorante” de sua postura ridiculamente antiquada distanciava ainda mais sua retórica eloquente da prática efetiva de anulação da liberdade de expressão.

Daquela última conversa com Fidel Castro, Padilla extrairia o material para concluir seu posicionamento sobre o Castrismo e pontuar suas divergências. A primeira contenda com Fidel devia-se à crença do líder cubano na inevitabilidade da etapa da ditadura do proletariado para o sucesso de qualquer revolução comunista. Para o envaidecido caudilho, a violência revolucionária, que aniquila a oposição bem como os menores desvios aos rumos determinados pelo grande ditador, é necessária para o triunfo desta grande obra. Fidel sequer incomodava-se com as notórias semelhanças entre seus métodos autocráticos e aqueles empregados por personagens históricos que, ao menos em tese, deveriam figurar em sua lista de antagonistas: nas cartas escritas em sua clandestinidade nos anos da ditadura batistiana, Fidel rasgava-se em elogios a figuras como Napoleão Bonaparte, Júlio César, Alexandre da Macedônia, Carlos Magno e Robespierre, homens que fizeram de suas vitoriosas trajetórias políticas verdadeiras obras de arte, pois conheciam a fundo a vontade de seu povo.

Para Padilla, o marxismo-leninismo converteu-se para Fidel, convencido de que somente a violência guerreira (ou guerrilheira) perpetrada poderiam promover verdadeiras obras revolucionárias, em “*el método idóneo para implantar el régimen autoritario en el cual sería él el jefe acatado y temido*”³⁷³. Portanto, na conclusão de Padilla, a práxis castrista não somente considerava a violência revolucionária inevitável, mas desejável, pois era um traço fundamental daquela bela obra desenhada a mãos de ferro pela regência do líder. Por fim, Fidel revia a experiência do breve socialismo chileno com admiração pelo heroísmo de Salvador Allende, mas com um flagrante sorriso que insinuava desprezo pelas tentativas de construção de um socialismo pela via democrática, convicto de que os próximos triunfos revolucionários do subcontinente seguiriam a bem sucedida via cubana.

Atento aos últimos trâmites, a saída de Padilla fora definida para aquele mesmo mês de março de 1980, passando pelo Canadá antes de reencontrar com sua família nos Estados Unidos. *La Mala Memoria* termina com o alento da renunciada partida e com um parágrafo extraído das escritas do jovem Fidel Castro quando se encontrava preso na década de 1950 e que Padilla sugeria com epitáfio do velho caudilho:

³⁷³ PADILLA, Heberto. *Op. Cit.*, 1989 – pg. 256.

Hay una edad de la que el hombre no debiera pasar, es aquella en que comienza a declinar la vida, cuando se apaga la llama que encendió el momento más luminoso de cada existir, cuando decaen la fuerza que alientan sus pasos en la etapa digna, entonces se les ve penetrar cabizbajos y arrepentidos, cual viles renegados, en el más profundo pantano de la abyección³⁷⁴.

Padilla devolvía as agressões sofridas sob a liderança inescrupulosa de Fidel com uma ironia que desvelava as contradições e incoerências do grande chefe da Revolução. Se havia uma idade da qual o homem não deveria passar, esta já havia passado há algum tempo para Fidel Castro; ele havia perdido o bonde da História, apesar de se considerar um exímio titereiro do tempo. Contudo, mesmo que tarde, sua saída do poder em Cuba seria um primeiro e obrigatório passo para a redemocratização deste país de recordações naufragadas.

2.7 Atando as pontas: conclusões sobre o anti-dogmatismo de Heberto Padilla

Dois diálogos reconstituídos por Padilla em *La Mala Memoria* são sugestivos para pensarmos o que se pode descobrir sobre o posicionamento político de seu autor através dos relatos autobiográficos. No primeiro deles, Heberto trocava ideias com Blas de Otero, em um indefinido ano, sobre o tema da (in)evitabilidade dos campos de concentração stalinistas e da ausência de liberdade na União Soviética. Como seria óbvio supor, Heberto inclinava-se a um repúdio àquela realidade opressiva e violenta. Contudo, o posicionamento de Blas de Otero, filiado ao Partido Comunista Espanhol, estava menos interessado em defender com contundência as teses do PCUS (Partido Comunista da União Soviética), deixando transparecer suas dúvidas e suas angústias com os horrores ocorridos:

- Tal vez, tal vez pueda evitarse.
Las discusiones extendían hasta el amanecer, andando de un sitio a otro en la asfixiante noche cubana, donde no había un solo café abierto. Blas me decía: - Digo tal vez porque hay procedimientos casi bárbaros en cualquier intento de transformar la sociedad. Lo terrible es que los tribunales comunistas se parezcan tanto a los de la Inquisición Española³⁷⁵.

O segundo diálogo, tido com Gabriel García Márquez dias antes de sua saída de Cuba em 1980, as incertezas do interlocutor mais uma vez ditam o compasso da conversa:

³⁷⁴ PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pg. 263.

³⁷⁵ PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pg. 213.

A la mañana siguiente me llamó García Márquez y me citó en la cafetería del ‘Havana Riviera’. Estaba alegre, me dijo, de que se cumplieran mis deseos, aunque él no era partidario de que ningún cubano abandonara el país. Quería hacerme una pregunta – porque no puedo ocultarte que para mí es embarazoso tener que andar siempre con una lista de nombres intercediendo ante Fidel. Un día se cansa; pero mi pregunta es ésta, Heberto: ¿a qué atribuyes tú que en un país como Cuba se repitan los mismos problemas que tiene la Unión Soviética con los escritores?

Me sorprendió la pregunta que yo encontraba respondida hacía tiempo en su inteligente reportaje sobre la Unión Soviética y los países del Este. Él notó mi sorpresa:

- Te advierto que cualquiera que sea tu respuesta no saldrá de mí, yo soy muy discreto – dijo.
- Pero, Gabriel, esas palabras tuyas son ya parte de la respuesta. Sin dejar de sonreír me dijo:
- Parece que por un tiempo este dilema no encuentra solución en ningún país socialista. La Unión Soviética no lo ha resuelto en más de sesenta años³⁷⁶.

Ambos os tuteios impressionam pelas falas destes interlocutores, conhecidos pelas publicações em apologia à Revolução Cubana. Nos trechos acima transcritos, tanto Blas de Otero como Gabriel García Márquez abrem espaço para o *talvez*, para o questionamento, para a queixa. Estes diálogos são ricos por simbolizarem a empatia manifesta de Padilla por todos intelectuais que, apesar de seus posicionamentos políticos distintos, permitem deixar transparecer suas indecisões tanto na avaliação de um passado revolucionário permeado por imperfeições quanto ao futuro improfetizável das experiências socialistas. A mera curiosidade sincera por ouvir o que o outro tinha a dizer por si só revelava uma flexibilidade analítica por parte destes intelectuais ciosos por reverem permanentemente suas difíceis escolhas, sem jamais abandonarem aqueles de quem se separaram no meio deste labirinto de incertezas. Esta empatia recíproca também aparece na carta escrita por Blas de Otero a Padilla logo após seu seu encarceramento, na qual o poeta basco envia seu abraço solidário ao amigo para ampará-lo em sua dor; aparece também na generosa intervenção de García Márquez pelo exílio de Padilla.

A solidariedade e a generosidade destas relações contrastam com a discussão acalorada que colocara Padilla e Alejo Carpentier em um fogo cruzado verbalizado e travado em encontro ocorrido em fins da década de 1970. Nesta ocasião, Carpentier pretendeu passar uma lição de moral em Padilla, recriminando suas distensões com o regime cubano, enquadrando sua conduta revoltada como uma ingênua maneira de dar munição para a mais

³⁷⁶ PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pgs. 261 e 262.

conservadora direita internacional. “- *Eres el niño lindo del Opus Dei en España, y de toda la recalitrante derecha europea*”³⁷⁷. O enfurecimento de Padilla com este comentário revelava seu incômodo com este rótulo de homem de direita que queriam pregar-lhe na face e também com aquela postura acusatória. Este sectarismo polarizado que classificava as pessoas dentro de duas únicas categorias (intelectualismo/anti-intelectualismo; revolucionário/contrarrevolucionário; direita/esquerda) seria para Padilla uma das piores características do Castrismo. A antipatia de Padilla era para com este homem que condenava, ao modo que Carpentier e Fidel fizeram com ele.

Esta autobiografia recortada por tantos diálogos já é algo incomum ao gênero. Mais inusitado ainda é o recurso de anexar várias cartas recebidas de amigos entre suas páginas. Cartas de Blas de Otero, Virgilio Piñera e Calvert Casey entremeiam a escrita reflexiva cedendo espaço a uma escrita quase epistolar, quase informal, assinada por pessoas tão próximas. O diálogo e as cartas foram um modo de Padilla acrescentar vozes narrativas à sua autobiografia, gênero este que tradicionalmente consagrou-se pela univocalidade da escrita em primeira pessoa. Este recurso Falkneriano confere multivocalidade a *La Mala Memoria*, em uma construção engenhosa que manifesta a vontade do autor de narrar uma história de si que inclui seus convivas. Neste jogo de perspectivas e relatividades, Padilla decide reproduzir outras vozes que não a sua, garantindo até mesmo o direito de seus inimigos argüírem contra o autobiografado em sua própria autobiografia.

Outra característica estilística em destaque na obra refere-se ao modo sutil de Padilla indicar pistas sobre seu posicionamento político: o encadeamento de personagens citados em *La Mala Memoria* apresenta as peças significantes deste quebra-cabeça a ser montado. Deste modo, podemos ler a citação a Eduardo Chibás como uma aproximação de Padilla a seus propósitos de combater a corrupção aviltante praticada pelos Autênticos ou pelos políticos próximos a Fulgêncio Batista no período anterior à Revolução; Carlos Franqui aparece diversas vezes citado como o símbolo impoluto dos princípios revolucionários, sedento pelas reformas sociais, mas também sedento pela reconstitucionalização do país, pela convocação de novas eleições livres, pelo cosmopolitismo e ecletismo da produção artística, pelo pluripartidarismo e pela garantia da mais ampla liberdade de expressão; Alberto Mora era o símbolo do funcionário público íntegro e dedicado aos estudos rigorosos dos temas de sua competência; Camus oferecera o referencial de engajamento revoltado baseado em um

³⁷⁷ PADILLA, Heberto. *Ibid.* – pg. 232.

humanismo anti-teleológico que priorizava os princípios morais às finalidades revolucionárias; Yevtushenko representava a ousadia da classe artística que fazia de sua literatura uma arma verbal contra a repressão gélida do socialismo soviético; Ben Bella era o exemplo de governante que trilhava o árido caminho da construção de um socialismo não alinhado, na periferia africana durante um dos mais tensos contextos da Guerra Fria; e Blas de Otero era o poeta comunista que fazia da linguagem popular ouvida nas ruas sua inspiração. Ao menos a maioria destes intelectuais quiseram ao longo de suas vidas serem vistos como homens de esquerda.

Contudo, se o conceito de esquerda aparece de maneira tão abstrata na obra de Padilla, a ideia de um engajamento pautado em uma crítica que publiciza os problemas reais observados no tempo presente foi apresentada em *La Mala Memoria* com a concretude possível a esta escrita tão pouco preocupada com a precisão objetiva. Este intelectual de poucas assertivas e que reivindica o direito à contestação, luta pelo direito de existir e, para isto, parte da premissa que a democracia é sua condição *sine qua non* de sobrevivência.

Contra os monólogos da verdade castrista, Padilla propunha os diálogos com questionamentos trocados; contra a ira condenatória de Carpentier, Padilla preferia a gentileza de García Márquez e a solidariedade de Blas de Otero; contra a direita de Miami, Padilla escolhia a esquerda europeia. Aliás, esta esquerda europeia, também nomeada pela insígnia de socialistas, teve e continua tendo como sua marca distintiva a prioridade dos preceitos democráticos sobre os projetos de cunho econômico e social, como bem observa Alberto Aggio: “a democracia europeia — e não um regime de tipo socialista — representa a grande construção histórica do socialismo e da esquerda naquele continente”³⁷⁸. Em meio às pistas deixadas, Padilla revia o seu passado titubeante na expectativa que os titubeios dessem o tom dos passos futuros em Cuba. Para tal, a saída da caducidade castrista do poder seria um primeiro passo. Daí para frente, cada passo de uma vez, lento e reticente como devem ser as decisões democráticas.

³⁷⁸ ELEY, Geoff. *Forjando a democracia — a história da esquerda na Europa, 1850-2000*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. Resenha de: AGGIO, Alberto. *A esquerda europeia e a construção democrática*. In *Política democrática: Revista de Política e Cultura*, Número 17, Ano VI, pgs. 194-199, 2007.

Conclusão – O que há de (dis)semelhante nas memórias dissidentes de Reinaldo Arenas e Heberto Padilla?

Caracterizar Reinaldo Arenas como um rebelde e Heberto Padilla como um revoltado sugere proximidades entre o tipo de engajamento defendido por ambos na luta contra o Castrismo. Rebeldia e Revolta são termos correlatos que remetem à ação dos movimentos contrários aos poderes instituídos. Isto porque rebeldes e revoltados recusam-se a aceitar a ideia de perfeição e de fixidez e, assim, assumem a pecha de agitadores sociais que se levantam contra as injustiças que lhes afetam no cotidiano. Ambos se autobiografaram como negadores da censura, da violência revolucionária, da homofobia institucionalizada, da sovietação do socialismo cubano e da concentração de poderes nas mãos do grande líder; ambos se autoproclamaram como propositores de contrapoderes que não obrigatoriamente contribuiriam para um projeto alternativo de tomada do poder em Cuba. Interessava-lhes convencer seus leitores de que a queda da ditadura cubana liderada por Fidel Castro era uma questão de princípios; derrotado o maior e primeiro inimigo, novas causas pelas quais lutar inevitavelmente viriam e, assim, o intelectual deveria renovar seu espírito rebelde/ revoltado a cada contingência que surgisse. Há convergência entre Padilla e Arenas nesta visão de que a função política do intelectual contemporâneo seja a de esquivar-se do jogo do poder para manter sua independência crítica ou, se preferir-se, sua subversão insubmissa.

Deste modo, esta postura negadora prioriza o debate sobre a forma de governo que melhor valorize a função deste intelectual revoltado e relega a um segundo plano discussões sobre política econômica e sobre as finalidades do Estado. Isto porque o enfoque principal de suas argumentações versa sobre como o Estado regula e condiciona as relações de poder incrustadas na sociedade e menospreza os debates sobre projetos de governo compostos pelos resultados esperados e as técnicas para atingi-los. Antes de se filiarem como comunistas, socialdemocratas ou liberais, Arenas e Padilla preocuparam-se em se filiar em prol da democracia contra a ditadura.

Esta precedência formal coloca embaraços no objetivo de qualificá-los como integrantes de uma dissidência de esquerda ou não, já que a concepção de esquerda e direita trazida na introdução desta dissertação separa estes lados em dois grandes conjuntos concernentes ao campo político que são antagônicos exatamente pelo o que se quer atingir e não pelo como se vai atingir.

Apesar desta dificuldade adicional, através destas narrativas que mesclam relatos autobiográficos com revisão histórica dessacralizadora do Castrismo faz-se possível perscrutar algo sobre as experiências políticas ou sobre as correntes do pensamento político com as quais mais simpatizavam Arenas e Padilla. Através destes referenciais teóricos e práticos que vão sendo sutilmente e vagamente lançados à deriva do texto, aproxima-se de um rascunho mal acabado das mudanças que estes escritores conjecturavam para o futuro cubano após a redemocratização do país e, neste quesito, nota-se diferenças fundamentais entre seus horizontes de expectativa para o arquipélago caribenho.

Uma primeira diferença que não é, de modo algum, banal, remete ao fato de Arenas classificar Eduardo Chibás como um político liberal enquanto Padilla prefere enquadrá-lo como um socialdemocrata. Chibás foi evocado pelos autores como o melhor exemplo de político cubano surgido em um passado mais ou menos recente, com uma conduta que deveria ser inspiradora às novas gerações. Portanto, qualificá-lo como liberal ou como socialdemocrata desvela algo sobre como estes intelectuais desejavam que o adalide fosse (re)visto: para Arenas, Chibás era sobretudo um símbolo da defesa de um Estado que garantisse a liberdade individual e o direito à propriedade privada; para Padilla ele era um símbolo na luta pela construção de um Estado reformista com impulso distributivo e igualitário. Este personagem histórico com contornos de herói que deveria ser resgatado e ressignificado para o alvorecer de uma nova Cuba era consensualmente descrito como um mártir da honestidade em política; as distintas conotações com que ele fora travestido por Arenas e Padilla, que integram a estratégia de dar a Cuba um outro mito político que não Fidel Castro, revelam mais do que avaliações divergentes sobre as características do Chibatismo. Se ambos pretendem ser lidos como discípulos de uma cultura política derrotada pelas ditaduras de Batista e de Fidel e, por isto mesmo, quase esquecida, recriam ao seu modo este ícone colorido com as categorias que mais agradavam aos respectivos autores: o Chibás liberal de Arenas reflete um Arenas identificado com o liberalismo; o Chibás socialdemocrata de Padilla reflete um Padilla identificado com a socialdemocracia.

Outro critério profícuo a esta toada investigativa das possíveis inclinações de Arenas e Padilla para um ou outro lado do universo político está na remontagem do circuito comunicativo de seus discursos no sentido emissor → mensagem → receptor. Para isto, cabe primeiro esmiuçar este *quem fala, de onde fala e quando fala*. Neste aspecto, Reinaldo Arenas e Heberto Padilla diferenciam-se apenas pontualmente. Apresentam-se como intelectuais dissidentes à Revolução Cubana que, vitimados pela violência do regime,

clamam não exatamente por condolências, mas sim por reparações. Falam do exílio estadunidense, lugar onde, por estas ironias da História, foram acolhidos. Embora fique claro em seus dizeres que não era naquele modelo de sociedade que se espelhavam para formatarem seus ideais, dali sentiram-se seguros para proferirem com liberdade suas críticas no tom que melhor lhes conviesse. Por fim, falam deste contexto histórico em que a abertura democrática latino-americana e soviética aparecia como uma oportunidade histórica para se propagar uma ofensiva contra a ditadura cubana de Fidel Castro. Escrevem a partir da década de 1980, ocasião em que a desilusão com as experiências revolucionárias recolocava o anseio pela (re)construção democrática como a temática principal na pauta dos debates intelectuais. Como bem observam Alberto Aggio e Marcos Sorrilha Pinheiro, “do fato e da sedução pela revolução, tão poderosa desde as décadas de 1960 e 1970, passou-se à tematização da democracia, em suas diversas dimensões, ainda que no início ela fosse percebida mais como uma esperança difusa do que como uma realidade complexa (...)”³⁷⁹. A sedução pela democracia, portanto, funcionou como uma renovada mola propulsora das ideias políticas produzidas ou ressignificadas por intelectuais das mais diversas vertentes ideológicas durante a década de 1980.

À dissecação deste *o que se fala* estendeu-se a maior parte desta dissertação. Dentre as camadas destas mensagens tornadas explícitas pelo processo analítico, aquela onde aparecem reunidos os antagonistas elencados por um e outro em suas antíteses ganha destaque quando se quer distinguir suas ponderações à nova Cuba que deveria vir. Neste sentido, a agudez da mensagem anti-esquerdista manifesta em *Antes que Anochezca* cria proximidades entre o discurso político de Reinaldo Arenas e Guillermo Cabrera Infante, ao mesmo passo que os distancia desta reivindicação pela legitimidade de uma crítica de esquerda ao Castrismo manifesta no discurso político tanto de Heberto Padilla como de Carlos Franqui. Em *Antes que Anochezca* fica nítido não só o ressentimento de Arenas pelo sofrimento passado por ele e tantos outros na Cuba governada por Fidel, mas sua fúria foi apontada com igual intensidade contra todos os membros da intelectualidade da esquerda europeia, latino-americana e norte-americana que mantinham seu apoio ao regime cubano e contribuía para o prosseguimento de uma eficiente propaganda a favor do governo revolucionário cubano perante a opinião pública internacional. Isto significa dizer que Arenas tinha desistido de dialogar com este rol de intelectuais e, assim, encaminhava uma proposta

³⁷⁹ AGGIO, Alberto e PINHEIRO, Marcos Sorrilha. Os intelectuais e as representações da identidade latino-americana. *Dimensões*, vol. 29, 2012, pg. 22-49.

de engajamento anti-castrista: para se derrotar a ditadura de Fidel Castro em Cuba, seria fundamental derrotar seus propagandistas que atuavam também fora de Cuba. Sua condenação radical aos apologetas do Castrismo cavava separações dificilmente superáveis entre o autor e grande parte da esquerda internacional que guardava simpatia ideológica pelo socialismo cubano. Além deste anti-esquerdismo que se voltava contra a maioria dos intelectuais de esquerda, há vários trechos de *Antes que Anochezca* onde se aclara todo seu desagrado com políticas econômicas que, visando a promoção da igualdade social, sejam pautadas pela estatização ou coletivização das propriedades. Como já comentado no capítulo 1 desta dissertação, Arenas defende que estas práticas apenas agravaram o problema da coletiva carestia material do povo cubano. Sua sugestão de que a reintrodução da lógica de mercado seria uma solução parcial para a miséria alastrada em Cuba reitera que Arenas não era nem gostaria de ser classificado como um homem de esquerda. Se nesta dissertação optou-se por não afirmar taxativamente que ele era um homem de direita, esta escolha deveu-se à orientação de leitura deixada na autobiografia através da qual Arenas demonstra que preferia ser lido como um outsider; contudo, não há nada nos escritos de exílio de Arenas, muito menos nos de Guillermo Cabrera Infante, que autorize vislumbrá-los como membros de um *exílio de esquerda*³⁸⁰.

Neste sentido, Padilla emite uma mensagem destoante. Sua postura reverente a intelectuais como Gabriel García Márquez e Júlio Cortázar e sua admiração pelos governos socialdemocratas nórdicos e pela curta presidência de Ben Bella sobre a Argélia atestam sua intenção de conclamar à unidade da esquerda internacional em uma campanha pela redemocratização cubana. Os adversários de Padilla são estritamente os sectários, fanáticos e dogmáticos membros do governo revolucionário que fecharam as portas do país à dissidência. O que se descortina em *La Mala Memoria* são críticas contra este Estado policialesco erguido na União Soviética governada por Josef Stálin e lentamente reproduzido na Cuba governada por Fidel Castro. Esta negação a um Estado com ambições de controlar as ações e as mentes de seus cidadãos e com estrutura rigidamente verticalizada de poder não implicou na descrença em um projeto guiado pelo anseio de uma redistribuição equitativa das riquezas produzidas. *La Mala Memoria* circunscreve-se em uma discussão política tipicamente esquerdista deste contexto histórico, postulando a precedência dos valores

³⁸⁰ Terminologia criada em SUZANO JÚNIOR, Barthon Favatto. *Entre o Doce e o Amargo: cultura e revolução em Cuba nas memórias literárias de dois intelectuais exilados, Carlos Franqui e Guillermo Cabrera Infante (1951-1968)*. 2012. Dissertação de Mestrado (História) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, Assis, 2012.

democráticos ante as verdades revolucionárias ou, em outros termos, afirmando que a soberania popular deveria derrotar a vanguarda política.

Outra característica desta mensagem corresponde ao seu estilo curvilíneo que confere contornos de imprecisão ao que se diz. Ao invés do vigor combativo da retórica de Arenas, a narrativa de Padilla transcorre em uma cadência de moderação que craveja dúvidas e, por conseguinte, induz novos debates com novos interlocutores. Talvez valha a hipótese de que suas hesitações sejam um convite para o pensar junto, iniciativa que poderia agregar forças para a luta contra a ditadura cubana. Por fim e coerente com o que foi dito no parágrafo anterior, outro elemento que sustenta e fortalece a classificação de Heberto Padilla e outros exilados cubanos, a exemplo de Carlos Franqui, como homens de esquerda, refere-se ao fato de terem declarado em seus escritos do exílio a intenção de serem lidos como intelectuais de esquerda dissidentes à Revolução Cubana.

Concluindo a remontagem do circuito comunicativo destas obras, cabe responder ainda a este *para quem pretendiam falar* Arenas e Padilla ao escreverem seus relatos autobiográficos. Obviamente, aos dois interessava atrair o maior número possível de leitores para que as ideias difusas da dissidência pudessem ressoar mais alto perante a opinião pública internacional. Contudo, cientes que suas obras iriam (res)suscitar polêmicas e que nichos políticos manter-se-iam cegos e surdos a seus testemunhos, elegeram seus interlocutores preferenciais entre aqueles com quem haveria chance de gerarem concordâncias. Novamente, percebem-se diferenças fundamentais entre *Antes que Anochezca* e *La Mala Memoria*. Para Arenas, seria como se ao escrever sua autobiografia ao longo da década de 1980 o tabuleiro de forças políticas a favor ou contra o Castrismo já estivesse consolidado e, diante destas circunstâncias, sua mensagem pretendia cativar todos aqueles que em maior ou menor grau já demonstrassem alguma antipatia pelo governo revolucionário cubano. Deste modo, a radicalidade de seu discurso aprofundava as clivagens entre prós e contras como forma de convocar a todos os dissidentes cubanos e todos seus apoiadores a saírem de uma letargia imobilizada para radicalizarem suas ações de rebeldia contra o Castrismo.

Por outra perspectiva, Padilla ainda acreditava na possibilidade de atrair novos apoiadores para a luta pela redemocratização cubana justamente entre os intelectuais de esquerda, sobretudo entre os latino-americanos que se encontravam divididos entre a valorização da democracia e a defesa dos direitos humanos em seus países recém-saídos de ditaduras de direita e o apoio à ditadura de esquerda em Cuba. Dizendo de outro modo, Arenas decide não falar para a esquerda, pois presente que seu dever é combater esta

intelectualidade de esquerda; Padilla resolve falar também para a esquerda, pois presente a possibilidade de convencê-la.

A remontagem deste circuito comunicativo ata as pontas deste *quem fala* com o *para quem fala* e como estes polos do circuito condicionaram o discurso e o engajamento político dos autores. Nesta linha, ressaltam-se outros distanciamentos entre Padilla e Arenas. Primeiro porque a diferença de idade que os separa (Padilla nasceu em 1932 e Arenas em 1943) conferiu-lhes díspares experiências progressas à Revolução. Heberto Padilla começou sua militância na passagem da década de 1940 para 1950 lutando ao lado de muitos que se tornariam posteriormente líderes revolucionários, dentre os quais o próprio Fidel Castro, seu correligionário no Partido Ortodoxo. Já Reinaldo Arenas, um adolescente de apenas 15 anos em 1959, tomou consciência destes eventos pré-revolucionários muito mais pelo intermédio das reflexões de seu avô do que pela sua participação direta. Sendo assim, os laços fraternos que Padilla possuía foram cruciais para que nele se desenvolvesse uma ligação afetiva com a Revolução e os membros do governo revolucionário, de modo que sua desvinculação com o regime ocorreu somente após longo processo de desencantamento. Em contrapartida, Arenas, um “filho da revolução” e não exatamente um militante desta, imprimiu uma voracidade aplacadora às suas detratações, pois estava livre de prestar satisfações a si e a seus mais próximos amigos por sua postura *outsider*. Este último ponto ajuda a estabelecer dissemelhanças entre os conceitos de *revolta* e *rebeldia*: a revolta indica certo pertencimento, um fazer-se parte daquilo contra o que se volta; já a rebeldia imprime um tom de desapego e despreocupação contra aquilo que se rebela. Existe um sentido mais construtivo na revolta e mais destrutivo na rebeldia.

Como ponto intermediário do *quem fala* e o *para quem fala* existe também o *com quem falam* estes escritores e, neste aspecto, saltam seus aspectos geracionais como a outra variável a moldar suas memórias e seus projetos: membro da Geração do Centenário, Padilla fez parte do grupo de revolucionários e, desta perspectiva interna à Revolução, acompanhou todas as etapas dos efervescentes debates sobre a Revolução Cubana; ele teve como interlocutores preferenciais seus companheiros de Revolução, fossem eles ainda apoiadores do governo revolucionário ou não. Arenas, por outro lado, foi o filho marginalizado da Revolução, um legítimo membro da Geração Mariel; tratado como parte da escória a ser limada de Cuba pelo governo revolucionário, Arenas percebe-se como mais um dos tantos que tiveram suas vidas arruinadas pela ira castrista e, como troco, reage como um intelectual que, posto para fora da Revolução sem ter profundamente se engajado nela, devolve todo o

ódio contra ele desferido em um discurso contundentemente iconoclasta. Arenas interage, preferencialmente, com todos aqueles propensos a se enfurecerem com a violência da ditadura cubana e, em especial, com seus empáticos parceiros da estigmatizada marginalidade marielita. Assim, recolocando-os como intelectuais de distintas gerações, recobramos algo da faceta sociológica de suas obras e desvendamos a quais redes de intelectuais Padilla e Arenas pretendiam conectar-se com os escritos de *La Mala Memoria* e *Antes que Anochezca*.

Entre estas semelhanças e distinções do discurso escrito no exílio por estes dissidentes de segunda hora à Revolução Cubana, cabe pontuar que uma de suas mais constantes identificações está na eleição de Fidel Castro como o grande inimigo do povo cubano, o grande artífice e responsável pela perduração da mais longeva ditadura de seu país. As críticas de tom personalista são comuns às obras de Guillermo Cabrera Infante, Carlos Franqui, Reinaldo Arenas e Heberto Padilla e cumprem duas funções complementares: a dessacralização do mito e a construção da imagem de Fidel Castro como um ditador igual a tantos outros. Tratado como vilão, Fidel perde o status de guerrilheiro destemido para ser ultrajado como admirador dos líderes totalitários Mussolini, Hitler e Stálin. Líder de uma gangue que se apoderara do governo cubano, era ele o eixo central de sustentação de um Estado agressor. Esta crítica que isentava a sociedade cubana de responsabilidade pela construção e perpetuação da ditadura resvala no problema de tratar o poder autoritário como um organismo anômalo. Seria como se houvesse uma dicotomia antitética entre o governo agressor e o povo agredido, jogando sombra sobre toda a complexidade desta relação. Com esta simplificação, conveniente para a demonização de Fidel Castro, esquece-se de que o colaboracionismo de parcela significativa da sociedade civil cubana foi e continua sendo um dos pilares da solidez do regime cubano. Ao investirem com certo exagero na culpa pessoal de Fidel Castro pela ditadura que ele liderou por tantos anos, a dissidência tem perdido a oportunidade de compreender com maior profundidade os motivos que levam tantos cubanos a defenderem ou a serem indiferentes com a violência repressora e, assim, reelaborar em novas chaves as análises sobre este fenômeno do Castrismo: o Castrismo enquanto fenômeno social é uma construção que abrange uma quantidade de personagens, grupos e classes muito maior do que sugerem os dissidentes e, neste sentido, talvez caiba a próximas pesquisas a própria desconstrução deste conceito erguido sobre o pressuposto de que o carisma pessoal de Fidel Castro é o principal - quando não o único - elemento para a edificação da ditadura cubana. Este discurso dissidente redigido durante a década de 1980 parecia estar involucrado na armadilha de se pensar que “o autoritarismo só foi possível em função de instituições e

práticas coercitivas e manipulatórias” e não como “produto social”³⁸¹, perspectiva analítica preponderante não somente entre estes intelectuais cubanos exilados, mas entre intelectuais de toda a América Latina engajados na redemocratização de seus países. Destas observações finais, aparece uma problemática quiçá pouco explorada: por que a crítica ao indivíduo Fidel Castro foi tão fundamental para o discurso dissidente?

³⁸¹ ROLLEMBERG, Denise e QUADRAT, Samantha Viz. *Memória, história e autoritarismos*. In ROLLEMBERG, Denise e QUADRAT, Samantha Viz (Orgs.). *A construção social dos regimes autoritários: Brasil e América Latina, volume II*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010 – pg. 11.

Bibliografia

AGGIO, Alberto. *A esquerda europeia e a construção democrática*. In Política democrática: Revista de Política e Cultura, Número 17, Ano VI, pgs. 194-199, 2007.

ALMENDROS, Néstor e JIMÉNEZ-LEAL, Orlando. *Conducta Impropia*. Madrid: Talleres Peñalara, 1984.

ARENAS, Reinaldo e CAMACHO, Jorge. *Un Plebiscito a Fidel Castro*. Madrid: Editorial Betania, 1990.

ARENAS, Reinaldo. *Antes que anochezca*. Barcelona: Tusquets Editores, 1995.

_____ *Antes que anoiteça*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2009.

_____ *Celestino antes del alba*. Buenos Aires: Editorial Brújula, 1968.

_____ *O mundo alucinante*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____ *A velha Rosa*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ARONSON, Ronald. *Camus & Sartre: o polêmico fim de uma amizade no pós-guerra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

AYERBE, Luis Fernando. *A revolução cubana*. São Paulo: Edunesp, 2004.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *De Martí a Fidel. A revolução cubana e a América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

BASTOS, Elide Rugai e RÊGO, Walquiria D. Leão. *Intelectuais e política: a moralidade do compromisso*. São Paulo: Editora Olho d'Água, 1999.

BERSTEIN, Serge. *A cultura política* in RIOUX, Jean-Pierre e SIRINELLI, Jean-François. *Para uma história cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. *Apologia da história, ou, O ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2001.

BOBBIO, Norberto. *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*. São Paulo: Editora Unesp, 1994.

_____ *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

BOURDIEU, Pierre. *Le capital social: notes provisoires*, Actes Rech. Sci. Soc., 31.

BUCCI, Eugenio. *O fundamentalismo do Estado cubano*. O Estado de São Paulo, São Paulo, 21 abr. 2011.

CABRERA INFANTE, Guillermo. *Mea Cuba*. São Paulo: Companhia da Letras, 1996.

_____. *Tres tristes tigres*. Barcelona: Editorial Seix Barral, 1971.

CAMUS, Albert. *O homem revoltado*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

CARPENTIER, Alejo. *El reino de este mundo*. Madrid: Alianza Editorial, 2010.

CASTRO RUZ, Fidel. *A história me absolverá*. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

_____. *Discurso pronunciado por el comandante en jefe Fidel Castro Ruz, primer secretario del comite del Partido Comunista de Cuba y Presidente de los consejos de Estado y de Ministros, en el acto conmemorativo del Primero de Mayo, efectuado en la Plaza de la Revolucion "Jose Marti", el 1º de Mayo de 1980, "año del segundo congreso"*. Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1980/esp/f010580e.html>. Data de acesso: 11 de fevereiro de 2013.

COMTE-SPONVILLE, André. *Valor e Verdade: estudos cínicos*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.

CORTÁZAR, Julio. *Obra crítica/3*. Madrid: Santillana, 1994.

COSTA, Adriane Vidal. *Intelectuais, política e literatura na América Latina: o debate sobre revolução e socialismo em Cortázar, García Márquez e Vargas Llosa (1958-2005)*. Tese (Doutorado em História e Culturas Políticas). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

CUMERLATO, Corinne e ROUSSEAU, Denis. *A ilha do doutor Castro: A transição confiscada*. São Paulo: Peixoto Nunes, 2001.

D'ANGELO, Sergio. *Il Caso Pasternak*. Milão: Editore Bietti, 2006.

DOSSE, François. *A História em Migalhas*. São Paulo: Edusc, 2003.

DRAPER, Theodore. *Castrismo* in DRACHKOVITCH, Milorad M. *O marxismo no mundo moderno*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1966.

DEBRAY, Régis. *Revolução na revolução*. São Paulo: Centro Editorial Latino-Americano, s/d.

ECO, Umberto. *Obra Aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. São Paulo: Perspectiva, 2010.

ELEY, Geoff. *Forjando a democracia — a história da esquerda na Europa, 1850-2000*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

EDWARDS, Jorge. *Persona non grata*. Santiago: Alfaguara, 2006.

FAUSTO, Ruy. *A esquerda difícil: em torno do paradigma e do destino das revoluções do século XX e alguns outros temas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

FERNANDES, Florestan. *Da guerrilha ao socialismo: a revolução cubana*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

FRANK, André Gunder. *Acumulação dependente e subdesenvolvimento: repensando a teoria da dependência*. Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1977.

FRANQUI, Carlos. *Retrato de Família com Fidel*. Editora Record: Rio de Janeiro, 1981.

_____ *Cuba, la revolución: Mito o realidad. Memorias de un fantasma socialista*. Península: Madrid, 2006.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *Reportagens políticas: 1974-1995*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

GOTT, Richard. *Cuba: uma nova história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

GUEVARA, Ernesto Che. *Obra revolucionária*. México: Era, 1973.

_____ *El hombre nuevo* in ZEA, Leopoldo. *Fuentes de la Cultura Latinoamericana*. México: Editorial Fondo de Cultura Económica, 1993.

GUIMARÃES, Carlos Eduardo. *As dimensões do Homem: mundo, absurdo, revolta (Ensaio sobre a filosofia de Albert Camus)*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1971.

HILB, Claudia. *Silêncio, Cuba: a esquerda democrática diante do regime da Revolução Cubana*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

KARDELJ, Edvard. *O marxismo fora do bloco* in MILLS, C. Wright. *Os marxistas*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1968.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

LEFORT, Claude. *Pensando o político: ensaios sobre democracia, revolução e liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

LEJEUNE, Phillipe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LEZAMA LIMA, José. *Confluências in LEZAMA LIMA, José. A dignidade da poesia*. São Paulo: Editora Ática, 1996.

LOWY, Michael. *O marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1999.

MARQUES, Rickley Leandro. *A Condição Mariel: memórias subterrâneas da experiência revolucionária cubana (1959-1990)*. 2009. Tese (Doutorado em História) – Universidade Nacional de Brasília – UnB, Brasília, 2009.

MISKULIN, Sílvia Cezar. *Cultura e política em Cuba: os debates em Lunes de Revolución*. 2000. Dissertação de Mestrado (História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

_____. *Os intelectuais cubanos e a política cultural da Revolução (1961-1975)*. 2005. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

_____. *Outro olhar sobre a Revolução Cubana: a trajetória e obra de Reinaldo Arenas na revista Vuelta*. *Revista Brasileira do Caribe*, Goiânia, Vol. 10, N. 19, julho-dezembro de 2009, Universidade Federal de Goiás. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=159113063008>. Data de acesso: 29 de julho de 2013.

MOLLOY, Sylvia. *Acto de presencia: la escritura autobiográfica en Hispanoamerica*. Cidade do México: El Colegio de México, 1996.

OCASIO, Rafael. *Gays and the Cuban Revolution: The case of Reinaldo Arenas*. *Sage Publications, Latin American Perspective*, Vol. 29, N. 2, março de 2002. Endereço eletrônico: <http://www.jstor.org/stable/3185128>. Acesso em 06 de agosto de 2013.

OTERO, Lisandro. *Pasión de Urbino*. Havana, 1967.

PADILLA, Heberto. *La mala memoria*. Plaza & Janes Editores: Barcelona, 1989.

_____. *Fuera del juego*. Miami: Fla. Ediciones Universal, 1998.

_____. *En mi jardín pastan los heroes*. Barcelona: Editorial Argos Vergara, 1981.

PIÑERA, Virgilio. *Órbita de Virgilio Piñera*. Ciudad de La Habana: Ediciones Unión, 2011.

PINTO, Júlio Pimentel. *A leitura e seus lugares*. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

POCOCK, J. G. A. *Linguagens do ideário político*. São Paulo: Edusp, 2003.

REIS, Daniel Aarão. *A revolução e o socialismo em Cuba: ditadura revolucionária e a construção do consenso* in ROLLEMBERG, Denise e QUADRAT, Samantha. *A*

construção social dos regimes autoritários: Brasil e América Latina, volume II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

SADER, Emir. *A Revolução Cubana*. São Paulo: Editora Moderna, 1986.

SAFATLE, Vladimir. *E Cuba?* Folha de São Paulo, São Paulo, p-A2, 08 fev. 2011.

SÁNCHEZ, Yoani. *De Cuba, com carinho [recurso eletrônico]*. São Paulo: Contexto, 2009.

SHAW, Donald Leslie. *Nueva narrativa hispanoamericana: Boom, Posboom, Posmodernismo*. Madrid: Ediciones Cátedra, 2008.

SIRINELLI, Jean-François. *Os intelectuais* in RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SKINNER, Quentin. *As fundações do pensamento político moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. *Visões da política: questões metodológicas*. Lisboa: Difel, 2005.

SOARES, Caio Caramico. *Evangelhos da Revolta: Camus, Sartre e a remitologização moderna*. Tese de doutorado (Filosofia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

STRAUB, Jurgen. *Memória autobiográfica e identidade pessoal. Considerações histórico-culturais, comparativas e sistemáticas sob a ótica da psicologia narrativa* in GALLE, Helmut; OLMOS, Ana Cecília; KANZEPOLSKY, Adriana; IZARRA, Laura Zuntini. *Em primeira pessoa: abordagens de uma teoria da autobiografia*. São Paulo: Annablume; Fapesp; FFLCH-USP, 2009.

SUZANO JÚNIOR, Barthon Favatto. *Entre o Doce e o Amargo: cultura e revolução em Cuba nas memórias literárias de dois intelectuais exilados, Carlos Franqui e Guillermo Cabrera Infante (1951-1968)*. 2012. Dissertação de Mestrado (História) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, Assis, 2012.

SWEEZY, Paul. *Reflexões sobre a revolução cubana*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1962.

TEIXEIRA, Rafael Saddi. *O ascetismo revolucionário do Movimento 26 de Julho: o sacrifício e o corpo na Revolução Cubana (1952-1958)*. 2009. Tese de doutorado. (Doutorado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.

VALDANO MOREJON, Juan. *Humanismo de Albert Camus*. Cuenca: Publicaciones de la Universidad Católica de Cuenca, 1973.

VALENZUELA, Luisa. *Cuentos completos y uno más*. Buenos Aires: Editora Alfaguara, 1999.

VILLAÇA, Mariana Martins. *A política cultural do governo cubano e o ICAIC - Instituto Cubano de Arte e Indústria Cinematográficas (1971-1986)*. 2006. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

YAZBEK, Mustafa. *A Revolução Argelina*. São Paulo: Unesp, 2010.